

NADA FICA ENTERRADO PARA SEMPRE

A Escada FURTIVA

Segundo volume da série Cordialmente **CRUEL**

DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

MAUREEN
JOHNSON



Harper
Collins



A Escada FURTIVA

segundo volume da série Cordialmente **CRUEL**

DA AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

MAUREEN
JOHNSON

Tradução
Paula Di Carvalho



RIO DE JANEIRO, 2021

Copyright © 2019 por HarperCollins Publishers

Título original: *The Vanishing Stair*

All rights reserved.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Isabela Sampaio*

Preparação de original: *Rayssa Galvão*

Revisão: *Thaís Carvas*

Arte de capa: *Leo Nickolls*

Design de capa: *Katie Fitch*

Adaptação de capa: *Julio Moreira | Equatorium*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J65e

Johnson, Maureen

A escada furtiva /

Maureen Johnson; tradução Paula Di
Carvalho. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Harper Collins, 2020.

288 p.

Tradução de: *The
vanishing stair*

ISBN 9786555110111

1. Ficção. 2. Literatura
infantojuvenil americana. I. Carvalho.
Paula Di. II. Título.

20-63350

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

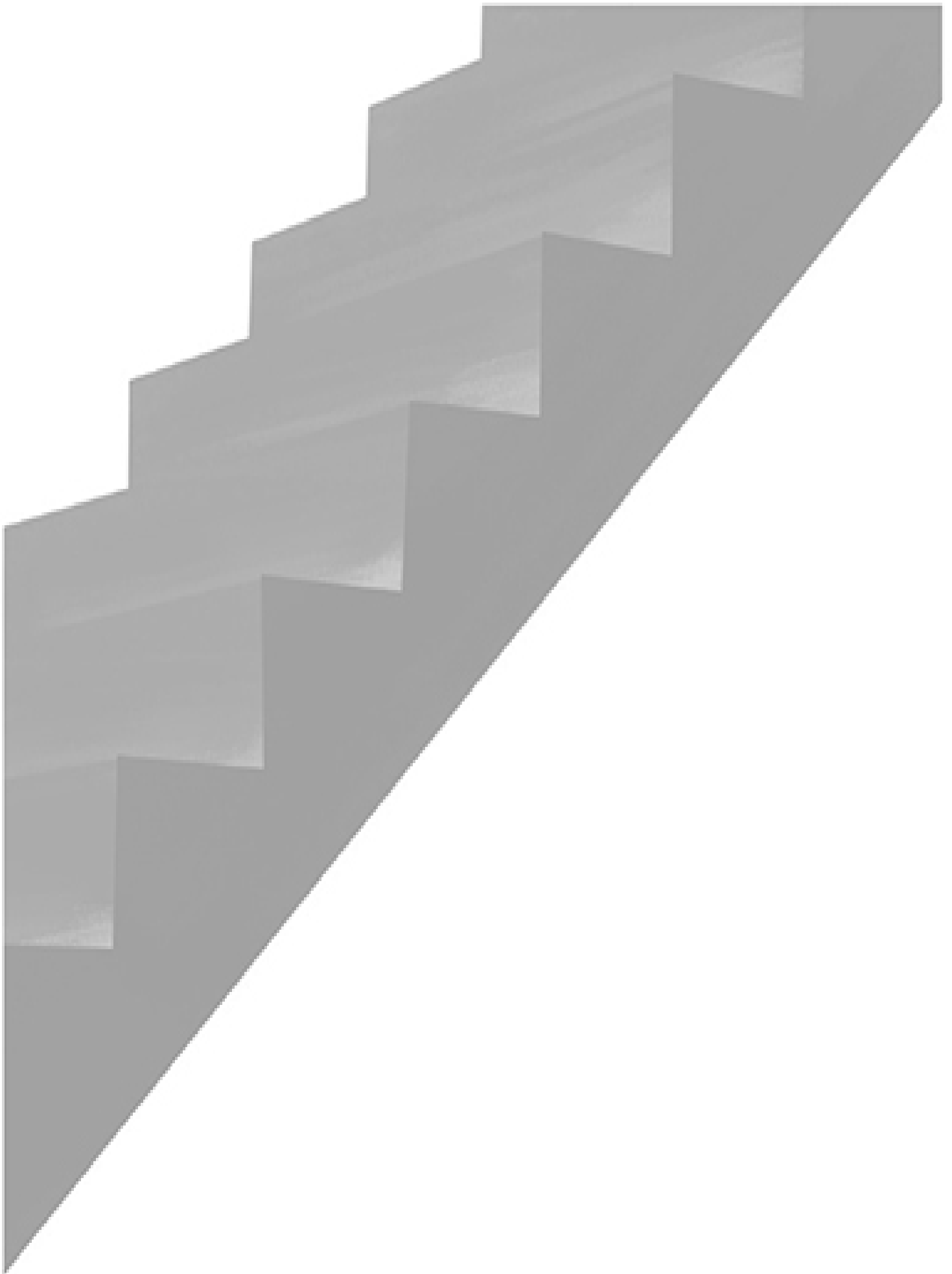
www.harpercollins.com.br

A todos os Murderinos. SSDGM.



*Onde você procura alguém
que não está ali de verdade?
Sempre numa escada, mas
nunca num degrau.*

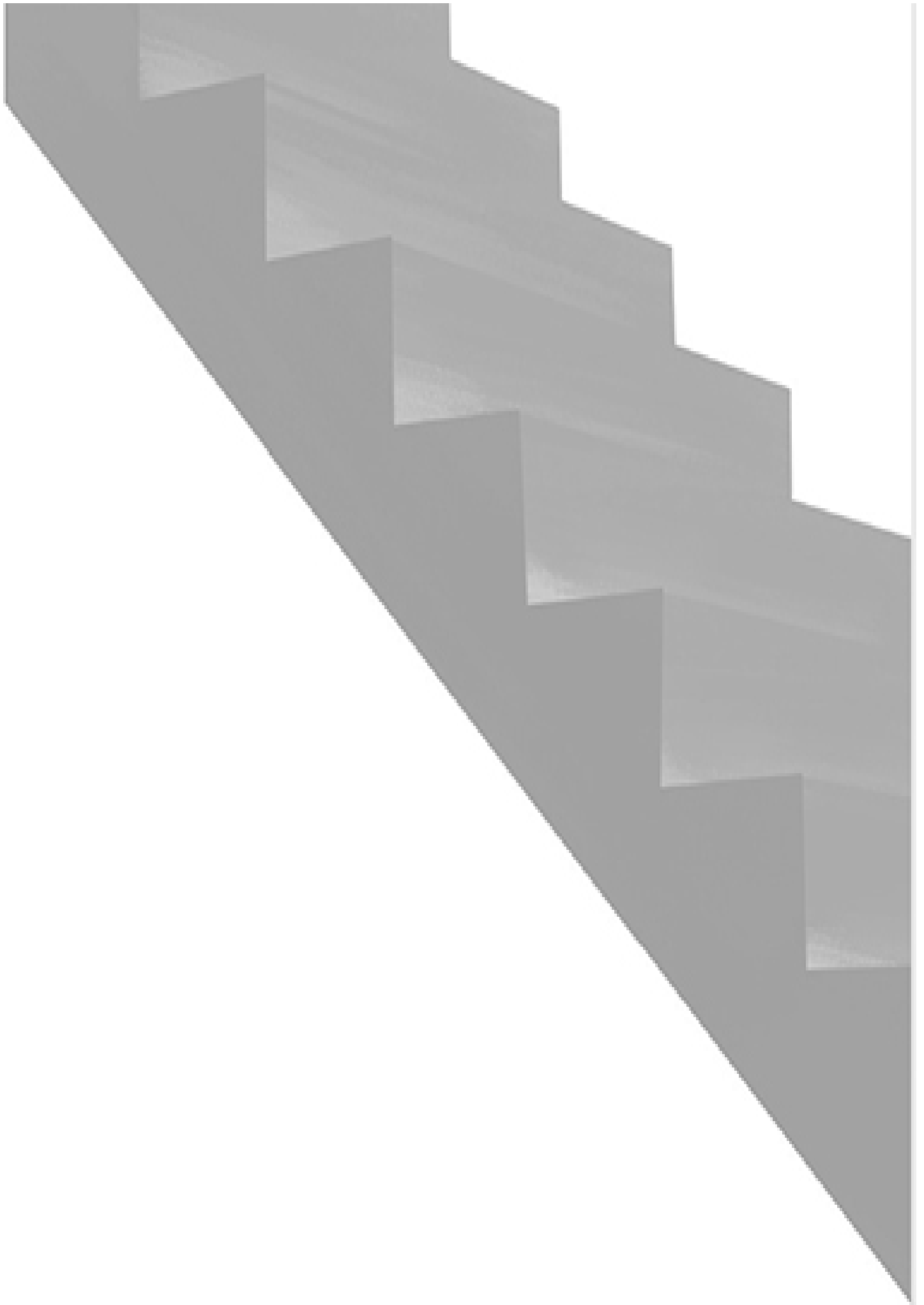
— Enigma encontrado na
mesa de Albert Ellingham no
dia de sua morte, 30 de
outubro de 1938



<u>1</u>
<u>2</u>
<u>3</u>
<u>4</u>
<u>5</u>
<u>6</u>
<u>7</u>
<u>8</u>
<u>9</u>
<u>10</u>
<u>11</u>
<u>12</u>
<u>13</u>
<u>14</u>
<u>15</u>
<u>16</u>
<u>17</u>
<u>18</u>
<u>19</u>
<u>20</u>
<u>21</u>
<u>22</u>
<u>23</u>
<u>24</u>
<u>25</u>

Agradecimentos

Sobre a autora



13 de abril, 1936, 21 horas

— Alguém viu Dottie? — perguntou a Srta. Nelson, professora responsável pela Minerva, olhando ao redor, esperando uma resposta. Era primavera, mas ainda estava frio nas montanhas, e os residentes da casa estavam amontoados em frente à lareira da sala comunal.

— Deve estar na enfermaria — sugeriu Gertie van Coevorden. — Com sorte, vão dar um jeito naquela *fungação* dela. Vai acabar deixando todo mundo doente. É nojento. Não demora eu vou visitar os Astor, não posso ficar doente.

Gertie van Coevorden devia ser a aluna mais rica de Ellingham; tinha dois Astor e um Roosevelt na árvore genealógica, um fato que ela sempre dava um jeito de inserir nas conversas.

— Gertrude... — repreendeu a srta. Nelson.

— Não, é *sério* — continuou a menina. — Agora que ela não está aqui, podemos admitir. Ela funga sem parar e fica esfregando o nariz na manga da roupa, isso é horrível! Sei que não podemos tratar esse pessoal diferente...

“Esse pessoal” eram os alunos pobres, os dez ou onze pés-rapados que Albert Ellingham selecionara como parte de seu joguinho. Misturar pobres e ricos.

— Então não trate — retrucou a srta. Nelson.

— Ah, eu sei que ela é *esperta*...

Para dizer o mínimo. Dottie Epstein dava de mil num professor mediano.

— ... mas aquilo é horrível. Só estou *dizendo*...

— Gertrude — repetiu a srta. Nelson, parecendo cansada —, estou falando sério. Chega.

A menina empinou o nariz e voltou a atenção para o artigo da revista *Photoplay*. Sentada no outro extremo da lareira, Francis Josephine Crane, a segunda aluna mais rica do Instituto Ellingham, ergueu o olhar. Estava acomodada em um ninho de manta de pele de chinchila, alternando entre um livro de química e a mais nova edição da revista *True Detective*. E assistia à cena toda.

Francis, assim como Gertie, era de Nova York. Tinha 16 anos e era filha de Louis e Albertine Crane, da empresa Farinha Crane. (A favorita dos americanos! Cozinhar nunca é chato quando se usa Crane!) Os pais eram muito amigos de Albert Ellingham, e, quando a escola inaugurou, e ele precisava de alunos, Francis foi em um carro com motorista, seguido por uma caravana de caminhões carregados com todo tipo possível de luxo. Ali em cima, nas montanhas de Vermont, com as tempestades de neve e a proporção confortável de pessoas obscenamente ricas em relação às pobres merecedoras, Francis era, na opinião dos pais, um assunto

resolvido. Na opinião da própria, o assunto não estava nada resolvido. Só que ninguém pedira sua opinião.

Francis, que fazia questão de sempre falar com os serviçais, sabia que, por mais que Gertie pudesse ter relação de *nome* com os Astor e os Roosevelt, na verdade, era filha biológica de um belo barman no Central Park Casino. Muitas mulheres ricas e entediadas de Nova York gostavam de passar as tardes no estabelecimento, bebericando drinques e, ao que parece... fazendo outras coisas. Nem Gertie nem o pai sabiam disso. Era uma pequena informação que Francis guardava na manga para o momento certo.

Sempre havia um momento certo para esse tipo de coisa. Francis era rica e inteligente o bastante para já ter se cansado de posses. Gostava de segredos. Segredos é que eram valiosos de verdade.

— Ninguém viu Dottie? — insistiu a srta. Nelson, mexendo no brinco de diamante. — Acho melhor ligar e pedir para alguém checar a biblioteca. É bem provável que ela tenha perdido a hora por lá.

Francis sabia que Dottie Epstein não estava na biblioteca. Tinha visto a garota correr para dentro da floresta algumas horas antes. Dottie era uma criatura estranha e esquiva, sempre se entocando em algum lugar para ler. Francis não disse nada porque não era muito fã de responder perguntas e porque respeitava o direito de Dottie de se esconder sempre que quisesse.

O telefone começou a tocar no andar de cima, nos aposentos da srta. Nelson, e ela subiu para atender. Talvez fosse a neblina sombria, ou o fato de que Dottie nunca ficava fora até tão tarde, mas algo atçou a intuição aguçada de Francis. Ela fechou a revista dentro do livro e se levantou da cadeira.

— Aah, posso usar sua manta, se você for voltar para o quarto? — pediu Gertie. — Estou com preguiça de buscar a minha.

Francis largou a pele de chinchila no colo de Gertie e seguiu pelo corredor escuro até o banheiro da torre. Depois de trancar a porta, tirou os sapatos e as meias e, com todo o cuidado, subiu no vaso sanitário, usando-o como banco para alcançar o parapeito da janela. Era uma posição arriscada — o mármore do parapeito só acomodava metade do pé e, se perdesse o equilíbrio, cairia e quebraria a cabeça no vaso ou no chão. Precisava se agarrar ao batente da janela com a ponta dos dedos, mas assim ao menos conseguia chegar a cabeça perto de um pequeno duto de ventilação junto ao teto, de onde conseguia ouvir a conversa de telefone no andar de cima.

Francis apontou a orelha para o teto e captou pedaços de frases da srta. Nelson. Notou na mesma hora o tom de voz agudo e urgente da professora.

— Meu Deus — dizia a srta. Nelson. — Meu Deus, quando...

Ela não era muito propensa ao drama. Era bem controlada, polida e com certa classe; uma graduada da Smith College que ensinava biologia. Tinha cabelo castanho e sedoso e sempre usava o mesmo par de brincos de diamantes de aparência cara, mas, fora isso, se revezava entre poucos conjuntos de roupas. Assim como todos os funcionários de Ellingham, era talentosa e astuta.

No entanto, sua voz ao telefone soava assustada.

— Mas a polícia... Sim. Entendo.

Polícia?

— Vou ao seu encontro assim que as meninas se deitarem. Mandarei todas para o quarto agora mesmo. Não demoro.

O telefone voltou para o gancho com um ruído, e Francis desceu do poleiro e voltou à sala comunal enquanto a srta. Nelson descia as escadas. A professora tentava manter a expressão neutra, mas não conseguia disfarçar o brilho urgente nos olhos e o rubor no rosto. Ela foi até a porta e fechou o grande trinco de ferro, as mãos tremendo bem de leve.

— Hora de ir para a cama, meninas — anunciou.

— Cadê a Dottie? — perguntou Gertie.

— Você estava certa, ela vai passar a noite na enfermaria. Agora vamos, já para a cama.

— Ainda são cinco para as dez — argumentou Agnes Renfelt. — Quero ouvir um programa no rádio.

— Ouça no quarto — respondeu a srta. Nelson.

Francis foi para seu quarto, o número dois, ao final do corredor. Lá dentro, trocou o vestido por uma calça de lã preta e um suéter cinza. Da gaveta de cima da cômoda, pegou uma vela e uma caixa de fósforos, que guardou no bolso. Então, sentou-se no chão ao lado da porta, encostando o ouvido na madeira, e esperou.

Cerca de duas horas depois, ouviu a srta. Nelson passando pela porta do quarto. Abrir uma fresta e viu a professora seguindo para as escadas no fim do corredor, então olhou para os ponteiros luminosos do relógio de cabeceira. Daria dez minutos de vantagem para a srta. Nelson. Seria uma distância segura.

Ao fim dos dez minutos, Francis saiu do quarto e andou até a escada caracol. Deu a volta até o fundo da escada, que não era vazado. A parede ali parecia sólida, mas Francis descobrira o segredo uma noite, espiando a srta. Nelson no corredor. Precisara de semanas para descobrir o truque, mas acabara encontrando o ponto certo onde apertar para fazer aparecer um pequeno trinco na parte de baixo da parede. O trinco abria uma portinha. Dentro da escada, parecia haver um espaço minúsculo para depósito, aparentemente vazio. Porém, depois de um exame mais atento, encontrou um alçapão no chão. Naquela noite, o alçapão estava aberto. A srta. Nelson em geral tomava o cuidado de fechá-lo.

O alçapão se abria para um buraco escuro e rústico, com uma escada que parecia levar a lugar nenhum. Francis precisara de toda a sua coragem para descer pela primeira vez. Mas já conhecia o caminho, sabia como adentrar a escuridão um degrau por vez, botando primeiro a ponta do pé, sem passar o peso total para o calcanhar até chegar ao chão.

Na base da escada, Francis se viu numa estreita passagem de pedra áspera. O teto ficava apenas alguns centímetros acima da cabeça, e a largura entre as paredes só comportava uma pessoa. Tinha o aspecto desagradável de uma tumba. Francis conseguiu erguer o braço e acender a vela, enchendo o espaço com o fedor sulfúrico do fósforo, produzindo um pequeno halo de luz.

E saiu andando.

SEGUNDO ALUNO DE
ELLINGHAM
DESAPARECIDO E À
SOLTA; POSSÍVEL
ENVOLVIMENTO COM A
MORTE DE HAYES
MAJOR
MATÉRIA EXCLUSIVA
DO RELATÓRIO DE BATT
15 DE OUTUBRO

A investigação do falecimento de Hayes Major, astro do YouTube, apresentou grandes avanços. Como a maioria dos leitores sabe, Major, famoso pela série de sucesso *O fim de tudo*, veio a óbito durante a gravação de um vídeo sobre os sequestros e assassinatos de 1936, em Ellingham. Enquanto trabalhava no túnel, foi exposto a uma quantidade letal de dióxido de carbono.

Apesar de a polícia ter declarado a morte como acidental — causada pela grande quantidade de gelo seco usada para criar efeito de neblina em uma cena —, podemos dizer que o caso está mesmo resolvido? Uma intrépida estudante detetive, Stephanie Bell (conhecida como Stevie) deu início à própria investigação. Ela entrou em Ellingham por ser especialista no caso do

sequestro de 1936. Bell estava convencida de que não foi Major quem colocou o gelo seco no túnel; que ele na verdade tinha sido morto por outra pessoa, acidental ou intencionalmente. Em seguida, concluiu que Major não escreveu a série de sucesso de seu canal, como alegava ter feito.

A estudante abordou esta repórter que vos fala, pedindo para conferir algumas fotos tiradas no dia da morte de Hayes. Com base nessas imagens, Bell acusou a colega Element Walker de escrever a série *O fim de tudo* e de participar da morte do ator. Após um confronto na Casa Minerva, onde moravam Major, Walker e Bell, as autoridades da escola foram envolvidas. Os demais alunos da Minerva foram levados ao Casarão de Ellingham.

O que aconteceu em seguida foi inesperado e impactante.

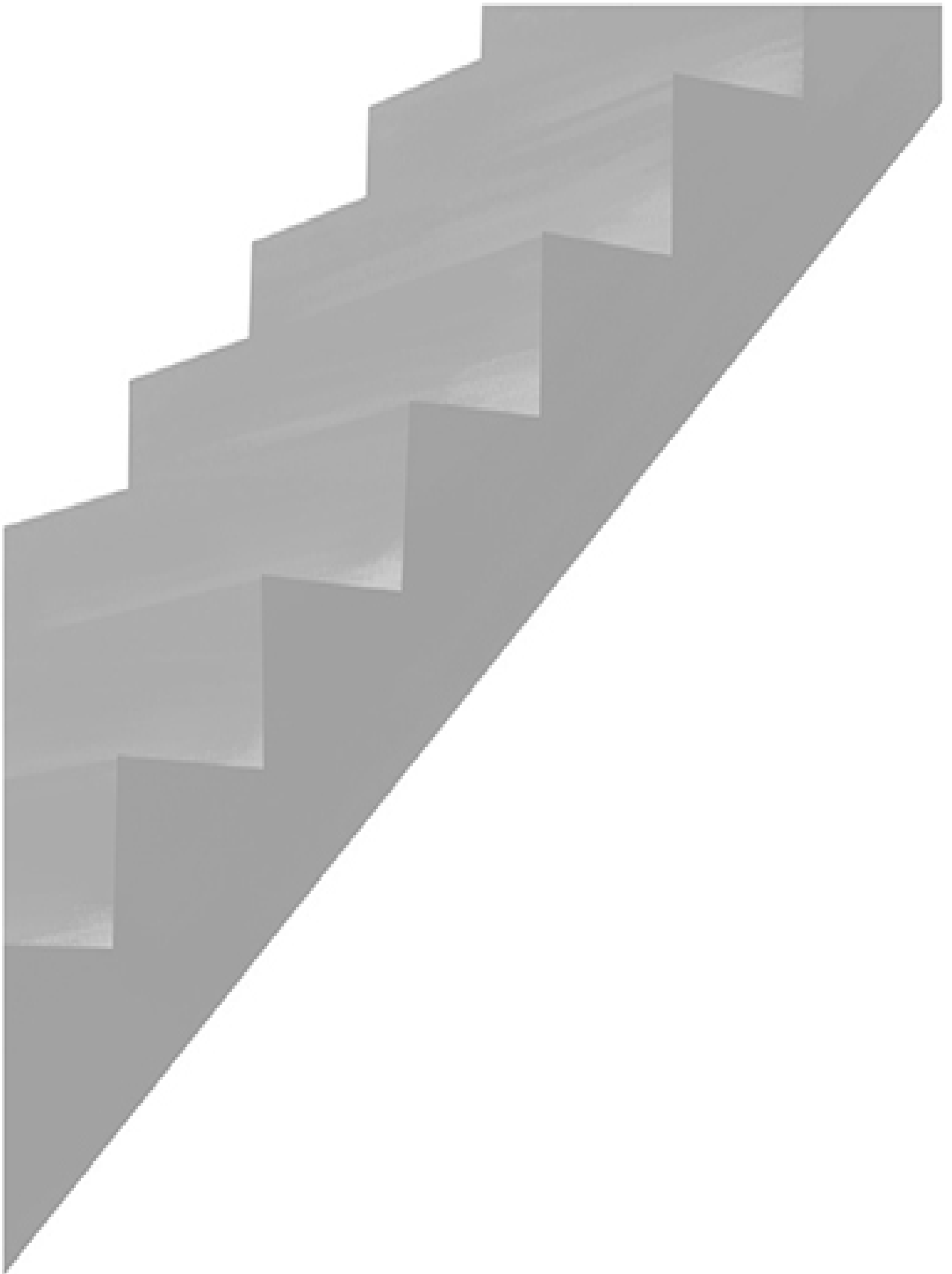
Fontes presentes no Casarão naquela noite confirmam que as autoridades da escola questionaram Element Walker, então optaram por interromper as perguntas a fim de consultar um

advogado e contatar oficiais da lei. Walker foi deixada sozinha no antigo escritório de Albert Ellingham, com a porta fechada e vigiada pelo lado de fora. Porém, quando a mesma foi aberta, ela havia desaparecido e não foi vista desde então. Há relatos de que usou uma passagem secreta para escapar.

Só me resta perguntar: aonde Element Walker poderia ter ido no meio da noite, sem suprimentos, sem celular, sem carro e sem preparo? O Instituto Ellingham fica em uma encosta remota. Como ela fugiu? Teria recebido ajuda de alguém do campus? Como ela sabia sobre a passagem secreta? Será que está envolvida na morte de Hayes, ou fugiu por medo?

Seu desaparecimento levantou ainda mais dúvidas sobre este caso, que não para de evoluir.

Continue de olho no Relatório de Batt para mais novidades exclusivas.



De tudo o que havia naquele bairro de Pittsburgh, o café Funky Munkee era o que mais lembrava Stevie Bell do Instituto Ellingham. Tratava-se de uma relíquia dos anos 1990, com um letreiro em uma fonte excêntrica e festiva. As paredes eram pintadas com cores vívidas e primárias, cada uma num tom, e a música ambiente era sempre algum clichê com um violão neutro. A decoração também envolvia fotos ampliadas de grãos de café, plantas e mesas bambas, além de canecas grandes demais. Não havia nenhuma dessas coisas em sua antiga escola.

Mas a parte que ela gostava e que lembrava a Ellingham era o fato de o lugar não ser sua casa. Além disso, quando estava ali, ninguém a incomodava.

Fora ao estabelecimento todos os dias daquela semana, sempre pedindo o menor e mais barato café disponível no cardápio. Levava a bebida para os fundos da loja, para um cômodo pequeno e entulhado com paredes vermelhas. Era escuro e sujo, com mesas bambas e sempre um pouco grudentas. Todo mundo evitava o lugar, e era por isso que Stevie gostava. Tornara-se seu escritório, onde desenvolvia seu trabalho mais importante. Se tentasse fazer aquilo em casa, os pais poderiam ver. Ali, em público, ninguém se importava com o que estava fazendo, nem sequer a notava.

Botou os fones de ouvido, mesmo sem música; precisava de um pouco de silêncio abafado. Deixou a mochila em cima da mesa, o zíper virado para si, e a abriu. Primeiro, pegou um par de luvas nitrílicas. Stevie as comprara em uma farmácia no dia em que voltara para casa. Naquele estágio, devia ser uma precaução desnecessária, mas não custava nada aderir. Calçou as luvas, que eram muito agradáveis ao tato. Tateou o fundo da mochila com ambas as mãos, até achar uma latinha de chá meio velha.

O objeto era valioso demais para ser deixado em casa. É mais seguro manter esses itens de valor histórico perto de si. Stevie o levava aonde fosse; deixava a lata trancada no escaninho da escola durante o dia, e, em casa, ficava enfiada na mochila. Sempre fora de vista. Enquanto andava na rua, volta e meia estendia a mão para trás e tateava o calombo que a lata deixava no tecido da mochila, para se certificar de que estava segura.

Era uma lata quadrada e vermelha, com várias mossas e muita ferrugem na tampa. Nela, se lia CHÁ INGLÊS ANTIGO. Abriu a lata. Estava um pouco emperrada, então precisou de um pouco de força. De dentro, tirou: um pedaço de pena branca; um pedaço de tecido com pedras bordadas; um tubo dourado e desbotado com os restos mumificados de um batom vermelho; uma caixinha de remédio minúscula e

esmalhada, em formato de sapato; alguns pedaços de folha de caderno; fotografias em preto e branco e um rascunho inacabado de um poema.

Esses humildes objetos eram as primeiras evidências reais encontradas sobre o caso Ellingham em mais de oitenta anos. E, quando Stevie as descobriu, seus sonhos sobre Ellingham desmoronaram.

Ellingham, sua antiga escola. Ellingham, o lugar onde sempre sonhara estudar. O lugar onde estudou, por um tempinho. Ellingham, o lugar que deixara para trás.

Ninguém em Pittsburgh entendia o que acontecera com Stevie naquela escola. Tudo o que sabiam era que ela tinha ido para uma escola famosa, então aquele cara do YouTube morreu em algum acidente, e Stevie voltou para casa algumas semanas depois.

Era verdade que a morte de Hayes Major representava o começo da sua partida, mas a verdadeira responsável por fazer com que os pais a arrastassem para longe do Instituto Ellingham se chamava Germaine Batt, e tinha sido totalmente por acidente.

Todos no Instituto Ellingham tinham um *lance*, e o lance de Germaine Batt era ser repórter. Antes da morte de Hayes, Germaine liderava um site modesto, com um pequeno número de seguidores. Mas a morte é um bom negócio para a imprensa. “Sangue vende”, como dizem. (Mas quem dizia ... Stevie não tinha certeza. As pessoas diziam. Significava que histórias sangrentas, sombrias e terríveis sempre faziam sucesso, e é por isso que as notícias são sempre ruins. Ninguém liga quando as coisas vão bem. Só é notícia se for *ruim*.)

A matéria que citava Stevie saiu no dia seguinte ao confronto com Element Walker sobre a criação da série *O fim de tudo*. Ela sabia que Ellie pegara o computador de Hayes e o escondera embaixo da banheira da Minerva. Stevie também sabia que Hayes não podia ter usado o crachá para pegar o gelo seco que acabou causando a intoxicação que o matou. Além disso, Hayes não tinha escrito a história que o tornara famoso e que estava prestes a lançá-lo no mundo do cinema. Ellie escrevera.

Era só isso que Stevie tinha tentado comunicar a todos, naquela noite fatídica. Ellie tinha sido confrontada, primeiro na Minerva, depois no Casarão. E Ellie tinha desaparecido de uma sala trancada. Simples assim. *Puf*. Ela adentrara as paredes do escritório de Albert Ellingham e usara uma passagem secreta para... fora dali. Para longe. Para algum lugar.

A escola não tinha divulgado a informação. Ellie não era oficialmente culpada de nada, era apenas uma aluna que fugira do internato. O problema é que os pais de Stevie tinham criado um alerta no Google para qualquer notícia sobre Ellingham depois da morte de Hayes, e foi assim que viram o post do Relatório de Batt sobre como Stevie vinha investigando a morte e como havia um possível assassino à

solta. Duas horas depois da publicação de Germaine, o celular de Stevie tocou; dez horas depois, seus pais estavam disparando montanha acima, apesar das regras da escola sobre veículos não oficiais. Foi uma noite cheia de lágrimas; Stevie passara todo o caminho de volta a Pittsburgh chorando, em silêncio e sem parar, olhando a paisagem pela janela do carro até adormecer. Na segunda-feira seguinte, já estava de volta à antiga escola, encaixada com pressa em algumas matérias.

O truque era não pensar demais em Ellingham; nos prédios, no cheiro, na liberdade, na aventura, nas pessoas...

Especialmente nas pessoas.

Podia mandar mensagens para os amigos, Janelle e Nate. Principalmente Janelle. E, na maior parte do tempo, era Janelle quem lhe mandava mensagens, dezenas por dia, querendo saber como ela estava. Stevie só conseguia responder a cada três ou quatro, porque responder era pensar em como sentia saudade de vê-la no corredor, na sala comunal, do outro lado da mesa... Como sentia saudade de saber que a amiga estava do outro lado da parede enquanto ela dormia. Janelle, que cheirava a limão ou flor de laranjeira, que enrolava os cabelos num dos muitos lenços coloridos para protegê-los enquanto trabalhava com equipamento industrial. Janelle era uma criadora, uma construtora de pequenas peças robóticas e outros equipamentos, e no momento estava trabalhando em uma máquina Rube Goldberg para a competição Sendel Waxman. Suas mensagens indicavam que vinha passando muito mais tempo na cabana de manutenção desde que Stevie fora embora, e que sua relação com Vi Harper-Tomo estava ficando bem mais séria. Janelle tinha uma vida cheia e queria que Stevie fizesse parte dela, e Stevie se sentia longe e fria; nada daquilo fazia sentido ali, no shopping, perto de um Subway, uma cervejaria e uma charutaria, no Funky Munkee.

Mas a lata estava com ela. E, enquanto tivesse a lata, tinha o caso Ellingham.

Stevie a encontrara no quarto de Ellie, logo antes de ir embora. Definira a época com base em imagens da internet. Tinha sido fabricada entre 1925 e 1940, quando o chá era popular e amplamente comercializado. A pena tinha cerca de dez centímetros e parecia já ter pertencido a uma peça de roupa. O tecido, de bordas rasgadas, tinha cinco centímetros quadrados e um tom luminoso de azul com pedras prateadas, azuis e pretas. Outro pedaço de detrito. O batom trazia as palavras À PROVA DE BEIJO na lateral. Tinha sido usado, mas não até o fim. A caixinha de remédio era o único objeto de possível valor. Tinha cerca de cinco centímetros de comprimento. Estava vazia.

Stevie pensava nesses quatro itens como um grupo. Eram pessoais, peças de joias e de roupas. A pena e o tecido rasgado eram lixo, então a razão para guardá-los permanecia um mistério. O batom e a caixinha de remédio poderiam ter sido

valiosos. Todos os objetos pertenciam a uma mulher. Eram íntimos. Tinham *significado* para a pessoa que os colocara naquela lata, fosse quem fosse.

Os dois outros itens tinham muito mais significado. Era um conjunto de fotografias de duas pessoas fingindo ser Bonnie e Clyde. Stevie as encarou até ficar com a visão borrada. A garota tinha cabelo escuro, curto e anguloso. Stevie tinha buscado no Google algumas imagens de Lorde Byron, o poeta, e descoberto que ele de fato lembrava um pouco o garoto das fotos. Os dois tinham escrito um poema sobre si. Mas *quem* eram? O problema era que não havia registro na internet de todos os nomes dos antigos alunos de Ellingham. Seus nomes nunca tiveram importância; eles não tinham sido parte do caso. Por isso, não estavam impressos em lugar algum. Stevie pesquisara na internet, lera todos os tópicos de todos os fóruns que frequentava sobre o caso. Nos anos seguintes aos crimes, alguns poucos alunos tinham ido à polícia dar depoimentos ou falado com a imprensa. Quem mais se pronunciou foi uma aluna chamada Gertrude van Coevorden, uma debutante de Nova York que alegou ser a melhor amiga de Dottie Epstein. Em meio às lágrimas, ela deu entrevistas durante semanas depois dos sequestros. Nenhuma ajudou na identificação das pessoas nas fotos.

Então havia o poema. Não era bom. Não era sequer um poema inteiro.

*A balada de Frankie e
Edward
2 de abril, 1936*

*Frankie e Edward tinham a
prata
Frankie e Edward tinham o
ouro
Mas viam as regras como
eram
E queriam a verdade em
jogo*

*Frankie e Edward não se
curvavam para nenhum rei
Viviam pela arte e pelo amor
~~Destronaram o homem que~~
~~reinava em suas terras~~
Pegaram*

*O rei era um coringa que
vivia no topo na montanha
E queria fazer as regras
Então Frankie e Edward
deram uma cartada
E as coisas mudaram
deveras*

Stevie não sabia muito sobre poesia, mas conhecia crimes. Bonnie Parker, a famosa fora da lei dos anos 1930 que Frankie imitava nas fotos, também escrevia poemas, inclusive um famoso chamado “The Story of Suicide Sal”, sobre uma mulher que se apaixona por um gângster. O poema na lata parecia se basear no de Bonnie.

Além disso, diversos elementos no poema pareciam se referir a Albert Ellingham: a menção a jogos, o rei que era um coringa que vivia numa montanha. E Frankie e Edward alegavam ter feito *alguma coisa*. Só que a tal coisa nunca foi revelada.

Stevie só encontrou uma pista que poderia fornecer qualquer explicação sobre Edward e Frankie. Tinha lido os interrogatórios policiais dos vários suspeitos diversas vezes; estavam compilados num e-book e salvos em seu celular. Marcara uma seção na qual Leonard Holmes Nair, o famoso pintor que estava hospedado com os Ellingham na época dos sequestros, descrevia alguns alunos da escola:

LHN: Todos ficam vagando por aí. Sabe, Albert abriu essa escola dizendo que a encheria de prodígios, mas metade dos alunos é só de filhos dos amigos dele, longe de serem os mais espertos. A outra metade creio que seja passável. Para ser justo, um ou dois demonstram certo brilho. Um garoto e uma garota, sempre esqueço o nome deles... Parecem ser um casal. A garota tem cabelo preto como um corvo, e o garoto parece um pouco com Byron. Os dois demonstraram interesse por poesia. Tinham uma luz por trás dos olhos. A garota me perguntou sobre Dorothy Parker, o que encarei como um sinal de esperança. Sou amigo de Dorothy.

Para Stevie, não havia dúvida de que esses dois alunos descritos por Leonard Holmes eram os mesmos das fotos.

De qualquer maneira, a pista mais importante na verdade estava nas fotografias; ou melhor, entre as imagens.

Seu telefone vibrou. Era uma mensagem da mãe: Cadê você?

Stevie suspirou.

A caminho de casa.

Venha logo, foi a resposta.

Ainda eram quatro da tarde. Em Ellingham, Stevie fazia o próprio horário. Decidia quando e o que comer, quando e onde estudar, o que fazer entre as aulas... Tudo isso era só problema seu. Ninguém a vigiava. Mas tinha voltado ao domínio da família.

Terminou o café e devolveu os objetos à lata com cuidado. Com os fones de volta na cabeça, seguiu seu caminho para casa. Faltava pouco para o Halloween, e todos os estabelecimentos e residências exibiam uma abóbora ou um cartaz outonal. Uma sensação de verão tardio ainda pairava no ar, esperando que o frio chegasse e aniquilasse tudo.

O inverno seria insuportável.

Seu celular tocou. Só recebia ligações dos pais e de Janelle, então ficou surpresa ao ver o nome de Nate na tela. Ele não era de ligar.

— Deixa eu adivinhar — disse Stevie, ao atender. — Você está escrevendo.

Nate Fisher era um escritor. Ou ao menos deveria ser.

Aos 14 anos, escreveu um livro chamado *As Crônicas de Lua Fulgente*. Começou como um hobby, só que a história foi ganhando popularidade à medida que ele postava partes na internet, até conquistar um bom grupo de fãs, e Nate ser publicado por uma editora. O rapaz tinha até saído em turnê e aparecera em alguns programas de TV matinais. Sua entrada na Ellingham acontecera graças a essa conquista. Stevie tinha a impressão de que Nate gostava do lugar pelos mesmos motivos que ela: era remoto, e as pessoas o deixavam em paz. Em sua cidade natal, ele era o garoto escritor. Nate não gostava de toda aquela atenção. Sua ansiedade social tornava cada evento de publicidade um pesadelo. Ellingham era um retiro nas montanhas onde ele ficava rodeado de pessoas que também faziam coisas estranhas. O único problema era que deveria estar escrevendo o segundo livro da série, mas o livro não queria ser escrito. Tudo em Nate parecia querer evitar a criação do segundo volume de *Crônicas de Lua Fulgente*.

E Stevie achava que esse era o motivo da ligação.

— Não está indo bem? — perguntou.

— Você não tem noção da minha vida.

— Está tão ruim assim?

— Será que os livros precisam ter um meio?

— Acho que o meio é importante para contar tudo o que acontece entre o início e o fim.

— E se só houver um começo, onde eu conto tudo o que aconteceu no livro um de outra maneira, como pergaminhos encontrados e discursos e bardos bêbados em tavernas que contam a história para algum viajante, até criar tipo duzentas páginas de citações, então explico onde o dragão está?

— Vai ter cenas de beijo?

— Eu te odeio.

— Você não está conseguindo escrever *nada*?

— Digamos que eu precisava fazer *Lua Fulgente* lutar contra alguma coisa, e o único inimigo que consegui inventar se chama *Norb Pulsante*. É tipo uma parede que fica se sacudindo. O melhor que consegui inventar essa semana foi uma parede que fica se sacudindo chamada *Norb Pulsante*. Preciso que você volte aqui e me mate.

— Quem me dera poder — retrucou Stevie, apertando o botão do sinal de trânsito para atravessar o cruzamento. — Queria conhecer um *Norb Pulsante*.

— Como estão as coisas por aí?

— Na mesma. Meus pais ainda são meus pais. A escola ainda é a escola. Eu nunca tinha reparado como aquele lugar fede a refeitório e água de louça quente. O cheiro de Ellingham é tão... amadeirado.

Quando ela evocou a memória sensorial, uma onda de dor percorreu seu corpo. Foi um soco no estômago.

— Como está todo mundo?

— Hum... Janelle está toda amor e ferramentas. E David, acho...

E David, ele achava. Nate fez uma pausa longa o bastante para indicar a Stevie que havia *algo* ali. Só Janelle sabia a maior parte dos fatos; sabia que rolava alguma coisa entre Stevie e David Eastman, um garoto riquinho e irritante, desleixado e difícil. Qualquer que fosse sua habilidade — ao que parecia, David se saía bem em programação de computadores —, ele a escondia da escola e dos outros. Suas atividades preferidas eram jogar videogame, matar aula, não falar sobre o próprio passado...

E Stevie.

Janelle sabia que David e Stevie tinham se pegado várias vezes. E Nate devia suspeitar, mas não queria saber detalhes — só que estava meio que na cara. Porém, havia uma coisa que nem Janelle nem Nate sabiam sobre David. Uma coisa que Stevie guardava para si. Uma coisa que não podia ser dita.

— O que tem o David? — perguntou, tentando não parecer muito interessada.

— Nada. Acho que preciso desligar...

Stevie suspeitava que Nate não precisasse desligar porque ia escrever, e sim porque aquela devia ser a conversa de telefone mais longa que já tivera, ao menos voluntariamente.

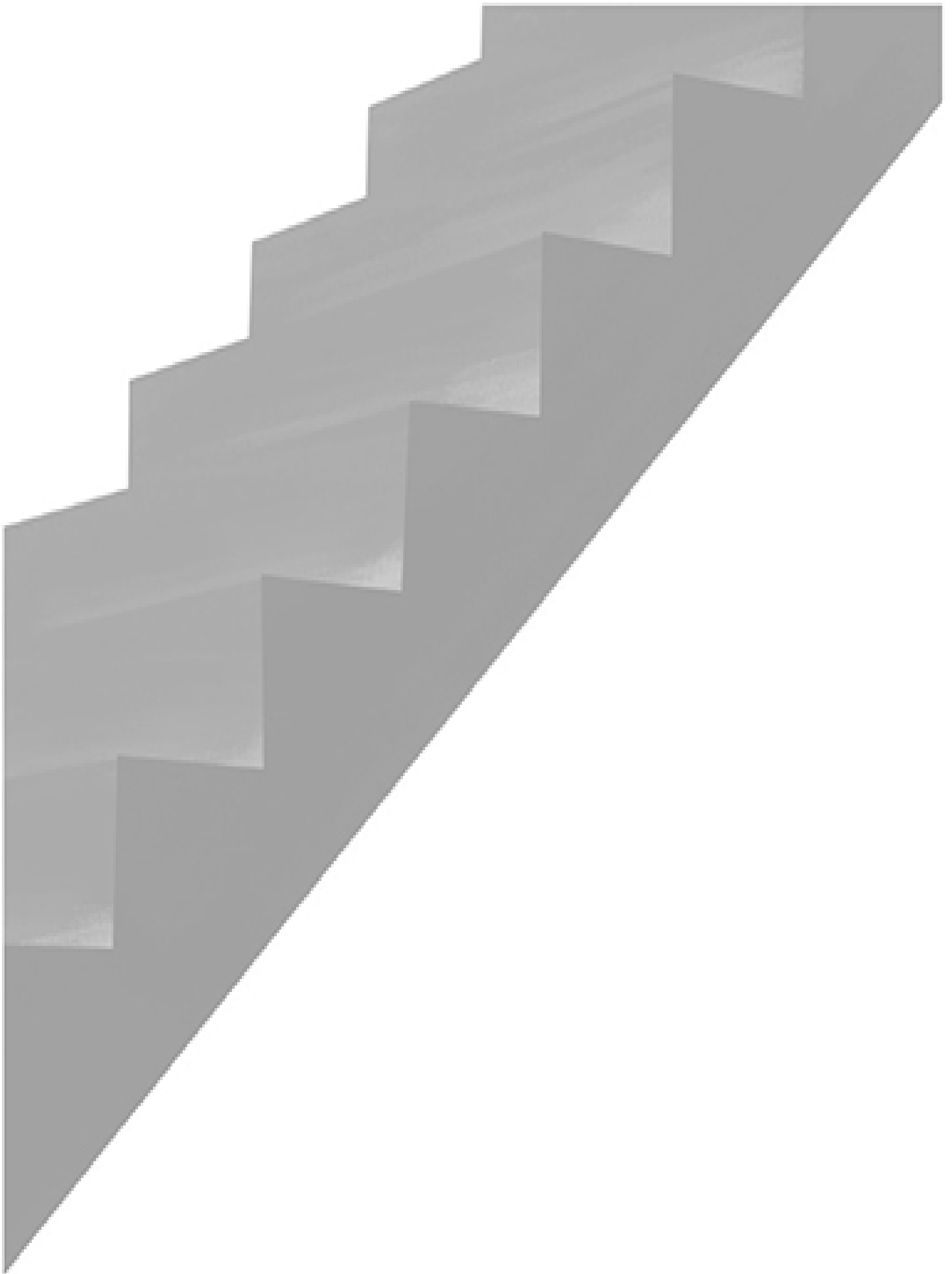
— Meus pais botaram uma placa no banheiro que acho que resume tudo — falou Stevie. — Ela diz: “Acredite em si mesmo.” Já *pensou* em acreditar em si mesmo? Posso mandar essa citação no topo de uma foto de pôr do sol. Ajudaria?

— Tchau — respondeu ele. — Você é a pior.

Stevie sorriu e guardou o celular no bolso. Sempre doía, mas, naquele momento, estava doendo um pouco menos. Ergueu a cabeça e deu passos firmes e decididos. Lera em algum lugar que a postura pode influenciar nosso estado de espírito, como se o ideal fosse assumir a postura daquilo que queremos ser. Agentes do FBI andavam a passos decididos. Detetives mantinham a cabeça erguida, os olhos atentos. Ela prendeu as mãos nas alças na mochila, endireitando a postura. Não se entregaria. Stevie apertou o passo, quase saltitando pelo caminho rachado de concreto até a porta de casa, virando o rosto, como sempre, ao passar pelo letreiro gasto de KING PARA SENADOR que continuava no quintal, mesmo um ano após as eleições.

— Oi — cumprimentou, baixando os fones de ouvido para o pescoço e tirando o casaco. — Resolvi vir andando...

Parecia que tinham visita.



Às vezes o diabo aparece para as pessoas em histórias como um visitante inesperado de fala mansa e voz agradável. Mas o diabo não deveria aparecer na vida real. Não deveria estar acomodado em salas de estar de Pittsburgh num entardecer de outono, sentado no sofá verde comprado na promoção, num cômodo todo voltado para a televisão. Mesmo assim, ali estava.

Edward King estava na casa dos cinquenta, mas sua aparência ainda era um pouco jovem. O cabelo escuro tinha cachos ondulados bem domados, sem volume. O terno cinza era impecável, daqueles que se destaca porque o tecido não reluzia e estava bem cortado. O rosto sem marcas era uma máscara de afabilidade, e o sorriso suave tinha uma curva que sempre parecia dizer *quem, eu?* Ele estava sentado no sofá, as costas afundadas, as pernas cruzadas, como se passasse todas as tardes ali. Os pais de Stevie ocupavam as poltronas reclináveis de cada lado do sofá com uma expressão atenta, arregalada e, honestamente, confusa.

— Olá, Stevie — cumprimentou ele.

Ela ainda estava à porta, uma paralisia fria subindo pelas pernas.

Edward King era o pior homem dos Estados Unidos.

Bem, claro que nem todos concordariam. Mas Edward King era um homem poderoso. Era senador da Pensilvânia, mas sua base ficava ali, perto de Pittsburgh. Aquele era o homem que queria manter os “forasteiros” e os “maus elementos” fora do país, o que, de modo geral, significava pessoas que não fossem brancas ou ricas. Para Edward King, riqueza era bondade. Não havia mudança climática em seu mundo; a Terra existia apenas para produzir mais dinheiro e conforto. E o homem queria ser presidente.

— Stevie — chamou o pai, com um leve tom de aviso na voz.

Ela sabia o significado daquele tom. *Sabemos como você se sente sobre essa situação, mas este homem é senador, é nosso herói, e, se pensa que está prestes a sair batendo o pé ou a começar um sermão político, está muito enganada.*

Stevie sentiu aquele velho aperto tirânico no peito, a batida irregular que sinalizava o início de uma crise de ansiedade. Agarrou o batente da porta como se fosse uma boia salva-vidas. Os pais não sabiam que aquela não era a primeira vez que Stevie ficava tão perto de Edward King.

— Tudo bem — disse o senador. Era esperto demais para sorrir abertamente; sua expressão mostrava apenas uma leve sombra de sorriso. — Sei que Stevie talvez não seja minha maior fã. Mas tudo bem termos opiniões diferentes. É isso o que torna a América tão boa. Aqui, honramos as diferenças.

Ah, não. *Não, não, não.* King passara a bola para ela. Queria jogar.

Ah, então ela ia jogar.

Se conseguisse respirar. *Respire, Stevie, respire.* Bastava uma inspiração para o corpo todo voltar ao normal, mas o diafragma se recusava a colaborar.

— Stevie — repetiu o pai, o tom um pouco menos severo. — Venha se sentar.

O chão parecia ir um pouco ao encontro dela. *Olá, dizia o chão. Venha me olhar. Aconchegue seu rosto no meu leito e fique paradinha.*

— Tudo bem — repetiu Edward King. — Stevie, fique onde achar mais confortável. Só vim aqui para conversar, ver como estão passando depois de tudo que aconteceu em Ellingham.

Outro lance naquele jogo de xadrez. Como King estava dizendo que ela podia ficar em pé, talvez o melhor fosse se sentar. Ou talvez isso fosse apenas uma manobra para ele conseguir o que queria. Aquilo era confuso demais. O crepúsculo escurecia depressa, e as sombras se alongavam sobre o carpete. Ou era só sua visão? O chão realmente parecia chamá-la ...

STEVIE!, gritou, para si mesma. *VOCÊ. PRECISA. VOLTAR. AO. SEU. CORPO.*

— Quero lhe parabenizar pelo trabalho notável em Ellingham — prosseguiu Edward King. — Seus poderes investigativos são mesmo excepcionais.

Os pais a olhavam como se esperassem que ela estivesse prestes a sair dançando pela sala, talvez sacar fantoches e começar um teatrinho. Mesmo assim, o corpo e a voz se recusavam a participar.

Muito bem, pensou. Pelo menos você não está no chão. Mas precisa se mexer. Você consegue se mexer. Você consegue falar. FAÇA. ALGUMA. COISA.

— Nós sentimos muito — falou a mãe.

— Não, não há motivos para se desculpar. — Edward King abriu os braços num gesto generoso, como se estivesse em casa. — Na verdade, Stevie, talvez você não goste de escutar isso, mas você me lembra um pouco de mim mesmo quando jovem. Eu era fiel aos meus princípios. Mesmo que as pessoas em volta nem sempre aprovassem. Você tem fibra. Então o que vim pedir, a questão que vim levantar é... E peço a todos que escutem. Eu vim pedir para Stevie voltar a Ellingham.

Parecia que o chão tinha se aberto e revelado uma cidade de nuvens abaixo.

— Hum... O quê? — perguntou a mãe, atônita.

— Eu sei, eu sei — retrucou Edward King, tendo a decência de soar culpado. — Meu filho também está lá. Por favor. Permitam que eu ao menos apresente meus argumentos. Quero mostrar uma coisa.

King remexeu em uma elegante pasta de couro apoiada em sua perna, da qual tirou vários folhetos.

— Deem uma olhada — disse, passando um para o pai e outro para a mãe de Stevie.

E também estendeu um para a própria Stevie, mas desistiu e botou o papel no próprio colo quando ficou claro que a jovem não se mexeria para pegá-lo.

— Segurança? — perguntou o pai, analisando o folheto.

— A melhor empresa do país. Melhor do que o serviço secreto, porque é particular. É a empresa que eu uso. E a que contratei para cuidar de Ellingham. Sempre achei que deveria haver um sistema de segurança melhor por lá, e, depois dos acontecimentos recentes, consegui convencer o conselho da escola a me permitir instalar uma estrutura no local.

Os pais olhavam para os papéis, perplexos.

— Fiz isso — continuou King — porque o Instituto Ellingham é um lugar muito especial. Um lugar que cultiva o talento individual. O que aquela escola fez por pessoas como Stevie e meu filho... Acredito de verdade na missão deles. Albert Ellingham era um grande homem, um verdadeiro inovador neste país. E os novos inovadores deste país estão sendo criados em Ellingham enquanto estamos aqui conversando. Então peço encarecidamente. Acho que Stevie deveria voltar. O campus está mais seguro agora.

— Mas aquela garota... — argumentou a mãe. — Tudo o que aconteceu...

— Element — interrompeu o senador, balançando a cabeça. — Querem saber o que eu penso?

Os pais sempre queriam, e, pela primeira vez, Stevie concordava com eles.

— Acredito que o que aconteceu foi um acidente. Acho que aqueles dois alunos se meteram com coisas que não conheciam, e Hayes morreu. Acho que sua filha desvendou o caso. E acho que a garota entrou em pânico e fugiu. Mas vai ser encontrada.

— A escola deveria ter tomado mais cuidado — declarou o pai de Stevie.

— Veja bem, é nesse ponto que discordamos — respondeu Edward King, em sua voz agradável de debate. Ele se recostou no sofá. — Eu não culpo a escola. Sou um grande defensor da responsabilidade pessoal. A escola trancou o material. Entenda, aqueles alunos têm idade o suficiente para saber que não devem invadir um estoque trancado para roubar produtos químicos. Nesse caso, o problema foi responsabilidade deles.

Esse era um dos principais discursos de Edward King: A RETOMADA DA RESPONSABILIDADE. O significado não era nem um pouco claro, se é que existia, mas as pessoas gostavam do slogan. Stevie viu os pais serem embalados pelo discurso familiar.

— Veja meu próprio filho; ele vai fazer 18 anos em dezembro, no dia sete. Mal consigo acreditar. Mas ele é adulto. O que aconteceu não foi descuido da escola. Se

tivesse sido meu filho... Deus me livre, é claro... Deus me livre que tivesse sido meu filho ou Stevie, mas... Sabe, se tivesse sido, eu diria o mesmo.

As palavras saíram da boca do senador como mel envenenado; tão doce, tão perfeito e tão errado. Tudo estava errado e embaralhado. A realidade precisava ser reiniciada.

King deixou a ideia assentar, e Stevie viu que estava funcionando. Viu a possibilidade se abrindo diante dela.

— Eu vim oferecer uma carona a Stevie — prosseguiu o senador, depois de um instante. — Esse é o meu nível de comprometimento. Meu carro está estacionado ali fora e comporta muitas malas. E tenho um avião no aeroporto. Um voo particular. Não tem como ficar melhor.

O que fazer quando o diabo aparece na sua sala de estar e oferece tudo o que você quer?

— Por quê? — perguntou Stevie, a voz seca.

Era a primeira palavra que dizia.

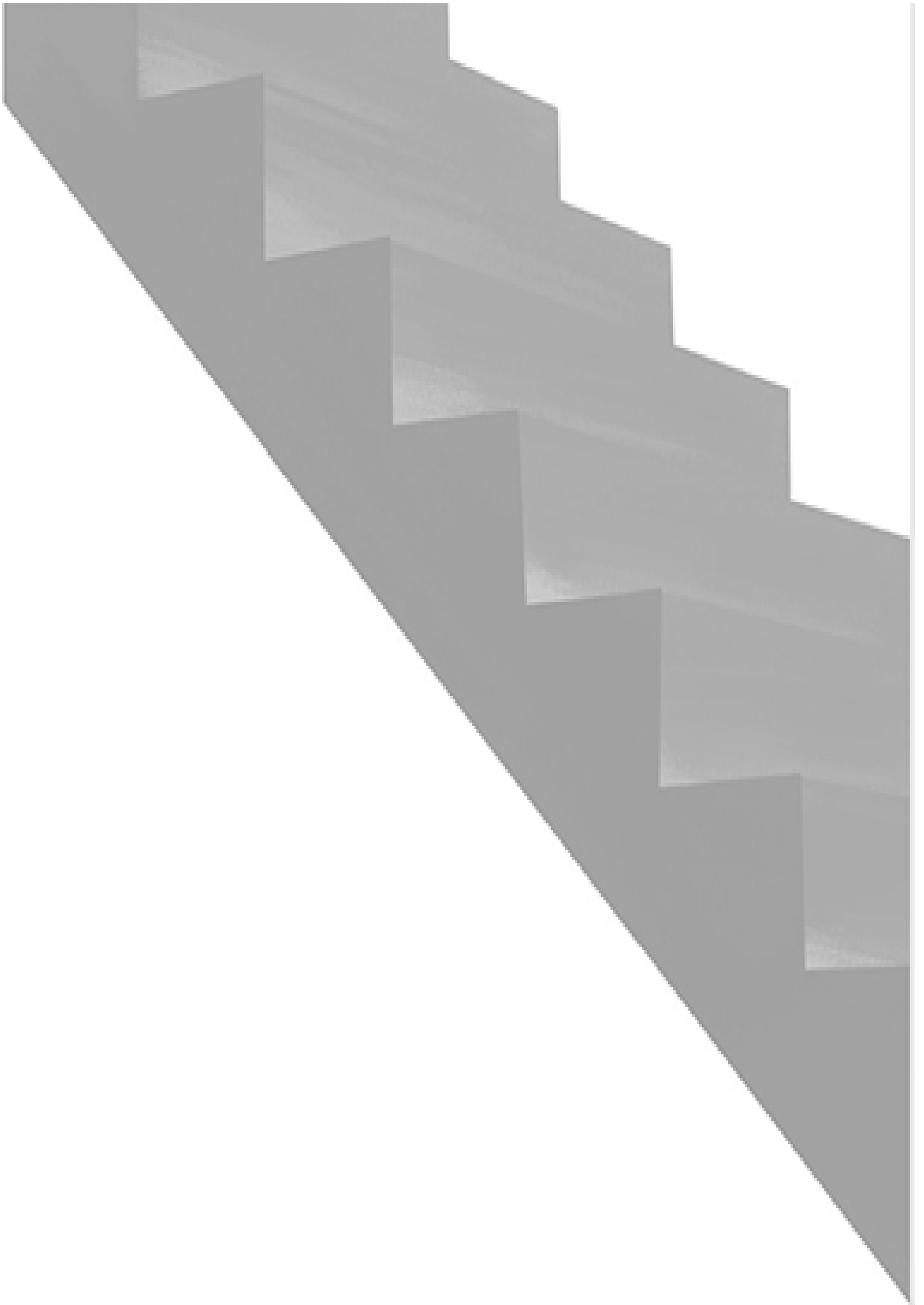
— Porque é a coisa certa a se fazer — respondeu Edward King.

O que devia ser a primeira mentira direta que ele contava desde que chegara, e a mais reveladora. Mas a mentira funcionou perfeitamente com os pais dela, que acreditavam, acreditavam *de verdade* que Edward King era o representante de algum ideal americano glorioso que podia ser comprado, segurado, possuído. Edward King tinha ido até ali para Fazer a Coisa Certa, nem que para isso precisasse usar seu jatinho, um presente de Deus.

— E, claro, também é um agradecimento às duas pessoas que trabalham tanto por mim — completou, indicando os pais dela. — Vocês comandam um escritório inteiro para mim. Eu lhes devo muito por isso. Então...

Ele se virou para Stevie.

— O que me diz?



14 de abril, 1936, 2 horas

Quando Francis Crane tinha 8 anos, o pai a levou em um tour por um dos moinhos de farinha que tinham sido destruídos durante uma explosão. Os dois andaram pelos destroços do prédio, o teto estourado deixando o céu à mostra. As paredes estavam cobertas de marcas de fogo. Muitas das máquinas estavam queimadas, parcialmente derretidas, com pedaços pendurados em cabos. As palavras FARINHA CRANE mal eram visíveis no muro.

— Tudo isso causado pela farinha, Francis — disse o pai. — Só farinha.

Foi então que ela aprendeu as propriedades combustivas da farinha. Aquela substância, aparentemente tão doméstica e inofensiva, podia abrir um buraco numa parede. Tanta energia em algo tão benigno.

Aquela experiência mudou sua vida. Era a coisa mais extraordinária que já vira. Ela se apaixonou pelas explosões, pelo fogo, pela queima e pelo estouro. Sentira o gosto do perigo na ponta da língua. Foi naquele momento que Francis deu início à sua jornada ao outro lado da vida: restos mortais quebrados, paisagens fumegantes, saídas pelas portas dos fundos, os cômodos dos serviçais. Descendo cada vez mais, até onde precisasse ir para sentir aquela fagulha. Sentira os prazeres mais inofensivos: pequenas fogueiras no cesto de lixo; roubar o chapéu de Edie Anderson e mandá-lo para Valhala com um fósforo, no lago do Central Park; a vez que talvez fora longe demais com uma caixa de fogos de artifício... Era conhecida por sair de qualquer festa onde estivesse ou escapar de casa e pegar um táxi sempre que ouvia a sirena de um carro de bombeiro. Ficava a noite toda assistindo às chamas lamberem o céu. E, naquele exato momento, estava se esgueirando pelo subsolo do Instituto Ellingham e contando os passos.

Cem, cento e um, cento e dois...

Manteve a mão direita à frente do corpo, segurando a vela. Estava queimando depressa, fazendo a cera quente escorrer pela mão, aproximando cada vez mais a chama de sua pele. Ela mantinha a mão esquerda atrás como um leme, passando-a de leve pela parede para ajudá-la a se guiar. O túnel era tão estreito que, se andasse dois centímetros para um lado ou para o outro, os braços raspariam nas paredes. Não era um grande problema no início, quando o túnel era de tijolo liso. Conforme avançava mais para as profundezas, parecia que os construtores tinham desistido e passado a usar pedaços de pedra para fazer as paredes; pedras ásperas, às vezes com partes lascadas, resultado da demolição da rocha que as originara.

Seria fácil ficar presa ali embaixo.

Cento e cinquenta, cento e cinquenta e um...

Saber que qualquer coisa poderia dar errado ali embaixo, que poderia ficar presa, que o túnel podia desabar sobre elas, era o tipo de risco que a deixava exultante.

Cento e sessenta.

Parou de repente e estendeu a mão esquerda à frente, tateando os arredores até encontrar o espaço aberto que procurava; era onde o túnel bifurcava. Virou à esquerda e seguiu em frente, reiniciando a contagem. Esse caminho era mais longo que o anterior. Finalmente, sentiu o espaço se ampliar. Soprou a vela e avançou às cegas, a passos lentos, até as mãos tocarem os degraus de uma escada vertical. Um momento depois, abriu um alçapão e saiu ao lado de uma estátua, sob a copa densa de um aglomerado de árvores do lado oposto do campus. Inspirou fundo, sentindo o ar frio e nebuloso nos pulmões.

Aquela era a melhor parte: arrastar o corpo pela grama fresca, no escuro, como uma criatura noturna recém-nascida. Sua visão se acostumara ao breu, e a noite parecia brilhante e viva. Não precisou da vela para encontrar o caminho por entre as árvores, na direção do Apolo. Pegou uma pequena pedra no chão e mirou com cuidado em uma janela do andar de cima.

Um momento depois, escutou o deslizar da janela sendo aberta. Uma corda cheia de nós desceu serpenteando, e viu os pés de Eddie, com as estrelas pretas tatuadas na sola. Ele usava apenas uma calça de pijama de seda azul; não fazia concessões ao frio. Pulou os últimos metros até o chão com elegância e balançou os cabelos louros para trás. O Apolo era um prédio grande destinado apenas a aulas, mas o segundo andar estava servindo como moradia para alunos homens. Eddie dividia aquele lado do prédio com só mais uma pessoa, poderia muito bem ter saído pela porta da frente... mas qual seria a graça?

Eddie a seguiu para o meio das árvores e a empurrou, pressionando suas costas contra um tronco. Francis segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou com vontade, passeando as palmas por suas costas nuas.

Edward Pierce Davenport era a primeira — e única — pessoa que Francis respeitava. Ele vinha daquela mesma origem abastada; era de Boston, e a família trabalhava no ramo de entregas. E ele considerava sua missão de vida desapontar a família, e vinha fazendo um excelente trabalho. Circulavam rumores sobre Eddie ter seduzido empregadas, aparecido pelado no meio de jantares formais, enchido uma banheira inteira de champanhe... Ele tinha sido expulso de quatro das melhores escolas do país, antes que os pais implorassem de joelhos para que Albert aceitasse o filho nas montanhas, onde ele talvez ficasse longe de problemas por um tempinho. Ou, ao menos, onde criasse problemas num lugar remoto. Já seria o suficiente.

Eddie e Francis se conheceram logo no primeiro dia, no piquenique do gramado, trocando olhares por cima do frango frito frio e da limonada. Ele notou a

cópia da revista *True Detective* em sua bolsa. Citou um poema francês obscuro. E foi isso. Eddie de repente tinha sido domado, ou pelo menos era o que parecia. Francis, diziam, era uma ótima influência.

Eddie a apresentou à poesia; às tempestades rodopiantes e selvagens dos românticos, às realidades de quebra-cabeças dos modernistas e surrealistas. Ele compartilhou seu sonho: viver uma vida em que todo impulso precisa ser seguido. Mostrou tudo que aprendera em suas experiências românticas. Ah, e ela era uma pupila dedicada.

Francis conversou com Eddie sobre fabricação de bombas e leu histórias de Bonnie e Clyde, John Dillinger e Ma Barker. Eddie recebeu tudo de braços abertos. Os dois eram poetas, carregavam metralhadoras de poesia e não toleravam acordos, seguiam pelo caminho que quisessem, dirigiam às gargalhadas em direção ao sol. E, assim, nos gramados, na biblioteca, nos cantos e nos porões, Francis e Eddie estabeleceram uma união inseparável.

Durante o outono e inverno frio, os dois tinham começado a estudar a arte do crime. No momento certo, pegariam um dos carros de Ellingham, encheriam de dinamite e partiriam. Esse momento seria em breve, quando o gelo derretesse das montanhas. Num dia claro, quando ninguém estivesse olhando, dirigiriam para o oeste e roubariam bancos. Francis explodiria os cofres. Eddie escreveria a história dos dois. E fariam amor no chão dos esconderijos e na própria estrada — pelo menos até que chegasse ao fim.

Ela se afastou do abraço para contar o que estava acontecendo — Dottie desaparecida, a polícia a caminho —, mas Eddie deslizou para o chão, levando-a consigo. O desejo de contar as novidades foi sobrepujado por outro tipo de desejo. Não havia nada no mundo tão bonito quanto Eddie deitado ali, no chão, com o peito nu. Ele não era um garoto bonzinho; era um garoto sujo, selvagem, quase tão sujo e selvagem quanto a própria Francis. Ela já estivera com outros garotos, mas eram inseguros. Eddie sabia exatamente o que estava fazendo. Brincava com a velocidade. Podia se mover devagar... dolorosamente devagar. Ele a puxou para baixo, passando a mão pela lateral de seu corpo, centímetro a centímetro, até que Francis mal conseguisse suportar.

— Eu tenho uma coisa para contar — anunciou, sem ar. — Você vai gostar de ouvir.

— Eu gosto de tudo que você me conta — retrucou Eddie.

Os dois ouviram um ruído ali perto e paralisaram. Albert Ellingham passou, andando apressado. Francis apontou para ele em silêncio e indicou que deveriam segui-lo. Os dois mantiveram distância, seguindo seus passos na direção do prédio de ginásio ainda em construção.

Albert Ellingham entrou no cômodo reservado à nova piscina interna. Tratava-se de um espaço amplo de teto abobadado, frio e aberto, com paredes de azulejos brancos e azul-claros. A piscina ainda não tinha água; era só um buraco de concreto liso. Não havia aquecimento, então o lugar estava congelante. Mesmo de casaco, Francis estava com frio; mal podia imaginar como Eddie se sentia. Mas Eddie tinha essa característica toda especial: ele nunca demonstrava dor.

Do outro lado da porta, havia um grande carrinho cheio de materiais de construção. A única luz do lugar vinha de um único lampião do outro lado do cômodo, e o casal conseguiu se esconder atrás do carrinho sem dificuldade. O pé-direito alto, a piscina vazia e as paredes de azulejo forneciam a acústica perfeita; ouviam cada palavra, mesmo que não vissem a cena muito bem, de onde estavam agachados.

— Albert! — disse a srta. Nelson.

Francis ouviu passos rápidos; olhando por cima do esconderijo, viu duas figuras se abraçando. Francis se deu um tapa mental. Claro. Era por isso que o cabelo da srta. Nelson estava arrumado com tanto capricho. Era por isso que ela usava pequenos brincos de diamante; discretos, mas, mesmo assim, muito acima das suas condições financeiras.

— Marion — disse Albert Ellingham, rouco. — Alguma coisa aconteceu. Alguém sequestrou Alice e Iris.

Um frio interior, tão intenso quanto o frio do ambiente, tomou o corpo dela. Porém, havia uma fagulha, como a loucura de luzes no céu antes de uma das tempestades de neve selvagens de Vermont.

Sequestro.

— Aquela carta — explicou ele. — Cordialmente Cruel...

Francis teve vontade de vomitar. Eddie, ao seu lado, sugou o ar entre os dentes em um silvo empolgado.

— Você precisa disso aqui — completou Albert Ellingham.

— Meu Deus, Albert, eu não sei nem como atirar com uma coisa dessas.

A srta. Nelson tinha recebido *uma arma*?

— É só puxar o ferrolho e apertar o gatilho. Agora, escute. Os ônibus que providenciei vão chegar ao amanhecer. Os alunos precisam ir neles, e você também. Acorde todos antes do nascer do sol. Mande empacotarem apenas o necessário. Todo o resto será enviado para suas casas.

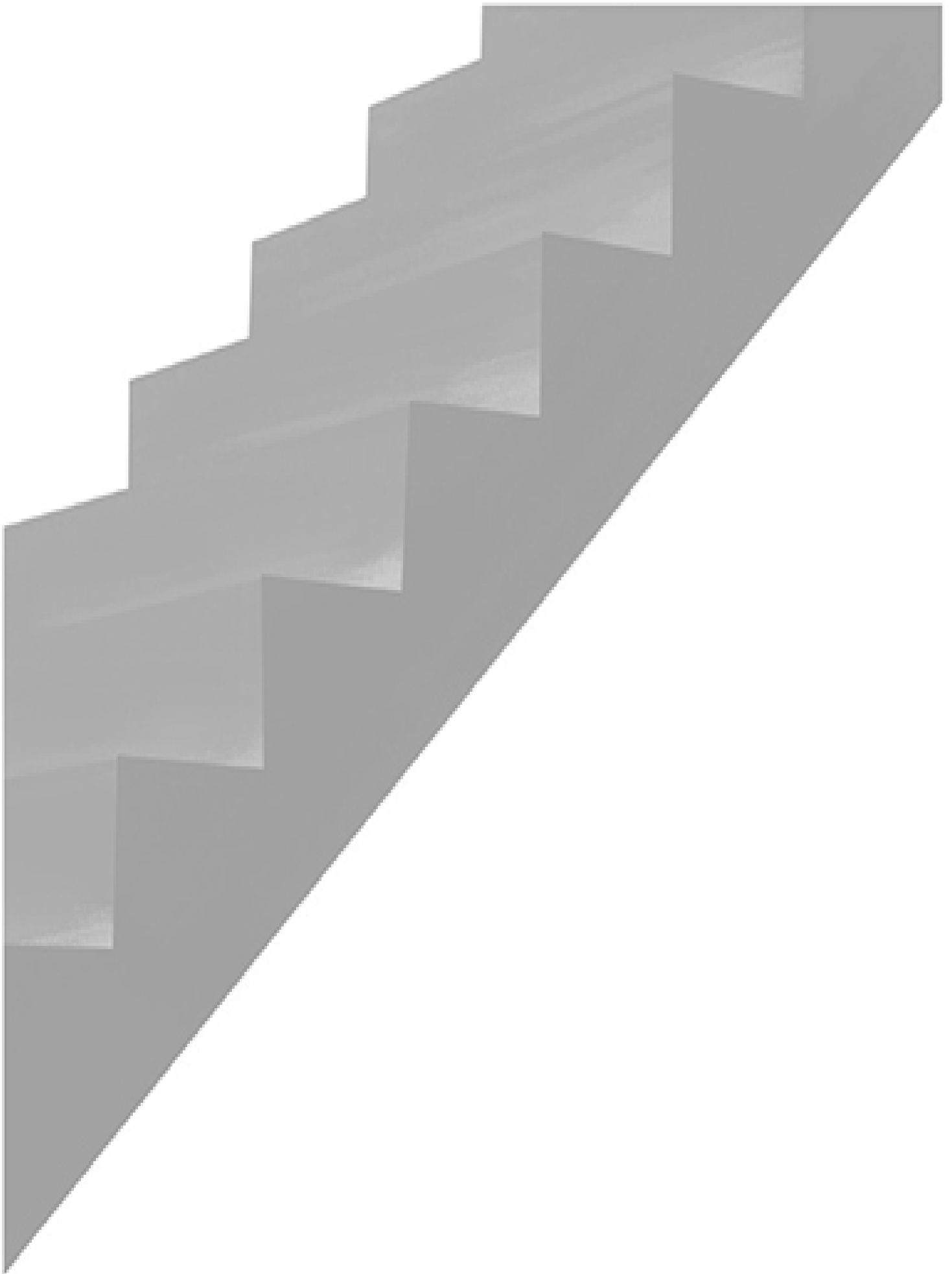
— Albert, uma das crianças...

— Não temos tempo. Pegue o trem para Nova York e vá direto para o apartamento. Entrarei em contato assim que puder. Vá. Você tem que ir agora.

— Albert, sinto muito. Eu...

— Agora, Marion.

Albert Ellingham, rei dos jornais e do rádio nos Estados Unidos, parecia à beira das lágrimas. Francis e Eddie se encolheram quando a srta. Nelson passou pela porta correndo. Ouviram Albert Ellingham soluçando desesperadamente por um tempo, antes de sair.



Cerca de uma hora depois de Stevie encontrar Edward King em sua própria casa, estava sentada no banco traseiro de um SUV, a caminho do aeroporto. O sol já se pusera havia muito tempo, mas o carro estava imerso numa escuridão mais intensa que a da noite, advinda dos vidros fumê. Havia outra silhueta encoberta em sombras sentada ao seu lado, nos imensos bancos de couro, bebericando uma garrafa de água com gás e consultando o celular. Edward King tinha dito pouquíssimas palavras durante a viagem. Seu segurança estava sentado no banco diante deles, o olhar fixo à frente. Não havia nada lá fora além das luzes esmaecidas; dentro do carro, apenas os controles normais do automóvel.

Como prometido, a traseira do SUV tinha espaço o suficiente para as caixas e malas de Stevie. Algumas nunca sequer tinham sido abertas e estavam prontas para serem levadas. As roupas precisaram ser resgatadas de cestos (algumas ainda sujas), da secadora, do armário e das gavetas. Todas as suas pequenas posses, os livros surrados, as roupas pretas lavadas vezes demais e os lençóis com manchas claras no ponto onde o sabão em pó tinha acumulado... Um saco de cordões recolhidos às pressas... Todas essas coisas foram carregadas pelo motorista e pelo guarda-costas para dentro do carro com uma competência clínica, como se os dois fossem agentes da lei levando provas de uma cena do crime. Ensacavam. Colocavam no carro. Não importava o quão esfarrapado, o quão pequeno.

Stevie se manteve agarrada à mochila. Era tudo de que precisava, caso decidisse abrir a porta num sinal de trânsito e saltar para fora. O computador. A carteira. Os remédios. As anotações. O celular. A lata.

— Então — disse Edward King, guardando o celular no bolso. — Está animada para voltar à escola?

Animada não era a palavra certa. Stevie *precisava* voltar, *queria* voltar, mas o que sentia no momento era ansiedade. Ansiedade e animação são primos, e às vezes podem ser confundidos. Os dois têm características em comum: a sensação borbulhante e efervescente, a agitação, os olhos arregalados, o coração acelerado. Mas, enquanto a animação eleva a pessoa para níveis de sentimento mais altos e claros, a ansiedade puxa para baixo, fazendo a pessoa sentir como se precisasse se agarrar à terra para não deslizar para fora enquanto o planeta gira.

Ouvira do terapeuta que tudo isso era trabalho do sistema nervoso simpático. Para lidar com a ansiedade, era preciso deixá-la completar seu ciclo. Stevie bateu de leve com o pé no chão do carro, mandando o ciclo se apressar. Por que estava

ansiosa? Por estar voltando ao caso, por estar voltando aos amigos, por estar voltando às aulas, por estar voltando...

Para ver o filho de Edward King. Uma pessoa complicada de reencontrar.

Seu último contato com David fora na manhã seguinte ao confronto com Ellie, logo depois da fuga. Ela e David tinham voltado à Minerva juntos, entrado no quarto de Ellie e se sentado na cama dela. David estava muito bonito naquela manhã. A luz batia num dos lados do rosto, e ele parecia reluzir. O cabelo formava cachos do comprimento de dedos, que caíam sobre a testa com um ar descontraído. As sobrancelhas tinham arcos naturais, sempre erguidas, como se ele estivesse sempre achando tudo um pouco divertido. O nariz era longo e fino. A camiseta surrada ficava esticada sobre o corpo, revelando braços musculosos...

Stevie queria beijá-lo, mas havia um barulho do lado de fora, alguma coisa no céu. David se levantou para ver o que era, e ela se recostou para trás e colocou a mão na lata. Estava enfurnada na cama de Ellie.

O barulho vinha de um helicóptero que pousava no jardim. David correu para fora. Stevie pressupôs que o helicóptero fizesse parte da equipe de busca, mas, quando alcançou David e viu para onde ele estava olhando, tudo mudou. Foi nesse momento que viu a palavra KING na lateral. Foi nesse momento que olhou de Edward King para David e, pela primeira vez, notou a semelhança. David lhe dissera: “Deixe-me apresentar você ao meu falecido pai.”

O que aconteceu em seguida foi muito estranho. Ao ver David e Stevie, Edward King parou de repente. Ele assentiu, então se virou para o Casarão. O helicóptero foi embora. Não havia ninguém por perto para ler a inscrição lateral do veículo ou ver Edward King, pelo menos até onde Stevie sabia.

David se virou para ela, dizendo: “Agora você sabe.”

Ele esperou pela reação de Stevie, que se manteve impassível. Seu cérebro não conseguia processar a informação... O único cara com quem se sentira daquele jeito, com quem tivera tanto contato... David era filho de...

A cada segundo que ela passava em silêncio, o sorriso sarcástico de David se alargava.

— É — disse ele. — Foi o que eu pensei.

Então se virou e foi embora. Aquelas foram as últimas palavras que os dois trocaram. David a evitou pelo resto do dia, e Stevie o evitou no dia seguinte. Depois, ela foi embora. Não tinham se falado desde então. Stevie até pensara em entrar em contato algumas vezes, mas emoções demais entraram no caminho: repulsa, medo, tristeza.

De certa maneira, até que fazia sentido que Edward King estivesse levando-a de volta. O ciclo estava completo.

O SUV seguiu para uma área aos fundos do aeroporto, até uma cerca de metal com portão vermelho-vivo e um guarda. O motorista mostrou alguma coisa pela janela, e a cancela vermelha se ergueu, permitindo a entrada deles no espaço junto a um pequeno prédio solitário. Lá dentro não havia fila para segurança, portão ou ponte de embarque. Entraram numa sala vazia que lembrava um banco, e as coisas de Stevie foram jogadas numa máquina de raios X que os aguardava e cujo operador não parecia demonstrar interesse algum pelo conteúdo. Foram liberados, passaram por algumas cadeiras confortáveis e por uma estante de revistas lustrosas e jornais, tudo à disposição gratuitamente. Seguiram por diversas portas automáticas até saírem outra vez do prédio, onde caminharam na direção de um jatinho.

Stevie estivera em poucos aviões na vida, apenas para visitar os avós na Flórida. E aquele ali era diferente dos aviões que conhecia. Era *extremamente* pequeno. Um homem de camisa branca e chapéu de capitão acenou e os guiou por quatro degraus estreitos de um alçapão aberto. A porta, se é que podia ser chamada assim, era uma entradinha para hobbits. Stevie precisou enfiar a cabeça para dentro e apertar a mochila contra o peito para se espremer pela passagem. O interior do avião era de um tom creme tranquilizante. Havia seis assentos: dois virados para a frente e quatro agrupados em pares espelhados. Edward ocupou um desses últimos e gesticulou para que Stevie se sentasse na poltrona oposta. Ela escolheu o assento do outro lado do pequeno corredor.

— Você vai gostar — disse ele. — Depois de pegar um voo particular, nunca mais vai querer outra vida. Aproveite. É divertido.

O guarda-costas ocupou um dos assentos virados para a frente, onde começou a ler um livro. O capitão e o copiloto entraram em seguida, e um deles fechou a porta. Stevie achou aquilo tudo ... simples demais. Só um alçapão, que um cara fechava. O piloto girou uma alavanca, e pronto. Os dois se abaixaram para entrar na pequena cabine de comando, totalmente aberta e exposta. O amontoado de luzes e controles se destacava em contraste com o céu escuro no para-brisa. O passageiro não deveria ver a cabine de controle, definitivamente não deveria ter a possibilidade de chegar perto daqueles painéis.

— Precisa de alguma coisa, chefe? — perguntou um dos pilotos, inclinando-se para trás.

— Alguma coisa, Stevie? — indagou Edward King. — Temos refrigerantes, petiscos... Gostaria de uma Coca? E temos umas batatinhas muito boas. Adoro. Não posso comer muito por causa do colesterol, mas...

Stevie teria gostado de uma Coca e de um pouco da batata chips cara que foi passada numa cesta. Era daquele tipo chique, de fatias mais grossas em porções menores de todos os sabores, aquelas que sempre custavam mais. Mas não aceitaria

mais nada de Edward King. O melhor era seguir a regra do País das Maravilhas: não comer nem beber nada.

Ao ver que Stevie ia resistir à cesta de batatas sofisticadas, Edward King deu de ombros e devolveu-a ao lugar, às suas costas.

— Acho que estamos prontos — avisou.

E foi isso. Nenhuma instrução de segurança. Ninguém nem falou para ela afivelar o cinto de segurança. O avião minúsculo avançou, virou em direção à pista, depois começou a acelerar. Pittsburgh passava num borrão, e Edward King ficou sentado, quieto, em seu trono de couro creme, usando o celular. *Usando o celular.* Num avião.

Nenhuma regra importava.

Stevie sentiu o estômago dar uma guinada quando decolaram suavemente.

— Teremos um pouquinho de turbulência — avisou um dos pilotos, virando-se para trás. — O céu está meio encoberto. Deve passar em mais ou menos dez minutos. Talvez tenha um pouco mais quando chegarmos a Vermont. O tempo está ruim por lá, e podemos atingir alguns bolsões de ar acima das montanhas. Nada com que se preocupar.

Aviões pequenos sempre batiam, não era? A minúscula aeronave sacolejou um pouco no ar, e Stevie de repente percebeu como a vida era ridícula. Estava avançando pelos céus ao lado da pior pessoa que conseguia imaginar. Se aquilo desabasse, Edward King também desabaria. Será que estava preparada para morrer? Se tivesse opção, será que usaria sua força de vontade para fazer aquele avião despencar e apagar Edward King do mapa? Será que estaria disposta a cair dos céus para salvar os Estados Unidos? Seu cérebro não parava de cuspir ideias estranhas.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou.

Era estranho ouvir sua voz naquele avião silencioso e educado.

— Olha, ela fala! Que bom. Achei que estivesse enjoada. Tem certeza de que não quer uma Coca?

— Por que você está fazendo isso? — repetiu Stevie.

— Está perguntando por que estou levando você de volta ao Instituto Ellingham num avião particular?

É claro que é isso o que estou perguntando, seu babaca hipócrita.

— Bem... — começou King, devolvendo o celular ao bolso interno do paletó —, acho que você pertence àquele lugar.

— Então esse é um serviço que você oferece a qualquer um?

— Não — respondeu ele, com um leve sorriso. — Não, claro que não. Não, e você é muito esperta, Stevie, eu sei. Gosto disso. Sabe de uma coisa? Eu *vou* comer um saquinho dessa batata. Só como essas coisas em aviões. Não sei por quê. Mas um saquinho só...

Stevie ficou olhando enquanto ele pegava o cesto e investigava o conteúdo com cuidado. Sua expressão satisfeita demonstrava o tipo de interesse treinado de um político que precisava parecer entusiasmado com qualquer coisa que recebesse: bolos, travessas de comida, apresentações de crianças e cidadãos idosos, cerimônias para pessoas que nem conhecia. Era um sorriso profissional, uma maneira de saber quando fazer uma pausa e quebrar o fluxo de conversa e trazer a atenção de volta para si, mas parecer *tão casual* que, quando soltasse seu veneno, todo mundo diria: “Mas ele é um cara tão legal, tão pé no chão. Gosta de batata chips, como todos nós.”

Então Stevie esperaria. Não diria nada. Ela se afundou mais no encosto, que a acolheu, porque era uma poltrona cara, feita para acolher qualquer coisa que o ocupante quisesse oferecer.

— Parece estranho — disse Edward King, tirando uma embalagem do cesto. — Sabor de pickles com endro. Mas é bem boa.

Ele abriu o saco e pescou uma batata com os dedos longos. As mãos eram tão parecidas com as de David que Stevie sentiu um arrepio. Longas e elegantes. Mãos que se fechariam com perfeição em volta de um pescoço.

— A primeira razão — disse ele, jogando uma batata na boca e falando entre mastigadas — para eu levar você pessoalmente de volta a Ellingham tem a ver com seu trabalho excepcional ao descobrir o que aconteceu com Hayes Major. Eu sou pai, Stevie. Meu filho estuda na sua escola. E eu estava tão preocupado quanto qualquer outro pai.

Tão preocupado que seu filho preferiu dizer que você estava morto a assumir que era pai dele.

— Então tem isso — continuou. — Mas, como você já adivinhou, eu quero uma coisa. Preciso de ajuda.

Um ar frio saía dos pequenos e discretos dutos de ventilação na parede. Stevie inspirou forte, inalando o vento.

— Eu sei, eu sei. Você não quer me ajudar. Fiquei sabendo de algumas das suas façanhas, lá no escritório voluntário. Você mudou as listas dos voluntários e fez com que as pessoas ligassem para o Sea World e aquela loja de bonecas, American Girl. Foi bem engraçado, para ser sincero. Esse tipo de coisa não me incomoda. Dá uma animada na vida. Mas sei que você não ia querer fazer nada que promovesse meus interesses políticos, já que nossas visões não... *se alinham*.

Ele se mantinha educado, passando a mensagem em um tom casual, agradável e bem pensado. Mas, quando a olhou de cima, Stevie viu aquela mesma expressão sombria e divertida de David. Claro que ela fizera aquelas coisas, mas nunca tinha pensado que chegariam até ele. Esse senador, esse homem que queria ser presidente,

sabia que Stevie tinha brincado com sua campanha. O que não era muito confortável de perceber.

— O que eu preciso é algo com que você vai concordar em fazer de bom grado, na minha opinião. Não conflita com suas visões.

Ele enfiou outra batata na boca, e o avião despencou alguns metros. Stevie se agarrou ao assento.

— Você conhece David — prosseguiu, indiferente à perda de altitude —, meu filho. Ele é seu amigo. Sei que tem grande estima por você. Sei disso porque ele não disse nada a seu respeito, mesmo quando perguntei várias vezes. Eu queria saber sobre a colega de escola que solucionou o caso, aquela com quem ele estava quando cheguei na instituição, tão cedo, quando todo mundo ainda deveria estar dormindo. E ele não disse uma palavra. O que significa que não quer que *você* tenha nada a ver *comigo*. O que significa que gosta de você. Não precisa ser um gênio para entender.

Stevie se sentiu relaxar um pouco, e uma sensação morna invadiu seu corpo, naquele avião frio e estranho. David a protegera. E *gostava* dela.

— David — continuou King, deixando o saco de batatas chips no assento logo em frente — é um pouco difícil de lidar. Você tem ideia de por quantas escolas ele já passou?

King balançou a cabeça, como se Stevie tivesse respondido.

— Acho que seis? Talvez sete? Ele tem um jeito enervante de mostrar que não gosta de um lugar. Quando começa a se cansar, as coisas começam a dar errado. Gostaria que as coisas parassem de dar errado. Ele está quase concluindo o ensino médio, é o último ano. David só precisa aguentar até junho. E está indo bem em Ellingham. Quando você foi embora, ele começou a arranjar problema. Faltar às aulas. Criar tumulto. Não vai demorar até a escola ser forçada a expulsá-lo. Eu acho que, se você voltar para lá, ele vai sossegar. Então, estou levando você de volta. Assim, você ganha a oportunidade de voltar a um lugar onde acho que quer muito estar, em troca de uma simples missão: se certificar de que David continue por lá.

— Como eu faria isso? — perguntou Stevie.

— Acho que ele gosta da sua presença. Parece achar tranquilizadora. De maneira nenhuma estou sugerindo que você faça qualquer coisa... pessoal. Isso não é nem um pouco da minha conta, e uma sugestão dessas seria completamente inapropriada. Só acho que ele considera você uma amiga, que ficaria mais inclinado a permanecer na escola com a sua presença lá. Só isso.

— E se eu não quiser falar com ele?

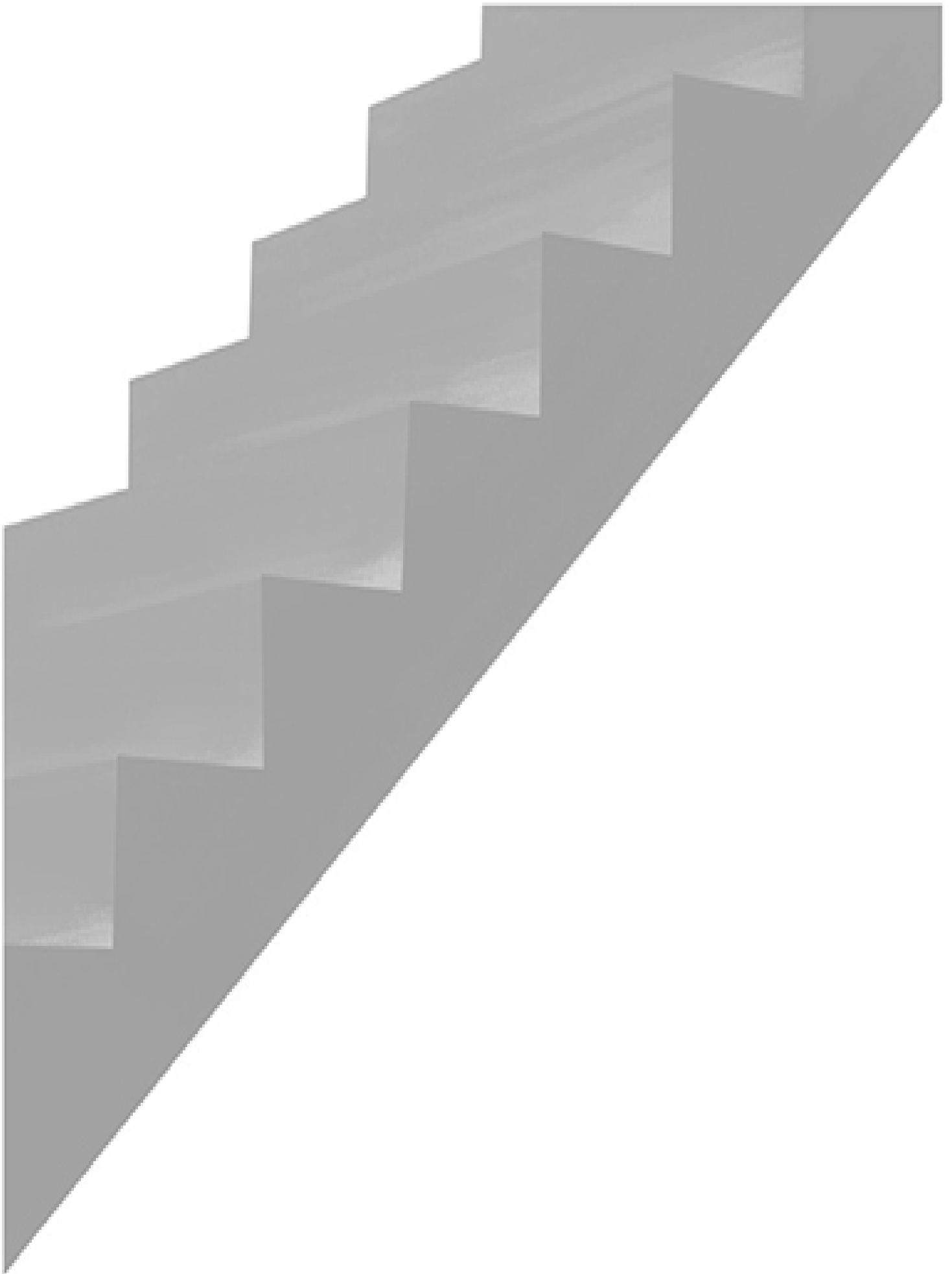
— Uma conversinha educada não é pedir demais. Enquanto David estiver lá, você também estará. Vou me certificar disso. E, se tiver qualquer problema com o acordo, posso fazer este avião dar meia-volta e levá-la direto para casa. Sem problema nenhum. Pense um pouco.

Posso fazer este avião dar meia-volta. Era papo de pai, mas um pai com poder real, e Edward King sabia disso. Stevie ficou quieta, observando as luzes que despontaram no chão, lá embaixo, por entre os retalhos de nuvens. Sentiu a forma de um objeto em sua mochila, sua única posse verdadeiramente preciosa e insubstituível. A lata de chá. A pista. Solucionar o caso sempre fora um sonho, mas tinha se transformado numa possibilidade real. Ela tinha algo a que mais ninguém tinha acesso. Era a sua chance.

Stevie ficou um tempo quieta, sentindo o frio do ar condicionado do avião, encarando o próprio reflexo, o cabelo louro curto espetado para cima. Quem ela era? Quem ela *poderia ser*?

— O que me diz, Stevie? — perguntou Edward King. — Temos um acordo?

— Tá — respondeu a jovem, desviando o olhar do reflexo. — Temos um acordo.



Às vezes, em momentos de confusão ou tédio, Stevie Bell repassava cenas de livros ou programas de assassinatos famosos em sua mente. Dentro de outro SUV, subindo pelas estradas montanhosas cercada por rochas que levavam para longe de Burlington, na direção de Ellingham, seu cérebro decidiu repassar o início de *E não sobrou nenhum*, sem dúvida o melhor trabalho de Agatha Christie, e talvez o mistério mais perfeito já escrito. Dez estranhos se encontram a caminho de uma ilha privada remota, acessível apenas por um pequeno barco. Todos foram chamados ali sob diferentes pretextos por alguém que não conseguem se lembrar muito bem de ter conhecido. Todos receberam boas ofertas, então todos foram. Não demora para se darem conta de que nenhuma das histórias bate, então... os corpos começam a cair.

Ir para Ellingham era um pouco parecido.

Era um lugar remoto, onde só se podia chegar por um transporte oficial. A pessoa recebia uma carta de convite, e talvez ninguém nunca entendesse de verdade por quê. Stevie estava voltando por causa de um convite; uma oferta que não podia recusar.

Ah, sim, e tinha um cadáver envolvido.

Hayes Major não poderia ser esquecido. Hayes, o loiro de panturrilhas fortes e bronzeado uniforme, com voz sedutora e belas maçãs do rosto. Stevie logo descobrira que o maior talento de Hayes era convencer outras pessoas a fazer o trabalho dele — o dever de casa, os trabalhos escritos, os projetos, as séries... Tinha um monte de gente trabalhando para ele, que era meio que um babaca.

Mas não merecia morrer, não importava como. E mesmo Stevie não tinha muita certeza de como a morte acontecera. Tudo o que podia afirmar era que Hayes não escrevera a própria série. Tinha descoberto que Ellie escrevera o roteiro em troca de quinhentos dólares e escondera o fato. Stevie também descobriu que Hayes estava no Skype com a namorada, Beth Brave, no momento em que deveria estar do outro lado do campus, pegando o gelo seco que o matou. Ou seja, outra pessoa pegou o gelo seco. E os propensos a fazer algo do tipo eram as pessoas que tinham algum rancor dele, como, por exemplo, alguém que escreveu uma série achando que não daria em nada, só para descobrir que o roteiro seria adaptado para o cinema e talvez valesse milhões...

No entanto, muita gente guardava rancor de Hayes. E Ellie tinha crescido em uma comuna, usando lixo como se fosse roupa, sem parecer se importar com dinheiro...

Tum, tum. Seu coração estava acelerando. Não havia motivo para seguir por essa linha de raciocínio, nem para reviver a culpa. Apenas destacara um fato, e Ellie fugira. Agora, a crise acabara, e ela estava voltando a Ellingham para terminar o trabalho que começara.

Edward King não a acompanhou nessa última parte da viagem. Ele embarcou de volta no avião e partiu para vai saber onde. A última coisa que disse a ela foi: “Fica a seu critério, mas provavelmente vai ser mais fácil se não mencionar que voltou no meu avião. Tudo o que a escola sabe é que seus pais deram sinal verde para o seu retorno. O modo de transporte talvez não seja muito popular. Melhor dizer que pegou um voo e parar por aí.” A minivan que a buscou no aeroporto era de uma cooperativa local de táxi, e o motorista não lhe deu muita atenção, deixando-a sozinha com seus pensamentos. Stevie colocou os fones e tentou ouvir música, depois tentou um programa de crimes reais, mas não conseguia se concentrar em nada. Então, deixou o silêncio reinar.

Ela sabia que deveria ligar para Janelle e Nate, ou ao menos mandar uma mensagem para avisar que estava chegando, mas estava paralisada. Os dois fariam perguntas para as quais ainda não tinha resposta. Mesmo Stevie mal entendia o que acontecera. Então, ficou relembrando histórias de mistério e olhando para as paredes rochosas, ladeando a estrada.

A minivan estacionou na parada de descanso, e o motorista desligou o motor enquanto esperavam alguém de Ellingham chegar. Um Toyota azul logo encostou ao lado da minivan. Stevie notou o cabelo cinza-prateado familiar. O Segurança Larry não usava seu uniforme de sempre; estava fora de serviço, de calça jeans e a jaqueta xadrez vermelha e preta típico de Vermont.

— Bem, você voltou — disse, quando Stevie saiu da minivan.

— Sentiu minha falta?

— Não consegui pensar em outra coisa.

O suave grunhido em sua voz indicava que era parcialmente verdade. Por mais que tivesse causado algumas dores de cabeça a Larry (invadindo túneis, interferindo na investigação da morte de Hayes, fazendo sua própria investigação e outras coisinhas do tipo, nada que valesse a pena ser remóido), também o conquistara com seu grande conhecimento sobre o caso Ellingham e o fato de que...

Bem, de que o levara até o corpo de Hayes. E depois até o possível responsável.

Larry pegou uma das sacolas disformes com as roupas sujas de Stevie e a colocou na mala do carro. Seus pertences já haviam sido transferidos várias vezes naquele dia, e não aparentavam estar nem um pouco menos esfarrapados dentro do Toyota. Parecia o carro pessoal de Larry; Stevie chegara tarde demais para o ônibus de Ellingham.

— O que aconteceu desde que eu fui embora? — perguntou Stevie, logo que entraram no carro.

Larry diminuiu o volume já baixo da música country que estava tocando.

— Tudo parou. A escola fechou.

— Sabia.

Larry pegou a estrada. Estava muito mais escuro ali. Os subúrbios de Pittsburgh tinham mais lojas e shoppings abertos, mais postos de gasolina, mais luz. Ali, a escuridão descia sobre a terra até encontrar rocha ou árvores, e recaía sobre tudo. O céu acima estava sarapintado de estrelas. Stevie foi invadida por uma familiaridade calorosa ao ver os sinais ao longo do caminho, os outdoors de chalés de esqui, xarope de bordo e vidro soprado. Então vieram as placas que mais amava ao longo da estrada, as que só diziam ALCE. Stevie as notara quando fora para Ellingham pela primeira vez. Várias placas de alce, alce, alce, e ainda assim...

Nada de alce.

— Você já viu um alce? — perguntou a Larry.

— Aham.

— Como era?

— Grande.

Era uma resposta satisfatória. Pelo menos o alce não era mentira.

— Então, agora que você está voltando... — começou Larry — imagino que vá seguir um pouco mais as regras.

— Eu sempre segui as regras — respondeu Stevie. — Talvez só...

— Você entrou num túnel trancado, onde uma pessoa tinha morrido. Encurralou um possível suspeito de assassinato na sua casa...

Stevie corou de orgulho, o que provavelmente não era a reação que Larry queria ver.

— O que quero saber é que dessa vez vai ser diferente. Certo?

Ela assentiu.

— Queria ouvir você dizendo — insistiu Larry.

— Regras. Vou seguir. Todas. Eu juro.

— Que bom. Porque eu gosto de você, seria um saco se eu visse você fazendo merda e isso tivesse que acabar em uma expulsão. Você quer solucionar crimes, Stevie? Então não pode agir como se fosse melhor que todo mundo e fazer tudo sozinha. É assim que as pessoas acabam se machucando.

— Eu sei. Desculpa.

— Não é uma questão de pedir desculpa.

Depois disso, Stevie afundou no assento e lá ficou, com o corpo dobrado na altura da cintura, deixando o cinto de segurança pressionar o pescoço como punição. O carro começou a subir pelo caminho traiçoeiro e geometricamente

questionável que levava à escola. Fizera aquele percurso pela primeira vez de manhã, no enorme ônibus de viagem da instituição de ensino. Algumas poucas luzes estavam espalhadas pelo caminho, oferecendo iluminação suficiente para revelar o aglomerado de árvores profundo e repleto de sombras, a mais estreita das passagens, a descida drástica por cima do riacho na base, então a subida, a subida...

O carro chegou ao topo, revelando duas esfinges sob o foco de dois holofotes. Depois de passarem por uma cortina escura de árvores, tudo se abriu. Um círculo claro de luz ao redor do gramado, lâmpadas acesas em quase todas as janelas, luzes apontadas para a fonte de Netuno, e o Casarão se assomando acima de tudo. Vívido. Pronto.

O Segundo Ato estava prestes a começar.

Larry deixou Stevie na entrada circular para carros.

— Apareça no Casarão pela manhã — orientou. — O dr. Scott quer falar com você para combinar as coisas. Às dez.

— Tá. Às dez. Estarei lá.

— Muito bem. Boa noite. Vou garantir que seus pertences sejam entregues no quarto.

Stevie foi andando para a Casa Minerva. O ar estava frio e cortante, e seus passos altos soavam nítidos no caminho de pedra. Acima, as árvores formavam um dossel inteiriço que bloqueava a lua. Ela envolveu o corpo num abraço, sentindo a cabeça girar um pouco. Mais uma vez, a ansiedade se avultava. Grande parte da ansiedade que sentia era a ansiedade por ter ansiedade. Será que viria naquela noite? Será que subitamente fecharia os dedos ao redor de seu pescoço e deformaria o mundo, bem no momento em que deveria estar mais feliz? Será que o universo se esmagaria numa bola e desapareceria com um *ping* bem diante de seus olhos?

Um agradável cheiro de madeira queimada pairava no ar. Uma fogueira fora acesa em algum lugar. O aroma deveria tê-la acalentado e alegrado, mas apenas serviu para lembrou como aquele lugar era remoto e diferente e o quanto havia sido depositado em suas costas, naquele dia. Stevie parou, inspirou profundamente pelo nariz e prendeu o ar. Então, exalou devagar, soltando um fiapo constante de condensação. Vinha fazendo aquele exercício de respiração toda noite por meia hora, religiosamente. Ajudava a recuperar algum controle, ajudava o corpo a completar o ciclo e reiniciar. Depois de um ou dois minutos de respiração, a fumaça da madeira se tornou agradável de novo. Ou, ao menos, não tão assustadora. Estava indo para casa, para encontrar seus amigos, para o lugar que amava. Não havia motivo para sentir medo.

Stevie continuou pelo caminho. A cobertura das árvores estava rareando, e um edifício apareceu à frente. No escuro, a torre ao fundo se assomava ameaçadoramente, e a hera americana parecia ainda mais sinistra do que à luz do

dia. A porta azul ainda era tão acolhedora como sempre, e luzes estavam acesas na sala comunal e no quarto de Janelle. No andar de cima, todas as lâmpadas estavam apagadas, exceto a de uma janela no canto. O quarto de Nate. Stevie enfiou a mão no bolso, em busca do crachá, então lembrou que não tinha mais crachá. Ficou ali, parada, sem saber muito bem o que fazer. Estava prestes a ir até a janela de Janelle quando a porta se abriu.

— Stevie!

Pix — dra. Nell Pixwell, moradora docente da Minerva — estava enrolada num enorme roupão de flanela xadrez. Tinha deixado o cabelo raspado crescer até uma leve penugem castanha; um corte de inverno, para aquecer. Ela ergueu os braços num cumprimento animado.

— Faz só uma hora que eu recebi a ligação! Estou tão feliz, tão feliz! Sentimos muito a sua falta. Vem, entra!

A sala comunal estava opressivamente quente. Uma fogueira estalava na lareira, onde duas abóboras sorridentes se postavam de cada lado da cornija. A cabeça de alce acima tinha sido decorada com luzinhas piscantes laranja e pretas. Passara tanto tempo desde que Stevie partira que já tinham começado a se preparar para o Halloween.

— Janelle deve estar com fones de ouvido, ou já teria saído do quarto — comentou Pix. — Ela vai desmaiar de surpresa! Vai lá. Vai dar oi.

Stevie caminhou devagar até o corredor onde ficavam os quartos do andar de baixo e bateu à porta de Janelle. Ninguém respondeu, então ela bateu de novo. Depois de um momento, Janelle abriu a porta, usando pijama de flanela azul estampada com cabeças de gatos e o cinto de ferramentas na cintura; um tipo de pochete de lona azul feita à mão, com bolsos fundos e cheios de alicates e uma variedade de ferramentas que Stevie não conseguia identificar. Janelle tinha prendido o cabelo em dois coques, e o fone de ouvido estava em volta do pescoço, ainda tocando música alta. Ela ficou um tempo parada, imóvel. Então...

— Ai meu deus que que tá acontecendo por que você não me disse nada quando foi isso ai meu deus.

Stevie foi envolvida num abraço de urso com perfume de flor de laranjeira, óleo de coco, abóbora e um pouquinho de solvente industrial.

— Como, como...

Janelle deu um passo para trás e segurou os ombros de Stevie para olhá-la melhor.

— Como...

— Foi rápido — respondeu Stevie. — Tipo, hoje mesmo. Eles mudaram de ideia.

— O quê? O QUÊ? Ai, meu Deus...

No momento seguinte, Janelle já tinha segurado a amiga pelo pulso e a puxava em direção à estreita escada circular ao fim do corredor. Stevie teve uma lembrança do dia em que chegou ao Instituto Ellingham, quando a primeira pessoa que conheceu na Minerva foi Hayes Major. Ele a recrutara para carregar seus pertences por aqueles degraus apertados e retorcidos. Enquanto Stevie suava sem parar, Hayes mantinha uma aparência fresca e revigorada. Não parava de falar sobre as ligações que estava recebendo ou fazendo a pessoas em Los Angeles. E Stevie não fazia ideia de por que ele estava contando sobre essas ligações, já que ela não tinha perguntado e nem se importava. Mas aquilo era a cara de Hayes: tagarelar sem parar sobre o acordo cinematográfico e sobre como era popular enquanto os outros faziam o trabalho para ele.

Aquela escada sempre a fazia pensar em Hayes.

Quando Janelle e Stevie bateram à porta de Nate, tudo ficou quieto por um momento. Janelle bateu com mais força e, um instante depois, a porta se entreabriu.

Nate empurrara toda a mobília e todos os seus pertences contra a parede. A cadeira estava de cabeça para baixo sobre o tampo da escrivaninha, e a cama, tombada para abrir espaço no chão. No piso de madeira havia algum tipo de diorama aracnoide com bolas e linhas feitas de fita crepe preta cortada com cuidado. Nate estava sentado no centro da teia, com uma calça de pijama de flanela azul desbotado e uma camiseta verde larga na qual se lia VIM PORQUE MEUS NETOS NÃO VÃO SE MIMAR SOZINHOS. O quarto cheirava a aromatizador de ambientes de supermercado, aquele de cravo-da-índia, e um leve fedor de garoto. Era um cheiro estranhamente caloroso e acolhedor.

— Olha — disse Janelle, apontando para Stevie. — Olha. *Olha!* Olha.

Nate olhou para Stevie, o rosto inexpressivo, então desenrolou devagar o corpo do chão. O cabelo não via tesoura desde que ele chegara na escola, então estava caindo por cima da testa e da nuca. Ele coçou a sombra da barba por fazer no queixo. Tinha aquela mesma expressão que Stevie passara a amar: ligeiramente irritado por tudo, exceto talvez Stevie e Janelle. Mas com certeza por todo o resto.

— É uma pegadinha? — perguntou, erguendo a sobrancelha.

— Nada disso, nada disso! — respondeu Janelle. — Ela acabou de aparecer.

— Puf! — adicionou Stevie.

— E... você voltou?

— Do espaço sideral — confirmou Stevie.

— Como são as coisas por lá?

— Não queira saber.

— Nate, ela voltou... *O que você está fazendo?* — exclamou Janelle. — Ela voltou!

Janelle se balançou um pouco, parada no lugar.

— Estou abraçando Stevie com a mente.

— E estou mentalmente constrangida aceitando o abraço — respondeu Stevie.

— O que *você* está fazendo?

Ela apontou para a obra com fita no chão.

— Escrevendo.

— Com fita crepe? No chão?

— É um mapa — explicou ele, olhando em volta.

— De Lua Fulgente?

— Não.

Era melhor não fazer mais perguntas.

Stevie olhou para o corredor escuro na direção do quarto de David. Não havia luz saindo por baixo da porta, nem som algum.

— Ele não está em casa — comentou Nate. — Ou sei lá. Vai ver está. Eu não ligaria para isso.

— Venha — disse Janelle. — Vamos trazer as coisas dela para dentro.

Quando Janelle se afastou em direção à escada, Nate abriu um dos seus raros sorrisos e perguntou para Stevie:

— Como você conseguiu?

Ela pensou no encontro com Edward King e na promessa de não contar nada. Contar não lhe traria nada de bom. Não traria nada de bom a ninguém.

— Mágica.

A triste pilha de pertences de Stevie aparecera na sala comunal. Pix entregou a chave do quarto. Quando Stevie destrancou a porta, o primeiro choque foi a escuridão e o frio daquele lugar que um dia fora tão familiar. Quando acendeu a luz, ouviu uma mariposa se debater, confusa, na persiana. As paredes estavam vazias, as gavetas, ainda semiabertas de quando guardara as coisas às pressas, tomada de tristeza, havia algumas semanas. A porta do armário também permanecia semiaberta. O quarto parecia exatamente o que era: o cenário de uma pessoa partindo às pressas, com lágrimas nos olhos.

Dividido entre os três, o trabalho de levar as caixas e sacolas para dentro acabou rápido. Stevie abriu uma sacola cheia de roupas e jogou-as para fora, o que fez Janelle se retrair, sofrendo, e correr para buscar cabides e uma passadeira a vapor. Nate desencaixotou os livros — em geral Stevie não permitiria que ninguém além dela o fizesse, mas aquela era uma noite especial, e Nate tomou cuidado, colocando-os em pilhas sensatas por gênero e tipo.

— Então — começou Stevie, testando o clima —, cadê o David? Você falou como se ele estivesse fora, ou algo assim?

Janelle hesitou, a mão já na pilha de lençóis amassados de Stevie. Ela e Nate trocaram olhares.

— Ah, ele está *aqui* — explicou ela. E deixou o comentário no ar.

— Hum... ok? — retrucou Stevie, olhando para os amigos. — E o que isso quer dizer?

— Isso quer dizer — respondeu Nate, dando as costas para os livros — que David entrou no modo máximo de estranheza.

— Ele sempre foi assim — afirmou Janelle, em voz baixa.

— É, mas parece que agora completou a jornada. Nossa pequena lagarta se transformou numa borboleta bizarra.

— Conte sobre os gritos — pediu Janelle. — Porque eu não consigo.

— Os gritos? — repetiu Stevie.

— Teve uma manhã em que ele começou a fazer o que chamou de “meditação gritada” — falou Nate. — Adivinha o que acontece nessa meditação gritada? Você pensou em gritos? Por quinze minutos? Porque é isso o que acontece na meditação gritada. Quinze. Minutos. Lá fora. Às cinco da manhã. E sabe o que acontece quando alguém grita lá fora por quinze minutos às cinco da manhã, nesse lugar remoto nas montanhas, especialmente depois de...

A frase ficou sem terminar, deixando implícito o “um aluno morrer num acidente horrível ou talvez ser assassinado e outro desaparecer?”.

— Quando os seguranças chegaram, David alegou que aquela era sua nova religião e que precisaria gritar daquele jeito todas as manhãs, como uma forma de conversar com o sol.

Então era a isso que Edward King estava se referindo.

— Às vezes — continuou Nate, dando batidinhas na pilha de livros para alinhar as lombadas — ele dorme no telhado. Ou em outro lugar. Às vezes dorme no gramado.

— Pelado — completou Janelle. — Ele dorme *pelado* no gramado.

— Ou nas salas de aula — prosseguiu Nate. — Alguém contou que, enquanto a turma aprendia sobre equações diferenciais, ele estava dormindo num canto da sala, enrolado em um cobertor do Pokémon.

— Seu garoto não anda bem — concluiu Janelle. — Nada estava certo aqui sem você. Mas você voltou! Tudo vai voltar ao normal.

Nate foi para o quarto não muito depois disso, para que Janelle e Stevie pudessem conversar. Só que Stevie descobriu que estava exausta. Estava no Funky Munkee naquela mesma tarde. Horas depois, estava de volta a Ellingham. Tudo o que acontecera no meio-tempo não fazia sentido. Notando que a amiga precisava dormir, Janelle fez a cama a seu contento e ficou assistindo enquanto Stevie bebia uma garrafa de água, para ajudar a se readaptar à altitude. Então, deixou uma segunda garrafa na mesinha de cabeceira.

— Marquei com Vi de encontrar com a gente no brunch amanhã — anunciou.
— Descanse um pouco. Estou aqui do lado se precisar.

Janelle sabia que Stevie às vezes tinha ataques de pânico à noite.

— Obrigada. Por tudo.

Quando a amiga saiu, Stevie foi até a janela e ficou por muito tempo olhando para a escuridão ali fora e o próprio reflexo. Assim como a escada, aquela janela lhe trazia lembranças. Na noite anterior à morte de Hayes, tivera um sonho. Ou ao menos tinha bastante certeza de que fora um sonho. Lembrava de acordar com uma luz e de olhar para a parede e ver palavras escritas ali, palavras como as da carta do Cordialmente Cruel. Stevie não conseguira entender todas as palavras, e a mensagem ficou embaralhada na sua cabeça. Acordara de um pulo e rolara para fora da cama, rastejando pelo chão até a janela. Jogara um livro bem pesado por ela, na esperança de atingir quem quer que estivesse se esgueirando do outro lado, mas não havia ninguém.

A possibilidade de alguém ter projetado uma mensagem como aquela na parede do quarto nunca fizera muito sentido. Seria trabalhoso demais criar a imagem, arranjar alguém para projetá-la, se esconder na escuridão... As pessoas faziam coisas complicadas em Ellingham, mas Stevie não conseguia pensar em alguém que faria algo tão elaborado com ela...

Exceto, talvez, David. David provavelmente era capaz de uma piada elaborada. Mas, como acabara descobrindo, ele gostava dela. Então por que faria algo assim?

E isso acontecera logo antes de Hayes morrer. Quais eram as chances?

Tinha conversado com Janelle naquela noite, e a amiga dissera que alguns sonhos eram tão vívidos que imitavam a realidade. Por isso que algumas pessoas viam fantasmas à noite, ou silhuetas ao pé da cama. A linha entre o sono e a consciência pode ser tênue. E Stevie estivera muito imersa na história de Ellingham, mais cedo naquele dia, tinha até entrado de fato no túnel onde os sequestradores estiveram. Seu cérebro estava cheio de informações sobre o crime, projetando tudo de volta para ela.

Stevie se virou e olhou para o ponto na parede onde a mensagem estivera, mesmo que só em sua mente. O que dizia? *Enigma, enigma meu...* alguma coisa com assassinato. Alguma coisa sobre um corpo num campo... Alguma coisa com Alice.

Aquela era a parede que compartilhava com Ellie. Minerva estava tão vazia, tão amaldiçoada... Dottie Epstein e Hayes Major estavam mortos, e Element Walker estava foragida.

Será que tinha sido Ellie? Será que a mensagem tinha sido algum trabalho artístico? Será que tivera alguma coisa a ver com a peça que ela pregou em Hayes,

com o gelo seco? Será que Ellie tinha um senso de humor distorcido, ou será que secretamente odiava todo mundo?

Ellie não parecia o tipo que odiava ninguém, mas vai saber?

Atravessou o quarto até a mochila, num canto do chão, e pegou a lata. Quando a abriu, queria apenas uma coisa: as fotos. Uma delas em particular. Era mais grossa que as outras, porque na verdade eram duas fotos coladas. E o que estava entre elas era a peça-chave.

Uma palavra.

Uma única palavra, cortada de uma revista. NÓS.

Aquela palavra, aquelas três letras presas entre fotos antigas, era a razão pela qual Stevie precisava estar ali. Porque era a primeira pista do caso em oitenta anos. O caso Ellingham com frequência era chamado de caso Cordialmente Cruel, porque a família tinha recebido uma carta informando sobre o crime iminente. Era composta de letras cortadas de revistas e jornais. Stevie, como qualquer pessoa devota ao caso, sabia recitá-la de cor:

Olhe! Uma charada!

Hora de brincar!

Uma corda ou uma arma,
qual devemos usar?

Facas são afiadas
e têm um brilho tão lindo

Veneno é lento,
o que é um castigo

Fogo é festivo,
afogamento demora

Enforcamento é um
jeito nodoso de ir embora

Uma cabeça quebrada,
uma queda grave
Um carro colidindo
contra uma trave
Bombas fazem um
barulho bem animado
Tantas formas de
punir meninos malcriados!
Qual devemos usar?
Não conseguimos decidir.
Assim como você não pode
correr ou fugir.
Ha ha.

Cordialmente,
Cruel.

O que encontrara no quarto de Ellie era a prova de que havia alunos no campus que amavam gângsteres, que escreviam poemas sobre derrubar o rei da montanha, que gostavam de jogos, e que andavam recortando palavras de revistas e colando-as nas coisas. Resumindo: tinha descoberto que Cordialmente Cruel podia ter sido um aluno de Ellingham. E, se Cordialmente Cruel podia ter sido um aluno, então era possível que outro aluno o derrotasse, mesmo tantos anos depois.

Isto se esse aluno conseguisse lidar com a pessoa que estava em algum lugar acima de sua cabeça neste momento... Alguém que desejava subir para ver, alguém cuja presença retumbava pelas tábuas do piso. Sentiu o corpo esquentar só de saber

que David estava tão perto. Lembrava de cada sensação, de cada toque. Os cachos macios do cabelo, a curva do pescoço, o beijo...

A voz de Edward King ecoava em sua cabeça, debochando de tudo o que já sentira por David. Não podia subir. Não podia olhar para ele. Talvez tivesse que evitá-lo para sempre. Evitar o sentimento. Evitar qualquer contato. Era a única maneira.

Agarrou o cobertor e o puxou por cima do rosto, apagando a cena e dando a noite por encerrada.

Você conhece a história do Instituto Ellingham e o famoso caso de sequestro/assassinato, mas conhecia essas reviravoltas na trama?

1. ALICE NO SÓTÃO: De acordo com uma versão, o próprio Albert Ellingham arquitetou o sequestro como parte de uma brincadeira. Quando deu errado e duas pessoas morreram, ele precisou acobertar o plano. Levou a filha, Alice, de volta à casa e a criou dentro do sótão. Os empregados eram proibidos de subir ali, mesmo quando ouviam passos no teto. Um dia, Alice ficou velha demais para continuar no sótão e, como não conseguiu escapar, tirou a própria vida. O fantasma dela ainda passeia pela casa, e há quem diga que dá para ouvi-la brincando, à noite.

2. O SEGREDO DO LAGO: Outra versão alega que Iris e Alice Ellingham nem sequer foram sequestradas. Segundo a história, Iris teve um surto psicótico e matou Alice afogada no lago da

propriedade. O
acontecimento foi
testemunhado por uma aluna
chamada Dottie Epstein. A
fim de manter o segredo,
Dottie foi assassinada, e
inventaram a história do
sequestro. Iris foi mantida
escondida, mas acabou
fugindo e se matando.
Desesperado com o que
tinha acontecido, Albert
Ellingham mandou drenar o
lago. Obviamente, os
fantasmas de Iris, Alice e
Dottie ainda aparecem às
margens da área onde o lago
costumava ficar. São tantos
fantasmas...

3. O TESOIRO PERDIDO:
Piratas, animem-se! Um
tesouro enterrado espera para
ser encontrado. Essa versão
afirma que, depois que o
corpo da esposa foi
encontrado, Albert
Ellingham juntou as joias
dela e as jogou no lago
Champlain, dentro de uma
caixa com pesos, para que
afundasse. Então, se tiver
equipamento de mergulho e
tempo livre, pode querer dar
uma olhada. Essa versão não
tem fantasmas, mas acho que
todo mundo prefere tesouros.

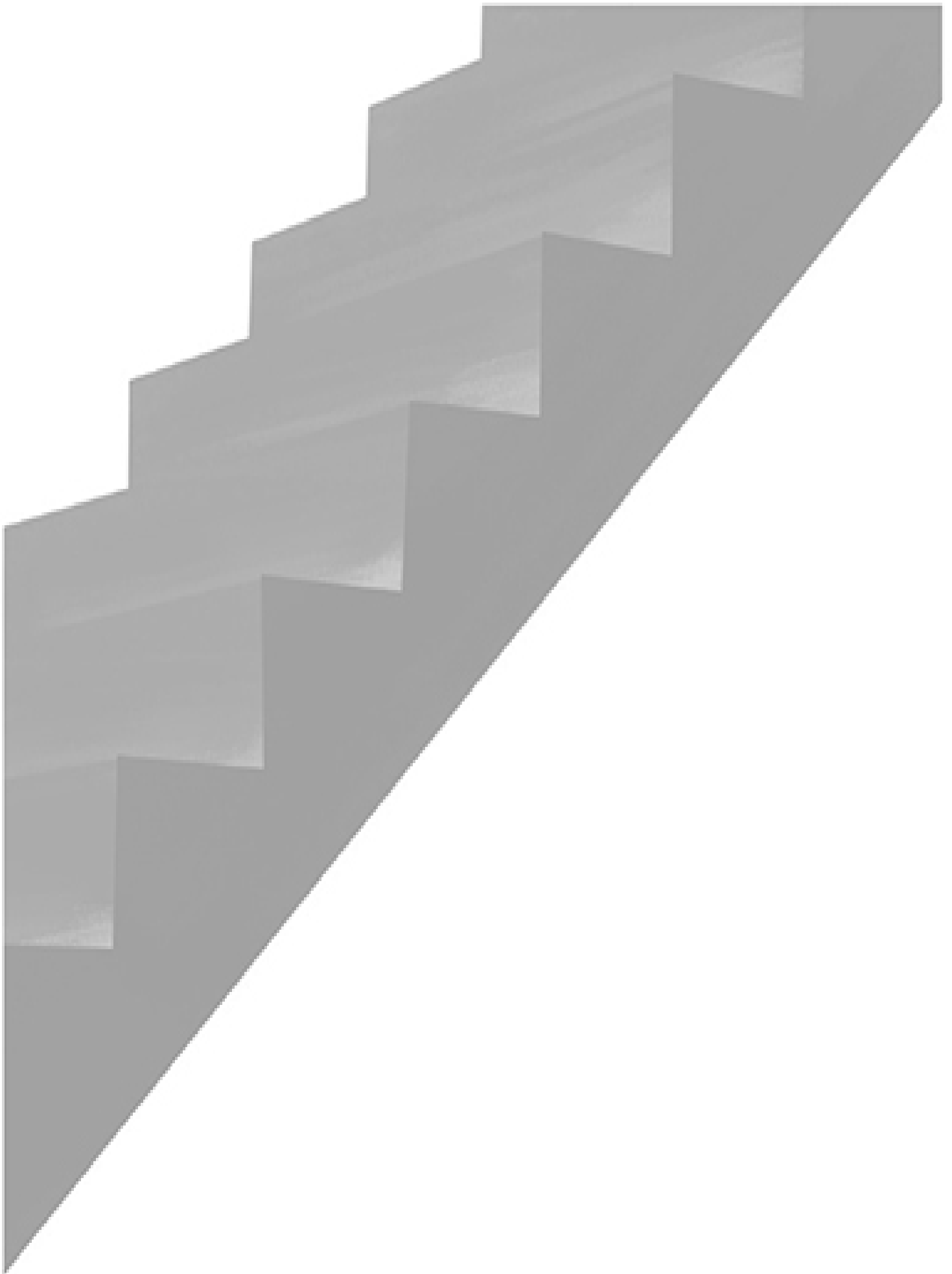
4. O HERDEIRO DO
TRONO: Se gostou da

última versão, vai pirar com essa. O relato afirma que, depois dos sequestros e assassinatos, Albert Ellingham reescreveu seu testamento, deixando toda a sua fortuna a qualquer um que encontrasse a filha, morta ou viva, desde que não fosse responsável pelos crimes. Hoje em dia, a propriedade e os negócios de Ellingham valem mais de dois bilhões de dólares. Vá à caça!

5. O SEQUESTRO QUE NUNCA EXISTIU: Nada de fantasmas ou fortunas nessa versão, só um belo jogo. Reza a lenda que os sequestros e assassinatos no Instituto Ellingham nunca sequer aconteceram. Todo o caso — a busca, a investigação, os corpos — foram parte da maior jogada de Albert Ellingham. A aluna que morreu, Dottie Epstein, era uma atriz. O jogo acabou quando ele fingiu a própria morte numa explosão, dois anos depois. Nessa versão com final feliz, todos os jogadores acabaram vivos, morando juntos, no mais completo anonimato, deixando a fortuna e a fama para trás. Ou pelo menos a

fama, já que provavelmente levaram a fortuna.

Então, de qual gostou mais? Dos fantasmas? Do tesouro? Ou do *felizes para sempre*?



— Que vontade de pular nesses montes de folhas — comentou Janelle, saltitando à frente do grupo em direção ao café da manhã. — Não quero estragar o trabalho dos funcionários. Só que é tão tentador.

Na manhã seguinte, Janelle, Stevie e Nate seguiam na direção da sala de jantar. Nos finais de semana, a escola servia brunch. Em geral, Stevie não acordava a tempo, mas a empolgação de estar de volta a tirou cedo da cama. Até Nate emergiu do quarto. Estavam caminhando pelo gramado, numa manhã agressivamente bonita de outono. O céu era de um azul vibrante e intenso, um azul *pulsante*. Alguns dos funcionários da manutenção usavam um soprador para juntar folhas caídas em montes gigantescos.

Janelle se vestira com o tema do outono: suéter cor de telha, calça jeans e um cachecol de tricô preto, sem contar no perfume outonal, com cheiro de cravo e bergamota. Stevie usava as últimas roupas amassadas e provavelmente limpas do saco em que as trouxera: moletom de capuz preto e leggings cinza gasta. Não era uma grande surpresa, considerando que noventa por cento das roupas de Stevie eram pretas, cinza ou gastas, e as blusas em geral eram com capuz. Admirou a amiga caminhando com o estilo perfeito sob os feixes de sol que passavam por entre as folhas. Não era um estilo chique, mas fazia com que todo momento parecesse uma ocasião. Muitas pessoas existiam; Janelle vivia.

Stevie ergueu os olhos para a copa espessa de árvores acima enquanto seguia tranquilamente pelas trilhas que serpenteavam até o Casarão. Aquelas folhas estavam adiantadas na troca, seriam as primeiras a cair, já com cores douradas como fogo e vermelhas como carne. Ao chegar ao gramado, a visão se ampliou. Lá, no alto da montanha, tinha uma das melhores vistas da vívida auréola de cor que dominava a propriedade. A paisagem era alucinante, com oceanos de dourado e laranja se espalhando pelo horizonte, entremeado pelo vermelho do que pareciam rios de lava descendo a encosta.

Nunca fora muito fã do outono; os dias mais curtos davam agonia, possivelmente porque tinha tendência a ataques de ansiedade durante a noite, e, quanto mais horas de noite, mais chances para a ansiedade. Mas não precisava ser daquele jeito, e decidiu que seria fã do outono. Flanela era legal. Maçãs eram ótimas. Abóboras eram as melancias do outono. Não era assim que pensavam os fãs daquela estação?

Será que aquilo tudo era sequer real? A noite passada, com Edward King em sua sala de estar, o passeio de avião e o acordo, e então essa vista quase

psicodélica? Será que enlouquecera, algum tempo atrás?

— É esse — afirmou Janelle, aproximando-se de um dos enormes montes de folhas secas. — Vou pular.

Nate se virou, observando uma das pilhas com ar clínico.

— Tem fezes de animais aí dentro.

— Nate... — repreendeu Janelle.

— Só estou dizendo. Folhas caídas são como grandes caixinhas de areia. Tem muitos animais aqui nas montanhas. Raposas. Veados. Guaxinins. Alces.

— Nada de alces — comentou Stevie.

— Pássaros — continuou Nate. — Deve ter muita merda de pássaro. E merda de morcego. Aqui tem muito morcego. Merda de morcego é muito valiosa, sabe. Chamam de *guano*.

— Eu sei o que é guano — respondeu Janelle, em tom de advertência. — Mas não quero ouvir falar de cocô. Quero *me divertir nessas folhas crocantes*.

— Esquilos também precisam fazer cocô — insistiu Nate.

— Esquilos precisam fazer cocô — repetiu Stevie, muito séria.

— Por que você está estragando minha manhã de outono perfeita? — indagou Janelle.

— Todo mundo tem um dom — explicou Nate. — Esse é o meu.

Janelle soltou um grunhido baixo, e Stevie ficou com a impressão de que os amigos estavam se exibindo um pouco para ela. Janelle estava mais animada do que de costume, e Nate, um pouco mais mal-humorado. Pareciam mostrar que tudo estava bem e normal e do mesmo jeito de antes. Exceto pelo fato de que, conforme avançavam, Stevie notava pequenos objetos nas árvores, nos postes de luz e nos cantos dos prédios. Esferas, todas pequenas e discretas.

Os olhos de Edward King.

— Tem muitos equipamentos de segurança novos — comentou.

— Ah, sim — confirmou Janelle. — Foram instalados semana passada.

— Eu, por mim, me curvo aos líderes vigilantes — anunciou Nate, para a esfera mais próxima.

— Eu acho uma boa — concordou Janelle. — Estamos bem isolados aqui, e... coisas aconteceram.

O grupo se aproximava da cúpula, onde o memorial provisório erguido para Hayes já estava em um leve estado de decadência. O que mais impressionou foi a grande quantidade de... tristeza. Havia flores, mas não rosas solitárias espalhadas por aqui e por ali. Eram buquês. Buquês postos por cima de outros buquês, já secos, as flores tomando todo o espaço do chão. Havia desenhos, bilhetes e fotos. Havia pequenas velas eletrônicas, porque velas de verdade fariam tudo irromper em uma chama gigante.

— Não param de chegar — contou Janelle. — Acho que já diminuiu um pouco, mas todo dia chega alguma coisa, e a equipe de manutenção deixa tudo aqui.

O vento soprou algumas das flores moribundas no memorial.

— Que papo animado — comentou Nate. — Vamos comer? Podemos ser mórbidos de barriga cheia.

A sala de jantar de Ellingham era um espaço amplo, parecia um chalé de esqui. O teto era alto e côncavo, com vigas expostas que atravessavam o cômodo. As vigas estavam cheias de lanternas de abóboras esculpidas, todas olhando na direção das pessoas abaixo com expressões julgadoras. O refeitório da antiga escola de Stevie era um festival de linóleo com bandejas de metal quentes carregadas de tacos, bolinhos de batata e brócolis cozido demais. A sala de jantar da Ellingham tinha mais verba e menos gente para alimentar, o que fazia com estilo. Torneiras com sensor de movimento enchiam as garrafas de cada aluno de água com ou sem gás. O menu era escrito em quadros-negros com giz colorido. O brunch era levado a sério, com uma estação de omelete (que contava com massa de tofu, para quem não comia ovo). Panquecas e waffles frescos eram feitos com todo tipo de fruta vermelha, banana ou gotas de chocolate. Havia todas as carnes consumidas em café da manhã, assim como seus correspondentes vegetarianos, além de uma estação onde os alunos podiam fazer a própria vitamina, pão fresco, mel local, uma prateleira inteira de chás e cafés de diferentes grãos com todo tipo de leite. E, claro, xarope de bordo, o elixir da vida em Vermont. Era aquele aroma de bordo quente, somado ao cheiro de lenha queimando, que Stevie achava que definia Ellingham.

Ela se serviu de um waffle personalizado com gotas de chocolate e um ramequim cheio de xarope de bordo morno. Enquanto levava a bandeja para a mesa, viu que tinha sido notada. Ellingham inteira estava reunida à sua frente. Ou quase inteira. À esquerda, sentada com alguns moradores da Juno, estava Gretchen, a pianista ex-namorada de Hayes. Gretchen emprestara quinhentos dólares para Hayes antes de finalmente se cansar de sua mania de usar as pessoas e terminar com ele. Stevie vira os dois discutindo no dia em que ele morrera. Gretchen é quem contara a ela sobre como Hayes recrutava os outros para fazer seus trabalhos. Era difícil não reparar na garota, com sua poderosa coroa de cabelo vermelho-fogo.

Duas mesas atrás estavam Maris e Dash, os dois outros alunos que tinham trabalhado no vídeo de Hayes. Maris era cantora, com cabelo negro feito carvão e uma tendência a se vestir como se estivesse sempre prestes a se apresentar em algum cabaré pequeno e enfumaçado. Agora, usava suéter preto justo e calça jeans, com botas de cano alto. Estava toda maquiada, mesmo que fosse domingo de manhã. Maris sempre usava o olho esfumado. Dash era diretor de palco e sempre usava roupas largas e soltas. Foi ele quem na verdade produziu o vídeo. Os dois avistaram Stevie, e Maris acenou. O que chamou mais atenção para ela, fazendo

com que Kazim Bazir, presidente do conselho estudantil, se levantasse num pulo e corresse para cumprimentá-la.

— Stevie! — chamou. — Meu Deus! Quando você voltou? Que incrível!

— Ontem à noite — respondeu ela, de repente meio tímida.

Foi uma bela recepção, mesmo que Stevie e Kaz não se conhecessem muito bem. Kaz era sempre empolgado, seu principal interesse era o meio-ambiente, e ele passava bastante tempo tentando convencer a diretoria da escola a fazer compostagem nos banheiros.

Mas outra pessoa observava a cena; uma pessoa pequena, com grandes olhos luminosos. Ela usava um suéter marrom e espiava Stevie por cima da mesa.

Germaine Batt.

Na teoria, Germaine não fizera nada de errado. Não era culpa dela que sua história tivesse feito com que os pais de Stevie a tirassem da escola. Mas o sentimento continuava ali.

David não estava presente.

— Como você está? — perguntou Nate enquanto andavam até uma mesa.

— Estou me sentindo a garota mais bonita dessa montanha de bordo — respondeu Stevie.

Pegaram uma mesa à janela. Janelle não parava de virar a cabeça para os lados. Estava procurando por Vi, claro. Os três comeram em silêncio. Stevie cortou o waffle crocante de gotas de chocolate e mergulhou um pedaço no xarope de bordo quente.

Vi Harper-Tomo entrou correndo na sala de jantar. Stevie nunca tinha visto ninguém entrar em um lugar com tanta vontade, mas foi o que aconteceu: a porta foi puxada bruscamente para trás, e a garota entrou feito um raio, balançando os braços. Vi usava sua roupa preferida: macacão branco largo e moletom cinza, com o cabelo platinado espetado para cima.

Ela cumprimentou Stevie com o mesmo entusiasmo de Janelle: um afeto incompreensível, dizendo:

— Não acredito!

Então, virou-se para Janelle. As duas tinham passado a se cumprimentar com beijos no café da manhã, como um casal de TV. Nate cortou um pedaço do waffle devagar enquanto Vi e Janelle se recostavam confortavelmente uma na outra.

— Você sabe que nós somos um casal fofo — comentou Janelle.

— Amo coisas fofas — respondeu Nate.

— É bom para quando você escrever os romances do seu livro, não é? — sugeriu Stevie.

— Eu não escrevo romances. Escrevo sobre encontrar dragões e partir pedras mágicas ao meio.

— As *verdadeiras* pedras mágicas são os amigos que fazemos pelo caminho — insistiu Stevie. — Não são?

— Nate está feliz por nós — disse Janelle. — Essa é só a forma dele de demonstrar.

Nate ergueu o rosto com olheiras para o grupo.

— É por isso que eu prefiro livros a pessoas.

— Também amamos você — respondeu Janelle, e foi com Vi até a fila da comida, mesmo que já tivesse se servido.

Nate centralizou os ovos mexidos no prato enquanto perguntava:

— Então, o que fez seus pais mudarem de ideia?

Stevie mergulhou o waffle na poça de xarope de bordo, nervosa.

— Vai saber?

— Eles só disseram: “Vamos mandar você de volta”?

— Assim... — Stevie esfregou o rosto, tensa. — Nós conversamos um pouco, mas...

Estava dançando à beira da verdade, mentindo por omissão. Mais um passo, e cairia na mentira.

— Não sei o que convenceu meus pais — concluiu.

Pronto. Tinha mentido. Simples assim. A mentira se derramou para fora da boca. *Ploft*.

— Já ouviram alguma coisa sobre Ellie? — perguntou Stevie, mudando de assunto. — Em que pé está essa história?

Nate continuava analisando sua expressão, mas pareceu desistir e voltou a atenção aos ovos.

— Nada — respondeu. — Quer dizer, fizeram umas buscas. A polícia passou uns dias rondando a propriedade. Foram bem discretos, mas ficou claro que estavam por aqui. Acho até que trouxeram cachorros. Ela deve ter ido para Burlington. Conhece muita gente por lá.

Stevie tomou um gole do café e olhou pela janela, que dava para os fundos, onde uma espessa fileira de árvores demarcava o perímetro da propriedade. Durante o dia, a vegetação parecia formar uma parede vívida e maciça. À noite, se avultava, se tornava multifacetada. O terreno onde a escola fora construída era plano, mas declinava drasticamente ao se aproximar da estrada, e um rio margeava a propriedade de ambos os lados. O outro caminho era para cima, na direção de pedras pontiagudas, picos mais altos e florestas mais densas.

Fugir não pode ter sido fácil. Stevie nem ao menos sabia afirmar com certeza se Ellie estava de casaco na noite em que desapareceu.

— Não é culpa sua — declarou Nate.

— O quê?

— Não é culpa sua. O que quer que Ellie tenha feito... O motivo para fugir ... Não foi por sua causa.

— Eu sei — respondeu ela, concentrando-se nos quadrados do waffle. — As pessoas estão dizendo que a culpa é minha?

— Não — respondeu ele, mais do que depressa. — Não. Só... não. Esquece que eu falei qualquer coisa. Acho que Vi e Janelle estão prestes a se pegar em cima daquelas canecas.

Stevie se virou. Vi e Janelle se abraçavam intensamente ao lado da estação de café.

— Foi uma longa semana — comentou Nate. — Não vá embora de novo. Não me deixe com essas pessoas.

— Que pessoas?

— Qualquer pessoa.

— Eu não conto como pessoa?

— Claro que não. Todo mundo aqui só fala de amor e sentimentos. Quero voltar ao entorpecimento e à evasão. Você é ótima nessas coisas.

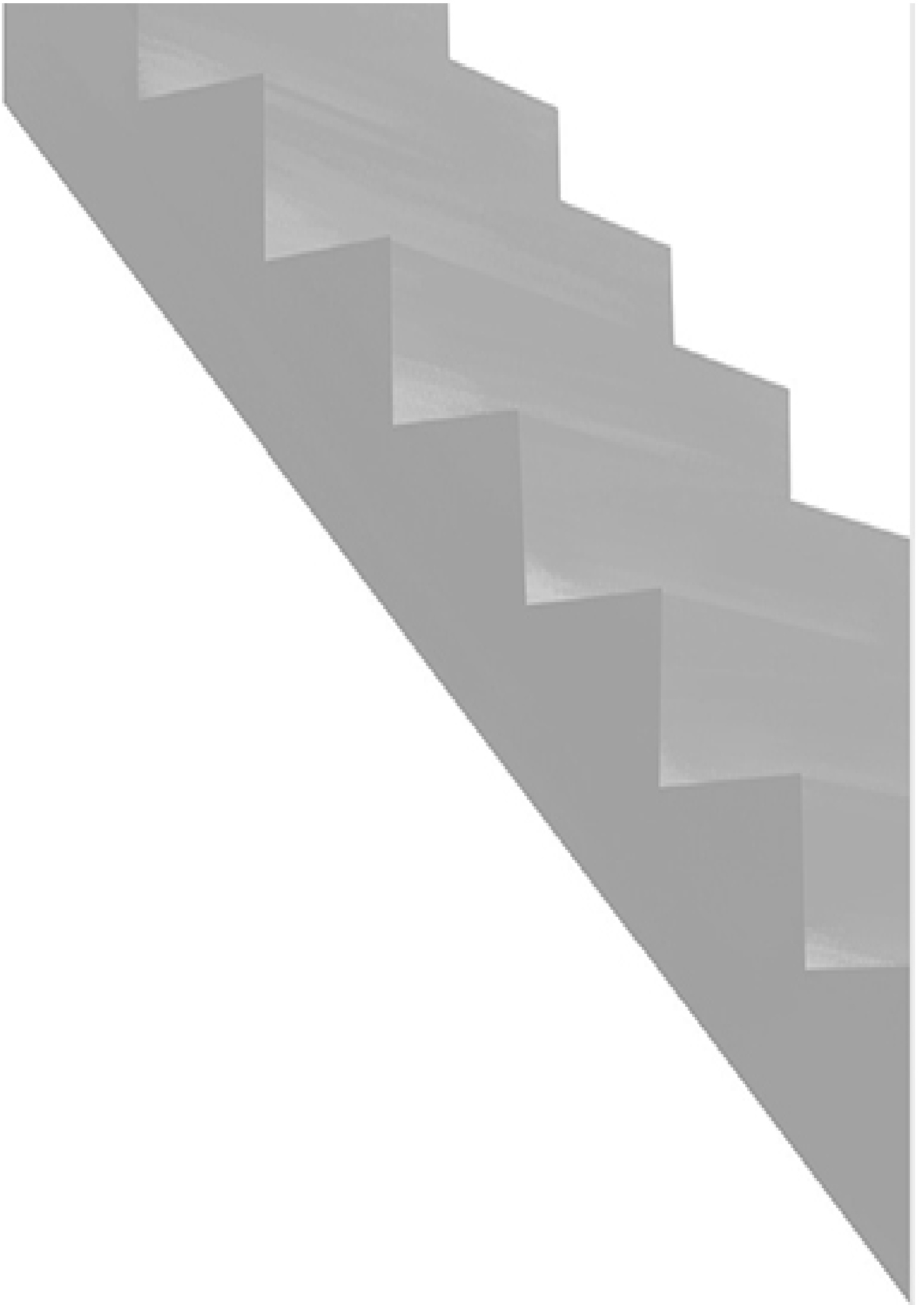
Ela sorriu e pegou o celular para olhar a hora.

— Preciso ir — anunciou. — Reunião com o senhor Me Chame de Charles.

— Vai lá aprender alguma coisa, ou sei lá o quê. Nos vemos em casa.

Casa.

Sim. Ali era sua casa. Aquela casa a acolhia como ela era, algo incomum em sua curta vida. E, em um nível mais familiar, também tratava-se do lugar onde precisava contar as maiores mentiras.



14 de abril, 1936, 3 horas

— Precisamos ler os sinais — disse Eddie. — As estrelas negras podem ter se alinhado para nós. Chegou nossa hora.

Eddie estava agachado no chão do ginásio, balançando-se levemente para a frente e para trás, como um brinquedo quebrado. Francis não acreditava nas fascinações astrológicas de Eddie, mas costumava levá-las em consideração. Só que não naquela noite. Tudo estava se desenrolando.

— Vamos *fugir*. Vamos começar o plano.

— Não. — A voz de Francis saiu firme feito pedra. — Não. Não agora. Nunca vamos conseguir se formos agora. Você não entende o que isso significa?

— Significa que a estrela negra...

Edward estava prestes a começar uma de suas viagens poéticas sem sentido sobre a estrela negra e a princesa prateada e todos os personagens que viviam em sua cabeça. Às vezes, ele ia longe demais com a poesia, perdia-se em simbologias. Francis o interrompeu.

— Seja lá o que esteja acontecendo, acabou envolvendo nossa carta. Vão chamar a polícia, Eddie. Serão muitos policiais.

— E daí? Nós vamos estar foragidos!

— Se fugirmos agora — explicou Francis —, não vai levar nem uma hora para nos pegarem. Precisamos esperar. Não podemos agir de forma suspeita.

— E qual é a graça? — questionou Edward, aproximando-se dela, respirando próximo à sua boca.

— A graça — respondeu Francis, afastando-o com delicadeza — é fugir e escapar. Quando partirmos, será para sempre. Precisamos ser *espertos*.

Era nessas situações que as coisas davam errado com Eddie. Ele era muito selvagem. Tinha a imaginação, os sonhos, mas não pensava nas questões práticas, como agentes do FBI, cachorros policiais e bloqueios nas estradas. Ele queria ser um fora da lei, mas não tinha a disciplina ou a prática necessárias. Era trabalho de Francis mantê-lo na linha. Era por isso que fizera tantas preparações para si mesma. Tinha que voltar à Minerva, voltar ao seu quarto. As coisas de que precisava estavam lá.

— Eles vão nos fazer ir embora, de qualquer maneira — argumentou ele.

— Talvez por um ou dois dias. Talvez por algumas horas. Você tem que confiar em mim. Fique na sua. Vá para casa.

Então, pressionou os lábios contra os dele com força e saiu do ginásio. Não podia arriscar usar o túnel. A srta. Nelson poderia ainda estar lá dentro, e o ferrolho

do outro lado muito provavelmente estaria trancado. Teria que seguir pela superfície.

Mas a noite trazia uma vantagem: uma neblina azul sulfúrica. O que provavelmente seria sua única proteção contra os homens armados. O ar estava congelante, e a neblina entrou pelo nariz e pela boca, espiralando até os pulmões. Estava ao lado da biblioteca e, na teoria, só precisava seguir em linha reta pelo gramado para chegar em casa. Mas era óbvio que a porta estaria vigiada, assim como toda a área exposta. Então, precisaria pegar o caminho mais longo, dando a volta pelo outro lado do campus e seguindo pelas áreas em construção próximas à estrada.

Manteve-se abaixada, avançando de árvore em árvore. Tropeçava em raízes e galhos, e as folhas secas se quebravam sob seus pés. Viu atiradores de macacão e casaco, as espingardas em cima do ombro. Eram três, andando juntos perto da cúpula. Abaixou-se, o coração batendo depressa. Naquela noite, eles atirariam. Não hesitariam. Por um segundo, tentou imaginar a bala quente afundando em seu peito, o impacto. O pensamento fez seu coração acelerar dolorosamente, as mãos suarem. Considerou chamar os homens, pedir ajuda. Eles a levariam até a Minerva. Estaria encrencada, mas não levaria um tiro.

Não. Encolheu o corpo mais contra o chão. Seria um gato. Todo mundo ali adorava gatos. “Gatos sabem mais”, dizia Albert Ellingham. Rastearia e se esgueiraria pelo caminho. O campus era grande. Ela era corajosa. Precisava provar seu valor.

A parte mais difícil seria atravessar a estrada. Era a área mais aberta. Teria que descer pela ribanceira até a floresta e atravessar por algum lugar escuro. Francis começou a avançar pelo declive íngreme. O casaco caro se agarrava aos espinheiros e a fazia tropeçar, então o enrolou para cima e seguiu agachada feito um caranguejo por vários metros. Se tentasse se levantar, era provável que tropeçasse e despencasse até o rio, batendo em todas as árvores e pedras pelo caminho. A rocha cortava as mãos enquanto ela se segurava ao chão. Tudo cheirava a terra e folhas mortas.

— O que foi isso? — indagou um dos homens.

Ela congelou.

Um feixe de luz passou pelas árvores.

— Deve ter sido algum bicho — respondeu outro.

Francis estava quase vomitando. Engoliu em seco e esperou, sem se mexer um centímetro. Estava paralisada. Devem ter se passado quinze ou vinte minutos até que voltasse a avançar. Quando já estava a uma boa distância das estátuas e dos homens, esgueirou-se até a beira da estrada e, respirando fundo, atravessou correndo. Era uma rua muito estreita, então só precisou dar alguns passos. Caiu no

bueiro do outro lado e bateu o rosto, mas não gritou de dor. Seguiu rastejando de barriga até a escuridão.

Então, começou a escalar a encosta. O que foi muito mais difícil. A respiração ficou ofegante. Policiais e criminosos. Agentes e armas, esgueirando-se na escuridão. E estava conseguindo. Francis Josephine Crane, a princesa da farinha da Quinta Avenida, estava rastejando pela terra e pela noite. Cravou as unhas no solo, determinada, sem se importar em quebrá-las. Não se importava com as roupas e os sapatos. *Aquilo é que era vida.*

Alcançou o topo, emergindo do outro lado da estrada. Só precisaria seguir em silêncio até a Minerva. Avançou devagar, correndo de prédios para árvores e para estátuas. A neblina a envolvia como um casaco de pele. Era *fácil*.

Quando chegou à Minerva, não estava mais preocupada com a forma como entraria de volta na casa. Simplesmente daria um jeito. A porta estaria trancada, mas a janela de seu quarto, não. Deu a volta pelos fundos da casa e espiou. Não havia ninguém do lado de fora. Avançou pela parede até o quarto dois. Experimentou a janela, tentando abri-la. Não abriu.

E o quarto de Dottie? Dottie também saía às escondidas. Será que deixava a janela apoiada em alguma coisa para não fechar? Ela às vezes falava sobre como gostava de deixá-la entreaberta, como a lembrava de casa, com a janela aberta ao lado da saída de emergência.

Francis andou sorrateiramente até o quarto três e olhou para a janela do cômodo escuro. Havia uma frestinha minúscula, apenas da largura de seu dedo, mas era o suficiente. Pegou um graveto para usar como alavanca, então empurrou, com movimentos lentos e silenciosos. Depois se içou para dentro e fechou a janela, cada centímetro precioso. Estava dentro do quarto de Dottie, que, apesar de tecnicamente igual ao seu, parecia bem mais detonado. Não tinha cobertas de pele, mobília especial, equipamentos de esqui, malas com roupas extras, rádio ou fonógrafo. Dottie tinha apenas o que a escola fornecia. E livros. Pilhas de livros. Organizados e espalhados por toda parte.

Francis andou até a porta e, como não viu ninguém, seguiu para o corredor, até que...

— Francis Crane!

A luz do teto se acendeu, revelando a srta. Nelson, o rosto vermelho e furioso.

Francis Crane, princesa da farinha da Quinta Avenida e futura fora da lei, foi pega no flagra a apenas alguns passos da porta do próprio quarto. Ela abriu a boca, apesar de não saber muito bem o que falaria. Alguma coisa ia sair. A srta. Nelson, apesar de estar no comando, costumava ser passiva. Francis diria que sentia muito e...

Acontece que a srta. Nelson não estava passiva naquela noite. O rosto redondo parecia mais aguçado, e algo em sua expressão sugeria que ela sabia exatamente onde Francis estivera.

— Entre aqui — ordenou a srta. Nelson, com frieza, apontando para a sala comunal.

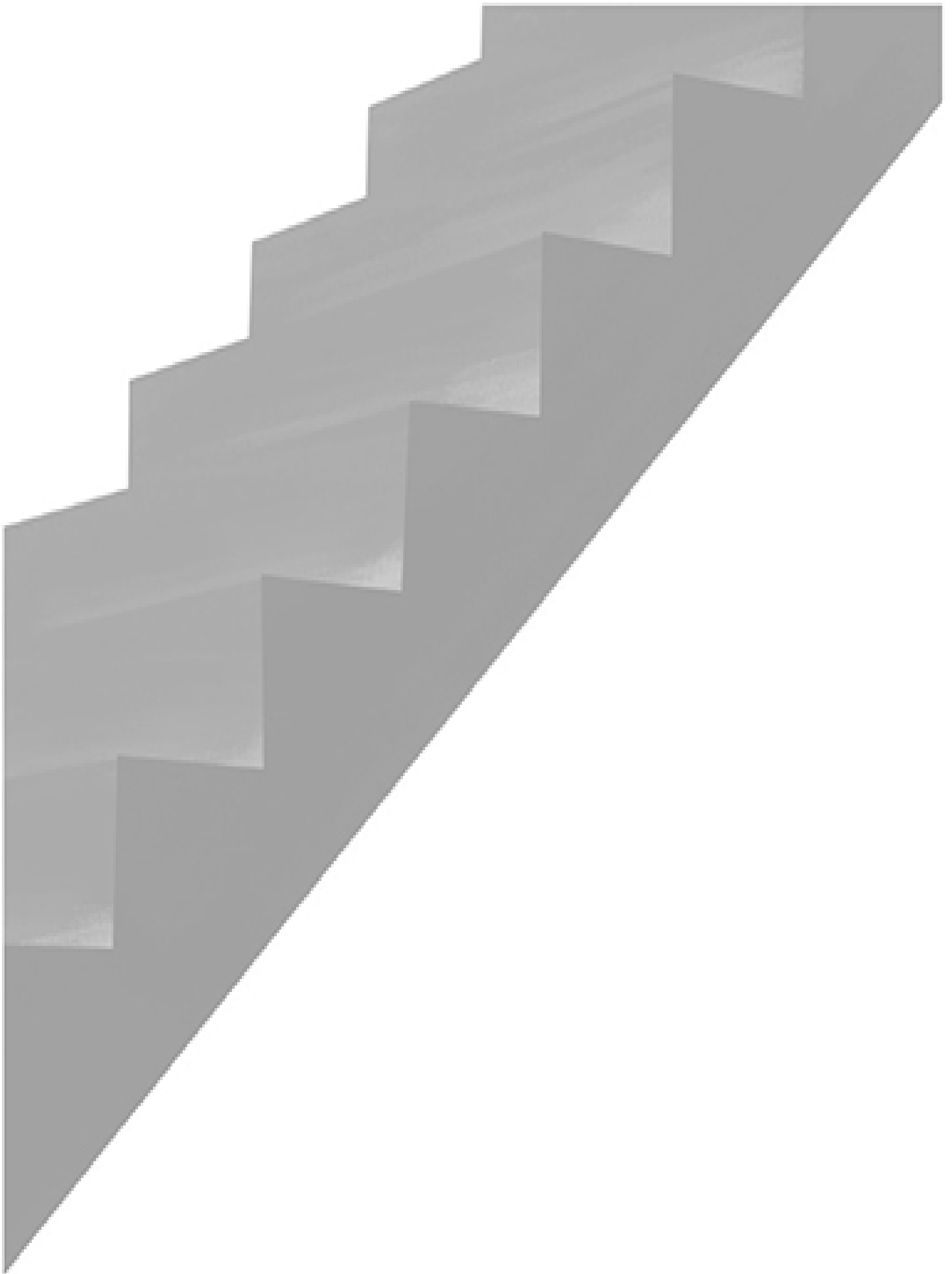
Atrás dela, veio uma silhueta. Um sujeito de macacão e boina segurando uma espingarda.

Francis se esqueceu de parecer surpresa, e a srta. Nelson estreitou os olhos. Tinha entregado tudo de bandeja. Seguindo a ordem, entrou na sala comunal, onde uma lâmpada estava acesa. O homem com a espingarda foi até a janela da frente para olhar.

— Você vai se sentar ali — afirmou a srta. Nelson, apontando para o sofá. — E não vai se mover. Nem uma vez. Você vai dormir ali.

Então se virou para o homem ao lado da porta.

— Ela não pode sair daqui — avisou a srta. Nelson.



O Casarão nunca deixava de impressionar Stevie. E esse era exatamente o efeito pretendido. Tratava-se do palácio de Albert Ellingham, projetado por vários dos mais famosos arquitetos e designers da época, criado para ser uma construção de tirar o fôlego. A madeira era de jacarandá, importada da Índia. O mármore rosa, o cristal austríaco, os vitrais escoceses... Tudo havia sido trazido de algum canto do mundo com o único propósito de fazer parte daquele lugar, apenas para ser exposto, para ser admirado por Albert Ellingham e todos que ele escolhia convidar à sua casa.

Bem ao lado da porta principal, notou a cabeleira cor de aço de Larry, cortada rente à cabeça. Um homem tão confiável e certo quanto um relógio cuco, sentado à grande escrivaninha de madeira. Ele encarava uma caneca de Ellingham com uma expressão sombria.

— Ei, Larry — disse Stevie. — Qual é o problema do seu café?

— Algum imbecil arranjou cápsulas com sabor de abóbora para a máquina. Se eu quisesse arruinar meu dia assim, comeria uma vela.

— Não é fã de Latte de abóbora com especiarias?

— O quê?

A porta que dava para o pequeno escritório de segurança atrás dele estava entreaberta. Originalmente, o cômodo funcionava como uma sala de visitas. Da última vez que Stevie o viu, estava cheio de mesas e monitores. Nesse momento, notou que a mobília fora removida de duas paredes e substituída por estreitas mesas de controle viradas de frente para paredes de grandes telas fixas enfileiradas na vertical, mostrando cada ângulo do Instituto Ellingham, com imagens mudando mais ou menos a cada dez segundos.

— Parece bem... completo — comentou.

— Quer um tour? — retrucou ele, levantando. — Entre.

Stevie seguiu com cuidado. Se Larry estava mostrando o sistema de segurança, havia um motivo. Ele se sentou e digitou alguma coisa no teclado. O nome de Stevie apareceu numa das telas, que começou a passar sua jornada matinal de trás para a frente. Ali estava, na porta do Casarão. Então se aproximando do Casarão. Então seguindo pela trilha sozinha. Stevie parou para encarar uma das câmeras, franziu o rosto. Então estava saindo do café da manhã. Havia uma imagem em close de Nate, Janelle e Stevie indo para o café da manhã...

— Como isso funciona? — perguntou ela. — Reconhecimento facial?

— Às vezes erra, e não é muito útil à noite, mas, de maneira geral, não é nada mal. Também tem sensores em vários pontos. Eles escaneiam seu crachá a uma distância de quase dois metros. São os “postos de escuta”. Tem oitocentos instalados por aí.

Ele pressionou a tecla para retornar, e as imagens sumiram.

— A questão é a seguinte — continuou Larry. — As pessoas não tendem a mudar de comportamento sem motivo. Mas, se as fizer ver por que deveriam mudar...

— Não precisa falar mais nada. Já entendi. Você vê tudo.

Larry fez aquele gesto de apontar com dois dedos para os próprios olhos e depois na direção dela.

— E deixe qualquer interrogatório futuro para as autoridades responsáveis. Não que vá haver qualquer interrogatório futuro.

— Para as autoridades — repetiu Stevie. — Responsáveis. Pode deixar.

— Muito bem. Pode ir lá para o andar de cima. Você sabe qual é a sala.

Stevie voltou para o salão principal, então subiu pela escadaria grandiosa e ampla. No patamar havia uma pintura dos Ellingham feita por um amigo da família, Leonard Holmes Nair. Não havia como passar direto pela pintura, ela exigia ser vista. Não era grande demais, talvez um pouco mais de um metro, o que não era nada em proporção ao espaço. O que prendia a atenção primeiro era a cor — o azul e amarelo que espiralavam pelo céu e se mesclavam às figuras da família. Os corpos quase pareciam ter sido incluídos depois; o foco ficava nos rostos, que se misturavam à lua e às árvores. Era como se a paisagem e o horizonte estivessem absorvendo os dois, puxando-os para longe um do outro e do mundo.

Um quadro assustador.

— Sim — disse uma voz. — Mas nós temos isso. *Não precisamos*. Vamos conseguir em um ou dois anos.

A voz era da dra. Jenny Quinn, diretora assistente, a que parecia beber lágrimas de alunos e devorar acadêmicos menos importantes.

— Ele quer poder opinar, Jenny.

A resposta veio do dr. Charles Scott. Os dois estavam discutindo logo acima dela, no terceiro andar. Não falavam alto, mas a acústica do salão era melhor do que da maioria dos teatros, e Stevie estava bem abaixo.

— Ele *não devia poder* opinar. Você realmente quer fazer parte dessa narrativa? Quer que ele possa dizer que deixou o Instituto Ellingham “seguro”?

Só podia ser uma referência a Edward King. Stevie recuou um pouco para se certificar de que não seria vista. Mas não havia como se esconder de Larry, que logo notou que ela estava enrolando.

— Não — disse o dr. Scott. — Eu gosto tanto dele quanto você. Mas não acha melhor deixar o homem seguir com isso? Pelo menos é útil. Com sorte, ele vai sentir que fez alguma coisa e vai se afastar.

— Ele não vai se afastar. Aquele homem é uma doença, e o filho dele não é muito melhor.

— Acho que você está sendo injusta. Não vale a pena tentar transformar David em alguém que pode fazer o bem, em vez de deixá-lo virar uma cópia do pai em alguma escola particular qualquer?

— Você está se enganando. Quero uma reunião de conselho.

— Por mim, tudo bem.

— *Continue subindo, Stevie* — mandou Larry, a voz ecoando pelos degraus.

A conversa parou de repente. Alguns segundos depois, o dr. Scott apareceu ao seu lado, vindo da escada dos fundos, usada pelos empregados.

Dr. Charles Scott, também conhecido como Me Chame de Charles, era diretor da escola e orientador de Stevie. Dentre todos os docentes de Ellingham, ele tinha a personalidade mais empolgada, do tipo que dizia “Aprender é divertido!” em fonte Comic Sans gigante. Tinha a tendência de se vestir num estilo caro de nerd chique: camiseta de super-herói com calça jeans de marca. O cabelo loiro tinha traços iniciais de grisalho. Naquele dia, usava um suéter de caxemira com gola V e uma calça de lã cinza, numa perfeita representação da versão envelhecida de um mauricinho de escola particular da Nova Inglaterra. O homem saltou na direção dela feito um tigre de desenho animado.

— Oi! — cumprimentou Charles. — Veja só quem voltou! Fico muito feliz por seus pais terem mudado de ideia.

— Eu também.

— Venha. Vamos conversar.

A sala de Charles ficava no corredor da direita. Todos os andares do Casarão eram abertos para o salão principal, menos o sótão. As portas de madeira escura eram todas muito sérias e bonitas, exceto a do dr. Scott, que contava com um painel cheio de adesivos e placas que diziam coisas como ME DESAFIE e CUIDADO, VOU TENTAR FAZER CIÊNCIA. O escritório ficava no antigo quarto de vestir de Iris Ellingham, o famoso cômodo onde Flora Robinson entrara, na noite dos sequestros. Muitos dos atributos originais ainda estavam presentes. O papel de parede prateado brilhava à luz matinal do outono. Era o mesmo daquela época; Stevie o reconhecia das fotos. Algumas das prateleiras e alguns dos adereços de parede também permaneciam ali. Claro que, no momento, o cômodo também estava repleto de estantes de livros, uma escrivaninha, cadeiras, arquivos, uma impressora. E a parede inteira estava ocupada por diplomas e certificados do dr. Scott. Eram muitos.

Ele apontou para uma cadeira, para que Stevie se sentasse, e se acomodou na cadeira principal atrás da mesa, onde juntou as mãos espalmadas.

— *Como* você está, Stevie?

— Bem?

Ele assentiu e a encarou por um momento, observando sua expressão facial e corporal. Stevie endireitou a coluna.

— Você não sabe como fiquei feliz ao saber da sua volta. É muito corajoso da sua parte, depois de tudo o que aconteceu.

— Está tudo bem — respondeu ela.

O diretor soltou um grunhido satisfeito.

— Talvez você tenha notado que instalamos um novo sistema de segurança.

— Eu vi.

— O que poderá lhe fornecer tranquilidade extra. Nada vai acontecer aqui. Passamos por eventos trágicos esse semestre, mas isso tudo ficou para trás.

Já era a segunda menção ao sistema de segurança. Primeiro Larry, depois Me Chame de Charles. Ambos tiveram seus motivos, mas será que também estavam tentando dizer que sabiam que Edward King a trouxera de volta? Se sim, por que simplesmente não *diziam*? Talvez ninguém soubesse. Era possível.

Fosse qual fosse o caso, ela estava ficando paranoica.

— Sente que está pronta para voltar ao trabalho? — perguntou o diretor.

Stevie se sentia bastante pronta para voltar ao trabalho, que era lidar com o fato de que fizera a primeira grande descoberta do caso Ellingham nos últimos oitenta anos. Mas Me Chame de Charles provavelmente se referia ao trabalho escolar, e a resposta para isso era: não, ela não estava nada pronta.

— Com certeza — mentiu Stevie.

— Já mandei mensagem para todos os seus professores, e vamos ajudá-la a retomar o ritmo. Talvez haja alguns obstáculos pelo caminho, mas vamos resolver tudo.

Um relógio tiquetaqueava em algum lugar do cômodo, alto como uma bomba. Stevie olhou em volta, tentando descobrir a origem do barulho, e notou um pesado relógio de mármore verde na cornija, envolto de livros e fotografias emolduradas.

— Aquele relógio já estava ali antes? — perguntou.

— Não — respondeu Charles. — Estávamos reorganizando algumas coisas do escritório de Albert Ellingham, e eu o trouxe para cá. Não é uma lindeza? Reza a lenda que foi de Maria Antonieta. Não sei se é comprovado. Ouvi dizer que já teve uma peça de porcelana dela aqui na casa...

— Uma pastora — afirmou Stevie.

Charles piscou por trás dos óculos Warby Parkers.

— Iris colecionava porcelana francesa antiga — explicou ela.

Meia hora depois, com um novo horário e um conjunto alarmante de “metas pessoais acadêmicas” para cumprir, Stevie foi liberada de volta à selva, imersa em uma mistura confusa de alegria e pavor, o que costumava ser um ingresso para uma volta na montanha-russa da ansiedade. Havia pessoas ao redor, e ela poderia ter conversado com qualquer uma delas. Poderia encontrar Janelle, Nate e Vi, que ficariam mais do que felizes em falar com ela.

Mas Stevie não faria nenhuma dessas coisas. Era comum perceber que não conseguia falar com ninguém quando tudo parecia demais, mesmo que quisesse alguém para conversar. Tinha a tendência de ir a lugares desertos, de se ocultar nas sombras sempre que alguém vinha andando em sua direção. E guardava certa afeição por fones de ouvido, telas e esconderijos, mesmo que parte de si quisesse estar com amigos. O que significava que iria à biblioteca, para um encontro com pessoas provavelmente mortas. Para ser mais específica, encontraria Frankie e Edward — e Frankie e Edward tinham grandes chances de serem achados nos materiais que esperava conseguir com Kyoko Obi, a bibliotecária.

A biblioteca, Astéria, era um dos prédios mais magníficos do campus. Albert Ellingham considerava bibliotecas espaços sagrados de aprendizado, por isso projetara a da escola como uma igreja gótica, com uma pequena torre. O interior tinha um quê de selvagem devido a uma peculiaridade arquitetônica: quando a porta era aberta, uma corrente de ar espiralava pelo espaço aberto, subindo mais e mais pelas sacadas de metal com desenhos intrincados que pareciam renda petrificada. Luz colorida se derramava para dentro através dos vitrais que retratavam os titãs gregos: Hélio, Selene, Métis, Eos, Leto, Palas e Perseu.

Kyoko estava sentada num banco diante de uma mesa enorme, parecendo uma juíza divina. Exceto pelo fato de que a juíza usava roupa de ginástica e estava com o cabelo marcados pelo capacete de bicicleta. Ela também coordenava o clube de ciclismo da escola, e todo dia pegava a bicicleta e subia o caminho da entrada, um feito que facilmente poderia qualificá-la para as Olimpíadas. A biblioteca não estava cheia; havia pessoas esparsas nas enormes mesas de trabalho, e todas usavam fones de ouvido, então Stevie achou que não haveria problema em falar.

— Você não perde tempo — disse Kyoko, depois de cumprimentá-la. — Acabei de receber uma mensagem avisando do seu retorno.

Stevie queria sorrir e assentir, mas acabou imitando o emoji da menina dando de ombros.

— Preciso de alguns materiais de pesquisa — pediu Stevie. — Sobre o campus, a escola. Preciso ver qualquer coisa sobre a primeira turma. Listas de alunos, com certeza. Você tem?

Kyoko fez que sim e tomou um gole na garrafa d’água estampada com o emblema de Ellingham. Então, deixou um pequeno aviso na mesa, dizendo A

BIBLIOTECÁRIA JÁ VOLTA e gesticulou para que Stevie a seguisse na direção da porta de madeira escura com as palavras *Escritório da Biblioteca* em letras douradas.

A parte frontal da biblioteca de Ellingham era grandiosa, feita de ferro, vidro e madeira escura entalhada, sem falar na gloriosa seleção de livros. Muitos estavam ali desde a abertura da escola, em 1935; volumes de qualidade, escolhidos a dedo, a maioria com capa de couro. Todos testemunhas silenciosas dos eventos que ali ocorreram. Mas era o escritório dos fundos que empolgava Stevie, com as grandes estantes de metal repletas de caixas de documentos.

Para quem amava crimes, uma caixa de documentos era algo lindo. Poderia haver qualquer coisa ali dentro. Arquivos. Pistas. Evidências. A caixa de documentos era algo a ser investigado, o lugar onde encontrar uma prova, onde encontrar a frase específica no papel específico que o faz levantar tão depressa que a cabeça gira, e você se dá conta de que resolveu o caso.

Ou, pelo menos, era assim que acontecia na cabeça de Stevie.

— O arquivo mais antigo está aqui atrás — disse Kyoko, indicando uma das estantes. — Você quer...

— O primeiro ano. De 1935 a 1936.

— Certo — confirmou a bibliotecária, seguindo para o fim da primeira fileira de prateleiras. — O ano escolar de 1935 do Instituto Ellingham não foi concluído por causa dos sequestros. O primeiro ano completo da escola começou no outono de 1938. Você sabe disso tudo.

Stevie assentiu.

— Também tratava-se de uma turma muito pequena. Foi o ano experimental. Então os registros não são muito extensos. Não existe anuário completo. No entanto, houve um guia para os primeiros alunos.

Ela abriu uma caixa, de onde tirou um pequeno livro com capa de pano. Nela se lia: INSTITUTO ELLINGHAM. O papel era grosso e amarronzado, e a tinta era de um tom terracota. A fonte parecia manuscrita.

— Tem também uma caixa de fotografias — continuou Kyoko.

Ela entregou uma caixa fina para Stevie. Pelo barulho e peso, não parecia muito cheia.

— Você pode levar tudo isso para a sala de estudos principal.

Stevie pegou a caixa e seguiu Kyoko para fora, então se instalou numa das grandes mesas de madeira e acendeu uma luminária. Tentou se conter ao abrir o livro. A primeira página trazia um elaborado mapa do campus, indicando prédios prontos e outros ainda a serem construídos. Havia uma carta de Albert Ellingham dando boas-vindas a todos, uma lista de professores e docentes... Stevie continuou folheando até chegar aos alunos. Cada um ocupava um terço de página. Frankie a

encarava no final da primeira. Ali estava a garota que se vestia como Bonnie Parker. Stevie leu a legenda abaixo.

*Francis Josephine Crane,
Cidade de Nova York
Nascimento: 15 de fevereiro,
1919
Interesses: química, filmes,
balé*

— Achei você — sussurrou Stevie.

Algumas páginas depois, encontrou a segunda pessoa que procurava.

*Edward Pierce Davenport,
Boston
Nascimento: 12 de
novembro, 1918
Interesses: literatura, ópera,
arte*

Edward exibia um sorriso travesso na foto, como se soubesse de algo que os outros não sabiam.

Um pouco como David.

Stevie vasculhou a caixa de fotos. Muitas eram dos prédios e dos terrenos em construção. Algumas eram vistas da montanha. Havia fotos dos alunos sentados a escrivaninhas e mesas de trabalho em poses forçadas. Uma das imagens era uma réplica perfeita de um comercial de uma firma de advocacia oportunista, com mais ou menos dez pessoas reunidas em círculo, sorrindo para um livro aberto. Muito do mobiliário era exatamente o mesmo que usavam nos tempos de Stevie, inclusive em fotos da biblioteca. Foi fácil encontrar Francis e Edward em algumas das imagens. Mas uma coisa chamou sua atenção: os dois pareciam ricos. Francis foi fotografada com dois casacos de pele diferentes: uma jaqueta branca mais curta e um casaco escuro e mais comprido. Edward também tinha um longo casaco de pele, e sua postura transparecia a tranquilidade descontraída de um cara com grana; o corpo esguio, o meio-sorriso.

Será que os dois poderiam ter sequestrado Iris e Alice Ellingham e Dottie Epstein? Com certeza parecia impossível. Alguém teria notado que dois alunos estavam desaparecidos no dia do sequestro, certo? Como teriam saído do campus? Provavelmente não tinham carros. *Por que* dois alunos sequestrariam Iris e Alice Ellingham? E não teriam como, além de tudo, espancar George Marsh, o agente do

FBI amigo de Albert Ellingham, no meio da noite, ou fazer ligações de resgate, ou ter um barco no lago Champlain dois dias depois, para coletar o dinheiro adicional do resgate. Não sozinhos. Será que poderiam estar trabalhando com outras pessoas?

Qualquer uma dessas coisas fazia sentido?

Dottie Epstein também estava nas fotos, mas não parecia rica. Suas roupas eram básicas, e ela usava as mesmas em quase todos os registros. Mas parecia muito mais feliz que Edward e Francis. Exibia um sorriso largo, e em geral trazia um livro nas mãos ou embaixo do braço.

— Posso escanear essas fotos? — perguntou para Kyoko.

— Claro.

A bibliotecária guiou Stevie até os fundos e apontou para o escâner.

— No começo do ano escolar, você me mostrou alguns registros antigos da biblioteca, materiais requisitados pelos alunos — lembrou Stevie.

— Sim?

— Posso ver de novo?

— Você voltou com a corda toda — comentou Kyoko, abrindo um sorriso. — Vou buscar.

Da primeira vez que Stevie olhou para aquela lista, foi para ver os muitos materiais que Dottie Epstein pedira. Suas iniciais, *DE*, estavam ao lado da listagem de cada item. Mas outra pessoa pedira revistas *pulp*: *Gun Molls Magazine*, *Vice Squad Detective*, *Dime Detective*, *Histórias Reais de Detetives*. As iniciais ao lado desses títulos eram *FC*. Francis Crane.

— Você tem alguma dessas revistas? — perguntou Stevie.

— Já procurei por elas — disse Kyoko. — Adoraria encontrá-las. Mas desapareceram há muito tempo. Os alunos provavelmente as pegaram e nunca devolveram.

Os alunos que as pegaram, provavelmente as cortaram. Se encontrasse essas revistas na internet, poderia olhar as letras e comparar a fonte das revistas com as fotos da carta do Cordialmente Cruel. Ou alguém poderia fazer isso. O FBI. Alguém.

Não tinha todas as respostas, mas tinha *alguma coisa*. Restava fazer o trabalho braçal: escanear tudo aquilo e adicionar aos arquivos. Colocou os fones de ouvido, deu play no podcast *My Favorite Murder* e começou pelo guia estudantil. Página por página, foto por foto, copiando cada imagem.

Depois de mais ou menos uma hora, ela voltou à sala de estudos principal e abriu seu computador. Hora de fazer uma pesquisa básica. Encontrou muito pouco sobre Francis Josephine Crane. Parecia haver algumas referências em registros sociais, algumas linhas sobre seu baile de debutante, mas nada muito depois de 1940, e sem muitos detalhes.

Edward Pierce Davenport, por sua vez, apareceu em diversas ocorrências. A Wikipédia tinha uma pequena entrada:

Edward Pierce Davenport (1918-1940) foi um poeta americano. Seu único trabalho publicado foi a coleção *Leite de Lua*. Davenport ficou mais conhecido pelas relações com outros escritores e poetas americanos expatriados na França no final dos anos 1930 e pelo estilo de vida inconsequente. Ele cometeu suicídio em Paris no dia 15 de junho de 1940, o dia em que os nazistas entraram na cidade.

Havia uma pequena nota de rodapé, na qual Stevie clicou. A nota a levou a um pequeno trecho de um livro maior.

Em 15 de junho de 1940, o dia seguinte à entrada dos nazistas em Paris, Edward Pierce Davenport não fez nada além de consumir ópio e Violet Champagne, um drink de champanhe com licor de violeta. Ao pôr do sol, enquanto os alto-falantes na rua anunciavam o toque de recolher, vestiu um roupão dourado e subiu até o terraço de seu apartamento parisiense, na Rue de Rennes, em Saint Germain. Depois de brindar à cidade e ao pôr do sol, virou uma

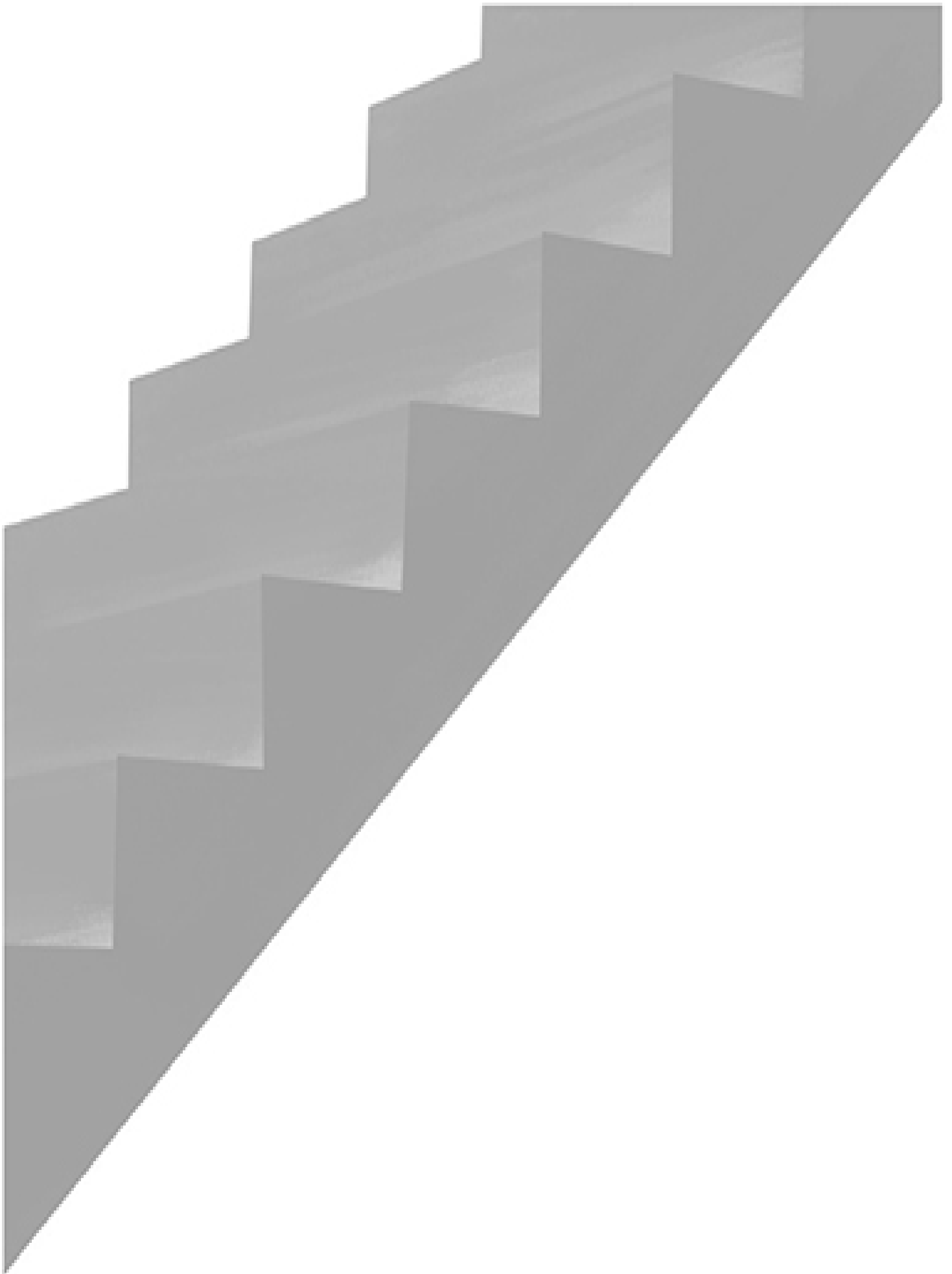
última taça de champanhe e saltou do prédio. O corpo caiu num veículo nazista, amassando o teto.

“Um poeta de quarta categoria”, disse um amigo. “Mas uma morte de primeira.”

— Seus amigos são uns babacas — comentou Stevie.

— Eu sei — respondeu uma voz —, mas são os únicos que tenho.

E começou a gritaria.



Os esquilos, na experiência de Stevie, não são criaturas obedientes, predispostas a se formar em grupos organizados e se mover como unidade. Aqueles esquilos estavam coordenados demais para o seu gosto. Eles se alastravam pela biblioteca, talvez uma centena deles. Desciam pelos degraus de ferro forjado, avançando com agilidade pelos corrimões, numa corrente contínua.

A cena a distraiu apenas um pouco mais do que a visão à sua frente. Um par de mãos familiares estavam espalmadas sobre o tampo da mesa; mãos longas e elegantes. Ali estava a camiseta surrada, os braços fortes e magros. Ela os seguiu com o olhar até encontrar íris marrons salpicadas de dourado a encarando.

Stevie ergueu as pernas para cima quando os esquilos começaram a passar correndo por baixo das mesas.

— Que estranho — disse David, observando o caos. — Então, quando foi que você voltou?

Stevie resistiu ao impulso de bater com o laptop nele, em grande parte porque não queria danificar o objeto.

— O que você fez? — sibilou.

— *Eu?*

— Não seja babaca.

— Tarde demais. Calma aí. Não podemos brigar ainda. Cadê meu abraço?

— Para fora! — disse Kyoko, apontando para David. — Todo mundo *para fora*.

— Ora, esse tipo de atitude não incentiva o aprendizado — sussurrou David.

Stevie pegou suas coisas, jogando uma ou duas fotos da coleção na mochila, e se apressou para fora enquanto Kyoko corria pela biblioteca verificando janelas e fechando portas.

A luz lá fora pareceu clara demais, em contraste com a sombra zelosa da biblioteca. David colocou a mão no pescoço e esfregou a barba crescida.

David Eastman, ou David Eastman King, tinha mais ou menos 1,80 metro de altura e um corpo magro e forte. Os músculos ressaltados faziam com que ele parecesse ser feito de montes de cabos elétricos arrebatados embolados no formato de uma pessoa, ainda soltando faíscas pelas extremidades. As roupas estavam sempre esfarrapadas, e não de uma maneira estilosa. As calças jeans não tinham sido rasgadas por profissionais. Os buracos e marcas na camiseta de surfe tinham sido feitos por ele mesmo, pelo uso e falta de cuidado. Um Rolex com a tela quebrada estava no braço sardento, assim como várias pulseiras de corda. Tudo no

rosto dele era muito pontudo e fino, com ângulos pronunciados. Os olhos sempre pareciam meio fechados, mas tinham mais vida por trás do que os da maioria. É com a criatura que finge dormir que você precisa tomar cuidado.

Mesmo em seu estado mais bruto, ele era lindo. Na verdade, para ser honesta, Stevie o achava ainda mais bonito naquele estado. Exceto pelo fato de que via traços de Edward King em sua mandíbula. E no sorriso. E em tudo que o constituía e sustentava. Era um gosto que nunca conseguiria tirar da boca.

— Que droga você fez? — perguntou.

— Fico feliz por você me considerar tão poderoso, mas não controlo a vida selvagem local. Meu Deus, hein? Que desconfiada...

Sou sua amiga por obrigação, pensou ela.

Por um segundo, quis desistir bem ali, naquele momento. Só que nem pensar. Nem pensar que conseguiria continuar com qualquer desculpa fingida e estranha que fosse.

O caso. A lata. A evidência. Aquela era sua única chance.

Pix avançava às pressas pelo gramado, carregando algum tipo de caixa ou jaula. Ela olhou feio para David, mas não se aproximou nem parou.

— Você sabia — disse ele, quando Pix passou correndo — que a dra. Nell Pixwell é uma protetora da vida selvagem treinada? Uma de suas muitas habilidades.

— O que você está fazendo? — perguntou Stevie. — Por que fez a Pix ir catar esquilos na biblioteca?

— Preciso de ajuda. Agora. Temos mais ou menos uma hora.

— Para o quê?

— O quarto de Ellie — explicou ele. — Preciso fazer o negócio que você faz. Bisbilhotar.

Stevie esfregou o rosto, incrédula.

— É o que você faz — repetiu ele.

Estava prestes a retrucar que *não era* o que ela fazia, mas, na verdade, era. E bisbilhotara o quarto de David uma vez, quando ficou sozinha lá dentro, só porque queria descobrir o que ele estava escondendo. No fim das contas, ele estava escondendo muita coisa, então foi justo. E tinha bisbilhotado o quarto de Hayes, depois da morte dele, porque cismou que algo não estava certo, e acabou que algo *não estava* certo. E Hayes já estava morto, então ninguém se ofendeu.

— Não — continuou ele. — É uma coisa boa. — Ele estava falando sério, e toda sua expressão e postura mudaram. — Me responde uma coisa. Você acha que Ellie era o tipo de gente que sabia se virar na selva?

— Na selva?

— Ela é a única fumante que conheço que não sabe acender um fósforo, Stevie. Já a vi tentar. Foi incrível. Ela usa isqueiros porque fósforos *são muito complicados*. No inverno passado, achei de verdade que ela se mataria tentando lidar com a neve. Ellie nem tem botas. E tem zero senso de autopreservação. Não sabe dirigir. Foi feita para viver em cidades e fazer essas coisas de arte. Agora, pensa no que seria necessário para descer essa montanha sozinha. A resposta é: muita coisa. Eu já tentei.

— Achei que ela sempre fosse escondida para Burlington — comentou Stevie.

— Comigo. Ellie tinha amigos com carros lá embaixo. Eu os ajudava a entrar no campus mexendo nas câmeras do portão principal. Ellie tem muitos talentos, mas não é habilidosa. Então você quer me dizer que ela fugiu daqui sem aviso, sem levar nada, sem celular, sem ninguém esperando na rua de trás... Que ela conseguiu *atravessar o rio*. Porque ela não usou a ponte, Stevie. Assim que ela sumiu, Larry mandou uma pessoa para a estrada. O rio tem mais ou menos três metros de profundidade, é frio, e a correnteza é forte. Então Ellie correu quilômetros sozinha, atravessou a floresta no escuro, montanha abaixo, cruzou um rio até a estrada, que já estava sendo vigiada...

— Tá bom — concordou Stevie. — Tá bom. E o que você está querendo dizer?

— Estou querendo dizer que alguma coisa não bate, e quero que você faça aquilo que faz de melhor e vasculhe as coisas dela antes que sejam levadas, porque você é muito boa nisso e não consigo pensar em outra solução. Ela é minha amiga. E não sei onde está. Se tem alguém que pode descobrir aonde ela foi ou se está bem, é você.

Será que era uma pegadinha? Porque parecia.

No entanto, ele falou de uma forma tão simples que Stevie sentiu que devia ser verdade. David e Ellie sempre foram muito amigos. Quando Stevie chegou a Ellingham, ficou observando a maneira como os dois viviam colados. Achou que estivessem namorando. Mas não. Eram só amigos.

Além disso, David não era burro. Sabia que, depois que fosse apresentada ao cérebro de Stevie, essa ideia só ia crescer e se enraizar. As vinhas se enroscariam ao redor de cada pensamento até que todas as outras atividades cerebrais fossem espremidas para fora e só sobrasse uma floresta folhosa de *desejo de pesquisar*.

E a lata *tinha* vindo do quarto de Ellie.

— Você sabe que quer dar uma olhadinha... — insistiu ele. — Janelle está na cabana de manutenção trabalhando em seu projeto, e Nate não vai notar.

Tinham se reencontrado não fazia nem dez minutos, e a biblioteca já estava infestada de esquilos e David a convidara para invadir o quarto de outra pessoa.

Aquele era mesmo seu lar. Tudo estava certo.

A Minerva estava mais silenciosa do que o normal quando David e Stevie entraram na sala comunal. O alce na parede era a única testemunha e, por um momento, Stevie se perguntou se estava repleto de câmeras. Câmeras de olhos de alce. Será que Edward King queria espionar para saber quando o filho voltava ao dormitório?

Um pensamento estúpido. Um pensamento nervoso. As mãos suavam. David estava bem atrás dela, que sentia a sombra dele às costas, como se fosse feita de dedos.

— Janelle — chamou Stevie.

Nada.

— Nate. Está por aqui?

O alce continuava encarando à frente.

— Eu avisei — disse David. — Toda nossa. Tranquila e confortável.

Só ela e David sozinhos na casa; na casa toda. Sozinhos.

— A porta está trancada...?

David tirou uma chave do bolso.

— Onde você arrumou isso?

— Não se preocupe.

Mesmo em plena luz do dia, o corredor da Minerva estava muito escuro, iluminado apenas por um minúsculo vitral na escada aos fundos. Havia uma arandela na parede, mas ninguém nunca a acendia durante o dia. Stevie passou com cuidado pelo quarto de Janelle e pelo próprio até o final do corredor, onde o quarto três os aguardava.

O cômodo de Ellie era apenas ligeiramente diferente dos quartos de Janelle e Stevie. Era um pouco maior, com uma pequena reentrância num canto, que estava ocupada por três caixas pequenas empilhadas, então algumas de suas coisas ainda estavam ali, mas com certeza não todas. Da última vez em que Stevie entrara naquele quarto, a cama estava amontoada com cobertores e mantas coloridas. Havia tralhas por toda parte: materiais de arte, tintas, giz pastel, lápis, boás, pilhas de roupas coloridas sujas, livros, impressões, desenhos, velas derretidas e garrafas de vinho com penas de pavão despontando para fora. Tudo isso tinha sido levado embora. A cama parecia o que era: uma pequena e institucional estrutura de madeira com um colchão protegido com plástico. Os poemas e desenhos que Ellie colocara na parede continuavam ali, como escrituras antigas. Citações, letras de música, trechos de poesia em francês e inglês, golpes de tinta, desenhos crus e vívidos, respingos... A mente de Ellie era um lugar ativo e colorido, e ela decorava seu mundo com o que havia lá dentro.

A maneira de lidar com uma cena é começar de fora para dentro, e foi o que Stevie fez. Primeiro, caminhou pela circunferência do quarto, olhando os textos e desenhos, verificando gavetas e armários para ver se algo ficara para trás. O tempo

da cômoda continuava coberto por uma grossa camada de pó de maquiagem e cera derretida, assim como a mesa de cabeceira.

Stevie abriu a porta do armário. Não havia nada ali, exceto uma sacola plástica amassada. Quando se convenceu de que o quarto em si não tinha nada a revelar, passou para as caixas, dando uma boa olhada. A de cima estava cheia de roupas, como David dissera; os achados de brechó e punk parisiense de Ellie. Camisetas vintage emboladas, calças hippie esvoaçantes cobertas de tinta, objetos que desafiavam a definição. A caixa seguinte continha o que parecia ser a roupa de cama usada pela última vez, e, a terceira, suprimentos de banho e toalhas. Stevie examinou a coleção de sabonetes líquidos, shampoos de marca e óleos corporais franceses antes de devolver tudo ao lugar.

— Achou alguma coisa? — perguntou David, da janela. — Como estão as pequenas células cinzentas?

Stevie sacudiu o braço, gesticulando para que ele ficasse quieto.

Aquele quarto já guardara tudo o que Ellie tinha em Ellingham. A lata mágica estava lá. Stevie precisava se esforçar mais. O que esse lugar lhe contava sobre Element Walker?

Stevie deitou de barriga no chão e apoiou o queixo nas mãos. Purpurina antiga ainda brilhava sobre as tábuas, com fragmentos de penas enganchados em farpas da madeira. Dali de baixo, sentia o cheiro do incenso de Ellie, o incenso interminável que ela acendia apesar das regras da escola.

— Nada de fogo, Ellie — disse Stevie em voz alta.

— O quê? — perguntou David da janela.

— Foi a primeira coisa que eu ouvi sobre ela, no primeiro dia, antes de você chegar. Você estava atrasado, e tivemos aquela conversa de orientações...

Stevie observou o quarto do novo ponto de vista; o mesmo das bolas de poeira.

— Pix disse: “Nada de fogo, Ellie.” Ela já provocou um incêndio?

— Ah, é. Ano passado. Ela derrubou uma vela.

— Aqui dentro?

— É. Aqui dentro.

— E, mesmo assim, não sabe acender um fósforo... — comentou Stevie, mais para si.

Ela se ajoelhou. Onde procurar por Ellie, uma fumante que não sabe acender um fósforo? Albert Ellingham também tentava encontrar pessoas; estava sempre procurando a filha perdida. Tudo isso era sobre a filha perdida. E agora havia outra filha perdida na montanha.

Apoiada numa caixa perto da porta, Stevie viu Roota, o amado saxofone de Ellie. Ela não sabia tocar, mas isso nunca fora um problema. Ellie comprara Roota com o dinheiro que ganhara de Hayes para escrever *O fim de tudo*, que por sua vez

viera da ex-namorada de Hayes, Gretchen. No dia em que Stevie a conheceu, Ellie estava tocando Roota dentro da banheira no final do corredor enquanto tingia o vestido e a si mesma de rosa. Foi ali que Stevie descobriu as peças de metal embaixo da banheira, as mesmas que arranharam o computador de Hayes quando Ellie o enfiou lá embaixo.

Muito dessa história voltava para Roota.

Stevie se aproximou e pegou o saxofone. Foi quando viu uma mancha escura de queimado subindo pela parede. A mancha tinha sido esfregada e pintada. E mais alguma coisa. Havia algo de errado naquele pedacinho do quarto.

— Você não acha essa história dos fósforos estranha? — perguntou Stevie, abaixando-se para olhar a parede.

— Foi por isso que quis contar.

— Não. Você me contou para explicar por que não acha que ela teria se virado bem sozinha na floresta. Mas não acha *estranho*? Ellie é uma artista. Ela é boa com as mãos.

Parecia que algo havia caído ali. Uma marca escura se alongava pela parede. Mas o estranho é que algo na parede parecia... desigual? Stevie se aproximou e passou a mão ao longo da marca até chegar ao rodapé. Havia um espaço. Um minúsculo espacinho de poucos milímetros.

— Me passa minha mochila — pediu a David.

Ele empurrou a mochila na direção de Stevie, que a puxou para si e revirou o conteúdo até encontrar uma caneta. Tirou a tampa e a usou para espiar dentro do espaço. David se aproximou e se agachou ao lado dela.

— Ligue a lanterna do celular — mandou Stevie.

— O que é isso?

— Não sei ainda — respondeu ela, impaciente. — Lanterna.

Ele ligou a função lanterna do telefone. Àquela altura, Stevie já soltara a tábua, que saiu com facilidade. Era óbvio que tinha sido afrouxada. Atrás dela, na base da parede, havia um buraco do tamanho de um punho.

A arrogância de David evaporara. Ele lhe entregou o celular em silêncio. Antes de pegá-lo, Stevie abriu o bolso frontal da mochila, tirou um par de luvas nitrílicas azuis e as vestiu com um estalo.

— É sério isso? — indagou o rapaz. — Você carrega luvas de investigação criminal por aí?

— Dá para comprar em qualquer farmácia — respondeu ela, pegando o celular. — Fique à vontade.

Ela se esticou no chão o máximo que pôde e virou a cabeça de lado para enxergar dentro do buraco. Parecia um espaço raso, escuro e com teias. Posicionou a lanterna de modo a projetar a melhor iluminação possível lá dentro e enfiou a mão

devagar, para o caso de haver fios ou pontas afiadas. Avançou um dedo por vez até alcançar o fundo do buraco. Era mais ou menos do tamanho de sua mão. Quase grande o suficiente para a lata, mas não totalmente.

Ergueu o pescoço e o alongou, então esticou os dedos para cima.

Havia mais espaço ali. O vazio continuava para cima. Espaço de sobra para a lata.

— Então tem um buraco? — constatou David. — Muito bom. Quer dizer, você nunca decepçiona com a sua...

— Cala a boca um segundo.

Stevie virou a mão para ter uma noção melhor do que poderia haver ali.

— Talvez Janelle tenha uma daquelas pequenas câmeras laparoscópicas — sugeriu. — Ou...

Um de seus dedos atingiu algo. Algo com textura de tecido.

— Encontrei alguma coisa — declarou.

Deslizou os dedos para dentro do espaço, procurando algo em que enganchá-los. Será que era mais daquele tecido com pedras bordadas, ou a peça onde a pena ficava costurada? Será que eram mais fotos, uma bolsa...

A coisa se soltou e caiu no chão do buraco. Stevie a agarrou e começou a puxá-la para fora. O cérebro mandou o alerta de que havia algo de errado com o objeto, mas, às vezes, quando seu corpo começa um movimento, não consegue parar. Ela puxou a coisa para fora do buraco.

Stevie não sabia se era um camundongo grande ou uma ratazana pequena, mas estava morto havia algum tempo. Ainda tinha pelos em alguns lugares, mas outros estavam expostos até o osso. De maneira geral, estava rígido, possivelmente mumificado pelo tempo passado dentro da parede.

— Ah — disse, retraindo a mão com pressa.

Não era uma expressão adequada de horror, mas foi tudo o que lhe veio na hora. É comum ficar sem palavras, quando você se flagra segurando um camundongo-ratazana mumificado.

— Isso não é Ellie — afirmou David, olhando e sorrindo.

Stevie se levantou e se afastou depressa do cadáver, arrancando as luvas e enfiando-as no bolso do casaco.

— Você vai *guardar* isso?

— Não posso jogar fora nessa lixeira.

— Acha que estão olhando as lixeiras?

— Não sei. *Você* que me pediu para vir aqui.

— Tudo bem — disse ele, erguendo as mãos. — O que você acha?

Stevie deu mais uma olhada no quarto e perguntou:

— O que ela estava vestindo naquela noite?

— Estava de sapatos de balé. Eu me lembro de ter notado isso.

— E um vestidinho. Sapatos de balé e um vestidinho.

David tinha razão. Seria difícil descer as montanhas desse jeito.

O quarto falava sobre Ellie... dizia que era uma artista de espírito livre, que usava roupas pouco práticas, que falava francês, que era bagunceira. Que gostava de vinho e cabaré. Que tinha muitas canetas coloridas e livros de colorir. Seu meio era tudo. Ela era cor, purpurina e caos.

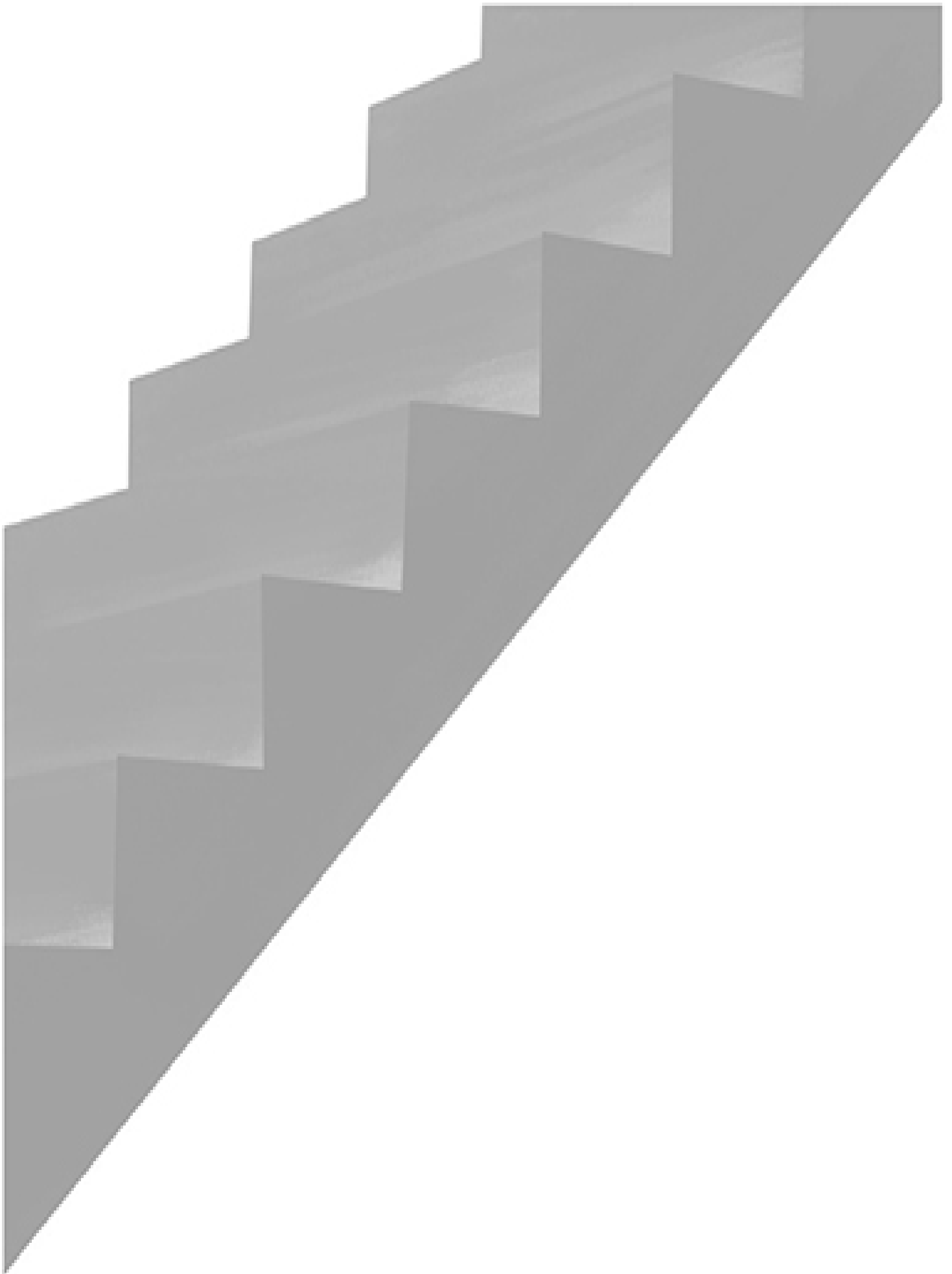
David a olhava com expectativa, esperando que fizesse algum tipo de declaração, mas Stevie não tinha nada a oferecer. O quarto não tinha segredos a compartilhar. A única coisa que lhe oferecera fora um roedor morto, do qual ainda precisaria se livrar.

— Deixe eu pensar — disse Stevie. — Eu...

O celular de David vibrou. Ele olhou para a tela.

— Pelo visto, eu tenho um encontro. Preciso ir ao Casarão. Alguém acha que botei um monte de esquilos na biblioteca. — Ele guardou o aparelho no bolso. — Obrigado por olhar. Talvez tenha sido idiota. Eu... — Ele deu de ombros, antes de concluir: — É melhor eu ir.

Quando ele saiu, Stevie sentiu que estremecia por dentro, e não era só porque precisava pegar o rato com algum pedaço de papelão e levá-lo para o mato.



Uma investigação pode incluir vários métodos, vários caminhos, estreitos e sutis. Impressões digitais. Um fiapo de roupa perdido. O cachorro latindo à noite.

Mas também tem o Google.

Depois de se livrar do rato, Stevie se sentou e pesquisou os nomes que havia descoberto.

Francis Josephine Crane viveu numa época muito anterior à existência das mídias sociais, muito antes de qualquer momento e movimento poder ser rastreado, mas ainda assim numa época em que os eventos na vida de uma jovem renomada podiam ser acompanhados. A primeira coisa que Stevie descobriu sobre ela, quando se acomodou no próprio quarto, foi que era uma jovem de renome.

Francis Crane era filha de Louis Crane, fundador e dono de uma empresa chamada Farinha Crane. A internet tinha muito a dizer sobre Farinha Crane, uma das marcas mais populares dos Estados Unidos entre 1910 e 1945. Muitas pessoas colecionavam latas da Farinha Crane. O fato mais importante sobre a empresa parecia ser que uma de suas fábricas explodira em 1927, matando oito pessoas e ferindo trinta. Os donos foram denunciados por insuficiência nas medidas de precaução, e a marca sumiu do mapa cerca de vinte anos depois, comprada por alguma outra empresa maior, que a fundiu com outro nome, então outro.

Francis estava escondida entre essas histórias, camuflando-se nas profundezas de informações disponíveis. Stevie vislumbrou seu nome numa lista de convidados de um baile que acontecera em Nova York, no dia 19 de setembro de 1936. E depois numa lista de inscritos na Vassar College, em 1937. Mas não constava na lista de formandos.

Stevie enfim encontrou materiais de leitura tirados de um livro intitulado *Melhor do que feito em casa! A história da confeitaria nos Estados Unidos*, publicado em 1992 e posto na internet em pedaços mal escaneados. A maior informação que encontrou sobre Francis foi:

A filha de Louis, Francis, ficou muito conhecida por literalmente criar um inferno. Em desespero, os pais a mandaram para compor a primeira turma do instituto de seu amigo Albert

Ellingham, nas colinas de Vermont. Infelizmente, sua estadia foi concomitante com o infame sequestro de Ellingham, o que a fez retornar para casa. Ao que parecia, a família Crane atraía desastre.

— Como assim, “literalmente criar um inferno”? — perguntou Stevie em voz alta. — Ela literalmente criava um inferno? Tipo, convocava demônios?

Havia outros detalhes irritantes, como o fato de a autora ter escrito “colinas de Vermont” em vez de “montanhas”. Isso tornava a declaração de que Francis e sua família atraíam desastre um pouco questionável. Mesmo assim, era um parágrafo intrigante. Também tratava-se do único que citava Francis.

Stevie encontrou o nome da autora, Ann Abbott, e leu sua lista de obras (*Jell-O! A gelatina mais amada da América; Época da salada: como o prato se tornou popular*). Depois de mais alguns minutos de pesquisa, achou um e-mail. Stevie escreveu perguntando se a mulher tinha alguma informação sobre o paradeiro de Francis. Acabara de enviar quando uma batida soou na porta e Janelle enfiou a cabeça para dentro, perguntando:

— O que você está aprontando?

Stevie ergueu os olhos da tela e se deu conta de que já fazia três horas que estava revirando a internet atrás de Francis Crane. Eram quase seis e meia da tarde.

— Trabalho — respondeu Stevie, fechando o computador. — Tenho muito para recuperar.

Janelle entrou no quarto, acompanhada por um leve cheiro de limões.

— Você está usando seus limões — comentou Stevie. — É para dar sorte?

— Só estou feliz por você estar de volta — explicou a amiga, sentando-se na beira da cama de Stevie. — Quando estou feliz, por sorte... Eu amo limões, só isso. Aqui. Fiz uma coisa para você.

Ela lhe entregou um pequeno objeto de plástico, mais ou menos do tamanho de um maço de cartas, com duas rodinhas.

— É um robô que se equilibra sozinho — explicou. — Você pode prender seu celular nele. Eu estava brincando com algumas peças avulsas e trabalhando em unidades de medida inercial... e queria fazer alguma coisa para você, então...

Ela deu de ombros, animada, enquanto Stevie aceitava o robô da amizade.

— Como vai seu projeto? — quis saber Stevie.

— Que bom que perguntou. Quer ver os protótipos?

Janelle saltou para fora da cama e voltou um minuto depois com o laptop aberto. Mostrou diversos vídeos de máquinas rolando de um lado para o outro e balançando objetos. Ela demonstrava a mesma empolgação e intensidade de Stevie quando falava sobre assassinatos, só que seu assunto favorito eram canos, motores e coisas que giravam e se mexiam. Tudo isso intercalado com análises detalhadas de seu drama coreano favorito, *Lições de amor com tofu*. A mente de Janelle era um lugar ocupado, porém perfeitamente organizado, que funcionava como uma de suas máquinas impossíveis. Histórias de programas de TV viviam lado a lado de fórmulas matemáticas, que se misturavam sem problemas a tutoriais sobre olho esfumado, que a catapultavam para romances, antes de devolvê-la com delicadeza a um leito de física. Além disso, ela respondia a todas as mensagens de texto em minutos.

No entanto, Janelle não sabia nada sobre crimes, e provavelmente não ficaria interessada no que Stevie acabara de descobrir (ou não descobrir, na verdade) sobre um parente de uma pessoa que fazia farinha.

O celular de Janelle vibrou, e ela baixou o olhar para a tela.

— Todo mundo está indo para o *yurt* — anunciou. — Vi vai passar aqui.

— Você e Vi parecem tão felizes juntas.

Janelle soltou um gritinho. Um gritinho de verdade, bem agudo. Um pio de alegria.

— Estou tentando aprender um pouco de coreano — comentou ela —, mas não sou muito boa com línguas. Vi é fluente em coreano e japonês, e acha que eu gostaria mais de coreano. Quer vir com a gente? Vamos buscar o Nate.

Antes de Ellingham, *yurts* não faziam parte da vida de Stevie. Ela nunca nem ouvira falar disso. Da primeira vez que viu a enorme tenda circular, lembrou de um circo, tanto por fora quanto por dentro. Por fora, aquele grande cume. Por dentro, uma bagunça de tapetes coloridos, pufes, futons e almofadas. Era um lugar onde as pessoas se reuniam para bater papo, jogar, ler e trabalhar. Era uma estrutura estranha; não tinha janelas, e o interior era formado por um esqueleto de vigas queimadas pelo sol que sustentavam o teto e por uma treliça que mantinha as paredes no lugar. Havia um forno a lenha no centro, mantendo o ambiente aconchegante, e luzes e decorações coloridas penduradas no teto.

Janelle e Vi se sentaram no chão, as costas apoiadas uma na da outra. Nate estava junto, mas mantinha a atenção no jogo do tablet. A escola estava em polvorosa com a história dos esquilos. Parecia senso-comum que fora obra de David, que ainda não tinha voltado da visita ao Casarão. Em Pittsburgh, se alguém infiltrasse cinquenta esquilos na biblioteca, seria saudado como herói. Mas Ellingham era cheio de amantes de bibliotecas, e a sensação geral era de que David

talvez tivesse ido longe demais. Tudo bem ficar pelado, gritar e subir no telhado, mas *não podia* bagunçar com o lugar dos livros.

— Ele não foi expulso por nenhuma das outras coisas — murmurou Nate, quando o assunto surgiu.

— Mas, se conseguirem provar... — retrucou Vi. — Devem ter imagens. Eles agora têm imagem de tudo, porque vivemos num estado de vigilância.

Janelle revirou os olhos bem de levinho.

— É sério — continuou Vi. — Sabe o que as pessoas estão comentando sobre essas câmeras? Que são de alguém de fora. Que a direção não queria instalar o sistema de vigilância.

— Então quem pagou por tudo? — perguntou Janelle.

— Não sei. Mas é de uma empresa particular. Sei que acha que eu sou uma reclamona paranoica, mas é verdade.

Stevie mordeu o lábio inferior. Parecia que ninguém sabia sobre a conexão de Edward King com a escola. O que significava que o helicóptero não tinha sido visto de perto. Stevie sentia como se escondesse um segredo... Era quase palpável. Como se estivesse sentada em cima de um ovo. Caso se mexesse, a casca podia se quebrar.

— Sei lá — disse Janelle. — Eu entendo o problema, mas não *odeio* as câmeras. Existem... coisas por aí. Ursos e alces...

— Nada de alces — retrucou Stevie. — O alce é uma mentira.

— Só estou dizendo que, considerando tudo o que aconteceu, instalar câmeras não é a pior ideia do mundo.

— E eu só estou dizendo que ele deve ter sido visto fazendo o que fez — retrucou Vi, guiando o assunto de volta para um tema em que todos concordavam.

Uma pessoa nova se aproximou. Era um garoto alto. Na verdade, era de longe o aluno mais alto de Ellingham, e talvez a pessoa mais alta que Stevie já vira. Gostava de tentar inferir a altura das pessoas, uma habilidade observacional útil. Era frequente que as testemunhas errassem esse detalhe na descrição de suspeitos. A melhor maneira de definir a altura de alguém era compará-la a um objeto imóvel. Nesse caso, o aluno batia em um grande nó na madeira da treliça que sustentava a parede do *yurt*. Baseando-se em outras observações, Stevie concluiu que o cara devia ter mais de 1,90, metro, talvez até dois. E tinha um físico forte, como um jogador de futebol americano, ou como Stevie imaginava que fosse o físico de um jogador de futebol americano. (Até havia jogadores na antiga escola, mas nunca nem os notara. Não eram importantes o bastante para serem notados. Stevie odiava futebol americano, e odiava mais ainda os comerciais de carro que passavam durante as partidas, com slogans sem sentido e mensagens agressivamente masculinas sobre como era importante que americanos dirigissem por trilhas

rochosas e tratassem cada ida ao mercado ou a uma partida de futebol como uma missão do exército. Talvez simplesmente pensasse demais.)

Esse garoto provavelmente não jogava futebol. Era extremamente pálido, mas não feito Nate, que tinha o leve tom acinzentado de um leitor assíduo. A pele do novato era branca como papel, criando um forte contraste com o cabelo pretíssimo, obviamente pintado. Ele usava lentes de contato roxas com pupilas felinas e uma camiseta do Slipknot, além de braceletes de couro preto com espetos em ambos os pulsos.

— Oi — disse para Stevie, com uma voz suave. — Eu sou o Mudge. Acho que ainda não nos conhecemos, mas Pix me pediu para ajudar você a ficar em dia com a matéria de anatomia. Quer Pringles?

Sua voz era tão tranquila que parecia vir de uma gravação ou de um dos aplicativos de meditação que Stevie usava quando tinha ansiedade.

— Não, obrigada — respondeu.

Nate ergueu os olhos do tablet e encarou Mudge como se ele fosse algum tipo de companheiro de viagem.

— É, eu quero Pringles — disse.

Depois que a oferta foi aceita, Mudge entrou no grupo. Para a surpresa de Stevie, ele e Nate imediatamente começaram a conversar sobre algum jogo de tabuleiro. Ela ficou à deriva, sozinha dentro do pequeno grupo. Então sentiu alguma coisa. Os olhos de Germaine Batt. A garota a observava do outro lado do cômodo.

— Já volto — disse aos outros.

Germaine Batt era pequena, com pouco mais de um 1,5 metro. Tinha cabelo longo e liso, que naquele dia estava preso num coque. Assim como Stevie, ela se vestia para o emprego que queria ter: um blazer preto com camiseta branca, como se pudesse ser chamada para apresentar um noticiário a qualquer momento. Estava sentada sozinha num pufe — não no canto, visto que *yurts* não têm cantos —, mas abrigada num recanto com algumas telas e uma mesa de centro. Estava curvada sobre o laptop, digitando sem parar, quando Stevie se aproximou. Mas ela não fingiu que não a vira. As duas sabiam que vinham se encarando já fazia um tempo.

— Bem-vinda de volta — falou Germaine.

A voz era aguda, e as palavras tinha um ritmo curto e rápido. Ela falava do mesmo jeito que digitava.

— Obrigada.

Stevie tentou não dar muita ênfase à palavra. *Não era* culpa de Germaine que seu artigo fizera os pais a levarem embora de Ellingham. A garota não fizera de propósito. Mesmo assim, era difícil não sentir uma conexão entre Germaine e o fato de que fora arrancada das montanhas e jogada de volta na terra abaixo.

— Algum problema? — perguntou Germaine.

— Não.

— Parece haver algum problema. Aliás, você ainda me deve um favor. Daquela noite.

Stevie tinha se esquecido. Na festa silenciosa, quando Stevie estava tentando descobrir quem pegara o computador de Hayes, pediu para Germaine lhe mostrar algumas fotos de seu celular. Prometera um favor em troca, mas não achou que seria cobrada de verdade.

— Você só descobriu tudo por causa da minha foto — reforçou Germaine.

— Eu sei. Então, o que você quer?

— Por enquanto, nada. Quando chegar a hora, vou pedir.

Stevie percebeu que estava cerrando os dentes. Fez um esforço consciente para relaxar o rosto, mas a tensão voltou instantes depois.

— Então — começou Germaine, abaixando um pouco a tela —, o que você acha que aconteceu?

— Com quem?

— Ellie — respondeu, como se fosse óbvio.

— Acho que ela fugiu pela passagem.

— Sim... — Germaine revirou os olhos. — Mas *para onde*?

Stevie não gostava de ser tratada feito idiota, mas, como acabara de ter essa conversa com David, decidiu engolir a indignação para descobrir por que Germaine também estava fazendo essa pergunta.

— Burlington? — sugeriu, com inocência.

— Como ela chegou lá? Não dá para ir andando. E Ellie não ligou para ninguém; a escola tem o histórico do celular dela.

— Ela pode ter usado outro celular.

— De quem? — perguntou Germaine, erguendo a sobrancelha.

— Talvez de um amigo?

Como se tivesse combinado, a porta do *yurt* se abriu, e David entrou. Ele tinha um jeito de andar... um jeito que sugeria que pertencia a qualquer lugar que fosse. Puxara isso do pai, o que era nojento e horrível. Mas também havia outra coisa, algo de um personagem libertino num filme de cassino, que chega para virar o lugar de cabeça para baixo, ou um anfitrião que pode a qualquer momento dar uma cambalhota para o meio do cômodo.

Ou talvez ele simplesmente estivesse entrando, e a química cerebral estivesse criando histórias para Stevie.

David trocara de roupa para uma calça jeans e um suéter preto justo que combinava com os cachos escuros e destacava a musculatura dos braços e do peito. Ele sorriu para Stevie e Germaine, então se aproximou de Janelle e Vi. Mudge e Nate tinham ido olhar alguns jogos de tabuleiro nas prateleiras.

— O celular de um amigo? — repetiu Germaine.

— É — respondeu ela, se levantando. — Acho que não.

— Talvez valha a pena descobrir? — falou Germaine, em voz alta, enquanto Stevie voltava para perto dos colegas de casa.

David estava apoiado nas costas do futon, conversando com Janelle e Vi. Janelle estava com o rosto inclinado para cima, na direção dele, com uma expressão de paciência entediada. Os braços de Vi estavam cruzados. Ninguém parecia impressionado.

— Estou em prisão domiciliar — anunciou ele. — Não posso ir a Burlington.

— Sério? — respondeu Janelle.

— Pois é. Mas acho que eles não podem fazer isso.

— Não... Quer dizer, foi *só* isso?

— Não é o bastante? Eu nem fiz nada.

— Fez, sim — falou Vi. — Todo mundo sabe que foi você.

— Eu agora sou encantador de esquilos?

— Não foi legal — retrucou Vi. — E você tem acordado as pessoas, estragado coisas de que gostamos, que usamos. Todo mundo tem problemas, cara. Vê se supera.

— Pensei que o aprendizado fosse um jogo. Por que ninguém mais está tentando se divertir um pouco?

Vi balançou a cabeça e pegou a mão de Janelle. A dupla se levantou.

— Vejo você em casa — falou Janelle, obviamente só para Stevie.

— Às vezes acho que as pessoas não gostam de mim — comentou David, observando o casal se afastar.

— Você sabe por quê — respondeu Stevie.

— Ah, a retomada da responsabilidade... — disse ele, erguendo a sobrancelha com indiferença. — Sabe quem adora falar isso?

— Muita gente. Só porque...

Parecia perigoso demais dizer *seu pai* em voz alta. Stevie sentia os olhos de Germaine neles, fuzilando a parte de trás da sua cabeça.

— Acho que também é hora de eu ir — disse ela. — Vem comigo?

— Claro. Por que não?

Germaine manteve a cabeça baixa enquanto os dois passavam, mas Stevie a viu olhando de relance.

— Foram só uns quarenta esquilos — declarou David, já lá fora.

— Onde você arranjou quarenta esquilos?

— Nenhum mágico revela seus segredos. Você não encontrou mais nada, certo?

A mudança de assunto foi tão brusca que Stevie perdeu o fio da meada.

— Olha, o que você está sugerindo que aconteceu com Ellie? Está dizendo que não acha que ela pode ter saído? Acha que ela ainda está aqui?

— Estou dizendo... — Ele baixou a voz. — Eu não sei como ela saiu daquela noite, ou nos dias seguintes. Eu não sei como ela saiu.

— Mas vamos supor que tenha saído, porque provavelmente foi o que aconteceu. Você sabe aonde ela iria?

— Ela pode ter ido para qualquer lugar. Ellie cresceu numa comuna, morou na França. Chuto que está num... Sei lá, no porão de um café em Berlim, ou algo do tipo.

— Meio difícil que ela tenha saído do país.

— Tudo bem. Então... num trailer hipster em Austin, vendendo tacos caros demais. Ou numa casa da árvore em Oregon...

— Já entendi. Ela não tem raízes. Então, se ela está em lugar nenhum, é como se estivesse em casa.

David a observou por um tempo antes de responder:

— Certo. Se ela está em lugar nenhum, está em casa. Isso.

— Ou pode estar no apartamento de alguém em Burlington.

— Acho que ela iria querer ir embora. Se tivesse como chegar a Burlington, poderia entrar no carro de alguém e partir. Não acho que ficaria por perto.

— Mas por que *fugir*? Por que fugir, se ela não fez nada?

— Medo — respondeu David.

— De quê?

— De ser acusada de assassinato.

— Eu nunca disse que ela era culpada — retrucou Stevie. — Eu disse que ela escreveu o roteiro de *O fim de tudo* e pegou o computador de Hayes, o que é verdade.

— Eu sei. Eu sei. Calma.

— *Não* me mande ficar calma. Fui eu quem comecei essa história. Eu sei o que estou dizendo. É só que... Se não foi ela...

— Olha. Talvez... Talvez ele mesmo tenha pegado o gelo seco? Talvez Beth Brave estivesse enganada sobre quando acha que falou com ele?

— Tem registro da ligação.

— Eu sei, mas... E se o registro estiver errado?

— E se Ellie tiver mesmo pegado o gelo? — argumentou Stevie. — Ela com certeza tinha motivos. E meios. Pode ter sido uma pegadinha para atrapalhar o vídeo, já que não parece alguém que saiba esses detalhes científicos. Talvez nem imaginasse que ele poderia acabar se machucando?

— Porque ela não é assim. Ela não carregaria centenas de quilos de gelo seco para atrapalhar a arte de outra pessoa.

Pela primeira vez, Stevie notou a voz dele assumir um tom magoado.

— Só estou dizendo...

— Olha, eu entendo o que você fez, e faz sentido. Só estou dizendo que Ellie não faria isso. A última coisa que Ellie faria é atrapalhar a arte de outra pessoa. Arte era tipo a religião dela. Sei que as coisas terminaram meio estranhas entre nós e que talvez você não confie em mim, mas nisso você precisa confiar.

Era uma reviravolta súbita.

— Está falando do fato de que seu pai não está morto e é Edward King?

— Tipo isso, se quiser ser específica. Só para você saber, eu queria contar. Queria ter dito logo de cara. Mas tive dois motivos para não falar nada sobre isso. Primeiro, porque meu pai é Edward King, o que significa que você me odiaria. Segundo, porque meu pai é Edward King, o que significa que todo mundo me odiaria.

— Eu nem sabia que ele tinha filhos... Eu nem sabia que ele era capaz de reproduzir com seres humanos.

— É. A natureza dá um jeito.

Ele estava mais perto? Parecia que sim. Stevie sentiu a boca ficar seca. O problema de David é que ele era muito bonito, daquele jeito todo alto, esguio, problemático e errado, sorrindo para ela. Viu a silhueta de Edward King nas feições de David. Em seu sorriso.

Bom trabalho, Stevie. Certinho. Beija ele. Isso, sim, vai deixar o senador feliz.

Stevie recuou alguns passos, repelida pelo pensamento. Seu cérebro não conseguia lidar com o conflito de interesses. Havia algo ali, algo que pulsava entre ela e David. E então havia Edward King, se assomando acima deles, quase que literalmente. O homem até colocara câmeras para vigiar os dois. A ideia a deixou enjoada.

— Eu deveria ter avisado ao Nate que estava indo embora... — disse ela. — Vou voltar... para avisar.

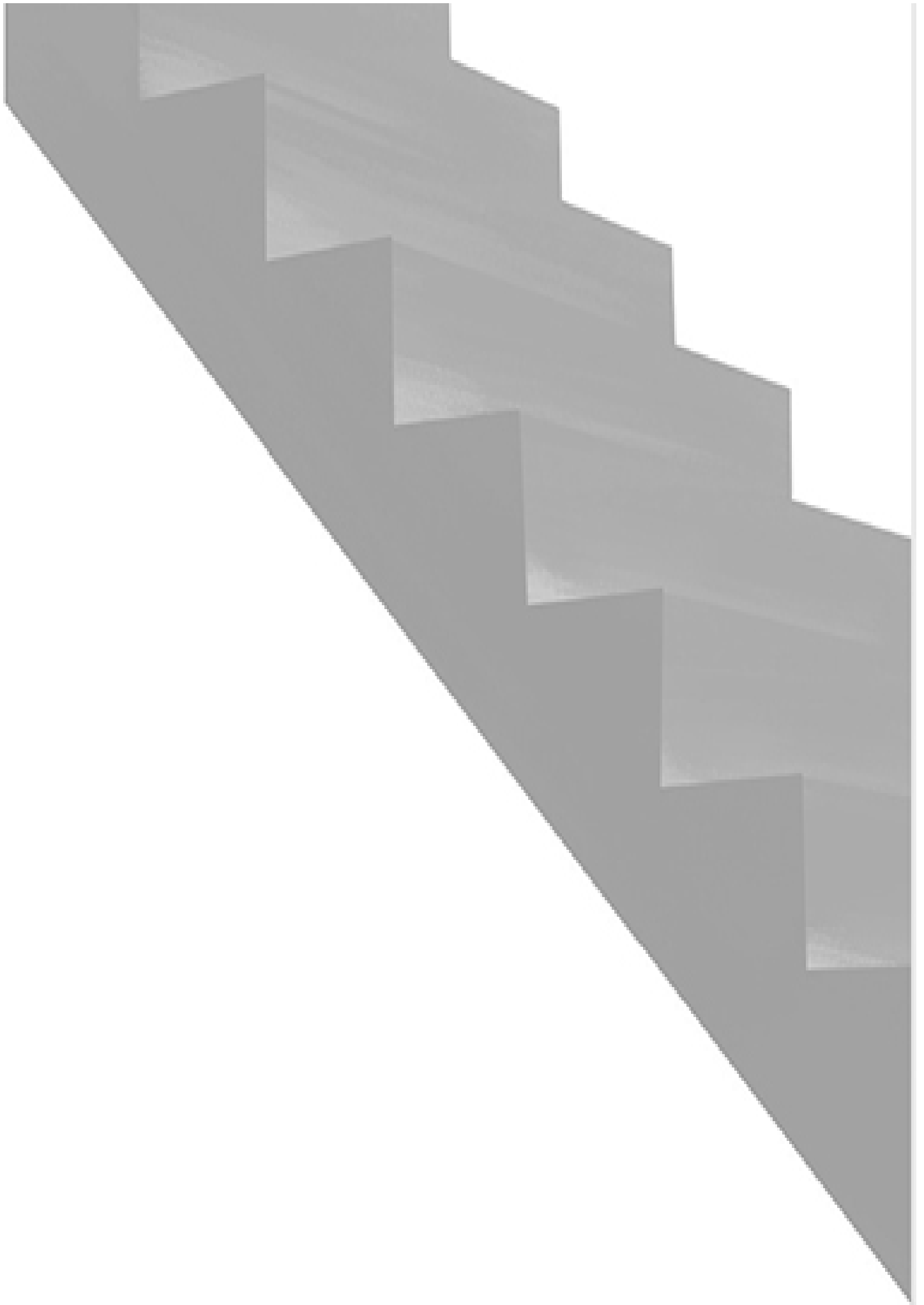
David ergueu o queixo um centímetro.

— Claro — respondeu, com um levíssimo sorriso. — Nate. Tá. Vejo você em casa.

Ele se virou e saiu andando de volta para a Minerva, as mãos nos bolsos.

Stevie ficou parada, tentando absorver todas as novas informações que davam forma à sua vida. Sempre se perguntou como as pessoas conseguiam ter vidas interessantes. Talvez fosse assim: primeiro você estabelece as condições, depois os eventos começam. E talvez esses eventos peguem a pessoa de surpresa, mesmo ela querendo que acontecessem, mesmo se estivesse preparada. Tinha desejado tanto trabalhar nesse caso, e ali estava, fazendo acordos com o diabo.

Talvez fosse assim que se planejava um assassinato. Talvez bastasse alguns acordos ruins consigo mesmo, coisas das quais não podia desistir, até chegar a um acordo que nunca poderia ser revertido.



14 de abril, 1936, 6 horas

No começo, Francis Crane admirava muitas coisas em Albert Ellingham. Tinha certa tendência a gostar de homens que construíam túneis sem nenhuma razão aparente. Albert encorajava seu amor pela química e instruía a bibliotecária a providenciar qualquer revista de crime que ela quisesse ler. Garotos e garotas se exercitavam juntos, tinham aulas juntos, compartilhavam refeições... Albert dizia aos funcionários para fazerem vista grossa quando pegassem os alunos bebendo. Ele gostava de jogos, e já disputara diversas partidas acirradas de Banco Imobiliário com Francis.

O apreço pelo homem chegou ao ápice quando ele a levou para um passeio pela propriedade e mostrou onde a montanha havia sido demolida com dinamite. Ele até a levou ao lugar onde os explosivos estavam guardados e permitiu que segurasse um. Francis tentou não deixar a empolgação transparecer, mas não deve ter conseguido.

— Você parece interessada — comentara ele, com uma risadinha. — Vamos lá. Me fale sobre dinamite.

— É basicamente nitroglicerina, estabilizada e absorvida por terra de diatomáceas e carbonato de sódio — explicara Francis. — A não ser que você esteja usando TNT, que é...

— Ora, ora! — Ele dera risada. — Eu não esperava uma resposta tão rápida!

Quando Albert estendeu a mão para pegar o explosivo de volta, os dedos de Francis se fecharam por reflexo, mas ela os mandou relaxar.

— Que bom que você nunca vai precisar disso. Você pode ser perigosa!

— Posso mesmo.

Albert Ellingham soltara uma gargalhada rouca.

— Preciso tomar cuidado com o que estamos ensinando — comentara, com outra risada. — Seu pai me mataria se eu a tornasse perigosa demais para o casamento.

Foi o momento em que tudo acabou para Francis. Albert lhe dera dinamite e rira, despreocupado, na sua cara. Era uma piada para ele, algo em que nunca voltaria a pensar. Mas seria tudo em que Francis pensaria.

Decidiu que, se o homem gostava tanto de jogos, ela jogaria segundo as próprias regras. Seria um bom jogo. Edward gostava da ideia que Francis tinha de diversão, então os dois bolaram um ótimo plano.

A carta nem tinha sido muito importante para o jogo. Fora apenas, nas palavras de Eddie, “um toque de arte”. Francis tirara a ideia das revistas de crimes reais que

tanto adorava. As pessoas dessas revistas eram sempre sequestradas, e os sequestradores sempre mandavam mensagens com letras cortadas.

Presumira que fosse uma coisa inventada, mas um dia estava sentada no gramado lendo *Real Detective* quando viu o homem que estava sempre rondando por ali e todo mundo sabia que era policial. Seu nome era George Marsh. Ele aparecera em todos os jornais na época em que descobriu uma bomba plantada no carro de Albert Ellingham; Frankie sempre lia histórias sobre bombas. Agora, parecia ter se tornado guarda-costas oficial do diretor. George estava andando na direção do Casarão quando Francis o chamou, certificando-se de usar a forma mais pura de seu sotaque nova-iorquino elegante.

— Você não é policial?

O sr. Marsh se aproximou, parecendo confuso.

— Sou, sim. Ou melhor, era. Agora trabalho para o FBI.

— Ah, deve ser tão empolgante! Você deve ver todo tipo de coisa. Me conta, criminosos de verdade mandam bilhetes desse tipo?

Ela mostrou a revista aberta numa página que exibia o bilhete em questão. O homem sorriu.

— Que surpresa você ler coisas desse tipo. Não me parece muito a cara do *Instituto Ellingham*.

— Ah, eu amo essas revistas. Essa história é sobre sequestro. Você já trabalhou num sequestro?

— Uma vez. Não são tão comuns assim.

— Como foi?

— Foi a esposa de um banqueiro. Sequestrada enquanto saía do clube de carteados.

— E teve carta de resgate?

— Teve uma ligação, não uma carta. Queriam cinquenta mil dólares.

— E o que aconteceu? — perguntou Frankie, certificando-se de arregalar os olhos e fazer a expressão mais inocente possível.

— O banqueiro pagou. A mulher nunca voltou para casa. No fim das contas, tinha fugido com o instrutor de tênis, e os cinquenta mil era para manter os dois. Nós os encontramos em Miami.

Ele apagou o cigarro no chão.

— Cartas de ameaça costumam ser bem entediantes. De vez em quando aparece uma original. E assim, com letras recortadas? Ninguém esqueceria uma dessas. Mas vou acabar em apuros com o diretor, se ficar aqui falando sobre crimes enquanto você deveria estar estudando. Parece que tem um livro sério aí embaixo dessa revista.

Era verdade. Francis deixara um livro didático embaixo da revista. Estava lendo ambos.

— Química orgânica — explicou.

— Melhor do que eu, minha jovem. Eu nunca tive cérebro para isso.

Ele sorriu, puxou a aba do chapéu em cumprimento e continuou seu caminho para o Casarão. Frankie mordeu a ponta do lápis.

Ninguém esqueceria uma dessas.

A ideia surgiu naquele momento. E se mandassem uma carta? No começo, era uma piada. Nunca mandariam um bilhete daqueles para Albert Ellingham. Mas, quanto mais era revirada, mais a ideia ganhava corpo e forma. Poderia ser feito; só precisaria de cuidado e estilo. Podiam dar um susto no velho. Dar a ele um gostinho de sua sagacidade.

Quando contou a ideia a Edward, naquela noite, ele amou de cara. Chamou-a de dadaísta. E, por ser Edward, elaborou a carta. Transformou em poema.

— Justiça poética — disse, antes de beijá-la.

Edward lhe mostrou um poema de Dorothy Parker no qual basearam o que iam escrever. Havia várias maneiras adoráveis de descrever coisas diabólicas. Edward adicionou o *ha ha* no final. Precisava de uma assinatura, e foi o último floreio.

— Precisa ser cordialmente, cruel — afirmou Frankie.

— Perfeito!

Edward adicionou isso ao rascunho. *Cordialmente, Cruel.*

No momento da composição final, os dois ficaram deitados juntos no chão da piscina vazia e recém-construída, fumando e escolhendo as letras. O papel veio de um caderno que Frankie trouxera de Nova York, básico e caseiro. Usaram luvas e pinças, aplicando as letras com cuidado, entortando algumas, deixando espaços irregulares entre cada recorte.

Quando a carta estava finalizada, Frankie concluiu o plano. Pagou um trabalhador diarista para postar uma pilha de correspondências no correio de Burlington, alegando que eram cartas pessoais e que os funcionários da escola bisbilhotavam. Por um dólar, sua correspondência ganhou o selo e a data certos, desviando o foco da cena para bem longe deles.

Um belo exemplo de arte criminal.

Mas a carta tinha virado outra coisa, algo que levara Iris e Alice Ellingham. E quanto a Dottie Epstein? Era sobre essas coisas que Francis estava pensando, durante aquela noite insone no sofá. A carta seria vista como uma piada? Seria rastreada?

O homem armado passou a noite junto à porta. Ele não dormiu. Assim como a srta. Nelson, que passou as horas andando silenciosamente de um lado para o outro,

tirando coisas do quarto em bolsas, revirando papelada. Ela volta e meia olhava para Francis, que desistiu e acabou cochilando.

Ao nascer do sol, as outras garotas foram acordadas e orientadas a se vestir.

— O que está havendo? — perguntou Gertie, arrastando os pés para fora do quarto, calçando seus chinelinhos de salto.

— Nada com que se preocupar — respondeu a srta. Nelson, tensa. — Houve uma ameaça de bomba. Nada vai acontecer, mas, para a segurança de todos, os alunos serão retirados do campus.

Houve resmungos, gritos e animação sobre a mudança na rotina. Houve idas apressadas ao banheiro, botando vestidos e casacos. O que levariam? Tomariam café da manhã? Na confusão, Francis se esgueirou para o quarto e entrou discretamente. Precisaria de algumas coisas que estavam escondidas lá, coisas que nunca poderia deixar para trás. Parou ao lado da cômoda e a empurrou para o lado. Depois de movê-la cerca de trinta centímetros, abaixou-se no chão com uma lixa de unha e estava prestes a começar a soltar o rodapé quando a srta. Nelson apareceu na porta.

— O que você está fazendo? — perguntou a professora.

— Deixei um brinco cair — respondeu Francis, tranquila.

— Volte para a sala comunal.

— Preciso trocar de roupa.

A srta. Nelson foi até o armário de Francis, pegou um vestido e o entregou a ela, depois apontou para o biombo decorativo.

— Então troque.

Francis pegou o vestido e foi para o outro lado do biombo.

— Vou dizer apenas uma coisa — falou a srta. Nelson. — O que está acontecendo aqui é muito grave. Falar demais pode fazer com que alguém acabe se machucando. Você me entende?

Francis parou, o vestido no meio da cabeça.

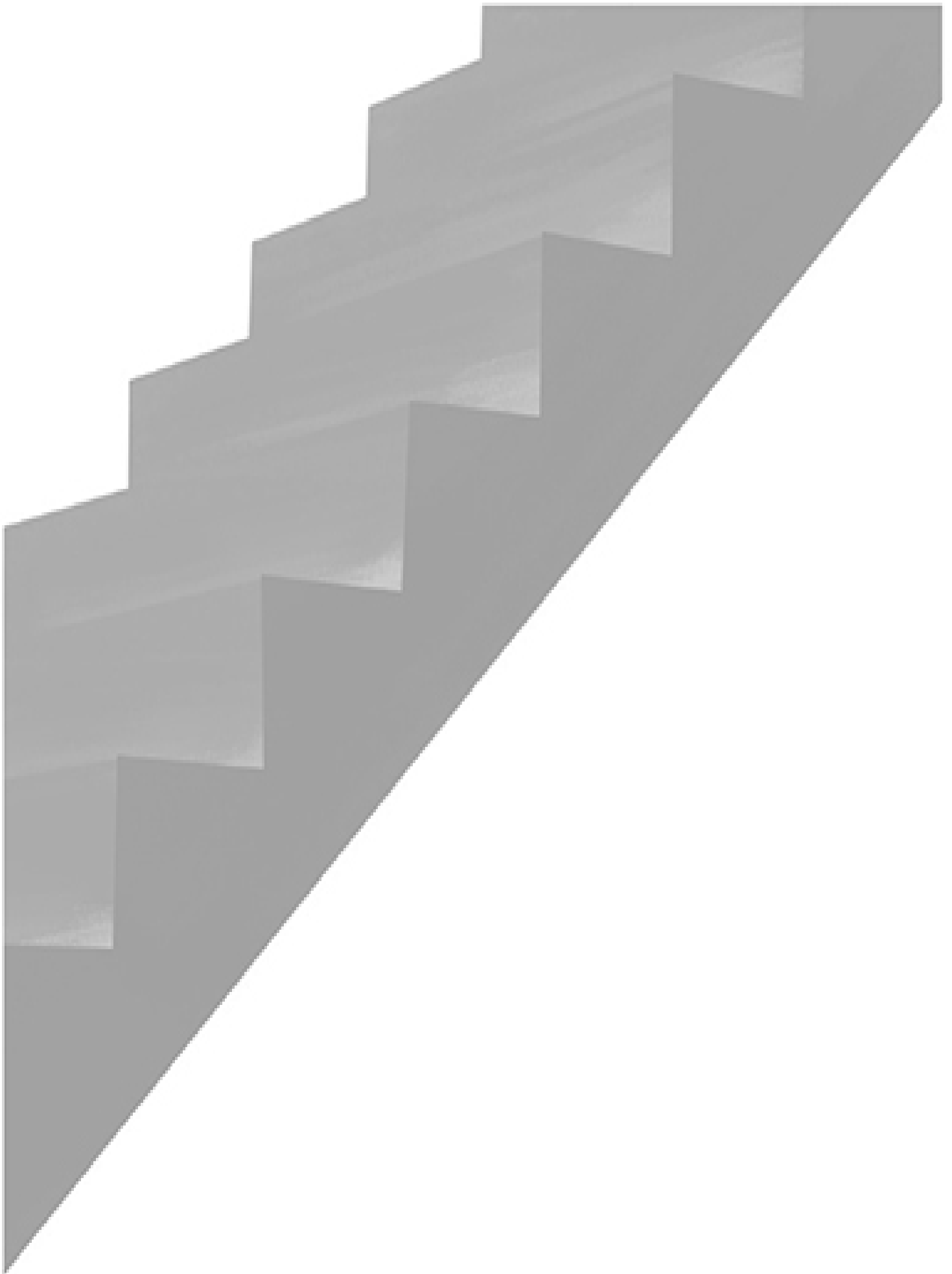
— Não me importa o que você acha que sabe — continuou a professora. — Há vidas em risco. Sei que gosta dos seus joguinhos, Francis, mas isso é real. Pessoas podem morrer. E uma de suas colegas de casa pode estar em perigo.

Francis inspirou, puxou o vestido para baixo e saiu de detrás do biombo. A srta. Nelson não era mais a coordenadora dócil e meiga da Minerva. Era uma mulher forte, parada à sua porta feito um muro. E, pela primeira vez em toda aquela noite e manhã, Francis sentiu medo. Baixou os olhos para a marca no rodapé. O que estava atrás daquela tábua poderia causar mais problemas do que gostaria. Seus segredos estavam lacrados naquela parede.

— Será que eu poderia só... ter um momento? — perguntou, com o máximo de humildade que conseguiu.

— Não — respondeu a srta. Nelson. — Eu guardo suas coisas. Você vai embora.

Francis Josephine Crane saiu do quarto, sem fazer ideia de que aquela seria sua última vez ali.



Lá estava a placa do alce de novo.

Mas nunca haveria um alce.

O ônibus de Ellingham fazia sua viagem dominical a Burlington. Havia apenas algumas pessoas a bordo; ninguém que Stevie conhecesse bem. Todos usavam seus fones de ouvido ou liam ou jogando alguma coisa. Stevie lia no tablet, onde tinha uma cópia de *Cordialmente Cruel: Os assassinatos em Ellingham*, da dra. Irene Fenton. Foi um dos primeiros livros que conheceu sobre o assunto. Pulara as páginas até a parte que narra a descoberta do corpo de Dottie Epstein:

*O dia 16 de maio de 1936
estava tranquilo, com sinais
de um verão precoce. Eram
cinco e meia da manhã, e
Joseph Vance começara sua
entrega de leite, saindo da
Fazenda de Laticínios
Archer's. Levava 35 entregas
de leite, creme e manteiga na
caçamba do caminhão, além
de uma garrafa térmica com
café para a jornada. Ele
acabara de entregar os
primeiros pedidos nas casas
nos limites de Jericho,
Vermont, e era uma boa hora
para encostar na beira da
estrada e tomar uma caneca
de café com um pãozinho.
Joseph estacionou num
ponto de mato selvagem em
frente à fazenda Babbett's e,
depois de beber e comer, foi
se aliviar numa árvore a
cerca de seis metros da
estrada.*

Mais tarde, Joseph alegaria que não fazia ideia do que o motivou a se afastar tanto do caminhão; tratava-se de uma área tranquila, sem qualquer pessoa por perto num raio de quilômetros. Mesmo assim, ele buscou um pouco de privacidade atrás da árvore e, enquanto resolvia seus assuntos, viu o que parecia ser um saco no chão. Ele se aproximou. Foi quando se deu conta de que duas pernas despontavam para fora do saco; ou ao menos partes de pernas. Estavam sem cor, machucadas pelo tempo e pela natureza. O resto do corpo estava escondido sob um monte de terra e galhos soltos. Quando Joseph os afastou, viu o cabelo cacheado e os restos do rosto da menina, inclusive um par de óculos.

Ele correu vários metros para longe, até que o corpo cedeu a uma crise violenta de vômito. Depois, voltou ao caminhão e dirigiu direto para a delegacia. A pequena Dolores Epstein, a jovem e brilhante aluna do Instituto Ellingham, finalmente fora encontrada. Quando o corpo foi

removido e examinado, foi identificada uma enorme fratura na lateral do crânio.

Àquela altura, o sequestro em Ellingham havia se tornado um assassinato em Ellingham. Em meio a toda a publicidade sobre o desaparecimento da esposa e da filha do magnata, muitos se esqueceram de que a primeira vítima da qual se teve conhecimento foi uma aluna, uma pobre garotinha de Nova York — uma menina que aprendeu cinco línguas sozinha e que demonstrava talento prodígio para a tradução de textos antigos, uma menina que estudava química e física de nível universitário, que tinha memória quase fotográfica de tudo o que já lera.

Mais tarde, especialistas tentariam refazer os movimentos de Dolores naquele dia fatal. Era provável que ela estivesse no domo do lago quando os sequestradores chegaram para receber o dinheiro do resgate. Dolores gostava de se esconder para ler, e todos sabiam de sua predileção por se enfiar em lugares fora de alcance. Naquele dia, levava consigo

*um volume de Sherlock
Holmes, que foi encontrado
no chão do domo.*

*É possível, até mesmo
provável, que Dolores
Epstein tenha visto o rosto
do sequestrador de
Ellingham, e por isso
precisou morrer.*

O ônibus entrou em Burlington. Era uma cidade agradável; a clássica cidadezinha americana universitária, com um toque hippie, mas café bom, sapatos para neve, ioga e desenhos ofensivos de Bernie Sanders pichados nos muros. Também havia coisas mais pesadas: sinais de miséria, alguns cantos de aparência sombria em volta do palácio de justiça.

Todos saltaram na Church Street, a principal rua de comércio. Stevie caminhou até a beira do lago, observando as casas e lojas e o cenário geral. Ellie poderia ter fugido para qualquer uma dessas casas ou lofts. Poderia estar escondida, espiando Stevie de alguma janela.

Mas seria assim tão fácil se esconder em um lugar como esse? Ellie teria que sair em algum momento, e Burlington não era tão grande. Se conseguira chegar até ali, provavelmente seguira em frente, talvez com o carro de alguém. Talvez na direção oeste, para o deserto ou a Califórnia. Talvez ao norte, para o Canadá — uma maneira rápida e fácil de escapar da polícia americana. Talvez tenha ido para Nova York ou Boston, onde seria simples se esconder.

Mas se manter oculta para sempre era difícil. Fugir era difícil. Precisava de dinheiro, de uma identidade e de um celular. E era complicado se esconder das câmeras, que estavam por todo canto. Nos sinais de trânsito, nos caixas automáticos, nas ruas.

Então talvez ela ainda estivesse ali, entocada num daqueles estúdios hippies.

Stevie afastou esses pensamentos e continuou pela margem até o Skinny Pancake. Um vento frio e forte vinha do lago Champlain, naquela manhã. Açoitava seu rosto, fazendo os olhos lacrimejarem. A paisagem que conseguia ver através das lágrimas era deslumbrante; uma expansão borrada e linda de água, árvores gloriosas, pintadas de outono, ao longo da outra margem. Foi dali que Albert Ellingham velejou no seu último dia, saindo do iate clube local. O barco explodira um pouco além; uma vítima, todos pensaram, dos anarquistas que queriam se vingar pela morte de Anton Vorachek, preso pelo assassinato da esposa e sequestro da filha do magnata. Os anarquistas já tinham ido atrás de Ellingham antes, e dessa vez o pegaram. Também tinha sido apenas um pouco acima da costa, num lugar chamado

Rock Point, que Albert Ellingham e George Marsh baixaram as notas marcadas para um barco.

O Skinny Pancake era um lugar grande e muito discreto, com vibe hippie e um menu gigante de cafés e crepes. Stevie ainda estava de bom humor, financeiramente falando, e pediu um cappuccino grande com açafrão. Era melhor parecer sofisticada no primeiro encontro com uma professora.

— Oi, Fenton — cumprimentou o cara atrás do balcão. — O de sempre?

Uma mulher de idade indeterminada entrara no restaurante. O cabelo tinha cachos bem definidos, numa mistura equilibrada de preto e cinza, descendo até os ombros. Ela usava óculos de armação vermelha grossa, um suéter roxo pesado e um casaco impermeável, além de veludo coletê marrom e tamancos que faziam um barulho alto e nítido no chão de madeira. Trazia uma bolsa de couro muito gasta pendurada no ombro, a faixa passando na transversal sobre o peito.

Stevie a reconheceu um pouco da foto de orelha, embora a autora fosse vinte anos mais jovem quando a tirou. Havia algo mais... informal na pessoa à sua frente.

Elas se encararam, num momento de reconhecimento mútuo.

— Você é Stevie?

A garota assentiu.

— Ponha nossos cafés na mesma conta — avisou a professora, para a pessoa atrás do balcão. — Ela está comigo. — Então completou, para Stevie: — Se importa se sentarmos lá fora?

Stevie queria ressaltar que estavam em pleno outubro. Em Vermont. Num lago. A dra. Fenton puxou um maço de cigarros do bolso e balançou.

— Não posso fumar aqui — explicou, apontando para a porta.

Ela deu mais uma volta com o cachecol ao redor do pescoço e seguiu a dra. Fenton, que se acomodou a uma das mesas ao lado da porta, parecendo não ser afetada pelo vento cortante. A mulher tirou um cigarro do maço de Camels e colocou a mão em concha sobre a boca para acendê-lo. Stevie não conhecia ninguém que fumasse. A mulher pareceu notar.

— Houve uma época em que dava para fumar onde a gente quisesse — comentou. — Você não deve estar acostumada. Hoje em dia, somos tratados como párias.

Ela deu um longo trago, seguido por uma exalação ainda mais longa.

— Então, fiquei sabendo que seu interesse em Ellingham é o caso Ellingham. E que você teve alguma coisa a ver com a descoberta do que aconteceu com aquele garoto, Mayes.

— Hayes — corrigiu Stevie, aconchegando os braços no casaco vermelho, tentando conservar o calor do corpo.

— Hayes — repetiu a dra. Fenton, então soltou uma longa nuvem de fumaça, cuja maior parte foi direto no rosto de Stevie. — Ah, me desculpe. Bem, você leu meu livro?

— Claro — respondeu Stevie.

— Claro! — A mulher riu e tossiu ao mesmo tempo. — Gostei. Claro! Aliás, pode me chamar de Fenton. Sem “doutora”. Só Fenton. É como eu prefiro. Vamos conversar sobre o caso Ellingham. Me diga o que mais você leu.

— O quê? Tudo o que eu li?

— Todos os livros, artigos... Me dê uma ideia do que você sabe.

— Eu sei... tudo sobre o assunto?

— Estamos aqui para conversar. Converse. Me fale sobre o caso.

Pedir para alguém falar um pouco sobre o caso Ellingham era como pedir para alguém “falar um pouco” sobre o passado, ou “falar um pouco” sobre ciência.

— Começo por onde? — perguntou Stevie. — A noite em si, os dias anteriores, ou...

— A noite em si — disse a dra. Fenton, segurando o cigarro entre os lábios.

O cara do balcão apareceu com os dois cafés e os colocou sobre a mesa, e Stevie voltou ao dia 13 de abril de 1936, ao momento em que Albert Ellingham estacionou na entrada de carros. Ela repassou todos os fatos conhecidos sobre a noite: onde todos da casa estavam, as ligações, a viagem de George Marsh, as notas marcadas, a entrega do dinheiro. Em dado momento, a dra. Fenton fez perguntas. Stevie tagarelou as informações necessárias.

— Muito bem — concluiu a dra. Fenton, mais ou menos meia hora e três cigarros depois. — É uma boa base. Me diga quem você acha que sequestrou Iris e Alice Ellingham. Quem é Cordialmente Cruel?

— Não sei.

— Não é Anton Vorachek?

— Claro que não.

A mulher encarou Stevie por um longo tempo, então tragou o cigarro. Stevie conseguia ouvir o papel queimando.

— Esse caso é sobre dinheiro — disse a dra. Fenton. — Sempre foi sobre dinheiro. Anton Vorachek não ligava para dinheiro. Para resolver, basta seguir o dinheiro. Seja lá quem sequestrou Iris e Alice sabia quanto havia no cofre do escritório de Ellingham. Como Anton Vorachek saberia disso?

— Porque o banco fazia entregas regulares — respondeu Stevie. — Os funcionários recebiam em dinheiro. Muita gente sabia do que havia no cofre. Ou ao menos é o que dizem.

— Certo. É o que dizem. Só que essas entregas eram feitas com muita discrição, e a quantia variava. O culpado precisaria saber quando o dinheiro

chegaria e quando sairia.

Stevie não respondeu nada; ela concordava. Ela e quase todos que analisavam o caso.

— Então — continuou a dra. Fenton —, seria preciso saber quem estava na casa, e havia muita gente na casa. Mais de vinte funcionários em horário integral, além de uma centena de pessoas que passava a semana inteira na propriedade. Os trabalhadores, os funcionários da escola e os alunos. Além das visitas. Leonard Holmes Nair e Flora Robinson estavam no andar de cima, e, obviamente, quando George Marsh chegou para ajudar, ninguém a encontrava. São muitas opções. Mas não Anton Vorachek. Ele era anarquista, impopular, o bode expiatório perfeito. Quer dizer, quem acredita nisso também deve achar que Oswald assassinou Kennedy por conta própria.

Stevie piscou, confusa. Parecia cedo demais para entrar em teorias da conspiração.

— Mas isso é o básico do caso Ellingham. Acho que você está além disso.

Ela apagou o cigarro na mesa, o que foi meio nojento. O vento espalhou as cinzas para todos os lados.

— Muito bem. Está contratada. Fiquei sabendo que tem acesso ao sótão do casarão.

Stevie assentiu.

— Ótimo.

Fenton enfiou a mão na bolsa e tirou um bloco de notas, os papeis bem amassados e dobrados.

— Aqui tem alguns itens para averiguação. Pequenos detalhes que preciso saber se estão certos. Alguns são estruturais. Preciso confirmar onde estão algumas coisas, como são. Outras você deve encontrar no sótão. Acho que há registros da vida doméstica lá em cima. Preciso que você confira listas de convidados, cronogramas, coisas assim. Deve estar tudo nos livros de registro.

Ela deslizou o bloco na direção de Stevie.

— Quero isso tudo. Verifique essas informações para mim. Anote qualquer detalhe. Esse é o seu trabalho. Para o alto e avante.

E empurrou o bloco de notas para Stevie, que deu uma folheada nas páginas. Fenton escrevera perguntas sobre itens como menus, louças decoradas, quem estava na casa em certas datas, a cor das paredes. Detalhes mundanos.

— Meu livro vai mudar tudo — disse Fenton. — Tenho informações que vão virar tudo de ponta-cabeça.

Stevie ergueu o olhar, interessada.

— Tipo o quê?

— Isso é comigo. E talvez você descubra, se fizer seu trabalho.

Parecia uma grande alegação. Mas, pensando melhor, Stevie carregava algo na mochila que poderia mudar a visão do caso inteiro. Levava a lata consigo. Primeiro porque se recusava a deixá-la para trás quando não estava no campus, e também porque fantasiara um pouco sobre mostrá-la à professora, para que as duas se juntassem e desvendassem de vez o Caso Ellingham. Mas a dra. Fenton — ou só Fenton — não inspirara Stevie a se abrir. Ela era... mais triste do que Stevie esperava. Talvez fossem os cigarros. Mas talvez fosse algo a mais. Alguma coisa em seus olhos e na maneira como ela se sentava. Havia algo de errado com Fenton.

Um cara mais ou menos da idade de Stevie se aproximou. Era loiro e branco, com um borriço de sardas claras espalhadas pelo nariz e pelas maçãs do rosto. Usava moletom preto e justo com capuz e uma jaqueta de lã azul por cima, além de um gorro. Levava uma única muleta do lado esquerdo e uma mochila de lona coberta de retalhos sobre o ombro direito.

— Consegui uma vaga — disse. — Oi.

O cumprimento foi para Stevie.

— Esse é meu sobrinho — falou Fenton. — Hunter, essa é Stevie. Stevie é minha nova assistente no livro. Vocês dois, conversem. Preciso ir ao banheiro. Volto num segundo.

Fenton se levantou, segurou-se à mesa como se estivesse tonta, então caminhou pesadamente para dentro do café.

Hunter apoiou a muleta na parede da loja e se sentou na cadeira da tia. Os dois tinham uma levíssima semelhança: os grandes olhos azuis. Os dele eram ornados por sobrancelhas louras e grossas, permanentemente no modo “franzido”.

— Você é de Ellingham?

— Sou. Como você sabe?

— Seu nome é Stevie, você está trabalhando nesse livro. Li sobre você nas notícias sobre a morte no campus.

— Ah. — Ela ficou um pouco constrangida pela obviedade da resposta. — Certo.

— Faz muito tempo que você tem interesse no caso?

— Alguns anos.

Ele mordeu os lábios e assentiu.

— Eu moro com minha tia para estudar aqui.

Hunter observava a xícara de café da tia. Ele a pegou como se fosse um gesto sem importância, mas estava agindo de um jeito casual demais para ser verdade. Uma expressão passou rapidamente por seu rosto, e ele devolveu a xícara à mesa.

— O que você estuda?

— Ecologia. Estudos ambientais. Vou tentar salvar o mundo do aquecimento global — respondeu ele.

— Vai funcionar?

— Precisamos ao menos tentar.

Stevie assentiu. Entendia. Era preciso tentar. Tentar é o primeiro passo para o que quer que venha depois.

— Eu li sobre o que você fez — continuou ele. — Foi bem legal. Você solucionou um crime de verdade.

— Eu não solucionei o crime. Eu... descobri algumas coisas.

— Aquela garota ainda está desaparecida, né?

— Ellie. Está.

— Eu não sei para onde alguém iria, fugindo de Ellingham — comentou ele. — É cruel lá em cima. Eu sou da Flórida. Nunca sei como lidar com este lugar...

Ele se interrompeu, como se estivesse com vergonha. Então assentiu para o bloco de notas.

— O que minha tia pediu para você fazer?

— Checar algumas coisas. Eu acho.

— Parece muito trabalho.

Stevie ouviu os passos pesados dos tamancos de Fenton, que logo apareceu.

— Muito bem, então mãos à obra. Vejo você no meio da semana, Stevie — anunciou a professora.

— Não tem ônibus para cá no meio da semana — explicou Stevie.

— Então quando nos vemos?

— Sábado?

— Vejo você no sábado. Venha à minha casa. É lá que fica meu escritório. Eu moro no campus. Aqui.

Ela rabiscou um endereço num papel.

— Posso mandar e-mails com novidades, ou...

— Nada eletrônico, nunca — respondeu Fenton. — *Nunca*.

— Ok. Nada eletrônico. Ok.

— Vamos indo. Cadê o carro?

— Por aqui — disse Hunter, pegando sua muleta. — Vejo você por aí?

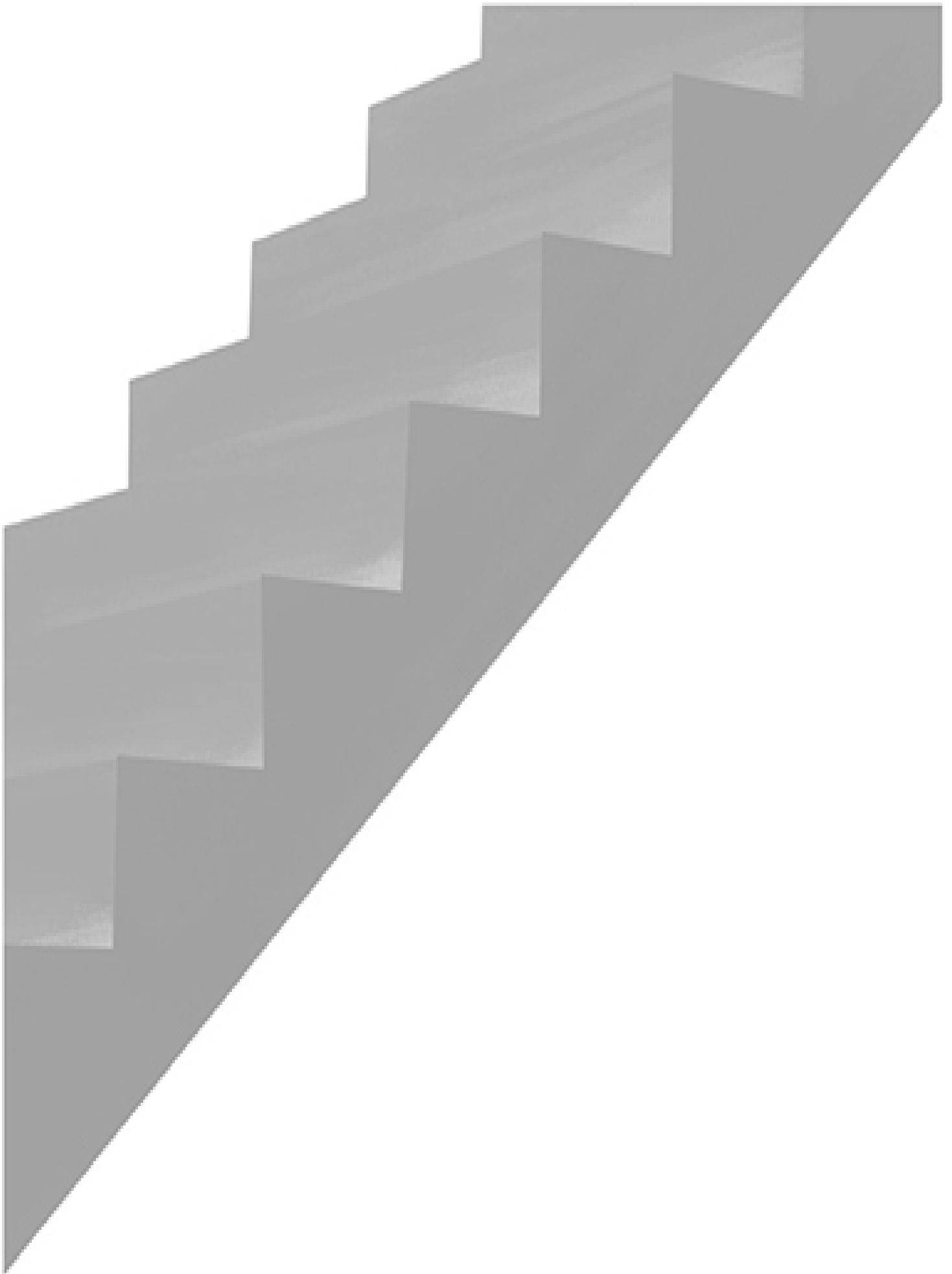
Será que Stevie imaginou ouvir um pingo de esperança em sua voz? Não era do seu feitio imaginar que outra pessoa estava interessada. Sentia-se bem com a capa de vinil vermelha, o cabelo curto e louro amassado embaixo do gorro preto de crochê e a calça jeans preta. Os lábios estavam cobertos de gloss, o que já era grande coisa, e as sobrancelhas ajeitadas com uma gosma que Janelle lhe emprestara e dissera que funcionaria bem. A amiga entendia de maquiagem e estava sempre tentando convencer Stevie a se interessar por uma paleta de sombras ou um iluminador. De maneira geral, Stevie esquecia que tinha corpo, e quando outra

pessoa o notava, acabava olhando para baixo e pensando: Hum, olha só para isso. Há quanto tempo está aí?

David tinha sido a única pessoa que entrara em sua vida desse jeito.

Devia ter mesmo imaginado. Hunter pegou a muleta e ficou olhando enquanto a tia juntava seus pertences. Conforme eles davam tchau e se afastavam, Stevie notou duas coisas. Primeiro, que Fenton não era tão velha para precisar de ajuda, mas mesmo assim parecia bem óbvio que Hunter fora buscá-la e acompanhá-la.

A segunda foi que Hunter se virou, olhou por cima do ombro e sorriu para ela.



Quem se torna um assassino?

Stevie foi pensando nisso no ônibus de volta para Ellingham. O tempo de leitura, observação e estudo tinha lhe ensinado muitas coisas.

Existe a versão de filme de terror: a sombra de alguém com uma faca, uma pessoa fugida do hospital nas montanhas durante a tempestade. A pessoa que mora entre as paredes.

Em livros de mistério, pode ser o estranho sorridente, com conhecimento básico em venenos. O parente deixado de fora do testamento, ou aquele que entrou há pouco tempo. O colega invejoso no museu, que quer ser o primeiro a anunciar uma nova descoberta arqueológica. A pessoa prestativa demais, que segue o detetive para todo lado.

No canal de assassinatos e crimes reais, pode ser o novo vizinho que tem barco, aquele entre 45 e 55 anos, bronzeado e sem passado, que recentemente comprou um baú de isopor de tamanho humano. A pessoa que mora na cabana da floresta. Aquele que ninguém vê na esquina da rua.

Em todos os programas sobre crime, em geral pode ser a terceira pessoa que os policiais entrevistam. Aquele de quem o público meio que desconfia.

Na vida, o assassino pode ser qualquer um. As razões, os métodos, as circunstâncias... os caminhos que levam alguém a se tornar um assassino são tão numerosos quanto as estrelas. Entender isso é o primeiro passo para encontrar um assassino. É preciso calar as vozes na cabeça que dizem que *Só pode ser essa pessoa*. Assassinos não são *um tipo*. São qualquer um.

Stevie apoiou a cabeça na janela fria e observou a placa de alce passar.

— Nada de alce — sussurrou.

Element Walker. Stevie podia praticamente vê-la naquele momento. Artista. Exagerada. Amigável. A garota com hematomas nas canelas por escalar coisas, com buracos nas sapatilhas de cetim baratas. A garota com meias de bebê amarradas no cabelo e a velha saia de líder-de-torcida. Ellie, que tinha um saxofone como melhor amigo, mesmo sem saber tocar. A garota com a garrafa de champanhe morna comprada na França, que dividiu com duas pessoas que acabara de conhecer.

Ellie, você matou alguém?

Foi de propósito?

Stevie tentou lançar os pensamentos para o ar montanhoso, como se mandasse uma mensagem mental para Ellie. Me conta. Eu posso ajudar. Sinto muito.

Por que sentia muito? Chegara à conclusão correta. Não tinha chamado o segurança; isso fora coisa de Nate. Tudo o que fizera foi uma pergunta.

O dia ficara cinza, e as paredes de rocha da estrada se assomavam ameaçadoramente de ambos os lados. Aquela montanha era um lugar difícil e lindo. Tinha muitos recantos, mas era frio e alto. Ellie era uma criatura de cor, de pessoas. Stevie mentalizou-a no primeiro dia de aula, vestida como uma líder-de-torcida punk e desarrumada, o cabelo embaraçado e preso com aquelas meinhas. Então, mais tarde no mesmo dia, tingindo as roupas de rosa na banheira enquanto bebia champanhe com Stevie e Janelle, ocupando o centro das atenções. Ellie gostava de *se apresentar*, não de se esconder da sociedade.

Não. Fatos eram fatos. Ela os alinhara, avaliara. Ellie escrevera o roteiro e roubara o computador. Foi só isso o que Stevie tinha dito, e era verdade. Era verdade. Não podia ser culpada pela *verdade*.

Dois dias antes da morte de Hayes, *alguém* pegou o crachá de Janelle enquanto as duas estavam na aula de ioga no celeiro da arte. Pode ter sido qualquer um. A bolsa estava bem ali na entrada. Mas foi alguém que sabia que Janelle tinha acesso à cabana de manutenção. *Alguém* entrara lá com o crachá de Janelle e pegara uma quantidade imensa de gelo seco do estoque. Pesava centenas de quilos. Para transportá-lo, foi necessário um carrinho de mão ou de golfe, algo grande. Depois, provavelmente foi carregado para dentro do alçapão do túnel, na floresta. Os blocos tiveram que ser levados escada abaixo até o túnel, um por um. Então o alçapão foi fechado. Para quê? Ao que tudo indica, para criar fumaça. Mas não é isso que gelo seco faz, deixado em tanta quantidade por tanto tempo num espaço fechado.

Podia imaginar Hayes ou Ellie se enganando na parte da ciência. Nenhum dos dois era bom no assunto, até onde sabia. Podia imaginar Ellie inventando moda para criar um efeito, mas...

Nunca fez muito sentido. A não ser que Hayes pensasse que poderia fazer uma grande cena de neblina, ou que Ellie pensasse que poderia atrapalhar a filmagem...

Mas por que criar um superefeito especial se não tem ninguém lá embaixo para filmar? E haveria maneiras mais fáceis e efetivas de atrapalhar uma filmagem.

Se não foi Ellie, quem foi?

Apoiou a cabeça na janela fria, sentindo a palavra ecoar no ritmo do ônibus: *assassinato, assassinato, assassinato, assassinato...*

Por que Hayes precisava morrer? Ele era chato. Trapaceava e usava as pessoas. Mas, no fim das contas, não valia a pena matá-lo.

Assim como Dottie. Até que ela viu algo que não devia.

Será que Hayes *tinha visto* alguma coisa? Havia algo a ser visto?

Sua função era trabalhar no caso Ellingham, e o mundo jogara a maior e melhor oportunidade bem no seu colo. Trabalhar com um autor num livro sobre o

caso. Era seu sonho.

Mas Ellie dançava em sua visão periférica.

O ônibus entrou no terreno da escola e pegou a trilha traiçoeira, com árvores tão espessas e baixas que arranhavam as laterais do veículo, com inclinação tão íngreme que fazia o motor rugir. Havia um rio e uma minúscula ponte de madeira. David tinha razão: passar por ali era difícil. Supunha que seria possível ir pelo meio da floresta. Possível, mas não fácil. E aterrorizante, naquele breu. Não havia como atravessar a floresta sem escorregar no declive, tropeçar nas raízes e nos galhos, cair em buracos, bater em pedras. E a única maneira de cruzar o rio era pela ponte. Era tudo da maneira como Albert Ellingham planejara que fosse. O lugar era uma fortaleza. Então, se a ponte estava sendo vigiada, e a estrada dos fundos, também... Que mágica Ellie fizera para sair dali? Sair do cômodo trancado não era quase nada comparado a isso.

O veículo chegou ao topo e passou pela dupla de esfinges. Quando parou junto ao pórtico do Casarão, Stevie desceu, e foi recebida por uma brisa de montanha forte e súbita como um tapa. Faria mal dar só uma olhada? Só uma olhadinha em volta, para satisfazer o que estivesse remoendo seus pensamentos?

Andou ao redor do Casarão. Os fundos do prédio eram murados, escondendo o jardim afundado. Não tinha certeza de qual era a janela pela qual Ellie supostamente fugira, mas só havia algumas possibilidades. As janelas que davam do porão eram protegidas por poços profundos e vidros com grades. Stevie se abaixou e puxou uma. Estava bem fechada.

Esqueça o paradeiro de Ellie; como a garota *tinha saído* do porão? Stevie não conseguiria resolver a primeira questão até responder à segunda. E uma pessoa saberia a resposta. Ela a encontrou em seu lugar de sempre, a grande mesa de madeira ao lado da porta principal do Casarão.

— Só vim dar um oi — disse Stevie, entrando no enorme vestíbulo.

Larry ergueu o olhar da prancheta na qual escrevia.

— Oi — respondeu ele. — E não.

— Eu não perguntei nada.

— Não precisa perguntar. Seja o que for, a resposta é não.

Ela puxou uma cadeira dobrável ao lado da porta e se sentou em frente ao segurança.

— Fui a Burlington hoje — contou.

— Que bom.

— Fui encontrar a dra. Fenton, que escreveu *Cordialmente Cruel*. Já leu esse?

— Não lembro — disse ele, ainda lendo o que quer que estivesse na prancheta.

O Casarão tinha um cheiro diferente de qualquer outro lugar em Ellingham. A escola era toda natureza e lenha. O Casarão cheirava a verniz, couro e cigarros

fumados em 1938, cujas moléculas haviam se infiltrado na madeira, no cristal e no mármore e produzido um aroma novo e antigo. Cheirava a riqueza. Não dinheiro; *riqueza*. Não era como o fedor dos cigarros de Fenton, que tinham empestado o cabelo e o gorro de Stevie. Seu casaco de vinil era impermeável. Vida longa ao vinil.

— Tá bom — admitiu, quando Larry se recusou a erguer o olhar. — Eu ia te perguntar uma coisa.

Larry apertou o botão da caneta em aviso.

— Queria saber se você poderia me mostrar por onde Ellie saiu.

— Acho que já respondi.

— Não é melhor que eu venha até você e pergunte?

— Sim. E a resposta continua sendo não.

— Ah, vai, por favor — insistiu ela, baixando a voz e se inclinando um pouco sobre a mesa. — Eu não mereço saber?

O rosto de Larry sugeria que não merecia.

— Por favor — tentou Stevie, de novo, dessa vez com um toque de tristeza. — Eu me sinto... responsável. Tipo, eu coloquei Ellie nessa situação, e se ela tiver sido comida por um urso...

Nada. Larry era irredutível como a montanha na qual estavam. Tentou parecer desesperada, mas não sabia como. Acabou fazendo um pouco de beicinho. Larry revirou os olhos e deu uma espiada no Salão Principal.

— Eu arrango cápsulas de café normal para você.

— Vá embora, Stevie.

— Só estou pedindo para *ver* por onde foi. Só isso. Essa história... me deixa nervosa. Foi culpa minha ela ter ficado nessa situação. Ou pelo menos do que eu disse. Só quero ver.

Larry apertou a caneta mais algumas vezes.

— Se eu mostrar, você vai parar?

— Com certeza.

Larry inclinou a cadeira para trás alguns centímetros, baixou o queixo e olhou para a porta entreaberta do escritório de segurança ao seu lado.

— Jill — pediu —, assumo por alguns minutos. Preciso ir ao porão.

— Beleza — respondeu uma voz lá dentro.

Ele abriu a gaveta da escrivaninha e pegou um molho de chaves.

— Venha — chamou, levantando-se.

Stevie o seguiu de perto, falando:

— Meu tio gostava de dizer: “Você é uma mala sem alça, mas não dá para ignorar.”

— Seu tio sabia das coisas.

— Foi minha persistência que me tornou aluna de Ellingham.

— Aham.

O acesso ao porão do Casarão era por uma porta na cozinha, que por sua vez ficava depois de uma porta de madeira embaixo da grande escadaria, que levava a um meio-lance de escadas e a um espaço parcialmente subterrâneo. A cozinha era um cômodo cavernoso com chão de azulejo preto e branco e paredes brancas. Apesar de os eletrodomésticos antigos terem sido substituídos por outros, mais modernos, ainda havia um ar de 1930 ali dentro, com os grandes balcões de madeira, a mesa com tampo de mármore muito marcado, onde deviam abrir as massas. Havia armários e despensas imensos, todos com portas brancas de madeira caiada ligeiramente tortas e fissuras do tempo. As janelas só começavam na metade superior da parede, tornando o cômodo um pouco escuro. Globos de luz gigantescos pendiam do teto. Por mais que cheirasse um pouco aos almoços dos professores esquentados no micro-ondas e a canecas de café sujas, o lugar ainda passava uma sensação de autenticidade. Stevie conseguia imaginar o cozinheiro da casa e seu assistente trabalhando.

— Por aqui — disse Larry, guiando-a até uma porta branca sem identificação do outro lado do cômodo. — Cuidado com os degraus. Estão empenados.

Ali, o Casarão ficava um pouco mais real. O porão tinha o fedor característico de um porão, mesmo da entrada; um cheiro pungente e acre que Stevie sentia no fundo da garganta. Os degraus estavam frouxos e faziam um barulho parecido com um grito quando pisados.

— Você já ia me mostrar — afirmou Stevie, enquanto desciam. — Não é?

— Se eu não mostrasse, você ia dar outro jeito de ver.

Stevie reluziu de orgulho.

— É um labirinto aqui embaixo, então fique perto de mim — completou ele.

Larry virou para a direita, onde foram imediatamente confrontados por uma parede. Uma pequena abertura do lado direito levava a um espaço de apenas alguns metros quadrados, que levava a outra câmara, de talvez menos de um metro quadrado, que se abria de ambos os lados para outras câmaras apertadas. Todas eram escuras e precisavam ser iluminadas por pequenas lâmpadas acionadas por cordinhas.

Stevie entrara no túnel recém-escavado junto de Hayes, naquela semana fatídica antes da morte dele. Já estivera em lugares claustrofóbicos antes. Por mais que esse porão fosse muito maior, tinha sido dividido em espacinhos aleatórios, com paredes de tijolos marrons antigos. Era um labirinto.

— O que é isso? — perguntou Stevie enquanto faziam curvas e giros por muitos minúsculos espaços mal-acabados.

— Albert Ellingham era um homem estranho — explicou Larry. — As pessoas sempre esquecem isso. Ele era estranho. Ele e os amigos tinham o costume de fazer jogos aqui embaixo. Algumas dessas portas...

E, de fato, tinham chegado a uma porta. Larry a abriu, revelando uma parede de tijolos atrás.

— São piadas. E, para que as pessoas nunca aprendessem o caminho, ele volta e meia mandava que as paredes internas fossem derrubadas e reconstruídas em outro lugar.

— Que incrível — comentou Stevie. — Por que isso não é mencionado em nenhum livro?

— Porque ninguém tem permissão para vir aqui embaixo — respondeu Larry. — E nenhuma dessas paredes sem sentido está nas plantas. São puramente estéticas. Eu mesmo as derrubaria, para tornar esse espaço mais útil.

Algumas das áreas no meio eram mais cheias de coisas; objetos maiores e mais pesados. Caixas grandes, eletrodomésticos velhos, pilhas de cadeiras e partes de móveis antigos. Os dois precisaram se espremer para passar em alguns pontos. Também havia pesados alçapões de metal no chão. Stevie apontou a lanterna do celular para eles e perguntou:

— O que são esses alçapões?

— Antigas áreas de depósito. Alguns mantimentos ficavam aqui, naquela época: maçãs, batatas, comida em conserva. Esses aqui são depósitos de gelo. No inverno, os empregados cortavam gelo e guardavam embalados em palha. Antes dos congeladores, havia frigoríficos. Muito bem...

Tinham chegado a uma das maiores partes do porão; um espaço com talvez seis metros de comprimento e metade da largura. O cômodo se estendia até a janela. Larry tirou o celular do bolso e ativou o modo lanterna, então explicou:

— Nesse momento, estamos bem embaixo do escritório de Ellingham. Essa parede... — Ele bateu com a mão na parede à direita. — ... é permanente e estrutural. E, bem aqui...

Ele apontou a luz para a parede por um momento, então deslizou a mão pela superfície até encontrar o que buscava. Apertou um dos tijolos com força, produzindo um ruído oco. Então empurrou um pedaço da parede, que cedeu, revelando uma porta estreita numa dobradiça. Na mesma hora, Stevie se impulsionou para abri-la, mas Larry bloqueou o caminho com o braço.

— Você pode olhar, mas não tem muito o que ver.

Stevie esticou o pescoço para dentro da abertura, escura como breu. O fedor de poeira e mofo ali dentro era realmente horrível, e ela espirrou no mesmo instante. Pegou o celular e apontou a lanterna para a escuridão. Conseguiu distinguir uma

passagem com no máximo sessenta centímetros de largura e um conjunto de escadas.

— Foi assim que Ellie escapou? — perguntou Stevie. — Por uma porta escondida no escritório?

— Foi assim que ela escapou. Desceu os degraus e saiu por essa porta. Aqui... Ele indicou uma janela. Algumas caixas estavam amontoadas contra a parede.

— Encontramos caixas bem embaixo da janela. Que estava entreaberta.

Stevie ficou um tempo parada olhando para a janela minúscula, coberta de sujeira antiga e teias de aranha. Uma grade a protegia do lado de fora.

— *Como?* — questionou. — Como ela sabia?

— Não sei. Há relatos de pessoas que já entraram no porão, mas, até onde eu sei, ninguém nunca encontrou essa passagem.

— Então ela saiu pela janela — falou Stevie, olhando para cima. — E como passou pela grade?

— Tem um gancho aqui embaixo que serve como tranca — respondeu ele, apontando para um ferrolho. — É só abrir e puxar para cima. Foi como encontramos.

— Então ela entrou na passagem, desceu até aqui, empilhou umas caixas, abriu a janela e a grade e escalou para fora. Ela fez isso em quê, cinco minutos?

— Algo assim.

— Bem, ela teve uma vantagem de cinco minutos. E tudo isso deve ter levado alguns minutos, então só restaram um ou dois minutos para ela sair correndo do prédio antes que vocês fossem atrás.

— Mais ou menos isso. Nós fomos primeiro até o sótão, e tivemos que reorganizar algumas pessoas nos postos. Então, sim, ela teve cerca de cinco minutos de vantagem.

— Aonde você acha que ela foi? — perguntou Stevie. — Ellie não estava carregando nada. Tipo, estava só de casaco. Mas não tinha dinheiro. E acho que estava com o celular, quem sabe?

— Nenhuma ligação foi feita, e não há nem sinal do telefone. Ou ela o desligou, ou largou em algum canto.

— O que você acha que ela fez?

— Meu palpite é que ela conseguiu descer até a estrada. Fomos lá embaixo assim que possível, mas ela deve ter cortado caminho pela floresta. A polícia olhou os pontos de parada na estrada, ficou de olho nos ônibus... De alguma maneira, ela passou. Acho que conhece pessoas em Burlington. Talvez uma tenha vindo buscá-la. É o que eu acho.

— Não acha que ela foi comida por um urso?

— Não é impossível que ela tenha dado de cara com um urso, mas acidentes fatais com ursos são raros, e muito provavelmente teríamos encontrado os restos mortais.

Ele disse isso com um pouco de indiferença demais, deixando Stevie desconfortável.

— Acho que ela vai aparecer — continuou Larry. — A família de Element tem um histórico com comunas. Acho que ela pode ter chegado a um desses lugares e estar mantendo a discrição. Tem muitas comunidades desse tipo por aqui. Mas, uma hora ou outra, as pessoas aparecem. Ninguém quer ficar escondido para sempre. Não é da natureza humana.

Ninguém quer ficar escondido para sempre.

— Posso perguntar uma coisa?

Larry gesticulou, indicando que ela vinha fazendo perguntas esse tempo todo, então daria no mesmo se continuasse.

— Como as pessoas culpadas agem?

— Em geral, elas mentem. Algumas desabam logo de cara, mas outras conseguem continuar mentindo na sua cara, frias feito gelo, e nunca param.

— Mas tem alguma coisa que elas sempre fazem? Alguma *pista*?

— Sim e não. Não é algo que venha delas. Vem de você. Depois de um tempo nessa vida, você aprende a identificar. Mas não pode se basear nisso. Precisa ir atrás de provas. Mesmo que tenha o melhor instinto do mundo, o que importa são os fatos.

— Mas não dá para a gente se basear na intuição — retrucou Stevie.

— Não quando o assunto é determinar a culpa. Mas a intuição pode lhe ajudar de outras formas. Pode evitar que você se machuque.

Seu tom foi ligeiramente incisivo.

— Você acha que Ellie parecia *culpada*? — perguntou Stevie.

— Ela parecia... assustada. Mas fazia sentido estar.

Um silêncio recaiu entre eles por um momento, cheio dos resquícios de medo de Ellie.

— Olha — prosseguiu Larry, depois de um tempo —, nós não sabemos o que aconteceu. Mas tendo a acreditar que foi um acidente, uma pegadinha que deu errado, ou algo do tipo. Até onde eu sei, os dois podem ter trabalhado nisso juntos, pegado o gelo seco juntos. Acho que Element e Hayes são duas crianças que se meteram no que não deviam. O que quer que a menina tenha feito, o que quer que tenha acontecido, não acho que foi proposital. Isso *se* ela fez alguma coisa. Ellie não me parece uma pessoa perigosa. Você não precisa ter medo. E esse lugar agora é todo vigiado. Tem holofotes no perímetro da propriedade, câmeras. Tudo o que eu queria há anos. Ela não vai conseguir nem chegar perto de você. Eu não vou deixar.

Stevie olhou para Larry e sentiu uma vontade súbita de chorar. Algo derreteu um pouco dentro dela. Seria gratidão? Medo reprimido? Cerrou as mãos e virou para o lado escuro do cômodo, de volta para o porão labiríntico e úmido. Havia tantos lugares onde se perder ali dentro, lá em cima. Na vida. Tantos cantos escuros.

Stevie olhou mais uma vez para a pequena janela. Era apenas grande o bastante para uma pessoa passar apertada. Toda a fuga exigiria tanta... coragem. Ellie tinha mesmo conseguido segurar a onda.

Larry gesticulou para que voltassem pelo mesmo caminho da ida, seguindo a trilha de luzes. Então puxou a cordinha, mergulhando a câmara na escuridão. Apenas uma nesga de claridade entrava pela janela, como um olho embaçado com pálpebras pesadas.

Quando saiu do Casarão, Stevie notou que havia algo na fonte Netuno que não estava ali quando entrou. David estava sentado lá dentro, os jorros de água que saíam das bocas abertas dos poderosos amigos peixes de Netuno e se derramando sobre a cabeça, achatando o cabelo.

— Isso, sim, é o que eu chamo de querer chamar a atenção — comentou Stevie, ao se aproximar.

— Eles daqui a pouco vão desligar a fonte por causa do inverno — respondeu David, abrindo a boca para um gole de água.

— Essa água é limpa? Você deveria estar bebendo isso?

Ele deu de ombros, então se levantou, as roupas pingando, e saiu da fonte. Enfiou as mãos no bolso do short e foi caminhando ao lado de Stevie, como se não houvesse nada estranho com o que tinha acabado de fazer.

— Terapia. Ajuda — comentou ela.

— Já tentei. Os terapeutas sempre acabam chorando. Acho que os ajudei a ter vários momentos de catarse. Você ficou um tempo lá dentro. O que estava inventando?

— Você estava me seguindo?

— Seguindo, não. Eu só me interessei... O que você estava fazendo?

— Só olhando.

— O quê?

— O porão.

— E o que você viu?

— Um labirinto. O porão é estranho. Mas é bem óbvio como Ellie saiu. Ela desceu pela passagem, então saiu pela janela do porão.

— Isso nós sabemos. Minha questão é: o que aconteceu depois?

— Eu não sei. Estou tentando descobrir. Você me pediu para investigar, estou investigando.

David estremeceu de leve no moletom molhado. O clima não estava totalmente outonal, mas com certeza não era o tipo de dia para andar por aí em roupas encharcadas. Stevie não conseguiu deixar de notar que ele estava acompanhando seus passos e que entrara na fonte para impressioná-la. E estava mesmo impressionada. Bizarro. E ele ficava bonito molhado.

— Bem, investigue mais rápido.

Uma conversinha educada não é pedir demais, dissera Edward King.

Até a voz de David lembrava um pouco a do pai. As palavras eram diferentes, mas o timbre era o mesmo. O veneno King dominava tudo.

— Essa responsabilidade não é minha — retrucou Suzie, ríspida.

— Eu não disse que era. É só que o tempo está passando.

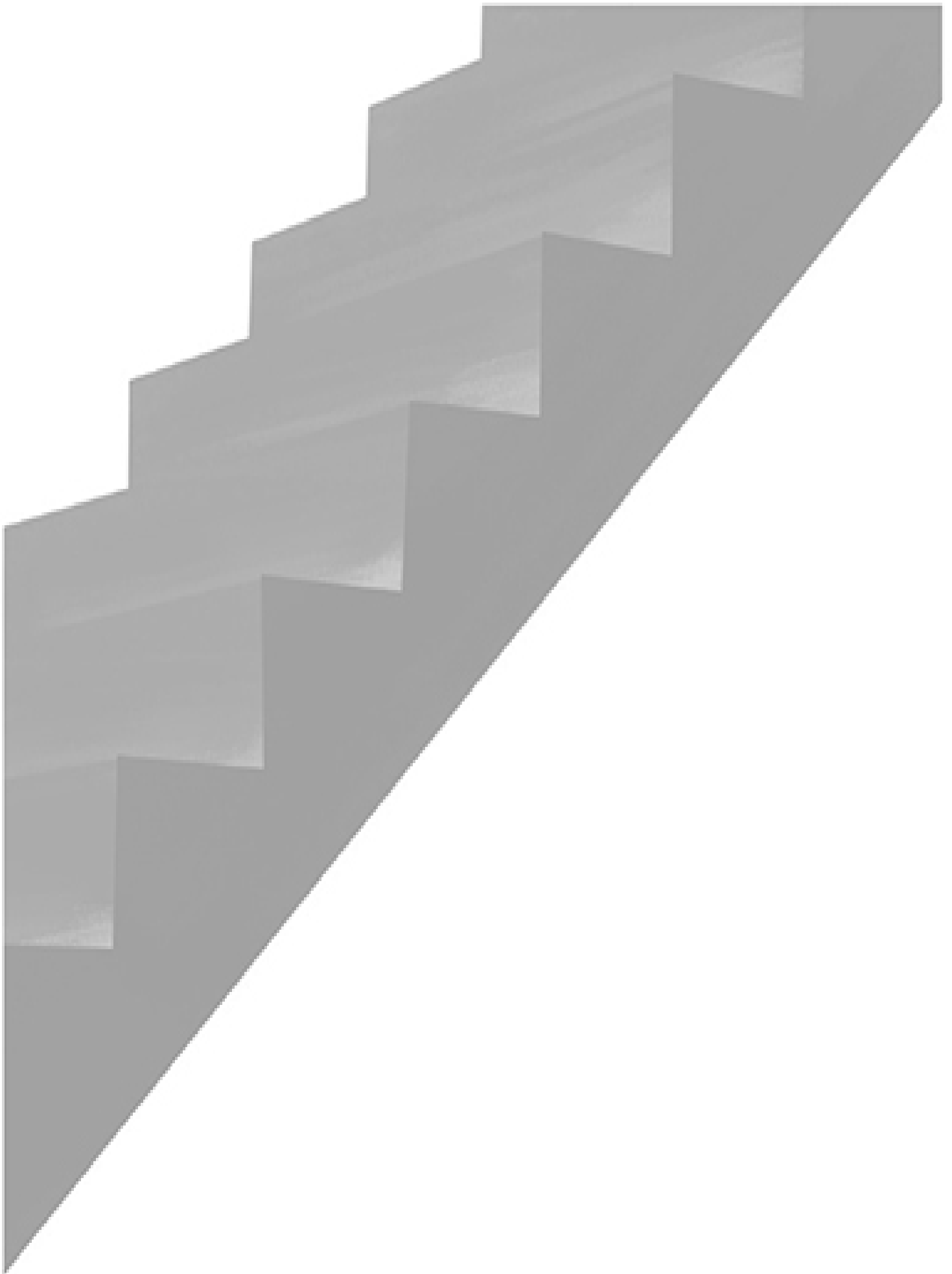
— Não é culpa minha.

— Eu não disse que...

— Bem, você está agindo como se fosse — afirmou, andando para longe.

Era incrivelmente fácil ficar indignada. Precisava se repelir; não ver David, não sentir o que sempre sentia quando estava perto dele. Tinha que suprimir o desejo dentro de si. Uma discussão era uma boa maneira de se distrair. Mas só funcionava até certo ponto.

Além disso, precisava se perguntar: será que David a culpava pelo que tinha acontecido? Será que todos a culpavam?



— Anatomia — disse Pix, escrevendo a palavra no quadro branco — vem do grego. O prefixo *ana* significa “em partes”. A raiz, *tome*, é “cortar”. “Dissecação” é de origem latina. *Dis* também significa “em partes”, e *secare* é a raiz de “cortar”. Então, anatomia e dissecação são ligadas na linguagem e na prática. Para entender como os corpos funcionam, é preciso abrir e dar uma olhada.

A manhã de segunda levou Stevie de volta à primeira aula da semana, anatomia e fisiologia, ministrada por Pix. Anatomia era uma das matérias que Stevie estava mais ansiosa para estudar em Ellingham; o tipo de coisa que precisaria saber. Tinham chegado à parte de dissecação do programa, o que significava que as aulas passaram a ser em um laboratório. E também ganhara uma nova dupla: Mudge, o das lentes coloridas.

— Dito isso — continuou Pix —, venham aqui e peguem um kit de dissecação para cada bancada, assim como um coração de ovelha.

Relutante, Stevie se aproximou e pegou uma das bandejas, abastecida com bisturis, tesouras e sondas. Enfiou a mão no isopor e tirou um coração de ovelha embalado a vácuo. O órgão tinha um tom vermelho-escuro, quase preto.

— Você quer cortar ou desenhar? — perguntou Mudge.

Stevie olhou para o coração. Parecia uma beterraba cozida embalada a vácuo. Por mais que gostasse de usar as luvas, não estava empolgada com aquilo.

— Desenhar.

— Beleza.

Ambos calçaram as luvas de laboratório, então Mudge pegou o coração e abriu a embalagem.

— Você gosta de anatomia? — perguntou Stevie.

— Amo — respondeu ele, em voz baixa.

— Quer ser médico?

— Quero trabalhar na Disney.

Stevie ergueu o olhar para o parceiro de laboratório, com os dois metros de altura, o cabelo pintado de preto, as lentes de contato roxas com pupilas de cobra e os brincos e pulseiras com espetos.

— O que foi? — perguntou ele.

— Disney?

— Eu adoro a Disney. Olha.

Ele se abaixou e puxou a gola da camiseta do Slipknot com os dedos enluvados. Havia um pequeno objeto preso ali. Era um broche esmaltado do

Mickey.

— Esse é um broche de um ano de serviço aposentado. Eu coleciono esses broches. Tenho quase cem. — Ele se endireitou. — É por isso que não tenho nenhuma tatuagem, sabe? Membros do elenco não podem ter tatuagens visíveis.

— Você quer ser um membro do elenco? Tipo, interpretar o Mickey?

— Todos os funcionários são chamados de membros do elenco. Quer dizer, um dia eu quero ser um Imagineer, mas gostaria de começar trabalhando na área de visitas do parque. Bem, qual é a primeira incisão?

Quando saiu do prédio, ainda cheirando a aula de dissecação, Stevie encontrou David sentado, esperando por ela, com óculos escuros e uma expressão presunçosa.

— Olá, Scooby — cumprimentou ele. — Já teve alguma onda cerebral?

Stevie tinha conversado com ele na noite anterior e dito que olhara o porão. O lugar não tinha exatamente aumentado seu conhecimento.

— Eu já disse o que sei. Achei que ficou bem claro que ela desceu pela passagem, empilhou algumas coisas para alcançar a janela e escalou para fora.

— Isso nós já sabemos. Acho que só estou surpreso por ela nunca ter me contado que tinha um painel de fuga numa das paredes do Casarão. Nós compartilhávamos esse tipo de informação.

— Você conhece outros lugares?

— Eu sei todo tipo de coisa — falou ele, com um sorriso. — Talvez eu conte, se você se comportar. Mas meu ponto é: como ela saiu pela janela e desapareceu num passe de mágica? Levando em conta todas as razões que aponteí?

— E o que *você* acha? — retrucou Susie. — O que faria se fosse ela?

— Talvez Ellie tenha se escondido naquela noite. Foi meu pressentimento desde o início. Acho que ela se escondeu até decidir o que fazer. Tem muitos lugares onde ela pode ter se escondido. Mas trancaram a merda toda depois, e é isso que vem me deixando bolado. Sem casaco, sem celular... Não sei. Ela usou um telefone em algum lugar. Eu só não entendo e não consigo entender. Mas... Acho que é melhor eu ir para a aula de cálculo.

— Você vai para a aula de cálculo?

— Faço uma visita de vez em quando. Mantém o Shorty na linha. O dr. Short me ama. Todo mundo me ama. Eu sou um amor.

Ele ergueu os óculos escuros e piscou para ela, então deu meia-volta em direção à aula.

Que droga aquilo significava? Claramente, eles tinham voltado a ser amigos. Ou David achava que sim.

Ela afastou a confusão e seguiu para o Casarão. Tinha trabalho pela frente.

O sótão de Ellingham era um lugar de pura magia. Talvez fosse o local com mais privacidade do campus, uma caverna acima de tudo, com o mesmo perímetro do Casarão. Estava imerso na meia-luz que entrava pelas persianas. Era ali que os detritos da vida em Ellingham tinham ido parar, armazenados em todas aquelas estantes de metal. Stevie caminhou por entre elas de novo, deixando o silêncio permeá-la. Cheirava levemente a poeira, mas era uma poeira fina e lendária, delicadamente presa em veludos, repousando como neve fresca em espelhos. Tudo ali estava parado no tempo.

Grande parte desses objetos, lembrou Stevie, caminhando pelo cômodo para se reambientar, na verdade era lixo. Lixo bom, mas lixo. Caixas de maçanetas. Pilhas de pratos. Caixas de uniformes antigos. Vinha querendo revisitar algumas coisas, como o corredor que continha os antigos itens do escritório de Albert Ellingham; aqueles que não eram importantes o bastante para serem mandados para qualquer museu ou arquivo. Viu telefones e cordas, papéis grandes e pequenos inutilizados. Investigou uma das caixas, onde tinha encontrado o papelzinho do Western Union com o enigma que Albert Ellingham escrevera no dia de sua morte:

*Onde você procura alguém
que nunca está ali de
verdade?
Sempre numa escada, mas
nunca num degrau*

Ela revirou a caixa outra vez, conferindo o bloco de notas para ver se algum item da lista de Fenton podia estar ali. A caixa continha objetos como pesos de papel, grampos, papéis timbrados antigos, caixinhas com fitas de máquinas de escrever Corona Smith, pontas de caneta F. B. Bridge da melhor qualidade, gravadores de fio Webster-Chicago, rolos de papel para uma calculadora Borough... Todos os produtos que deviam ter sido alguma coisa, que antes poderiam ser encontrados em todo lugar e que não significavam mais nada. Eram obsoletos.

Ela se sentou no chão e leu o bloco de notas que recebera de Fenton. A mulher queria que Stevie checasse 307 itens. Alguns seriam relativamente fáceis e rápidos; verificar quais cômodos eram conectados por portas, confirmar cores, materiais e estampas. Alguns exigiriam a leitura de muitos volumes de registros domésticos. O que impressionava Stevie era quão mundanos, até mesmo estúpidos, eram esses detalhes. Ou ao menos pareciam. Mas investigar, e talvez escrever livros, exigia pesquisa, e detalhes importavam.

Stevie abriu um documento no laptop e estabeleceu um plano de ataque básico, agrupando itens que poderiam ser procurados ao mesmo tempo. Com um pouco de esforço, dividiu tudo em sete listas, organizadas por categoria. Esse tipo de trabalho

a acalmava e distraía. Destrinchar, ordenar, listar. Em pouco tempo, as anotações descuidadas de Fenton tinham assumido uma forma limpa. Decidiu começar logo a primeira lista, separando diversos volumes de registros domésticos.

Os livros continham todos os afazeres domésticos dos Ellingham: mantimentos e suprimentos pedidos, refeições servidas, tarefas realizadas. A carne chegava às segundas e terças, o peixe, quatro vezes por semana, e os laticínios eram entregues em grande quantidade todos os dias. Durante o inverno, laranjas e limões eram encomendados especialmente da Flórida. Mantimentos, verduras e bens domésticos às vezes chegavam três vezes por dia. A limpeza era um processo imenso e contínuo. Além da equipe regular de funcionários da casa, moradores locais iam aos montes lavar janelas e pátios, polir os quilômetros de jacarandá, tirar pó das montanhas de mármore, limpar lareiras, cortar e empilhar lenha, encher os depósitos de gelo, consertar qualquer coisa que precisasse de reparo... Também havia a equipe que cuidava da área externa; um pequeno exército de jardineiros para plantar mudas, arrancar ervas-daninhas, molhar o terreno e gerenciar a vida na encosta da montanha. Tudo isso, mais as centenas que trabalhavam para finalizar a escola. Era bem claro o quanto o Instituto Ellingham devia ser importante para os locais. *Todo mundo* já deve ter trabalhado lá uma vez ou outra. *Todo mundo* vendia para a escola. Os negócios locais dependiam desse estranho homem e de sua escola no meio do nada. Era muito esforço para poucas pessoas, mas, ao mesmo tempo, Albert Ellingham se tornou fonte de muita coisa. Um ataque a ele seria um ataque a todos.

Com certeza fazia certo sentido que alguém quisesse Anton Vorachek morto. Muita gente conhecia a família, dependia dela. E muitas pessoas tinham dado uma olhada em pelo menos parte do terreno. Não deviam conhecer os túneis, mas o homem do gelo conhecia o porão, o homem da entrega sabia da cozinha, e os faxineiros viam o interior da casa. As pessoas comentavam.

Stevie fechou o computador e os olhos. Uma pena. Um pedaço de tecido bordado com pedras. Um batom. Um par de aspirantes a gângsteres. O que isso tudo *significava*? Será que Francis e Edward falaram com alguém? Será que trabalharam com alguém de fora?

As respostas ainda não estavam disponíveis.

Ela espanou o corpo e olhou ao redor. Tinha antigos amigos a visitar. Em algum lugar por ali havia uma caixa de jornais que Albert Ellingham enterrara no túnel e que acabara de ser escavada. Podiam conter algo de útil. Stevie não conseguia encontrá-la, então foi até o final do cômodo, para o maior tesouro do porão. Era um volume enorme, com quase dois metros e meio de largura, coberto com um lençol. Stevie puxou o tecido com cuidado.

Embaixo havia outro Casarão, uma cópia exata. Tinha sido feita para Alice Ellingham, depois de seu desaparecimento. Ficava ali, juntando poeira, esperando seu retorno. Stevie passou o braço ao redor da moldura, buscando a alavanca, e abriu a casinha, examinando os quartos por dentro da maneira como eram em 1930. Os cozinheiros estavam mexendo em panelas minúsculas. O quarto de Iris estava ali, a cama feita com pequenos lençóis de seda, a penteadeira arrumada com escovas e vidros de perfume em miniatura. Stevie olhou a cena de cima, como uma deusa, examinando os antigos quartos, os banheiros rústicos com azulejos minúsculos. E lá estava o escritório de Albert Ellingham, com cópias de cadeiras, mesas, tapetes e até alguns dos objetos que ela acabara de olhar.

Havia até uma miniatura do próprio Albert. Stevie pegou o boneco. A louça articulada se mexia da maneira que ela quisesse. O rosto estava pintado com um sorriso benevolente. Havia algo de profundamente perturbador naquela casinha de bonecas. Talvez fosse por isso que nunca chegou a ser exibida.

Estava escurecendo. O sótão fora mergulhado em sombras. Devia ser hora do jantar. Stevie devolveu o boneco ao lugar. Na saída, olhou para a janela virada para o oeste, com vista para a cabana de manutenção e o pequeno estacionamento dos docentes, onde apenas dois carros muito caros estavam estacionados. A dra. Quinn caminhava na direção de um deles, um carro vermelho esportivo, trocando de óculos. Fazia sentido que ela dirigisse um automóvel que combinasse com alguma estrada montanhosa da Europa, ou talvez a costa de Nice. Mas o estacionamento não era a verdadeira vista. Dali era possível observar as montanhas ao longe. O que fora necessário para construir aquele lugar? Para pegar uma montanha intocada, na qual ninguém conseguia habitar, e construir aquela miniatura de império? Albert Ellingham era obcecado por deuses e deusas. Será que estava tentando construir seu próprio Olimpo, possuir um pedaço particular de terra e céu?

Sentiu o celular vibrar no bolso. Era uma mensagem de um número desconhecido.

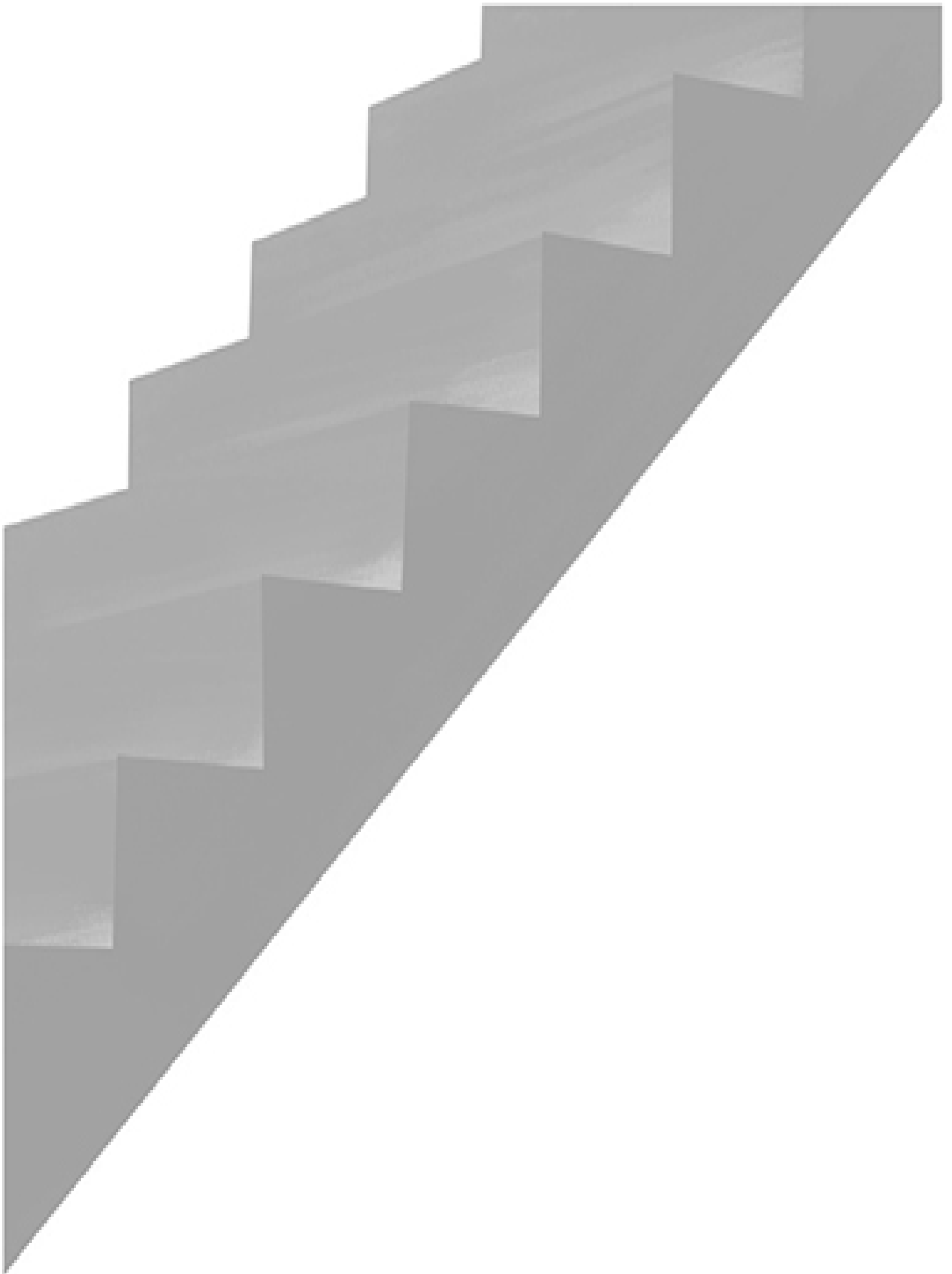
Espero que as coisas estejam bem. — EK

Edward King, só lembrando-a de que estava ali. Observando de perto. A mensagem pareceu tão palpável quanto a mão dele em seu ombro. Não dera seu número, mas era esse o ponto; King estava dizendo que não precisava pedir essa informação. Stevie já pertencia a ele.

— Quer brincar? — perguntou ao celular.

Mas não tinha nenhuma jogada contra ele. A única coisa que podia fazer era continuar trabalhando naquela lista e nas pistas. King não era seu dono; só pegara uma parte emprestada.

E era isso que Stevie continuaria dizendo a si mesma.



O Halloween, tanto a época quanto a data em si, chegou sorrateiro ao campus de Ellingham. O cenário era repintado a cada tarde, as folhas mais douradas do que verdes. Algumas das vinhas que subiam pelos edifícios assumiram um tom chocante de vermelho. Abóboras começaram a aparecer em janelas, portas e recantos. As noites se estendiam para dentro dos dias com dedos mais longos, arrastando o tempo para trás. Stevie entrou na rotina de Ellingham, que entrou na sua rotina. O quarto parecia mais aconchegante, com um cheiro mais familiar, do edredom e do sabão de roupas de Ellingham (tinham um serviço de lavanderia; a roupa suja era levada num saco e trazida de volta limpa e dobrada), com o cheiro de fumaça antiga da lareira da sala comunal.

Tentou recuperar o conteúdo perdido das aulas, e por talvez uma semana acreditou que poderia conseguir. Essa confiança veio em grande parte de uma noite que passou fazendo módulos de espanhol freneticamente até as três da manhã. O rompante a fez se sentir acadêmica, talvez brilhante, talvez um gênio ignorado de sua época. A euforia despencou quando se deu conta de que tinha perdido sistemas inteiros em anatomia, estava atrasada por quatro livros em literatura, e sua dissertação sobre o presidente Harding nunca seria escrita de verdade. Sua existência era uma piada conceitual.

No entanto, fizera progressos com os pedidos de Fenton. Vinha passando longas horas no sótão, avançando pela lista tediosa. Stevie não sabia que era possível ficar entediada com detalhes sobre o caso Ellingham, mas Fenton conseguira essa façanha.

Na manhã de Halloween, ela estava de volta ao ônibus, levando seu primeiro trabalho propriamente concluído desde que ingressara em Ellingham. Era bom fazer *alguma coisa* certa.

Antes de partir para Burlington, Stevie precisou prometer a Janelle que voltaria a tempo para a festa daquela noite. Stevie sempre tivera sentimentos conflitantes em relação ao Halloween. A data tinha vários aspectos positivos; os programas de crimes reais sempre tinham impacto extra, outros programas passavam os episódios de assassinato e mistério, e, de modo geral, se esgueirar pela escuridão era mais aceitável. Mas nunca entrara na onda das fantasias. Eis o primeiro problema: ficar “fofa”. Essa tinha sido a mensagem durante toda a sua vida. Quando criança, Halloween era o dia em que Stevie era enfiada contra a vontade numa fantasia de princesa da Disney. “Você está tão fofa”, dizia a mãe, usando um alfinete para

prender o vestido fino de poliéster da Bela à camada de roupas quentes que Stevie usava por baixo. “Não quer ser uma princesa?”

Stevie não queria ser uma princesa. Não tinha certeza do que eram princesas, ou do que faziam. Pedia para ser uma princesa diferente, como a Princesa Leia, mas era vetada. O motivo não era explicado. Stevie apontava para todas as fantasias da loja: um fantasma, um pirata, uma banana. Mas não adiantava. Era sempre uma princesa da Disney, as mesmas fantasias de novo e de novo.

E era fato conhecido que Janelle Franklin levava o Halloween muito a sério. Ela se organizara e se planejara para a data com a mesma precisão e atenção aos detalhes que aplicava a tudo na vida. Stevie tinha visto a amiga fabricar uma fantasia da Mulher-Maravilha parte por parte durante uma semana, costurando, aplicando, cortando espuma, pintando com spray e usando cola quente. Mais de uma vez, ela chamara Stevie para ajudar; durante esses momentos, a interrogava sobre que personagem Stevie seria na festa. Não aceitava quando a amiga respondia que iria fantasiada de alguém que fica em casa e não usa fantasia.

— Halloween é a chance de você se transformar em quem quiser — ia dizendo Janelle, enquanto Stevie usava cola quente para grudar um pedaço de espuma dourada em forma de M ao corpete que Janelle vestiria. — Não precisa ser sexy. Isso é palhaçada patriarcal. Eu vou de Mulher-Maravilha porque amo a Mulher-Maravilha. Quem você ama?

— As pessoas que trabalham em bancos de dados de DNA? — sugeriu Stevie, verificando se o M estava bem colado.

— Tudo bem. E quanto a detetives? E Sherlock Holmes?

Stevie revirou os olhos.

— O que há de errado com Sherlock Holmes? — perguntou Janelle.

— Não há nada de errado com Sherlock Holmes. Mas ele não é uma *fantasia*. Ele é...

Stevie balançou as mãos no ar para tentar explicar que ninguém deveria se vestir como o maior detetive do mundo da ficção, aquele em quem detetives da vida real basearam suas técnicas, e que não, não era uma questão com a boina ou a capa. Janelle guiou a mão da amiga de volta com cuidado, visto que Stevie ainda segurava a pistola de cola quente.

— Dê outro exemplo — pediu Janelle.

— Não sei... Hercule Poirot.

— Boa! Pronto. Vá assim.

O orçamento de Stevie para fantasia era de basicamente dez dólares; menos, se fosse possível. A escola permitia que os alunos usassem os figurinos do teatro. Ali Stevie encontrou um terno que, se não alcançava com exatidão o padrão de qualidade do detetive mais bem-arrumado da Bélgica, chegava perto o bastante.

Pentearia o cabelo para trás com gel e usaria um chapéu. Vi lhe emprestaria uma lata de spray preto. O bigode tinha sido comprado na internet. No sábado de manhã, antes de pegar o ônibus para a reunião, Stevie dispôs todos esses itens sobre a cama. Naquela noite, faria papel de detetive. Mas, antes, precisava tentar ser uma.

Fenton morava no meio de Burlington, na área da universidade. Sua rua era cheia de imponentes construções vitorianas que já deviam ter sido lar de famílias ricas. Elas tinham grandes varandas que circundavam toda a casa e davam vista para o lago Champlain. A universidade se apropriara de alguns dos melhores prédios de tijolos e os transformara em propriedade universitária. Os outros, construções grandes e aleatórias pintadas de todo tipo de cor, tinham sido divididos em apartamentos para estudantes, que colocavam isopores, cadeiras de balanço e redes nas varandas e penduravam faixas e tapetes bordados nas janelas.

A minúscula casa verde-musgo de Fenton ficava entre uma fraternidade e uma padaria. Tinha uma grande varanda telada na entrada, que estava cheia de pilhas de jornal, engradados de leite e um monte de materiais para reciclagem. Stevie notou um tema no lixo separado: garrafas. Muitas de vinho, duas de uísque, uma de vodca. Ela se lembrou de Hunter examinando a caneca da tia.

O gesto de repente passou a fazer muito mais sentido.

Música alta tocava lá dentro, então Stevie precisou bater na porta verde descascada por quase um minuto inteiro até que alguém a abrisse. Era Fenton, com um cigarro apagado na boca. A roupa do dia era uma calça jeans velha de cintura alta e um suéter preto largo.

— Oi — disse, empurrando um grande gato laranja para dentro de casa com o pé descalço. — Pode entrar.

De alguma forma, a casa de Fenton era tudo o que Stevie pensou que seria, e mesmo assim ela ficou surpresa. O lugar cheirava a cigarro, gato, lixo e uma única vela perfumada que devia ter o objetivo de disfarçar os outros odores, mas só tornava tudo pior. Entraram numa sala de estar composta em grande parte por livros. Livros em prateleiras. Livros em pilhas ao longo da parede. Livros ao redor de toda a mesa redonda no meio do cômodo. Livros espalhados em assentos. Também tinha uma TV grande e um armário cheio de DVDs, além de copos e canecas por todo lugar e embrulhos em papel-alumínio não identificáveis. Além disso, havia algumas coisas que deviam ser de Hunter: um casaco, alguns tênis, alguns livros sobre o meio-ambiente... Observando a sala, Stevie notou mais dois gatos escondidos. O cheiro pairava sobre tudo. Tentou não demonstrar, mas era impossível não cobrir o nariz.

— Algo errado? — perguntou Fenton, por cima da música.

— Não, é...

Fenton desligou a música, criando um silêncio abrupto, e continuou:

— Você gosta dos Rolling Stones?

— Eu...

— Melhor banda do mundo. *Exile on Main Street*. Melhor álbum do mundo. Sem discussão. Tem alguma coisa fedendo? Hunter diz isso o tempo todo. Eu perdi o olfato anos atrás. Abra uma janela se tiver alguma coisa fedendo. Venha, vamos ao meu escritório.

Fenton escondeu o cigarro apagado atrás da orelha e gesticulou para que Stevie seguisse por um conjunto de portas francesas cobertas por uma persiana de bambu. Aquele cômodo levou tudo a um novo nível. A maior parte era tomada por uma imensa mesa de nogueira, com um abajur verde em cima. Uma poltrona de couro muito gasta estava a um canto, e o lugar também contava com livros em pilhas baixas e ordenadas, que se intercalavam com grandes caixas de papelão e armários de metal cheios de pastas. Mas foram as paredes que realmente prenderam sua atenção. Uma era repleta de fotografias em preto e branco das pessoas que, segundo os registros, estavam na casa no dia do sequestro. Havia uma seção inteira de fotos de Vorachek. Fotos da casa e do terreno. Mapas, novos e velhos. O mais próximo de Stevie era feito de um papel fino e frágil, mas mantido em ótimas condições, mostrando as autoestradas de Vermont em tinta azul grossa. Estava marcado por alfinetes.

— Mapa original impresso em 1935 — informou Fenton.

Era uma parede de conspiração. Uma parede de conspiração real e oficial. A única coisa que faltava eram os barbantes ligando os vários pontos.

— Então — disse Fenton —, como nos saímos?

Stevie lhe entregou o bloco de notas, explicando:

— Consegui 290 dos 307. Alguns itens estão desaparecidos. Não encontrei uma das louças decoradas que você queria.

Fenton fez *hummm* e folheou as páginas, enrolando um dos cachos grisalhos no dedo.

— Deixe-me ler isso — pediu. — Vá pegar uma Coca ou outra coisa para você na cozinha.

Fenton dispensou-a com um gesto. Stevie voltou para a sala de estar, onde parou e fez carinho num grande gato laranja em cima de um dos sofás. O móvel estava coberto por uma camada tão grossa de pelo de gato que obscurecia a cor do estofado. Havia rastros de areia de gato pelo chão, assim como cinzas e pedaços de papel. Todas as superfícies expostas tinham marcas de copo. Teve a sensação de que a cozinha não seria uma experiência agradável, mas descobriu que alguém se esforçara um pouco para arrumá-la. Estava cheia de copos sujos, mas todos amontoados na pia. Havia algumas garrafas de vinho vazias e uma caixa de pizza no chão, ao lado do lixo. Abrir a geladeira não lhe traria nada de bom. Stevie crescera

numa família metódica, que considerava qualquer cheiro, mancha ou sujeira na cozinha inaceitável, e simplesmente sabia que a geladeira exalaria o cheiro de alguma coisa mal fechada e vencida.

Havia, no entanto, algumas Cocas quentes numa caixa no chão. Pegou uma, abriu e limpou a parte superior da lata antes de beber. Passou os olhos pela pilha de livros sobre a mesa, e tinha acabado de abrir um sobre o Estripador de Yorkshire quando ouviu a porta se abrir.

— Oi! — exclamou uma voz.

Ela se inclinou para a frente e viu Hunter entrando em casa, apoiando a muleta contra a parede e largando a mochila no chão a fim de tirar o casaco volumoso. Stevie voltou para dentro da cozinha, sentindo-se estranha por estar na casa dele, bebendo sua Coca quente, mesmo que tivesse permissão para estar ali.

— Não consegui nenhum limão — anunciou Hunter. — Mas trouxe uns frios...

Ele entrou na cozinha e piscou, surpreso.

— Oi! Ah. Oi. Foi mal. E aí.

— Hunter? — gritou Fenton.

— Eu!

— Pega uma Coca pra Stevie!

Hunter deu um sorrisinho constrangido e inclinou a cabeça para a Coca de Stevie, dizendo, baixo:

— Desculpa, está meio que uma zona aqui. Vocês estão... trabalhando?

— Sua tia está conferindo umas coisas que eu fiz.

— Ah. Legal.

Hunter olhou ao redor, como se lamentasse por se intrometer na própria casa. Havia algo de solar nele. O cabelo era claro. O corte, um pouco curto demais, provavelmente feito num lugar barato e de rápido atendimento, ou até em casa. As sardas salpicadas pelo corpo o deixavam com uma aparência mais jovem.

— Então — disse ele, sentando-se. — Como é lá em Ellingham?

— Intenso. Muito bom. Demais.

— E como você entrou?

— Só escrevi sobre como sou obcecada pelo caso. Não achei que fossem me aceitar. Mas alguém gostou de mim.

— Parece que você tem o quê de especial. Eu me inscrevi, sabe. Só que não recebi minha carta de Hogwarts.

Pela primeira vez, Stevie se deu conta de que era integrante de uma sociedade exclusiva aos olhos de outras pessoas que podem ter desejado entrar, desejado viver essa magia. Ela era invejável. A situação era estranha e não totalmente confortável,

e ela queria dizer alguma coisa para fazer Hunter se sentir melhor, mas sabia que, se estivesse naquela posição, qualquer coisa soaria condescendente.

— Tudo bem — continuou ele. — Eu não estava contando com isso nem nada. Só sabia da escola por causa da minha tia e resolvi tentar.

Ele deu um sorrisinho e olhou ao redor, como se constrangido por tudo o que dizia.

— Eu ainda acho que me aceitaram por engano — comentou Stevie.

— Todo mundo deve falar isso.

— Ninguém fala. Só eu. Talvez seja verdade. Minha amiga Janelle é um gênio. Meu amigo Nate é autor. Todo mundo lá é *alguma coisa*.

— E você é alguma coisa.

— Eu só gosto de crimes.

— Quem não gosta? — perguntou ele, sorrindo.

— Muita gente.

— Gente idiota.

Isso a fez sorrir.

— Bom trabalho — elogiou Fenton, parada à porta. — Você terminou bem mais rápido do que eu esperava. Meus alunos preguiçosos da graduação teriam levado o semestre inteiro. Venha.

Hunter fez uma leve careta, e Stevie se levantou para seguir Fenton de volta ao escritório. Ao entrarem, Fenton fechou as portas, sentou-se e a encarou.

— Você é séria — afirmou. — Gosto disso. Achei que fôssemos ficar de brincadeira, mas tudo bem. Parece que vai dar para trabalhar de verdade.

Se aquilo não era trabalho de verdade, Stevie se perguntou o que passara uma semana fazendo.

— Primeira regra — começou a mulher, apontando para a parede de caixas com documentos. — Não coloque suas coisas na internet. Depois que vai para a rede, é inútil. Não é mais seu.

Ela pegou o cigarro de trás da orelha e o acendeu com um isqueiro que estava na mesa.

— Imagino que você tenha lido a transcrição de Vorachek no tribunal?

— Claro.

Era uma das primeiras coisas que qualquer um interessado no caso fazia. Fenton pegou uma cópia encadernada com quase cem Post-its despontando da lateral. Lambeu o dedão e abriu numa página com um Post-it azul.

— Aqui. Leia a partir das linhas destacadas.

Era o depoimento de Marion Nelson, coordenadora da casa Minerva. Fenton tinha destacado o seguinte trecho:

ACUSAÇÃO: Srta. Nelson, pode nos contar quando percebeu que Dolores Epstein estava desaparecida?

MARION NELSON: Pouco depois das nove daquela noite.

ACUSAÇÃO: Nove da noite? Não é tarde para uma moça estar fora de casa?

MN: Bem, não, não em Ellingham. Um dos preceitos da escola é que os alunos têm liberdade para aprender e explorar. A escola é... A escola parecia, e geralmente é, muito segura. Desse modo, os alunos podem ler, brincar, experimentar, estudar... Dottie era uma leitora voraz, e muitas vezes se escondia em algum canto com um livro. Mas costumava aparecer para o jantar.

ACUSAÇÃO: E não apareceu?

MN: Não.

ACUSAÇÃO: Quando você soube que ela estava desaparecida?

MN: Quando os homens do sr. Ellingham bateram na porta, ao amanhecer, e nos falaram para arrumar as meninas e partir.

Ela pegou a transcrição e virou até uma página mais à frente, onde havia o depoimento do dia 22 de julho de 1938, de Margo Fields, a operadora de telefone local que conectara as ligações de resgate. Fenton havia destacado mais trechos:

ACUSAÇÃO: Srta. Fields, você estava trabalhando na ligação telefônica que ocorreu em Burlington, no dia 13 de abril de 1936. Correto?

MARGO FIELDS: Sim. Eu estava. Sim. Estava no trabalho. Sim.

ACUSAÇÃO: Há quanto tempo é telefonista, srta. Fields?

MF: Completo seis anos em junho. Comecei assim que saí do colégio. Eu não sabia o que queria fazer, mas surgiu uma vaga, eu me candidatei e fui contratada, e trabalho com isso desde então.

ACUSAÇÃO: O que a senhorita pode dizer sobre as linhas de telefone que vão para o Instituto Ellingham?

MF: Ah, são muitas. A casa principal tem sete linhas, e muitos dos outros prédios têm seus próprios telefones. Ao todo, são dezesseis linhas na propriedade.

ACUSAÇÃO: Tem sete linhas na casa principal?

MF: Sim. Eu não sabia que uma casa podia ter sete telefones até conhecer o sr.

Ellingham! Imagina, sete telefones numa única casa!

ACUSAÇÃO: Pode nos dizer para onde as linhas vão?

MF: Bem, uma delas vai para o sr. Montgomery, que é o mordomo. Tem uma na cozinha. Uma vai para o sr. Mackenzie, o secretário do sr. Ellingham, uma para a esposa, tem um telefone para visitas, um para a governanta e, é claro, tem o telefone do sr. Ellingham. A maioria das ligações para dentro e fora da casa são do sr. Montgomery, do sr. Mackenzie ou do sr. Ellingham, a não ser que tenha uma festa lá em cima, então as ligações vão e vêm de todos os telefones o dia todo. E as ligações da linha do sr. Ellingham... elas vêm e vão de todos os lugares!

ACUSAÇÃO: Vamos falar sobre a tarde do dia 13 de abril, srta. Fields. Quando você chega ao trabalho?

MF: Bem, naquele dia meu turno começava às cinco da tarde. Eu sempre almoço no Henry's antes desse turno. Sentei no meu lugar às cinco da tarde e assumi o lugar de Helen. Helen Woolman.

ACUSAÇÃO: Vou abordar a prova número 56A, Vossa Excelência. Srta. Fields, é

esse o livro que você usa para registrar as chamadas?

MF: Sim.

ACUSAÇÃO: Pode nos contar sobre a ligação que conectou às sete e quinze daquela tarde?

MF: Posso, sim. Aquela ligação veio de uma cabine telefônica na esquina da Church Street com a College Street. Ligaram para o sr. Montgomery. Não vejo muitas ligações vindas de cabines telefônicas para a casa dos Ellingham, mas essa fica bem ao lado do mercado, então pensei que pudesse ser alguma entrega. Mas fiquei curiosa, entende?

ACUSAÇÃO: Pode descrever a voz na linha?

MF: Grossa. Muito grossa. Com um jeito estranho de falar. Parecia estar falando através de um tubo, ou algo assim. Mas aquele telefone às vezes tem uma conexão esquisita.

ACUSAÇÃO: Mais alguma coisa chamava atenção na voz? Era estranha em que sentido?

MF: Ah, tinha um sotaque.

ACUSAÇÃO: Que tipo de sotaque?

MF: Não era americano. Europeu, acho. Minha vizinha do fim da rua, a sra.

Czarnecki, é de Varsóvia, na Polônia, e o sotaque parecia um pouco o dela, mas não exatamente, entende? Desliguei assim que ouvi o sr. Montgomery atender. Queria ter continuado na linha, mas não podemos fazer isso. Ah, como eu queria... O senhor não sabe o quanto eu queria. Não sei o que eu teria feito.

ACUSAÇÃO: Quanto tempo a ligação durou?

MF: Cinco ou seis minutos.

ACUSAÇÃO: O que aconteceu depois?

MF: A ligação seguinte foi para fora. Eram sete e quarenta e cinco. O sr. Mackenzie ligou e pediu para ser conectado com... George Marsh. Outra ocorrência comum. Depois disso, o sr. Mackenzie me ligou de novo e me pediu para prestar atenção especial à origem e ao destino das ligações da casa naquela noite. Ele estava com a voz um pouco estranha e disse algo sobre o sr. Ellingham precisar dessa informação por alguma razão profissional. Ele perguntou de onde a última ligação tinha vindo, e eu respondi. Em geral tiro meia hora para jantar, às sete,

mas comi meu sanduíche ali mesmo, porque o sr. Mackenzie me pedira para tomar cuidado extra, e nós sempre cuidamos muito bem das linhas dos Ellingham. Ele já fez tanto por aquelas crianças... Lembro que tinha levado um sanduíche de queijo com geleia de tomate, e uma ligação chegou assim que dei uma mordida.

ACUSAÇÃO: O que a senhorita pode nos contar sobre as outras ligações?

MF: Muito bem. Eu registrei aqui que às 20h03 chegou uma ligação de Nova York para o telefone pessoal da sra. Ellingham. Não foi atendida. Naquele momento, eu não sabia por quê, mas agora sei, é claro. Era uma linha de Manhattan, uma que eu via com frequência. Acho que é de uma amiga da família.

ACUSAÇÃO: A ligação foi identificada como sendo da sra. Rose Peabody, amiga da sra. Ellingham.

MF: Sim, não houve nada de muito novo sobre aquela ligação. Agora, a ligação seguinte veio de outra cabine telefônica, o que era estranho. Foi às 20h47. Essa cabine fica perto do posto de gasolina, logo depois que

você pega a Rota Dois. Sabe qual é? E foi para a linha do sr. Mackenzie. Veja bem, era a mesma voz estranha da primeira ligação, tenho certeza. Muito grossa. Fiquei na linha só até ouvir o sr. Mackenzie atender. Depois teve outra ligação às 21h50 para a sra. Ellingham, do mesmo número de Nova York, a sra. Peabody, que continuou sem resposta. Meu turno terminou à meia-noite, e liguei para o sr. Mackenzie para avisar que iria embora e ler as informações para ele.

ACUSAÇÃO: Essas foram as únicas ligações?

MF: Sim.

ACUSAÇÃO: Recebidas e feitas, até mesmo internas?

MF: Tem alguns dias em que as linhas de Ellingham estão muito ocupadas, mas as noites costumam ser mais tranquilas, e acho que o sr. Ellingham estava na cidade aquele dia, então seus telefones estavam mais calmos. Não foi tão estranho.

ACUSAÇÃO: A voz que a senhorita ouviu... Conseguiria identificá-la se a ouvisse de novo?

MF: Eu... acho que sim? Talvez. Era uma voz estranha. Tinha algo de errado.

ACUSAÇÃO: Algo de errado?

MF: Não sei explicar.

ACUSAÇÃO: Mas acha que a reconheceria?

MF: Talvez?

ACUSAÇÃO: Vossa Excelência, gostaria de pedir ao réu, Anton Vorachek, para ler algo em voz alta.

DEFESA: Protesto, Vossa Excelência.

JUIZ LADSKY: Protesto negado, pode continuar.

ACUSAÇÃO: Sr. Vorachek, escrevi uma coisa nessa folha de papel. Só gostaria que o senhor lesse em sua voz normal.

ANTON VORACHEK: Eu não sou ator. Não vou participar da sua peça.

JUIZ LADSKY: O senhor está passando dos limites, sr...

ANTON VORACHEK: Esse tribunal é uma farsa! Vocês são todos fantoches do estado capitalista!

JUIZ LADSKY: Sr. Vorachek! Está a um passo de ser expulso do tribunal.

ACUSAÇÃO: Vossa Excelência, acho que isso já

atende aos meus propósitos. Srta. Fields, você acabou de escutar a voz do sr. Vorachek. Foi essa a voz que ouviu naquele dia?

MF: Ah, vozes são estranhas. A gente ouve tantas pelas linhas, percebe alguns detalhes e acha que pode diferenciá-las, mas então todas se misturam de novo. Eu só tive a impressão de que essa pessoa... não queria ser entendida? Foi uma noite tão terrível. Eu não sabia disso na hora, é claro, mas depois. Mas... sim. Acho que talvez sim.

ACUSAÇÃO: Sem mais perguntas, Vossa Excelência.

Stevie sabia que era melhor não perguntar “Qual a importância disso?”. Olhou para Fenton em busca de uma pista sobre onde a mulher queria chegar.

— Ela disse que não houve nenhuma outra ligação das 21h50 à meia-noite — disse a mulher. — E a srta. Nelson disse que descobriu sobre o sequestro de manhã. Então fui conferir...

Havia uma pilha de blocos de notas amarelos num canto da mesa. Ela mexeu na pilha até encontrar o que queria.

— Eu falei que tinha algumas informações novas — continuou Fenton. — Conversei com muitas pessoas. Consegui informações muito interessantes e importantes. Uma das pessoas que encontrei foi Gertie van Coevorden. Que era...

— Aluna da Minerva — completou Stevie.

— Isso. Uma aluna muito rica, que gostava de comentar sobre aquela noite para qualquer um que estivesse disposto a ouvir. Eu a entrevistei e transcrevi a gravação. Eis o que ela diz: “Era uma noite terrível, cheia de neblina. Estávamos todas reunidas na sala comunal. Nós todas éramos muito amigas na Minerva, e gostávamos muito umas das outras. Dottie não tinha voltado para casa, e estávamos bem preocupadas. Ela era uma das minhas amigas mais queridas. Havia algo de errado, e eu dizia o tempo todo para a srta. Nelson, a professora responsável pela casa, que alguém deveria procurar por ela. Eu mesma já estava pensando em fazer

isso, mas o telefone tocou no andar de cima, e a srta. Nelson foi atender. Faltava pouco para as dez, porque havia um programa de rádio que gostávamos de ouvir que ia ao ar a essa hora. Mas a srta. Nelson nos fez ir para a cama e começou a agir de maneira muito estranha.”

Fenton ergueu o olhar e prosseguiu:

— Não há nenhuma menção a uma ligação conectada às dez horas. Então li de novo o que Margo Fields responde de verdade. Acusação: recebidas, feitas, até mesmo internas? E Margo Fields não diz: sim, isso mesmo. Ela diz algo totalmente diferente. Ela responde: “Tem alguns dias em que as linhas de Ellingham estão muito ocupadas, mas as noites normalmente são mais tranquilas, e acho que o sr. Ellingham estava na cidade aquele dia, então seus telefones estavam mais calmos. Não foi tão estranho.” O que não é uma resposta de verdade. Então, o que temos aqui?

— Uma discrepância — respondeu Stevie. — Gertie van Coevorden diz que houve uma ligação, e os registros dizem que não houve.

— E temos uma telefonista agindo de maneira evasiva durante o depoimento. Não é considerado mentira se ela está dando voltas no assunto. Então, que história está correta, na sua opinião? Gertie van Coevorden, com sua ligação telefônica, ou a telefonista evasiva?

Stevie se recostou na cadeira e revirou um pouco a pergunta na cabeça, então questionou:

— Por que ninguém estranhou antes o que Gertie disse sobre uma ligação?

Fenton sorriu e deu batidinhas com um dos dedos na ponte do nariz.

— Exatamente, essa é a pergunta certa. *Porque ninguém nunca perguntou.* Parece ter havido um grande esforço para não perguntarem a ninguém da Casa Minerva sobre ligações telefônicas. E Gertie van Coevorden não me parece uma das maiores pensadoras da nação. Não acho que ela tenha notado que a ligação passou despercebida. Mas eu notei.

— E o que isso significa? Alguém ligou para a Minerva? Isso faz sentido... Deviam estar procurando Dottie.

— Certo de novo — disse Fenton. — Então por que o registro dessa ligação não existe? A resposta está na planta do Instituto Ellingham.

Ela se aproximou da parede de fotos em preto e branco da casa e do terreno.

— Você sabe que existem túneis por lá, certo? Já estive dentro de um dos mais famosos. Mas existem outros. Muitos foram parcialmente soterrados ou trancados por segurança; mas a questão dos túneis secretos é que eram *secretos*. Para uso pessoal. De acordo com Gertie, havia um dentro da Minerva.

— Dentro da Minerva? — repetiu Stevie. — Eu moro na Minerva.

— Algum papo sobre um túnel por lá?

— Nada que eu tenha ouvido.

— Gertie estava convencida. Disse que outra aluna o encontrou, e que ela sempre via essa garota desaparecer e reaparecer.

— Aonde o túnel leva?

— Se meu palpite estiver correto, leva a algum lugar do outro lado do campus, algum lugar afastado, mais ou menos por aqui.

Ela se levantou e apontou para a área perto da cafeteria e da academia.

— Então, se encontrarmos esse túnel — disse Stevie —, aonde isso vai nos levar?

— Tenho uma teoria. Se eu provar que o túnel existe, vai ficar mais plausível.

— Qual é a teoria?

— Isso é comigo. Mas, se eu estiver certa e esse livro sair do jeito que penso, você terá feito parte disso. Sua missão é descobrir sobre esse túnel. Investigue.

Stevie decidiu não mencionar que entrar em túneis era visto com maus olhos. Melhor deixar quieto. Acabara de receber uma missão oficial.

Hunter estava sentado na sala quando saíram do escritório, fazendo carinho num grande gato laranja em seu colo.

— Tudo certo? — perguntou. — Você precisa de uma carona, ou...

— Deixe-a em paz — retrucou Fenton com rispidez. — A escola fornece um ônibus.

Fenton espirrou, então arrancou um exemplar de seu livro de uma pilha que parecia formada por exemplares antigos.

— Toma — disse ela. — Para você.

Stevie já tinha um, e aquele estava com as beiradas amareladas, mas ela aceitou mesmo assim. Fenton saiu em direção à cozinha, finalizando a conversa.

— Eu só estava oferecendo, caso você precisasse — explicou Hunter. — Desculpa. Ela é... abrupta.

— Não, tudo bem — respondeu Stevie. — A escola não deixa nenhum carro subir até o campus, de qualquer maneira.

— Ah, certo. — Suas bochechas coraram um pouco. — É. Que idiota. Desculpa.

— Não precisa pedir desculpas.

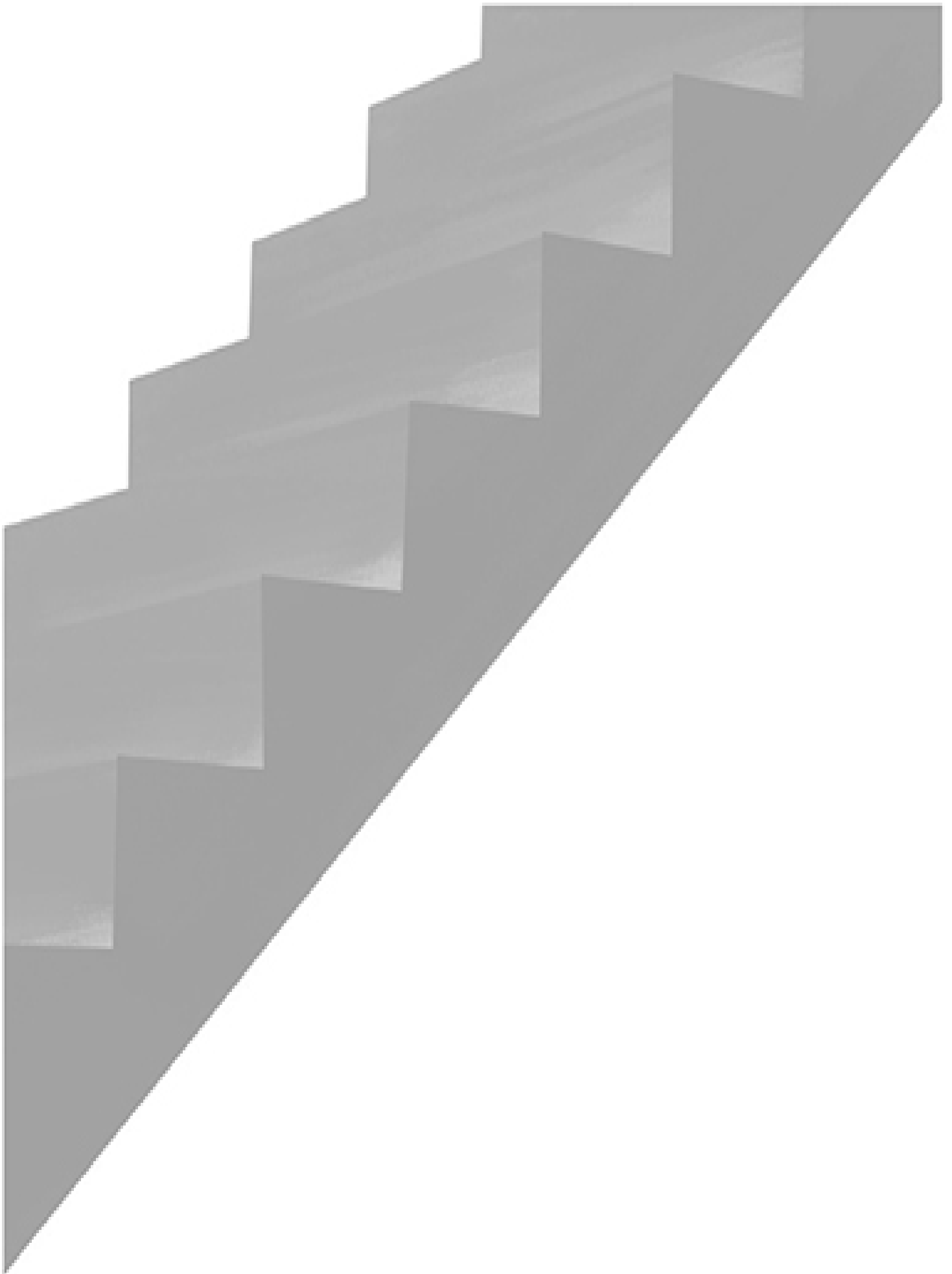
— Ei, seria estranho se eu desse meu número? É só que, já que você está trabalhando com a minha tia... — Ele olhou na direção da cozinha, onde Fenton cantarolava alto — você talvez... você talvez queira. Ou talvez não.

— Claro — respondeu Stevie, oferecendo o celular.

Não sabia ao certo por que Hunter estava lhe dando seu número; se era pelo sorriso que abrira para ela da última vez ou pela natureza errática de Fenton, que

sugeria que algo não estava totalmente certo com esse acordo. De qualquer maneira, era um número de telefone, outra pessoa com quem se conectar.

Não era o pior sentimento do mundo.



Às seis daquela tarde, quando o dia chegava ao fim e as sombras recaíam sobre Ellingham, Stevie Bell estava em seu quarto, enfiando-se dentro de um terno que ainda carregava o cheiro intenso de naftalina e mofo do sótão de figurinos. Parou na frente do espelho e fez o que o detetive belga famosamente meticuloso faria: ajustou o bigode até ficar perfeito. Enfiou uma almofada na parte da frente da roupa para aumentar a barriga e encher um pouco mais o terno largo. Tinha encontrado uma bengala e luvas brancas, e o efeito geral era satisfatório.

A história do túnel era idiota. Se houvesse um túnel embaixo da Minerva, alguém já teria encontrado. David. Ellie. Alguém. A pessoa já teria se tornado uma lenda.

Mesmo assim, precisaria fazer algum esforço. Hercule Poirot procuraria.

O início do túnel só poderia ficar no primeiro andar, o que significava que os possíveis pontos de acesso eram a cozinha, a sala comunal, o corredor, um dos dois banheiros ou qualquer um dos três quartos. Já tinha se arrastado por todo o chão do quarto de Ellie, e não havia qualquer sinal de túnel. Claro que entradas poderiam ser cuidadosamente escondidas, mas ainda assim. Ela se abaixara e examinara o chão, engatinhando, dando batidinhas, cutucando tábuas do piso... Nada.

Olharia o quarto de Janelle mais tarde. A amiga estava imersa em sua transformação em Mulher-Maravilha e não podia ser incomodada. Mas parecia improvável que o túnel começasse num dos quartos. A entrada teria que ser pelo chão.

Foi até a cozinha e cutucou os fundos da geladeira com a bengala. Era possível que a geladeira, o fogão ou a máquina de lavar louça estivessem cobrindo a abertura, mas, pensando melhor, com certeza alguém já checara essas áreas. Era preciso conectar essas coisas com água e gás. A geladeira era pesada. Um buraco embaixo dela com certeza já teria sido encontrado.

Andou pela sala comunal, olhando para o chão de pedras. Era uma área mais promissora, visto que qualquer uma dessas pedras poderia ser um alçapão. Mas os rejuntas pareciam bem vedados. Também não havia sinal de abertura em nenhum lugar do chão dos dois banheiros.

Era uma olhada superficial, e procuraria melhor mais tarde, mas realmente parecia que Fenton só podia estar errada. Talvez houvesse outro túnel oculto em algum lugar do campus, mas era improvável que estivesse ali.

Estava engatinhando pelo corredor, examinando as tábuas, quando Nate surgiu atrás dela.

— O que está fazendo?

Stevie se levantou e ajeitou a barriga de almofada.

— Nada — respondeu. — Pensei ter deixado uma coisa cair. Essa é a sua fantasia?

Nate estava com suas roupas normais: calça de veludo cotelê cinza desbotada e uma camiseta larga.

— Eu não uso fantasias.

A porta de Janelle se abriu, revelando a Mulher-Maravilha sob o batente.

— Ah, você acha que vai se safar assim? — disse para Nate. — Eu imaginei que isso aconteceria.

Janelle esticou a mão para trás da porta e puxou uma longa capa cinza feita de algum tipo de material grosseiro, um chapéu de bruxo de cor similar e uma barba cinza. Estendeu o traje na direção dele.

Nate encarou, imóvel.

— Você simplesmente... tinha isso guardado?

— Comprei no eBay. E ajeitei com um pouco de costura. Toma.

Nate pegou a fantasia e pendurou-a no braço.

— E aqui.

Janelle estendeu a mão para trás de novo e puxou um galho de árvore que havia sido transformado num cajado rústico.

— Como... — começou ele.

— Me escuta — interrompeu Janelle. — Muitas coisas ruins aconteceram esse ano. Tem sido assustador e triste e horrível. Mas nós estamos aqui, e essa é uma data especial, o que significa que *vamos* comemorar, porque nem todos dessa casa podem fazer isso. Então vista suas coisas de bruxo, me deixe ajeitar minha tiara, e vamos.

Ela fechou a porta.

— Janelle tinha isso guardado — disse Nate. — Esse tempo todo.

— É da Janelle que estamos falando. Ela sabe das coisas. Você vai vestir?

Nate sentiu o material entre os dedos, então pegou o cajado e analisou.

— É uma fantasia de Gandalf bem boa. Parece que ela fez esse cajado, né? Tipo, ela foi lá fora e encontrou um galho?

— É da Janelle que estamos falando.

Foram para a sala comunal, e Nate começou a vestir a túnica. Ouviram um ranger de tábuas no andar de cima. Janelle saiu do quarto com a tiara perfeitamente no lugar, um escudo redondo nas costas e uma espada na mão. Ela olhou para Nate e assentiu, satisfeita.

— Muito bom. Time Minerva. Cadê o David?

Ouviram passos rápidos e o ranger terrível dos degraus, então David emergiu da escuridão do corredor.

— Ah — falou Janelle. — Isso é...

— Você fez o... — As palavras estavam morrendo na boca de Stevie. — ... o negócio do Sherlock.

David de fato fizera o negócio do Sherlock que a própria Stevie rejeitara, especificamente a versão da BBC. Usava uma camisa azul bem-cortada e ajustada, uma calça feita sob medida e um sobretudo preto-acinzentado com o forro vermelho. Tinha bagunçado um pouco o cabelo e se certificado de deixá-lo cacheado. De muitas formas, era uma fantasia perfeita, ao mesmo tempo que não era nada perto de uma fantasia. E era obviamente intencional, direcionado para ela.

As pernas de Stevie decidiram parar de sustentar o corpo, que virou um pântano de hormônios. Ela agarrou a barriga de almofada em busca de amparo emocional.

— Quem você é? — perguntou para Stevie. — Um... chef?

— Ela é o Hercule Poirot — respondeu Janelle, como se fosse óbvio que o terno largo e o bigode falso também fossem autoexplicativos.

— E Mulher-Maravilha! E Gandalf! E Sherlock! Todos juntos! Tudo em ordem com as leis da natureza. Podemos ir?

Os quatro saíram em direção à noite. Vi, com uma fantasia perfeita de Steve Trevor, os encontrou na entrada da casa.

— Então — disse David, enquanto os cinco passavam sob as árvores escuras a caminho do Casarão. — Isso não é estranho?

— Que parte? — perguntou Stevie.

— Existe alguma fanfic sobre isso? Sabe, sobre esses dois. O que isso parece? Como chamamos? Porlock? Sheriot?

Janelle e Vi estavam de braços dados, Mulher-Maravilha e Steve Trevor. Nate estava sozinho, um pouco afastado, a capa arrastando na grama.

— Onde você conseguiu esse sobretudo? — perguntou Stevie, tentando assumir um tom casual.

— O quê, essa coisa velha? — respondeu ele, com uma modéstia fingida, esticando as mãos dentro dos bolsos e exibindo a peça. — Eu só passei duzentos dólares no cartão de crédito do meu pai.

— Existem sobretudos de duzentos dólares?

— Ele ia querer que eu comprasse. Não posso parecer *desleixado*, né? Não na Casa Branca.

Era a primeira vez que David dizia qualquer coisa sobre as ambições do pai, e Stevie olhou ao redor, nervosa.

— Ninguém ouviu — afirmou ele. — E não entenderiam se tivessem ouvido.

Os dois andaram um tempo em silêncio. O mundo girava lentamente enquanto ela compreendia o que estava acontecendo: David tinha se vestido de maneira sexy para *ela*. Não o contrário. Ele estava se esforçando, tentando alcançá-la.

— Alguma chance de você saber de túneis embaixo da Minerva? — perguntou, tentando recuperar a compostura.

— Não existem túneis embaixo da Minerva.

— Não é o que a Fenton acha.

— O que é uma Fenton?

— Fenton é a professora para quem trabalho em Burlington. A que está escrevendo um livro sobre o caso.

— Não existem túneis embaixo da Minerva — repetiu ele. — Acha que eu não teria notado um túnel embaixo da Minerva?

— Túnel secreto.

— Repito o que disse.

— Ela parece ter bastante certeza.

— Bem, eu também tenho bastante certeza. Você não disse se gostou do meu sobretudo.

— Eu gostei do seu sobretudo. — Queria que a frase saísse seca e indiferente, mas a garganta idiota a traiu com um barulhinho rouco na última sílaba. O corpo era o inimigo da mente.

Ellingham tinha se dedicado à festa de Halloween. O Casarão era feito para ocasiões como essa, literalmente. Todas as luzes do teto tinham sido apagadas, e a iluminação era fornecida por centenas de minúsculas velas elétricas piscantes, espalhadas sobre todas as superfícies e ao longo da escada. A luz difusa refletia no cristal. Uma fogueira ardia na grande lareira, onde tinha sido montada uma estação de s'mores, operada por Kaz, que estava vestido de David Bowie, com um raio pintado no rosto. Me Chame de Charles se aproximou fantasiado de Charlie Chaplin.

— Vocês estão prontos para um pouco de diversão? — perguntou.

— Não — respondeu David.

Charles deixou essa passar e apontou para a porta do salão de baile com a bengala.

A festa daquela noite não era silenciosa. O salão, com suas paredes de espelho e máscaras decorativas, estava brilhante de luzes e rico de som. Fios de luz laranja e branca pendiam do teto, e outras centenas de pequenas velas elétricas piscavam pelas paredes e pelo chão. Uma mesa estava posta com bebidas e petiscos. Alguns suspeitos de sempre dançavam no meio da pista, inclusive Maris, de vestido vermelho de melindrosa, uma escolha que Stevie achava inevitável. Dash também

estava presente, vestido de Han Solo. Vi estendeu a mão para Janelle, toda galante, e ela aceitou. Mulher-Maravilha e Steve Trevor começaram a dançar.

— Oi.

Mudge apareceu ao lado deles, fantasiado de Mickey. Um Mickey de dois metros de altura, com grandes orelhas despontando do cabelo preto como piche.

— Gandalf maneiro — disse para Nate.

Ele olhou para Stevie e David com uma expressão um pouco mais confusa, mas assentiu com educação.

— Eu sou uma propaganda de relógio — explicou David. — Ela é um avô hipster. Juntos, nós solucionamos crimes.

Mudge inclinou a cabeça para o lado e decidiu que podia gastar melhor seu tempo em outro lugar. Nate também olhou em volta, por baixo da imensa aba do chapéu de bruxo, e decidiu ir para a estação de s'mores. Stevie e David foram deixados de lado.

— Quer dançar, Vovô?

— Her-cule.

— Quer dançar, Hercule?

Hercule estava nervoso. O tecido refinado da camisa de David era macio e bem-ajustado. Conseguia sentir como seria colocar as mãos no peitoral dele, deslizá-las até suas costas, pressionar-se contra seu corpo.

— Talvez um s'more — respondeu ela.

David gesticulou para que Stevie liderasse o caminho.

Os dois voltaram ao salão principal, onde os alunos menos propensos a dançar brincavam com alguns jogos. Havia outra mesa de petiscos ali, e David se aproximou e pegou alguns aglomerados grudentos de pretzel e marshmallow.

— Um túnel — comentou, dando uma mordida. — Eu saberia.

Aquele era um terreno mais seguro e estável.

— Você não sabe tudo sobre túneis.

— Eu saberia sobre esse, se ficasse no chão do prédio onde eu moro.

Ele se sentou num lugar à sombra da escadaria. Uma pessoa vestida de esqueleto dançava bem ao lado.

— Se quisessem uma festa de Halloween de verdade, nos deixariam entrar no porão — comentou Stevie. — É uma doideira lá embaixo. Parece um labirinto.

— Agora você me deixou interessado — respondeu David, ajeitando a postura. — Como faz para entrar no porão?

— Não. Eu prometi ao Larry.

— Uma promessa é apenas...

— Eu prometi ao *Larry* — repetiu ela, olhando de relance para a entrada da cozinha.

- Bem, isso sim é divertido. Ficar sentado num banco.
- Então vá dançar ou algo assim.
- Você não quer dançar.
- Você não precisa da minha permissão.
- Mas talvez eu prefira ficar com você.

David esticou um pouco as pernas e deu leve batidinhas com a ponta do sapato na parte interna do tornozelo de Stevie. Ergueu os olhos para ela. O que estava *fazendo*? Flertando? Flertar era mandar uma mensagem de texto inesperada. Isso era algo a mais, algo que a fazia sentir da mesma forma como quando Ellie lhe deu aquele champanhe quente no primeiro dia; bolhas na corrente sanguínea, um quê surreal. Não. Isso era mais. Isso era como atravessar um portal para a vida da Stevie de um universo paralelo. Estava acostumada a sentimentos que batiam de frente, assim como a ansiedade trazia um tipo ruim de empolgação. Conseguiria lidar com isso porque conhecia o sentimento. O que sentia nesse momento era tipo um enjoo bom, o que não fazia sentido, portanto ela voltou à ansiedade e à empolgação ruim, só que num novo nível químico.

E, nesse caso, como tudo fedia a Edward King, não havia qualquer atitude boa a ser tomada. Não havia respostas ali, só evitar, evitar e evitar.

Tentou desviar o olhar do pé dele e se concentrar nas escadas que se estendiam acima e na porta para a cozinha abaixo. A porta para a cozinha sob as escadas. Muito acontecia embaixo de escadas de casas antigas. Embaixo das escadas era onde os empregados trabalhavam. Harry Potter morava embaixo das escadas. Até Albert Ellingham escrevera sobre algo embaixo das escadas. “Onde você procura alguém que nunca está ali de verdade? Sempre numa escada...”

- Mas nunca num degrau — disse, em voz alta.
- Oi?

Stevie já estava de pé, e David a seguiu. Quando os dois passaram pela porta, Me Chame de Charles os encarou, confuso.

- Já vão embora? — perguntou.
- Esqueci uma coisa — respondeu Stevie. — Meu... remédio. Preciso tomar. Já volto.

Charlie Chaplin puxou a aba do chapéu-coco, em cumprimento. Stevie e David, ou Hercule e Sherlock, avançaram num passo acelerado pelo caminho sob as árvores, tão acelerado que Stevie acabou coberta de um suor frio.

- Então, o que está acontecendo agora? — perguntou ele.
- Embaixo da escada. Você já olhou embaixo da escada? Na Minerva?
- Como assim?

— A escada não é vazada, mas deve ter um espaço embaixo dela. É o único lugar que as pessoas não veem e dificilmente parariam para olhar.

— Embaixo da escada... — repetiu ele. — O que fez você pensar nisso?

— Só me veio à cabeça.

Stevie notou que passaram por uma câmera enquanto avançavam às pressas, o vidro escuro e o pontinho de luz azul gravando seus movimentos. Talvez Edward King assistisse àquelas cenas, talvez estivesse vendo os dois naquele momento; Stevie e David juntos. E aprovaria. Ali estava Stevie, fazendo a vontade dele. Não estava mais no controle.

Dentro do bolso do paletó, mandou um dedo do meio para a câmera.

Ao entrarem na Minerva, ela e David foram direto para a escada, aquela maldita escada barulhenta que sempre a lembrava de Hayes, naquele primeiro dia, quando ele a fez carregar todas as suas coisas. Naquele dia, a luz entrava pelos vitrais. Stevie tinha ido atrás dele, encarando suas panturrilhas musculosas cobertas de pelos claros enquanto carregava uma caixa. Ele falava sobre Hollywood e sua série. Isso acontecera havia apenas dois meses. Agora, sua morte era uma memória.

No momento, o corredor estava escuro. Havia luzes, mas faziam pouco para iluminar o final do corredor. Talvez fosse intencional, para tirar a atenção da escada, tornar os detalhes mais difíceis de enxergar. A escada era um caracol estreito, e na parte de baixo havia um painel de madeira curvo que se juntava com a parede. Ela bateu a madeira, passando as mãos para cima e para baixo a fim de encontrar qualquer abertura. David bateu na superfície.

— Parece meio oco — afirmou. — Acho que eu nunca tinha pensado em bater na escada.

Stevie também bateu. Sem dúvida havia um espaço vazio atrás do painel. Era totalmente possível que não houvesse nada atrás dessa estrutura, apenas poeira e ar, mas sentia o coração martelando e a mente clara.

Por mais que tivesse lanterna no celular, precisava de algo a mais. Era hora de colocar em uso a lanterna profissional que a escola fornecia para todos os alunos, em caso de queda de energia. Foi até o quarto e pegou a dela. Não se tratavam de simples lanternas cilíndricas que emitiam um feixe suave — aquelas lanternas eram monstros com alças que cegavam e confundiam o inimigo e sinalizavam para aviões de passagem. Stevie levou a dela para o corredor e acendeu. De repente, o lugar foi inundado de uma luz branca que revelava qualquer detalhe.

— Segura aqui — pediu a David.

Banhada da iluminação perscrutadora, a escada começou a entregar seus segredos. Mesmo que a superfície parecesse lisa, dava para distinguir o levíssimo contorno de uma porta. Tinha sido instalada com muita habilidade, de modo a parecer quase invisível. Os anos 1930 não tinham previsto esse nível de luminosidade.

— Ahá!

— Puta merda — comentou David.

Não havia qualquer maneira visível de abrir a porta, e a fresta não era maior que a borda de um papel, talvez até mais estreita. Devia haver um trinco em algum lugar, algo que o fizesse aparecer... Stevie tateou o chão, as paredes. Nada.

— Nos filmes, as pessoas puxam um castiçal na parede — sugeriu David, apoiando a lanterna no chão.

Tirou o sobretudo de duzentos dólares e o embolou, formando um suporte para manter a lanterna apontada para a parede.

— Não estamos num filme. Não temos castiçal nenhum.

David se aproximou e ajudou Stevie a tatear a parede. Examinou os degraus, passando os dedos por baixo de cada um.

— Por que vocês dois estão bolinando a parede?

Eles não tinham ouvido Nate entrar e se esgueirar para perto em suas vestes de bruxo.

— Você quer mesmo saber? — perguntou Stevie.

— Ai, meu Deus.

— Então melhor dar meia-volta — retrucou ela. — Você não vai gostar da resposta.

— Eu não gosto de nada. O que vocês estão fazendo?

— Procurando um túnel.

Nate a encarou com uma expressão de *Por favor, faça isso parar de acontecer*.

— Não vai ser como da última vez — afirmou Stevie. — É só para pesquisa.

— Da última vez também era. Gente...

— Calma — disse David. — Para trás, para trás.

Ele gesticulou para que Stevie se afastasse, então recuou e se jogou contra a madeira com força. Nada. Ele repetiu o movimento e esfregou o braço.

— Boa — falou Nate. — Continue assim.

— Acho que senti alguma coisa — explicou David. — Me deixa...

Ele se jogou contra a madeira de novo, soltando um pequeno grunhido ao se chocar.

— É — comentou Stevie. — Talvez...

De novo. Mas, dessa vez, houve um *ploc*. Apenas um pequeno *ploc*.

O painel tinha se movido só um pouquinho, revelando uma abertura de quase 6 milímetros de largura.

— Legal — comentou Nate. — Agora é só passar.

— Chave de fenda — disse Stevie.

Não tinha uma, mas Janelle com certeza teria, e ela normalmente deixava a porta destrancada. Era errado entrar, claro, mas tratava-se de uma emergência. O quarto era um reflexo de sua habitante: perfeitamente organizado, cada pedacinho

bem-cuidado e bem-aproveitado. O ar cheirava a perfume e alcaçuz de um difusor de óleo aromatizado. A estação de trabalho ficava ao lado da janela, e Janelle tinha adaptado a escrivaninha para acomodar todas as suas ferramentas. Depois de um momento investigando alicates e outros instrumentos mais confusos, Stevie encontrou um martelo pequeno. Serviria.

Voltou para o fundo da escada e enfiou a parte menor do martelo, a orelha, na fresta. A passagem cedeu alguns centímetros, e ela encaixou a extremidade do cabo para usar como alavanca. A porta não queria abrir. Os anos sem uso, ou possivelmente um trinco que ela não estava vendo, a mantinham resistente. A estrutura grunhiu, revoltada.

— Você vai quebrar a escada — alertou Nate.

— Quer que eu tente? — ofereceu David.

— Não.

Stevie sacudiu as mãos para aliviá-las da pressão de segurar a ferramenta. Então, tentou mais uma vez, colocando todo seu peso no cabo do martelo.

O fundo da escada se abriu, revelando um espacinho escuro.

— Isso, sim, é um bom Halloween — comentou David.

Stevie conseguiu empurrar um pouco mais a porta, apontar o feixe de luz para dentro e estender a mão. De início, achou que estivesse tocando em alcatrão, então se deu conta de que tratava-se de oitenta anos de poeira e sujeira que se grudaram e formaram uma substância nova e empolgante. Não foi difícil achar o alçapão. Estava bem ali, no chão, com o ferrolho fechado. Tentou puxá-lo, achando que estaria emperrado, mas ele deslizou e se abriu. Stevie segurou a alça e puxou, revelando uma abertura de mais ou menos sessenta centímetros.

— Esse cara gostava mesmo de espaços apertados — comentou David, inclinando-se por cima do ombro de Stevie para olhar. — O que é isso?

— Um buraco — respondeu ela, tentando bloquear a visão.

— Tem uma escada lá dentro. É um túnel?

— Lá vamos nós... — falou Nate.

Stevie se afastou e se agachou, absorvendo a descoberta à sua frente.

— Como isso não para de acontecer com você? — perguntou David.

— Porque eu procuro. Um monte de coisa acontece quando você sai por aí e age com propósito.

— Tudo bem, Stevie — começou Nate, agachando-se ao lado dela. — Eu sei que você curte essas coisas, mas sério, a Pix já vai voltar, e eles estão meio... As coisas andam meio sensíveis por aqui. E você acabou de voltar. Entende o que estou dizendo?

— *Olha para isso* — respondeu Stevie.

— É, eu sei, mas lembra de como essas coisas podem ser instáveis? Isso é um buraco. Um buraco pequeno. Pode ter qualquer coisa ali embaixo. Podem ter fios ou algo assim. Pode ter água.

David inclinou a lanterna para dentro da abertura.

— Não estou vendo água nenhuma. Nem fios.

— É sério — insistiu Nate.

Stevie sabia que era um bom argumento. Além disso, fizera uma promessa a outra pessoa, Larry. Nada de explorar túneis.

No entanto...

— Nate está certo — afirmou. Ela se levantou de repente e começou a procurar o celular. — Não podemos sair entrando. Já sei o que vamos fazer. Vamos ligar para Janelle. Ela com certeza tem algum minidrone com uma câmera ou algo assim. Então podemos mandá-lo voando até lá embaixo e...

— Hora de mergulhar no buraco! — exclamou David, girando o corpo de modo para enfiar os pés primeiro.

E começou a baixar o corpo para dentro.

— David! — exclamou ela. — É sério. Nós não...

— Mas nós *vamos* — respondeu ele. — Se eu não voltar em dez minutos, lute pela minha vingança. Ou você vem? Você sabe que quer.

Ele foi descendo os degraus. Nate balançou a cabeça e se encolheu dentro da túnica.

— Está fresco aqui embaixo — gritou David. — Você deveria vir. Tem um...

Ele soltou um grito, fazendo os dois lá em cima pularem. Stevie quase se jogou para a borda do buraco. David olhou para cima e sorriu.

— Brincadeirinha. Está tudo bem! — disse ele. — Vocês se assustam muito fácil.

— E se desmoronar? — perguntou Nate.

— Tipo, do nada? Bem na hora em que entramos? Sem motivo?

— Nós podemos esperar pela Janelle...

— Ah, vai — insistiu David. — Não é sempre que se tem uma oportunidade como essa. Vem, vem, vem, vem, vem. Você não vai conseguir resistir.

Será que era o sorriso? Será que era o sobretudo e o terno? O brilho nos olhos dele? Ou era só pelo túnel? Porque ele tinha razão. Stevie não conseguia resistir.

— Ele não pode entrar sozinho — falou para Nate.

— Pode, sim. Nós podemos fechar o alçapão.

— Só fica de olho, por favor? — pediu ela. — Eu prometo, prometo, prometo tomar cuidado, mas não posso deixar que ele vá sozinho.

Nate puxou a barba com força para o peito.

— Por. Que. As. Pessoas. Fazem. Coisas. Idiotas.

— Porque nós *somos* idiotas.

Stevie testou o primeiro degrau com o pé. Nate segurou seu braço; não com muita força, mas o suficiente para chamar sua atenção.

— Hayes não morreu soterrado no túnel — argumentou. — Ele morreu por causa de um gás. Você não faz a menor ideia do que tem ali embaixo.

Isso fez Stevie parar por um momento. O amigo tinha razão.

— Mas o gás não estava no túnel antes — insistiu. — Alguém colocou aquele gelo seco ali. O túnel estava bem antes. Eu entrei. Olha, nós só vamos... um pouquinho.

— Você dificulta muito a minha vida.

— Eu sei. Mas... dragões.

— Nem pensa.

— Tudo bem. Desculpa. Mas você pode vigiar mesmo assim?

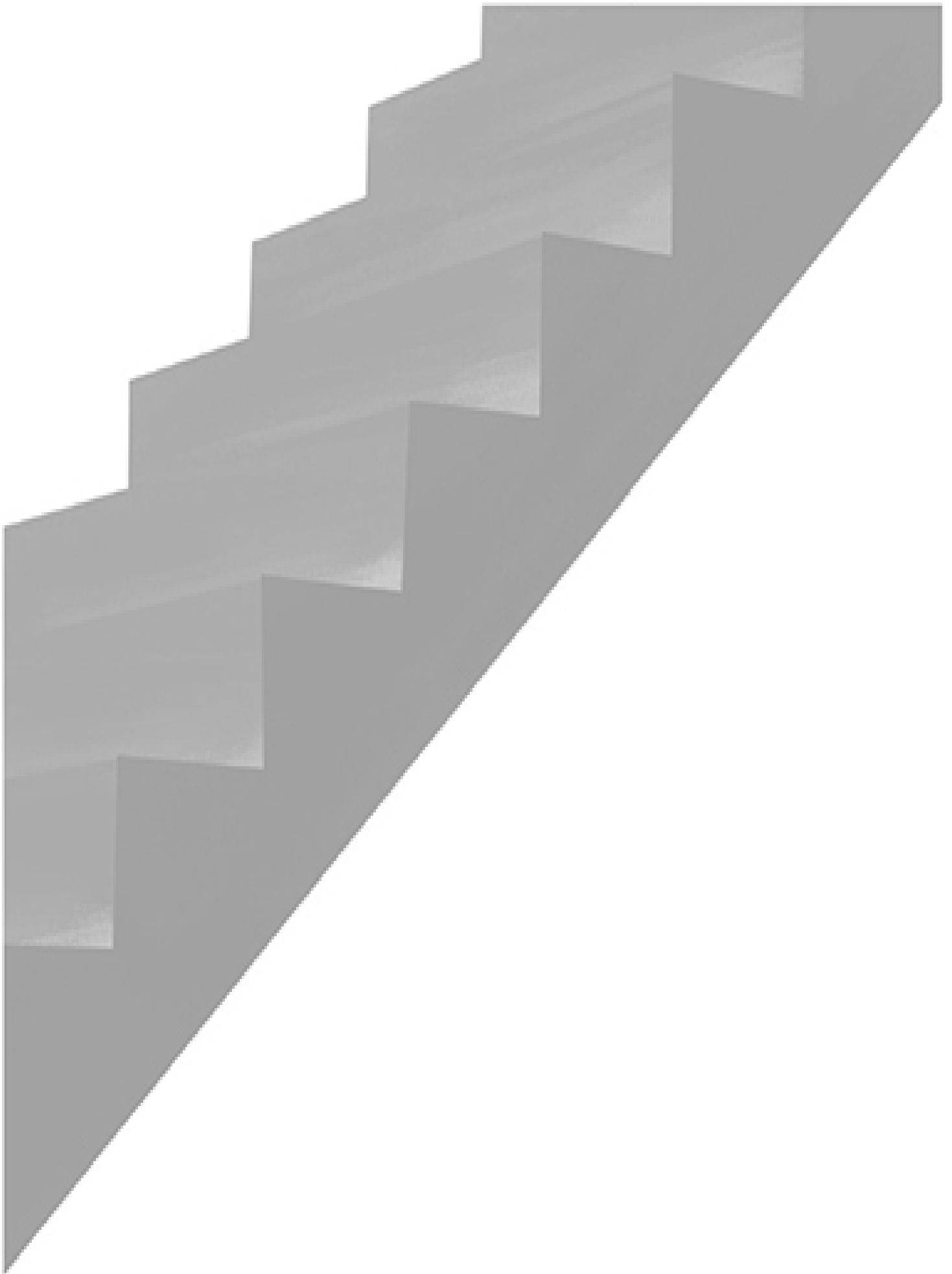
Nate esfregou a mão na testa, cansado.

— Eu lá tenho opção?

— Tecnicamente, tem.

— É, mas você entraria mesmo que eu não vigiasse. *Ele* está ali embaixo.

Stevie se perguntou o que Nate quis dizer com aquilo, mas não havia tempo para pensar muito. Havia um túnel a ser explorado.



Stevie já entrara num túnel do Instituto Ellingham — o túnel famoso. Era largo como uma autoestrada, em comparação ao da Minerva. Esse era uma rachadura na terra, muito apertado, muito baixo e muito, muito escuro. Stevie apontou a lanterna bem para a frente, formando uma poça de luz que se derramou para as paredes ao redor. Diferente do túnel que levava ao jardim afundado, feito de tijolos padronizados, esse era formado por rochas grosseiras, possivelmente sobras da demolição da montanha. Talvez não cortassem, pensou Stevie ao tatear com cautela a parede à frente, mas ralariam a pele de qualquer um que a roçasse ali. Não podia abrir muito os cotovelos, só alguns centímetros em cada direção, então, hesitante, esticou os braços para cima no escuro; o teto ficava mais ou menos um palmo acima de sua cabeça. E, a cada passo, as paredes ficavam um pouco mais próximas.

Era, em uma palavra, hostil. Em duas, um erro.

Uma parte de Stevie possuía instinto de autopreservação o suficiente para saber que integridade estrutural e qualidade do ar são requisitos importantes para se manter vivo e que não estar em túneis era um requisito importante para que Larry não a pegasse no flagra e a chutasse para fora daquela montanha. Mas outra parte, mais alta, mais selvagem e definitivamente mais estúpida, a fazia continuar seguindo em frente.

E não era só porque David tinha descido primeiro, não importava o que Nate dissesse.

Stevie encolheu as mãos dentro das mangas do terno de Poirot, querendo evitar um corte, e tateou como pôde pelo caminho, dando meios-passos até se chocar em cheio contra as costas de David.

— É você, né? — perguntou ele. — Eu tenho medo de monstros. Além disso, está fedendo aqui embaixo.

Era verdade. Um leve fedor pairava no ar.

— O drone teria funcionado melhor — reclamou Stevie. — Sabe, caso esse cheiro venha de um duto de gás com vazamento ou algo assim.

— Você acabou de dizer duto de gás com vazamento? — disse Nate acima.

— Cheira mais a bunda do que a gás — respondeu David. — Apertado, escuro, fedido. Esse túnel atende a todos os requisitos! Cinco de cinco estrelas.

— Juro que não tem problema deixar esse cara aí para morrer... — comentou Nate.

Então, talvez por se lembrar de que alguém de fato havia morrido da última vez em que entrou num túnel, ele se calou.

O espaço parecia diminuir, e Stevie se perguntou se poderia chegar a um ponto em que ficariam realmente presos, como pessoas que mergulhavam dentro de cavernas e nunca saíam, porque suas mangueiras de respiração ficavam presas nas rochas. Exceto que Stevie e David não estavam embaixo d'água. Aquilo era quase pior.

— *Isso sim é Halloween* — comentou David.

Stevie só conseguia ver um pedaço da camisa dele, e manteve uma das mãos no meio das costas de David para acompanhar seu ritmo. Depois que comprovaram que havia um túnel embaixo da Minerva, era incerto o quão longe deveriam ir. Mas, conhecendo David, sabia que ele continuaria até encontrar a saída. E, se a saída ficasse no Casarão, ainda havia uma grande distância pela frente.

Os dois avançaram mais pelo escuro, passo a passo.

— Então — disse David, a voz baixa —, eu venho pensando... Talvez a gente só precise começar do zero.

Stevie hesitou por um momento, perdendo o contato com as costas dele.

— Como assim?

— Talvez eu devesse contar tudo, assim não sobra nada para você bisbilhotar. Você quer saber coisas sobre mim? Sobre meu pai? Quer o pacote completo?

Sério? Ele estava fazendo isso ali? Numa fenda mortal embaixo da terra?

Mas, de certo modo, fazia sentido. Estava escuro. Não conseguiam se enxergar. Ninguém podia ouvi-los; nem mesmo Nate, que àquela altura já ficara muito para trás. Era o lugar mais privado possível, e estavam invisíveis um para o outro.

— Acho que sim? — respondeu Stevie.

— Eu não conto às pessoas que meu pai é Edward King *porque* ele é Edward King. Mas também não conto porque é patético. É como qualquer outra história idiota de divórcio. Mas aqui vai.

Stevie não tinha certeza se a súbita falta de ar no túnel era fruto de sua imaginação. Provavelmente.

— Minha mãe era concierge num spa de luxo em Marin. Ela fazia coisas como organizar fins de semana de degustação de vinho, atividades no spa e viagens de golf. Edward King foi a um evento lá, alguma coisa para arrecadar fundos, e ele e Becky não conseguiam parar de se olhar. Isso antes de ele ser importante. Ainda não era senador, só um político local em ascensão. Minha mãe é muito bonita. E Edward King é rico. Não é como se Becky só estivesse atrás de dinheiro, é mais que ela não entende que dinheiro não torna ninguém inteligente. Ela acha que pessoas com dinheiro são... não melhores, porém mais completas, ou algo assim. Acho que nunca se deu conta de que uma pessoa pode ser rica sem ter feito nada para merecer o dinheiro. O que é estranho, porque seu trabalho era lidar com gente rica, então devia saber que o que pensava não era verdade. Ela não é burra, mas tem algumas

questões... Ninguém que fica com Edward King se sente ótimo sobre si mesmo. Não é uma *boa escolha emocional*.

Ele fez uma pausa, e Stevie se perguntou o que estava acontecendo. Não conseguia ver o rosto dele, na verdade, não via nem mesmo as costas. Mas percebia que o tom de voz cáustico era forçado. Ele estava falando para a escuridão porque era mais fácil, porque não podia ser visto enquanto se abria. Mesmo que não estivesse acontecendo nada físico, aquele era o momento mais íntimo que já tinham compartilhado.

— Não — concordou ela, na pausa pulsante.

— Não — repetiu ele. — Não mesmo. Os dois se casaram bem rápido, numa cerimônia discreta e privada no escritório de um juiz de paz, e eu vim ao mundo sete meses depois. Eddie nos deixou em sua casa, em Harrisburg, e partiu para Washington, para continuar a carreira. E esse foi o fim do romance. Eu fui resultado da trepada com mais consequência da vida de Eddie. O Capitão Responsabilidade Pessoal pagou as contas. E eu não tenho nenhuma lembrança dele por perto. Talvez no Natal... Ele nos usou para impulsar a carreira algumas vezes, até que um dia parou. Becky ficou amarga e não tinha nada para fazer, então começou a beber. Uma vez, quando eu tinha uns 9 anos, ouvi água correndo. Estava jogando Xbox, mas sempre me mantinha atento aos barulhos. Quando se mora com um alcoólatra, tem que ouvir sempre. A água estava correndo fazia tempo demais. Fui até o andar de cima e encontrei o carpete do corredor todo molhado e água saindo por baixo da porta do banheiro. Becky tinha entrado lá com uma garrafa de vinho branco e apagado. Estava toda vermelha, porque a água estava na temperatura máxima. Tive que tirá-la da banheira e jogar água fria, por causa das queimaduras. Ela não acordou. Liguei para Eddie. O assistente dele atendeu e me mandou ligar para a emergência. A ambulância veio. Ela estava bem, no fim das contas, só bêbada e com queimaduras leves. Eddie me ligou mais tarde, naquela noite, e basicamente me deu uma bronca por ter ligado e contado ao assistente o que estava acontecendo com minha mãe. Eu deveria ter lidado sozinho com a situação. Foi nessa noite que decidi que Edward King podia ir se foder para sempre. Foi uma das coisas que gostei em você de cara; você também sabe que Edward King deveria se foder para sempre. É uma boa qualidade.

Stevie notou que David estava andando mais devagar. Continuou com a mão nas costas dele, fazendo uma leve pressão para assegurá-lo de sua presença.

— Quando eu tinha dez anos, Becky ficou grávida de um bebê mágico. Não era de Eddie. Quer dizer, eu não quero tirar onda, mas sei contar até nove. E Eddie não estava por perto nove meses antes da minha irmã, Allison, nascer. O pai deve ser um cara da legislatura estadual que frequentava a mesma academia que Becky e que foi algumas vezes lá em casa. Eu nunca lembrava o nome dele, então o

chamava de Chad. Na cara dele. Logo após o nascimento de Allison, Chad saiu da legislatura estadual, depois do estado. Ninguém simplesmente transa com a esposa de Edward King. Então, Eddie e Becky assinaram um belo e discreto divórcio.

— Como as pessoas não sabem disso? — perguntou Stevie. — Que ele já foi casado?

— Essa é a magia de Edward King. Ele se certificou de que estivéssemos fora da vida dele antes que qualquer coisa importante começasse a acontecer na campanha. E se casou com Tina, ex-estagiária, para usufruir de todo o seu potencial. Tina é uma boa esposa de campanha. Tem ótimos dentes. Ótimos mesmo, grandes e brancos. Parece que a boca é cheia de armários de cozinha. Como estou indo, com esse negócio de contar tudo?

— É... bastante informação.

— Que bom que estamos no fim, então — disse, parando. — Literalmente. É o fim. Do túnel.

— Deixa eu ver.

— Como? Eu não consigo dar a volta em você.

— Se abaixa.

David agachou, e Stevie apontou a lanterna para a parede. Havia uma escada de metal curta, apenas oito degraus, que levava a um alçapão redondo.

— Continue apontando a luz para a escada — pediu ele, se levantando.

Então, deixou a lanterna no chão, subiu a escada e ergueu a mão, tentando abrir o alçapão, empurrando com força.

— Nada — concluiu David. — Não está abrindo. Uma longa e escura jornada para o nada. Mas foi um bom túnel.

Ele voltou a descer. Stevie abaixou a luz para não cegá-lo. Por um momento, os dois ficaram cara a cara no escuro, mesmo que não conseguissem se enxergar. Ela apontou a lanterna para o chão e perguntou:

— Por que você decidiu me contar tudo isso?

— Como eu disse. Começar do zero.

— Mas por quê?

— Porque... meu pai estragou tudo na minha vida. Agora está fazendo uma carreira baseada em estragar a vida de todo mundo. Mas ele não pode ter controle sobre isso. Não pode ter controle sobre você. Parece brega, mas você é tudo o que eu tenho.

Mas seu pai tem controle sobre mim, pensou ela. Será que conseguiria dizer? Contar tudo?

David estava estendendo a mão para ela no escuro, tateando o ar, encontrando seu ombro, subindo até o pescoço, traçando a linha do queixo.

Conte para ele agora. Conte agora mesmo. Ele acabou de contar tudo.

David tracejou a linha de sua mandíbula com toda a delicadeza. A respiração de Stevie falhou, e ela apoiou o quadril na parede, o que foi fácil, porque a parede estava a menos de três centímetros de distância. Ele continuou se aproximando, devagar, testando o caminho até estar com o peito contra o de Stevie, que não se mexeu.

A lanterna pesada puxava sua mão esquerda para baixo. Ela notou que abaixava para deixá-la no chão. Então voltou a se erguer e estendeu ambas as mãos para a cabeça dele, entrelaçando os dedos no cabelo cacheado. Quando os lábios se encontraram, Stevie sentiu algo relaxando dentro de si, algo que nem sabia que estava segurando. Havia um quê de frenético no modo como o beijou, como se ficar com ele fosse sua única maneira de respirar. Não conseguiam se mexer para a esquerda ou para a direita, então se mantiveram presos no lugar. Ela beijou o pescoço de David, que soltou um suspiro suave, então uma risadinha feliz.

— Isso deu mais certo do que eu esperava — disse. — Pensei que...

— Cale a boca — mandou Stevie, beijando-o de novo.

David a envolveu com os braços, segurando-a e erguendo-a alguns centímetros do chão. Se houvesse espaço o suficiente, Stevie teria passado as pernas ao redor do corpo dele. Mas as paredes do túnel não se esticavam para acomodar seus desejos.

— Tem alguma coisa... — murmurou ele, a boca colada à dela.

— O quê? — murmurou Stevie, de volta.

— Luz. Só pode ser Nate sinalizando.

Ele a colocou no chão com cuidado. Stevie queria poder ver a expressão dele, mas ambos estavam cegos. Ele segurou seu rosto entre as mãos por um momento, sem dizer nada; sem beijar, sem se mexer, sem enxergar.

— Nate — repetiu, depois de uma longa pausa.

— Nate — respondeu ela.

— Sua vez de guiar o caminho.

Ela se remexeu, as mãos tremendo e as pernas bambas, tentando achar a lanterna. Então se virou, constrangida. Estava muito satisfeita por David ter guiado o caminho de ida, porque só conseguia ver as costas dele. Se tivesse dado uma boa olhada no longo e estreito percurso à frente, nunca teria continuado, e o que acabara de acontecer nunca teria acontecido.

Caminharam de volta, com David logo atrás dela, brincando com as pontas de seu cabelo, cutucando suas costelas com implicância, fazendo cócegas em sua nuca. O mundo de repente era perfeito e hilário, mesmo que pudessem ser descobertos ali embaixo. Daria tudo certo. Sua vida tinha caminhado para chegar a isso: esse túnel, esse momento. Ela estava quente e zozza. Era uma nova Stevie.

A luz da lanterna revelou alguma coisa no chão. À primeira vista, pareceu só mais um ponto preto num mundo de pretidão, mas na verdade tratava-se de um tipo

diferente e mais escuro de preto contra o cinza, e com um ligeiro brilho. Ela se abaixou para pegar o objeto, e David aproveitou para envolver sua cintura e abraçá-la.

— O que é isso? — perguntou David. — *Tesouro?*

Ela apontou o feixe para a mão. Era plástico. Um pedaço de uma sacola plástica, preta e reluzente.

— Só um pedaço de plástico — respondeu ela.

Provavelmente não havia sacolas plásticas nos anos 1930. Provavelmente? Stevie esfregou o fragmento entre os dedos. Havia algo, o clique de uma peça se encaixando no fundo da mente. Seu cérebro estava sempre fazendo isso: encaixando uma peça e não explicando do que se tratava.

— Você está bem? — perguntou David.

— Estou — respondeu ela, distraída.

O pedaço de plástico frio deslizava por entre as pontas de seus dedos.

— Não é nada.

O clique dentro do cérebro ficou mais alto. Parecia um Contador Geiger. Então, Stevie viu. Tinha sido difícil de ver na ida porque ficava em um ponto meio anguloso; era outra abertura, com um pouco mais de 75 centímetros de largura.

— Tem outro túnel — afirmou, apontando a luz para dentro do espaço.

— Sinto vergonha de dizer isso — falou David —, mas deveríamos voltar antes que Pix volte para casa ou que Nate nos tranque aqui dentro.

Stevie deu apenas alguns passos para a nova ramificação do túnel. No chão à sua frente havia outro pedaço de plástico. Ela o pegou. Era o mesmo tipo de plástico preto e reluzente. Saco plástico de lixo, era isso.

Clique. Clique. Clique. A mente estava acelerada, mostrando uma imagem depois da outra. Sacos de lixo na cozinha de casa. Suas roupas em sacos de lixo quando voltou a Ellingham. Roupas de lixo. Ellie vestindo uma saia feita de sacos de lixo na festa silenciosa...

Mais à frente havia um pouco de lixo no chão. Ou, pelo menos, era o que parecia à distância. Notou um brilho súbito vindo de mais sacolas plásticas de lixo, então algo disforme, roxo...

Não precisou chegar mais perto para saber o que tinha encontrado.

ENTREVISTA COM MARION
NELSON

CONDUZIDA EM NOVA YORK
PELO AGENTE HENRY EVANS,
ESCRITÓRIO DE NYC, E PELO
AGENTE GEORGE MARSH,
ESCRITÓRIO REMOTO DE
VERMONT

20 DE ABRIL, 1936

*HE: Obrigado por vir
conversar conosco, srta. Nelson.*

*MN: Imagina, problema
nenhum. Nenhum mesmo.*

*HE: A senhorita entende o que
aconteceu? Não preciso explicar
nada?*

*MN: Sim. Eu sei. Eu sei o que
houve.*

*HE: A senhorita é a professora
responsável pela Casa Minerva no
Instituto Ellingham, certo?*

MN: Certo.

*HE: Como conseguiu essa
vaga?*

*MN: Eu conheci o sr. Ellingham
aqui, em Nova York. Trabalhei como
secretária no jornal dele.*

HE: Diretamente para ele?

*MN: Não, para o editor-chefe,
Max Campbell. Mas conheci o sr.
Ellingham em suas visitas ao
escritório. Ele era muito envolvido no
dia a dia da empresa.*

HE: Vocês se tornaram amigos.

MN: Sim.

HE: Bons amigos?

MN: Eu... sim. Bons amigos.

*AGENTE MARSH: Nós nos
conhecemos quando a senhorita
trabalhava no jornal.*

*MN: Sim, quando o senhor
salvou o sr. Ellingham daquela bomba.*

*HE: E ele a chamou para ser
responsável por uma das casas de sua
nova escola.*

*MN: Sim. Ele queria pessoas
conhecidas e confiáveis na escola.*

*GM: Você foi a única
funcionária do jornal chamada para*

trabalhar no instituto, srta. Nelson. Ninguém mais.

MN: Sim.

GM: Por que acha que foi a única transferida do jornal?

MN: Imagino... Que eu era a única com as habilidades certas. Não sou uma repórter. Eu trabalhava lá como secretária.

HE: A senhorita tinha outra posição na escola? Ministrava alguma aula?

MN: Biologia.

HE: Então a senhorita ministrava o curso de biologia e morava na Casa Minerva.

MN: Sim.

HE: Srta. Nelson, andamos verificando a ficha de todo o corpo docente do Instituto Ellingham. Nenhum outro integrante tem ligação direta com a vida profissional de Albert Ellingham. Não apenas com o jornal. Com qualquer negócio.

MN: Sim. E daí?

HE: Entendo que isso não tenha sido uma pergunta. Apenas uma observação. É só que, das centenas e centenas de pessoas que trabalham para Albert Ellingham, ele escolheu a senhorita para fazer parte do instituto.

MN: E o sr. Marsh.

GM: Eu não trabalho para o sr. Ellingham, srta. Nelson. Trabalho para o FBI. Fui escalado para acompanhar o sr. Ellingham. Mas ele escolheu a senhorita, de todos que já trabalharam em suas empresas.

MN: Como eu disse, Albert... o sr. Ellingham queria pessoas conhecidas...

HE: Vocês devem ser próximos. A senhorita o chama de Albert?

MN: Eu não sei o que o senhor está sugerindo.

HE: Absolutamente nada. Estou fazendo uma observação. Mas agora preciso perguntar, srta. Nelson, e devo lembrá-la da seriedade do assunto em questão: sua relação com Albert Ellingham é... mais do que amigável?

[A entrevistada não oferece resposta.]

HE: Srta. Nelson, não faço essa pergunta para constrangê-la. Pergunto porque precisamos entender tudo o que aconteceu no instituto, naquela noite. Precisamos de informações.

MN: Eu sei que precisam de informações.

HE: Então poderia, por favor, responder à pergunta?

[A entrevistada não oferece resposta.]

HE: Srta. Nelson, quando você saiu do Instituto Ellingham, pegou um trem de volta a Nova York com diversos alunos, depois foi para o apartamento do número 1040 da Quinta Avenida.

MN: Quem lhe contou isso?

HE: Não importa como sabemos. O que importa é descobrir os fatos. Isso é verdade?

MN: Sim.

HE: Quem é o proprietário desse apartamento?

MN: A Corporação Ellingham. Eu não tenho um apartamento no momento. Moro na escola. O sr. Ellingham me deixou ficar numa de suas propriedades.

HE: E quando foi que ele disse que a senhorita podia ficar numa de suas propriedades? Quando ele lhe informou isso?

MN: Quando... quando nos disse que precisávamos partir.

HE: Srta. Nelson, você entende que mentir para um agente federal é um assunto sério? É necessário destacar que precisamos de informações para encontrar Iris e Alice Ellingham. Sem informações, não há nada que possamos fazer. Qualquer atraso na investigação significa um atraso na busca, e, se tivermos uma informação falsa, seguiremos por caminhos falsos. A senhorita entende o que estou dizendo?

[A entrevistada parece visivelmente estressada.]

MN: *Ah, meu Deus. Ah. Como isso aconteceu? Podemos parar por um momento, por favor? Só por um momento, por favor?*

HE: *Srta. Nelson, preciso que seja honesta. Não há nada a temer. Nosso objetivo não é constranger a senhorita ou o sr. Ellingham. Só precisamos saber... Esse tipo de informação pode até mesmo ser usada contra o sr. Ellingham ou contra a senhorita. Precisamos saber. Sua relação com Albert Ellingham é puramente amigável?*

MN: *O senhor sabe, o senhor sabe! Por que continua perguntando? Por que fica perguntando o que sabe?*

[A entrevistada precisa de um tempo para se recompor.]

HE: *Há quanto tempo isso vem acontecendo?*

MN: *Sete anos.*

HE: *Mais alguém sabe? A sra. Ellingham?*

MN: *Ela não sabe. Ela é... distraída.*

HE: *O que isso significa?*

MN: *Ela é... Eu não quero falar mal dela. Sei a imagem que isso passa, ainda mais agora. Mas o senhor precisa entender, ela não é como Albert. Não tem a mente sólida. Nós nos entendemos. Ele pode conversar comigo.*

HE: *Na noite do sequestro, o sr. Ellingham sumiu por um período de aproximadamente 45 minutos por volta das duas da manhã. Num minuto estava no escritório, e logo em seguida não estava mais. A senhorita sabe alguma coisa sobre esse período de desaparecimento?*

[A entrevistada não forneceu resposta.]

GM: *Leve o tempo que precisar, srta. Nelson. Não queremos*

constranger ninguém. Só queremos saber o que aconteceu.

MN: Nós nos encontramos.

GM: Onde?

MN: Temos um ponto de encontro, onde o ginásio está sendo construído.

GM: A senhorita tem alguma ideia de como o sr. Ellingham chegou até o ponto de encontro sem ser visto saindo do escritório, ou da casa?

MN: Nós temos... um jeito.

[Foi apresentada uma cópia fotográfica da carta do Cordialmente Cruel.]

HE: A senhorita já viu esta carta?

MN: Não.

HE: Albert Ellingham já mencionou esta carta para a senhorita?

MN: Não.

HE: Quando a senhorita trabalhava no jornal, recebia cartas deste tipo?

MN: Recebíamos cartas de ameaça, é claro. Alguém plantou uma bomba no carro de Albert lá. Recebíamos cartas de todo tipo.

HE: Olhe com atenção. A senhorita já recebeu qualquer coisa parecida com esta carta no jornal?

MN: Não exatamente assim. Nunca com letras recortadas.

HE: Existe mais alguma coisa que deveríamos saber? Qualquer coisa? Qualquer coisa relacionada a Iris ou Alice?

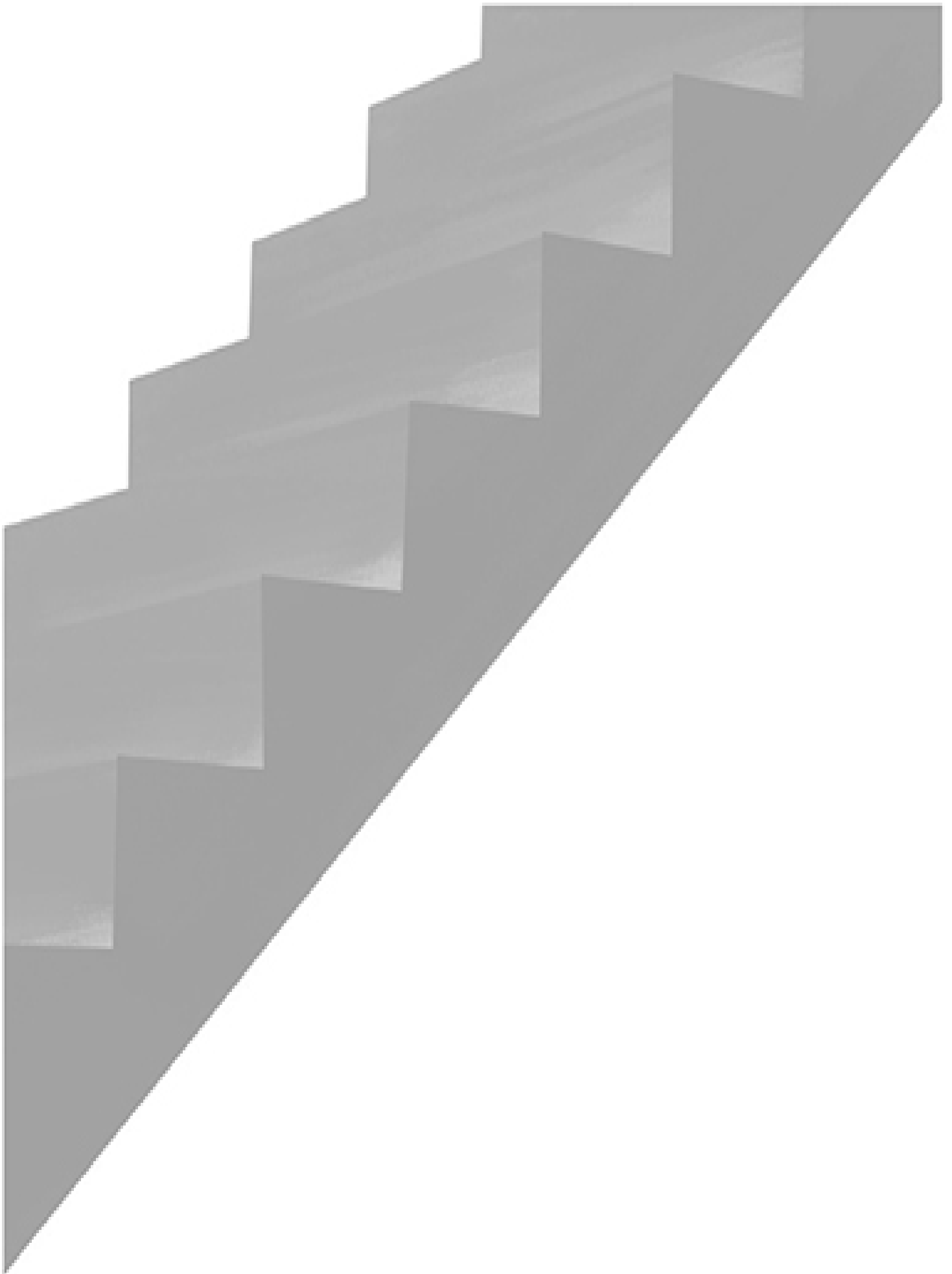
MN: Ah, a pequena Alice... Albert vive por ela. Vocês não entendem. Ele vive por essa menininha. Vocês acham que ela foi...

HE: Foi o quê?

[A entrevistada não forneceu resposta.]

HE: Foi o quê, srta. Nelson?

MN: Parecia que ela era a única pessoa no mundo. Só isso. A única pessoa no mundo.



— David — disse Stevie baixinho.

Levando em conta o batimento cardíaco forte e o cheiro, sentiu que poderia vomitar a qualquer momento, mas precisava segurar a vontade, precisava manter algum controle sobre a situação.

— Chega para trás.

— O que está havendo? — perguntou ele.

— A passagem está bloqueada. Só chega para trás.

Não importava quão calma tentasse manter a voz, havia um tom que entregava o fato de que alguma coisa muito ruim estava acontecendo. David deu um passo para o lado a fim de ver o que estava na passagem.

— Que droga é...

Stevie ouviu quando ele entendeu.

— Para trás — pediu, com gentileza. — Para trás, para trás. É assim que a ajudaremos.

— Stevie...

Havia uma leveza na voz dele. Soava quase zozza.

— Dá meia-volta — disse Stevie, movendo-o para trás, passo a passo. — Preciso que você dê meia-volta.

Estava repetindo as palavras de Larry. Dê meia-volta. Não olhe, porque, se olhar, a imagem fica com você para sempre.

— Não podemos deixar ela aqui!

— Vamos pedir ajuda. Meia-volta. Vamos lá.

Precisou manobrá-lo de volta até a artéria principal do túnel. A adrenalina tomara conta. De alguma maneira, sabia como agir, como pegar a mão de David e guiá-lo de volta.

Quando os dois chegaram à escada, Nate estava pendurado acima da abertura, o capuz de bruxo caído em volta do pescoço.

— Sobe — instruiu Stevie. — Vai, vai.

Nate se afastou, e os dois saíram do túnel aos tropeços. Quando David se levantou, cambaleou na direção do corredor e se inclinou para a frente, com ânsia de vômito.

— O que está havendo? — perguntou Nate. — O que tem ali embaixo?

Stevie balançou a cabeça, em parte porque não conseguia encontrar as palavras, em parte para segurar o enjoo.

— *O que está havendo?* — repetiu Nate.

— Ellie — respondeu Stevie. — Ellie está lá embaixo.

— Ellie está lá embaixo? Escondida? Precisamos chamar ajuda!

Stevie balançou a cabeça, então Nate entendeu a mensagem e caiu para trás contra a parede.

Stevie puxou o celular do bolso. David deu um impulso para o aparelho, empurrando-o para baixo.

— Não faz isso. Não, eu preciso ligar — disse, pegando o próprio celular. — É melhor vocês dois irem para seus quartos. Coloquem fones de ouvido. Vocês estiveram lá esse tempo todo. Coloquem alguma coisa para tocar alto. Vão.

— O quê? — perguntou Stevie.

— Você não pode ter estado lá embaixo, Stevie. Entende? Nate, você entende? Ela não estava lá. Eu entrei sozinho. Só eu.

— Como assim, agora vamos mentir? — falou Nate. — Para policiais?

— Você sabe o que significa Stevie estar lá embaixo. Eu vou ficar bem. Ela, não. Só vamos fazer um relato. Só isso.

Havia uma urgência totalmente desconhecida em David, um vermelho intenso em suas bochechas e uma rouquidão na voz. Nate ficou cinza, tão cinza quanto as vestes de bruxo que ainda usava.

— Só vão para os seus quartos e fechem a porta — pediu David, de novo, a voz suplicante. — É só isso que precisam fazer.

Nate xingou baixinho, mas se afastou da parede.

— Você vai? — perguntou para Stevie.

Stevie não sabia ao certo onde estava. Momentos antes, estivera no confinamento do túnel, nos braços de David, abraçada pela terra, sozinha no universo. Então, viu Ellie.

Nate sacudiu o braço de Stevie.

— Eu não vou se você não for — disse ele. — Me fala o que você vai fazer. Não estou entendendo nada.

David a encarou. O cabelo continuava bagunçado onde as mãos de Stevie tinham estado. Ela beijara a pele suave do pescoço...

O cheiro do túnel envenenou a lembrança.

David ficaria bem. Nate não sabia por que, é claro.

— Isso. Vá para o seu quarto.

Parecia totalmente errado o que estava fazendo para si mesma, mas totalmente certo para Nate. O amigo não precisava daquilo. Já vinha sofrendo o suficiente com o que acontecera com Hayes.

— Deus do Céu — falou Nate, passando por eles, tropeçando na barra da túnica ao subir pela curva da escada.

Stevie inspirou, tentando se acalmar. Então, começou a se mexer no piloto automático, cambaleando na direção do próprio quarto.

Ouviu as primeiras pessoas chegando cerca de cinco minutos depois. Tinha colocado os fones de ouvido, mas não escolhera nada para tocar. O batimento ecoava nos ouvidos. Houve outra chegada. Mais vozes na sala comunal, no corredor.

Ela ligou uma música. Alta. Fechou os olhos e apoiou a cabeça na cabeceira de madeira. Quando bateram à porta, realmente não ouviu. O volume estava alto demais. Depois de um instante, Pix entreabriu a porta.

— Stevie? — chamou.

Ela abriu os olhos. O esforço foi tremendo, a luz do teto ofensivamente clara.

— Stevie — repetiu Pix. — Você pode... ficar aqui por alguns minutos? Tem algo acontecendo. Nada com que se preocupar. A equipe de segurança só precisa checar uma coisa no corredor.

— Claro — respondeu. Sua voz saiu sonolenta.

— Desculpe pelo incômodo. Volte a dormir.

Stevie fechou os olhos de volta e deixou que filmes passassem pela parte interna de suas pálpebras. Invocou a sensação do toque e do beijo de David. Tivera tão pouco tempo para saboreá-la. A lembrança ia desbotar, a sensação seria corrompida pelo que estivesse por vir.

Aquilo tudo já tinha acontecido. Igual, porém diferente.

Pix voltou e pediu que ela guardasse algumas coisas numa mala.

— Não tenha pressa — disse, mas seu rosto transparecia o choque. — Houve um problema na casa e vamos dormir em outro lugar esta noite.

Stevie se levantou da cama e começou a encher uma mochila com movimentos mecânicos. Remédios, roupas, o computador e o celular, tudo enfiado na mochila até que o tecido rangesse um pouco, de tão esticado. Estava prestes a fechá-la quando se lembrou de outra coisa. A lata. Não caberia. Tirou uma camisa que ocupava um espaço valioso e encaixou a lata no lugar. Melhor prevenir do que remediar.

Um segurança bloqueava a visão do final do corredor. Nate estava sentado à mesa da sala comunal, e Janelle, ainda vestida de Mulher-Maravilha, juntava pertences em seu quarto para fazer a mala. Pix estava à mesa com uma expressão sombria.

— Cadê o David? — perguntou Stevie para Pix.

— Está no Casarão. Ele encontrou Ellie, Stevie. Num túnel. Ela... não estava bem. Ela morreu.

Pix esperou Stevie absorver a informação.

— Aonde nós vamos? — perguntou Nate.

— Vamos passar essa noite no *yurt*. Vão levar camas, e vamos pendurar divisórias no teto. Vai ficar gostoso e aconchegante. Podemos conversar.

— Ah, que bom — disse Nate, cutucando a superfície da mesa com a unha.

— Podemos ir assim que Janelle estiver pronta. Vou buscar minhas coisas.

— Ela deve estar cansada dessa história dos alunos ficarem morrendo — comentou Nate, quando a professora foi para o andar de cima. — Imagina a papelada.

Stevie não respondeu, e Nate cotovelou sua mão, perguntando:

— Você está bem?

— Não tenho ideia.

— Como é que essa droga está acontecendo? Não acabamos de passar por isso? Pensei que ela tivesse fugido, se juntado a uma galera de circo ou algo assim. Não que estivesse... embaixo da gente.

— Ela não estava realmente embaixo da gente — explicou Stevie. — Estava meio que longe.

— Ah, *que bom*.

— Você entendeu.

— Eu entendi. Entendi que esse lugar talvez seja uma droga. Duas pessoas *morreram*.

— Não é culpa da *escola*.

— Não, mas... talvez? Talvez esse lugar...

— Você está dizendo que esse lugar é amaldiçoado ou algo assim?

Nate balançou a cabeça.

— Estou dizendo que duas pessoas morreram, e esse é um número bem maior do que o de pessoas que morreram na minha última escola. Eu sei que merdas acontecem. Merdas horríveis acontecem. Mas isso é merda horrível e *bizarra*, com túneis e gelo seco e pessoas sufocando até a morte embaixo da terra...

Stevie encolheu os ombros. Sua mente vagou. Foi até David, e a história da mãe e da irmã, as promessas que ela fizera, o mistério obscuro do caso que queria solucionar, a solução do mistério que se escondia na escuridão debaixo da terra...

Janelle saiu do quarto com uma calça de pijama de lã, um suéter imenso e felpudo e uma bolsa prateada no ombro. Ela se aproximou de Nate e Stevie e abraçou cada um com um braço. Havia lágrimas nos cantos de seus olhos.

— Pix disse que Vi também pode ir para o *yurt*, se vocês não se importarem. Me faria muito bem.

— Claro — respondeu Stevie. — Problema nenhum.

Nate assentiu, distraído.

— David a encontrou. Levaram ele para o Casarão.

A porta azul se entreabriu, e Larry entrou, com seu casaco de lã vermelho e preto e o walkie-talkie zumbindo no quadril. Ele observou o grupo à mesa.

— Vamos levar vocês para o *yurt*. Ainda não divulgamos a notícia para o resto da escola. Algumas pessoas ainda estão na festa. Gostaria de pedir, se não se importarem, para não espalharem o que aconteceu. Sei que Vi Harper-Tomo tem permissão para se juntar a vocês. Mas, por favor, não mandem mensagens para ninguém sobre o assunto.

— Pode deixar — respondeu Janelle.

Larry voltou a atenção para Stevie, tentando ler sua expressão. Ela tentou se fechar, da mesma maneira alta e clara como se fechava um livro.

Mas pessoas não são livros, infelizmente.

O grupo saiu para a noite, ladeado por dois seguranças. A noite estava fria e estável como vidro, com apenas uma fresta de lua. Vi os encontrou no meio do caminho, com o diretor da Juno como escolta.

— O que está havendo? — perguntou Vi. — Você está bem?

Vi examinou Janelle com atenção, então limpou as lágrimas da namorada com os dedos.

— A gente conversa lá — respondeu Janelle. — Estou bem. Só temos que ir.

Nate colocou os fones de ouvido e abaixou a cabeça. Estava se retirando da situação. Stevie não tinha certeza de quem iniciara o movimento, mas ela e Larry pareceram adotar um ritmo diferente dos outros e uma trajetória intimamente distinta, até que se encontrassem no próprio caminho particular. Ou ele queria conversar a sós, ou ela subconscientemente queria falar com ele. Qualquer que fosse o caso, não conseguia mais segurar. Quando passaram pelo encontro de cabeças de estátua, Stevie parou de andar. Larry assentiu para que os outros continuassem. Ele se recostou numa das colunas de pedra e a observou.

— Precisa conversar? — perguntou.

— Eu estava lá embaixo.

— Eu sei.

Ele ergueu um bigode falso. Deve ter caído enquanto ela se pegava com David. Tinha esquecido que ainda estava com aquilo, naquela hora.

— O que você precisa fazer, agora mesmo, é me contar a verdade.

Stevie enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de saco de lixo. Entregou-o a Larry.

— Eu achei isso no chão do túnel.

— O que você estava fazendo, Stevie? Eu falei. Nada de túneis.

— Fenton... A dra. Fenton achava que havia um túnel. Eu procurei. E achei. Era dever de casa, mais ou menos. Eu não sabia que Ellie estava lá. Eu não tinha a

menor ideia de que ela estava lá. Era só um túnel. Eu não queria entrar. Mas ele entrou.

— David.

Stevie assentiu.

— E eu tive que ir atrás. Pensei que ele pudesse... Não sei.

— Você encontrou alguma coisa além disso, além de...?

Larry ergueu o pedaço de saco de lixo. Stevie negou com a cabeça.

— Tinha... um cheiro.

— Não dá para esquecer a primeira vez que se passa por isso. Pode até se acostumar a lidar, mas é difícil.

— Será que ela simplesmente ficou presa lá embaixo? — perguntou Stevie. — Quando saiu do Casarão, naquela noite?

— Seria meu palpite. Seguimos o túnel até a outra entrada. Não tínhamos ideia de que aquilo existia. Ele se conecta a um alçapão no porão do Casarão, a entrada que se camufla com as outras pedras. Ela entrou, e algo bloqueou a saída.

Stevie pensou na mesma hora no conto de Edgar Allan Poe, “O barril de Amontillado”, sobre um assassino que atrai suas vítimas para dentro de um cofre, então o sela e cobre com tijolos. O horror da cena era demais. Stevie inalou o ar frio e limpo com ganância. O cheiro continuava ali, moléculas dele, agarrando-se ao interior das narinas, à pele, à mente.

— O que eu faço? — perguntou Stevie. — Preciso dizer à polícia que estava lá?

Larry colocou uma das mãos na perna e deu batidinhas com um dedo. Então, inspirou profundamente e soltou um longo suspiro.

— Nate? — perguntou ele.

— Nate não entrou.

— Ele não é tão idiota quanto vocês dois.

— Ele disse para não entrarmos. Ficou lá em cima, para o caso de algo acontecer.

— Definitivamente não é tão idiota. Muito bem. Esse é um caso de encontrar e reportar uma vítima de acidente. Na teoria, parece que foi David quem a encontrou. Você não pode reportar algo que não viu.

Isso não era verdade, mas Stevie ficou quieta.

— Se algo mudar, você se pronuncia. Na mesma hora. E nunca mais entre em algum desses túneis, por nenhuma razão. Você precisa seguir todas as regras à risca.

— Obrigada — disse ela, em voz baixa.

— Não me agradeça. Isso não é uma questão de agradecimentos. Me parece que você tentou seguir alguém que estava fazendo algo idiota, mesmo que isso significasse fazer algo idiota também. Eu conheço David Eastman o bastante para

saber que ele pularia lá dentro sem olhar. Ele vai ficar bem, não importa o que aconteça. Acho que você sabe por quê.

De todas as coisas que tinham acontecido, foi aquela que fez Stevie congelar.

— Você conheceu o pai dele — disse Larry.

Não foi uma pergunta. Stevie assentiu.

— E o pai dele influenciou na sua volta?

— Ele contou? — perguntou Stevie.

— Ninguém precisou me contar. Não foi difícil chegar a essa conclusão. A mudança abrupta de opinião, seus pais trabalham para o cara, o voo súbito de volta, o fato de que não existe nenhum voo para cá àquela hora da noite e que você provavelmente nem viria de avião...

Stevie exalou com um ruído.

— O que ele deu? — perguntou Larry.

— Uma carona.

— O que mais?

— Nada.

— O que ele queria de você?

— Só que... eu estivesse aqui. Por causa do David. E eu só queria voltar.

Não tinha certeza se estava falando isso para Larry ou para si mesma. O segurança soltou um grunhido baixo.

— Não é você — explicou. — Edward King é um filho da puta, e o filho dele não é fácil...

Stevie teve a sensação de que ele poderia falar muito mais, porém, ao contrário de um suspeito que começa a tagarelar e não consegue parar, Larry fechou a matraca.

— Então Edward King deu uma chance para você voltar se ficasse de olho em David. Agora tudo faz sentido — concluiu Larry.

— David não sabe — avisou ela.

— Bem, eu que não vou contar. Esse negócio todo...

Ele balançou a cabeça, mas parou de falar de novo.

— Mas posso falar com ele? — perguntou Stevie. — David acabou de encontrar o corpo da amiga.

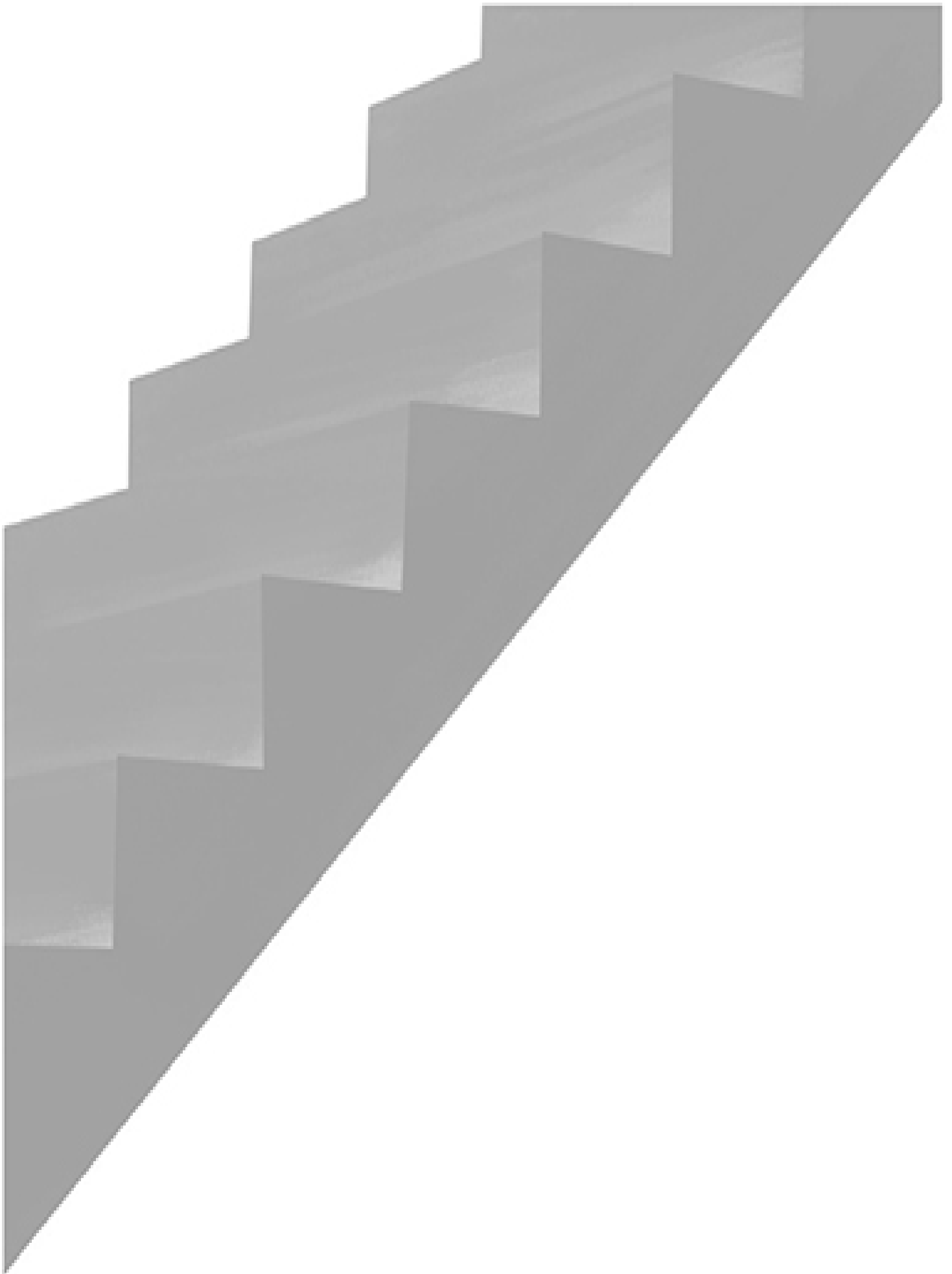
Larry soltou um longo suspiro antes de responder:

— Ele está na biblioteca. Foi levado para lá porque tem gente demais no Casarão. Vou acompanhar você até lá por causa do que aconteceu hoje. Mas você precisa lembrar que proteger David Eastman não é sua função. Eu me sinto mal pelo garoto, de verdade. Mas não é sua função. Entende?

— Eu sei.

— Não. Acho que não sabe. Não siga alguém até a escuridão, Stevie. Já vi isso acontecer vezes demais.

Stevie não tinha muita certeza do que ele quis dizer, mas a ideia geral ficou clara o bastante.



A noite tinha um cheiro forte e fértil de folhas caídas enquanto Stevie e Larry seguiam para a biblioteca. Por que será que Ellingham estava sempre no seu melhor em tempos como esse, pesada com os aromas de terra e ar, extrema em luz e sombra? Por que o Casarão se assomava mais alto, com as janelas iluminadas de laranja, onde a festa terminava e a escola permanecia alheia ao fato de que outra colega fora perdida?

Qual era o problema desse lugar? Talvez Nate estivesse certo, pensou, suas passadas fortes e nítidas no caminho de pedras. O lugar era chamado de Monte Machadinha. Talvez fosse um sinal. Não vá lá. Não exploda um pedaço da encosta e construa seu império.

E não venha procurando por morte e assassinato, Stevie, porque você vai encontrar.

Ela definitivamente não estava agasalhada o suficiente, na jaqueta de vinil, mesmo com o pesado casaco de lã de Ellingham por baixo. A calça jeans era fina demais. Não estava de cachecol, então o frio fazia cócegas em sua nuca.

Ellie, envolta por sacos de lixo, embaixo da terra...

Ainda sentia aquele cheiro.

Aquele cheiro. O cheiro dela. Aquele cheiro.

Algumas pessoas saíam do Casarão, ainda fantasiadas.

Claro que Ellie estava morta.

Claro que tinha sido encontrada no Halloween. Presa num túnel.

Era Ellingham destilada, pura como um dos riachos que desciam a montanha.

Ellie tinha ficado no escuro. No escuro absoluto. Sem saber onde estava. Teve que tatear aquelas paredes, indo para a frente e para trás, procurando uma saída. Por quanto tempo? Por horas? Dias? Chorando. Provavelmente hiperventilando. Stevie pensou nas profundezas do próprio pânico; o sentimento de nada, como se o mundo estivesse acabando. Ellie devia ter entrado em pânico. Devia ter ficado andando para a frente e para trás e para a frente e para trás e gritado. Esmurrado as paredes. Arranhado e unhado. A sede e a fome e a confusão teriam dominado...

Não. Precisava manter esses pensamentos fora da cabeça. Pintá-los com verniz e deixar que endurecessem. Tinha um trabalho a fazer: encontrar David, que tinha encontrado Ellie.

A biblioteca estava dominada por um murmúrio baixo. Vários seguranças conversavam com a polícia local. Não havia nenhuma viatura estacionada do lado de fora; deviam ter pegado a estrada de serviço e estacionado nos fundos, para não

assustar as pessoas. Apesar da atividade, a biblioteca parecia uma catedral vazia. Tinha aquela característica arquitetônica estranha de capturar qualquer vento que entrasse pela porta e mandá-lo espiralando para cima num vórtice suave que não dava em lugar algum. Quanto mais alto alguém subisse, mais ouviria o vento uivando pelo ferro forjado intrincado das escadas circulares e dos parapeitos das sacadas, veria as páginas soltas tremularem como se estivessem vivas. O barulho das conversas abaixo girava até o teto, chocando-se contra os livros. Stevie olhou bem para cima, notando, pela primeira vez, as constelações pintadas no teto azul. As estrelas estavam do lado de dentro, mais perto.

Larry trocou algumas palavras baixas com um dos seguranças.

— Ele está no andar de cima, numa das salas de leitura — anunciou. — Com uma terapeuta. Vou verificar o que está havendo.

Stevie observou enquanto Larry subia para o segundo andar e desaparecia por entre as estantes de livros. Ele reapareceu na sacada alguns minutos depois e gesticulou para que Stevie o seguisse. O corrimão de ferro da escada estava frio, e cada passo reverberava conforme ela subia. Era como se a biblioteca não gostasse dessa interrupção em sua rotina tranquila.

— Pode ir falar com ele — informou Larry, em voz baixa. — A terapeuta disse que vai ser bom para os dois. Mas lembre-se do que eu disse.

Ele a guiou até o final de um corredor amplo entre as seções de geografia e geologia, uma fileira de livros de lombada verde que terminava numa das sóbrias portas de madeira com letreiro dourado da biblioteca. A terapeuta aguardava ao lado da porta. Stevie a reconheceu da época em que Hayes morreu e Ellingham espalhou psicólogos por toda parte.

A sala de leitura era um canto pequeno, separado do restante do segundo andar por paredes com painéis de vidro fosco até a metade. A mobília original tinha sido substituída por um sofá cinza de dois lugares, quatro pufes peludos e um tapete igualmente peludo, só para o caso de nenhum dos outros seiscentos recantos de leitura aconchegantes em Ellingham serem satisfatórios.

David evitara todas essas opções e estava sentado no chão, as costas apoiadas na parede, novamente com o sobretudo de duzentos dólares. Os joelhos estavam meio dobrados, e ele encarava os sapatos. A terapeuta se assomava logo ao lado, sentada no braço no sofá. Ela se levantou e foi falar com Larry e Stevie na porta.

— Você gostaria de entrar? — perguntou a Stevie, naquele tom profissional e calmo dos terapeutas.

Stevie entrou na sala, hesitante, e David ergueu os olhos. Estava pálido e inexpressivo.

— Oi — disse Stevie.

— Oi. — A voz dele suave rouca e meio seca, mas, fora isso, David não dava qualquer sinal do que havia acabado de acontecer.

A terapeuta recuou e fechou a porta em silêncio. Stevie descobriu que não sabia muito bem o que fazer. Sentia os braços frouxos e inúteis ao lado do corpo. Não sabia se queria sentar, mas continuar de pé estava ficando esquisito. Considerou se empoleirar no braço do sofá, como a terapeuta, mas achou que seria estranho e clínico.

Depois de um momento de constrangimento, deslizou pela parede e se sentou ao lado dele. Seu corpo irradiava calor. O cômodo parecia úmido. Levando em conta tudo o que acontecera entre os dois naquela noite, não havia por que ficar desconfortável. Mesmo assim, Stevie estava inquieta.

— Estão arrumando o *yurt* para passarmos a noite lá — comentou.

— Tipo um acampamento — respondeu ele. — O acampamento da tristeza.

David fechou e abriu a mão diversas vezes sobre o joelho, então de repente estendeu-a para Stevie e segurou a mão dela.

— Tudo bem — continuou, soltando uma risadinha sem humor. — Você me disse para não ir. Eu devia ter escutado. Se *você* diz para não entrar de fininho em algum lugar...

Stevie só conseguia se concentrar na sensação em sua mão, no calor da palma de David contra sua pele, na mensagem que o gesto passava. Era uma carência. Uma carência da força dela. A sensação subiu como uma marola por seu braço e se transmitiu para o restante do corpo numa onda.

— Ela sabia — contou David. — Sobre mim. Foi a única, antes de você.

— Sobre seu pai?

— Estávamos um pouco bêbados. Eu contei. Não achei que ela fosse me julgar. Lembro que estávamos sentados no porão do celeiro da arte. Ela estava fazendo uma colagem e tinha uma garrafa de um negócio alemão com gosto de xarope para tosse e bunda. Quando contei... ela riu. Disse que não importava. E podia ter contado para outras pessoas, mas sei que nunca contou.

A voz de David estava ficando mais carregada. Stevie encarou o chão, os azulejos originais, com seus arranhões e mossas causados pelas décadas de alunos perambulando pelos corredores. Uma tempestade se formava, uma sensação parecida com a de cair e girar. Queria que uma horda de esquilos avançasse na direção deles dois. Estava prestes a perguntar como David conseguira juntar todos aqueles esquilos quando ele começou a chorar.

E Stevie não tinha a menor ideia do que fazer.

Mas, bem, na verdade, tinha. A coisa a fazer era abraçá-lo. Beijá-lo tinha sido fácil. Mas aquilo era puro e íntimo e não estavam resguardados pela escuridão do túnel, e sim sob aquela luz fraca, à plena vista dos livros.

Ela começou a suar. Sentiu o turbilhão no cérebro, a velocidade da vida. A promessa a Edward King tirava sarro dela. Ficar amiga de David. Tomar conta dele. Fazê-lo ficar. Fazer pouco caso de todos os sentimentos que tinha por ele a fim de conseguir o que tanto queria e necessitava. Não conseguia mais intuir se tinha feito essas coisas com David porque desejava ou porque era parte do acordo, aquele acordo cruel e maldito. Edward King a transformara numa mentirosa. E a transformara em alguém feito ele, e tudo o que acontecera naquela noite estava maculado. Se tocasse em David, seria uma cúmplice.

Mas também não podia deixá-lo naquele estado. Então, segurou sua mão e a apertou. Tentou fazer com que o aperto transmitisse tudo o que estava dentro dela, tudo o que não podia dizer. Ele apertou de volta, então desabou em cima dela, o corpo sacudindo com soluços.

Stevie se pressionou contra a parede, incapaz de se mexer. Esse derramamento de emoções a estava deixando em pânico. Depois de alguns minutos, David se inclinou para trás, secou os olhos e recuperou o fôlego. Então disse:

— Porra. Cansei de ficar aqui, sentado. Vamos para o *yurt* da tristeza.

Ele não estava nem um pouco constrangido pelo que acontecera. Não que devesse estar. É só que Stevie estaria. David era livre em sua maneira de se expressar. Ele se levantou e ofereceu a mão para ajudá-la, depois continuou de mãos dadas. Os dois simplesmente estavam juntos.

Ao final do corredor, paralelos à sacada, a terapeuta conversava com Me Chame de Charles, que havia sido chamado. O diretor arrancara o bigode e o chapéu de Charlie Chaplin e vestira seu sobretudo preto habitual, mas a calça e os sapatos estranhos continuavam visíveis por baixo. Halloween era uma noite estranha.

— Como vocês dois estão? — perguntou Charles, quando os dois apareceram. Stevie viu que ele notou as mãos dadas.

— Meio como o esperado — respondeu David.

Charles assentiu solenemente.

— Podemos ir para o *yurt*? — continuou David. — Precisam de mim para mais alguma coisa?

— Acho que por enquanto é só isso — respondeu o diretor. — Pode haver outras perguntas mais tarde, mas, por ora, você deve ficar com seus amigos e descansar. Vou pedir para alguém levar os dois lá.

— Podemos pular essa parte? — pediu David. — Podemos só ir? Não é como se a gente fosse se perder.

— Acho que tudo bem. Vocês dois podem ir juntos.

David começou a se afastar, e Stevie o seguiu, ligada a ele.

— Não se preocupe, Stevie — afirmou Charles, baixinho, enquanto iam embora. — Vai ficar tudo bem. Nós vamos conversar com seus pais.

David se virou ao ouvir isso, prestando atenção, então os dois desceram pelas escadas de ferro em direção à noite fria.

As estrelas estavam claras no céu. Em noites sem nuvem, elas se agrupavam sobre Ellingham de uma maneira diferente de tudo o que Stevie já vira; tantas estrelas, muito mais do que lhe era familiar. Uma meia-lua baixa, amarelada como manteiga, lançava um pouco de luz sobre o gramado e o Casarão.

Os dois se aproximavam de uma das lâmpadas que iluminavam o caminho, onde uma câmera de segurança estava encarapitada logo acima. David parou e encarou a câmera.

— A escola parece estar sendo bem compreensiva — afirmou David, depois de um momento.

— Sobre o quê?

— Sobre os seus pais. Se certificando de que eles não surtem. Deve ser difícil manter todo mundo calmo, quando os alunos não param de morrer.

— Imagino que sim.

— Você deve ter feito um discurso e tanto para convencer seus pais a deixarem você voltar. O que disse a eles?

Seus ouvidos zumbiam.

— Eu... eu não sei o que motivou meus pais.

Não era uma resposta, e não funcionou com David da maneira como funcionara com Nate.

— Eu estava no telhado quando você voltou — falou ele. — Vi você chegar. Estava tarde. Quer dizer, eu estava bem chapado na hora, mas sei que era tarde da noite de sexta-feira.

Não se tratava de uma pergunta, o que era aterrorizante.

— Vocês devem ter ficado um tempão na estrada.

— Eu vim de avião.

— Ah. Maneiro. Você não veio de carro da primeira vez?

Stevie precisava abrir a boca e responder, porque cada segundo que se passava revelava mais a verdade. Mas como? A verdade tinha se tornado uma confissão, não um presente.

O olho azul da câmera os observava com frieza.

— O avião é legal — insistiu ele. — Meu pai tentou te convencer a comer batatas chips?

Vários segundos se passaram. Ou teria sido um minuto? O tempo estava começando a se esticar e sangrar sobre a paisagem. As estrelas se amontoaram para ouvir a resposta.

— Escuta...

Que palavra péssima para começar, *escuta*. Tão defensiva.

— Estou escutando.

Stevie queria voltar atrás, reverter o tempo até o túnel, até o beijo. Até a risada. De volta à escuridão. Poderia ter contado naquele momento. Ele entenderia. Mas não havia como voltar. Não havia como recriar as condições.

David se sentou num dos bancos ao longo do caminho e esticou as pernas à frente. Cruzou os braços sobre o peito e esperou.

— Como eu não percebi isso antes? — indagou. — Era tão óbvio.

Ele deu um riso sarcástico e balançou a cabeça.

— Ele foi à minha casa — começou Stevie. — Estava lá quando eu cheguei da escola, na sexta. Falando com meus pais. Levou informações sobre todo esse sistema de segurança. Convenceu os dois de que eu deveria voltar.

— Que legal da parte dele. E então disse: “Venha no meu avião?”

— Eu não queria falar com ele. Não queria estar lá com ele.

— Mas aceitou a carona.

— *É claro* que aceitei a carona. Eu precisava voltar. Sei que ele não faz coisas só para ser legal. Perguntei o que ele queria, e ele disse... Nada... Que eu só precisava *estar* aqui, porque...

Stevie não conseguia encontrar um ponto de apoio. Era como se tivesse saltado, mas não houvesse nada em que se segurar, apenas uma superfície lisa e escorregadia. David estava fazendo o que bons interrogadores fazem: quando alguém está confessando, deixe-o falar. E o impulso estava ali. Ela *precisava* falar.

— Ele só queria que eu falasse com você. Porque disse que você estava surtando. E foi isso, e eu... Você pode dizer alguma coisa?

— Tipo o quê?

A voz dele estava fria. Ainda havia um traço da rouquidão causada pelo choro, mas todas as outras emoções tinham ido embora.

— Eu não sei o que você quer de mim — respondeu Stevie, a voz falhando.

— O que eu *quero* de você? É, você tem mesmo andado com o meu pai. Até você. Ele controla até você.

Mais algumas lágrimas escorreram dos olhos dele, mas David deu uma risada rouca e amargurada, a última suspeita que poderia ter no mundo estava confirmada.

Então, Stevie fez o que pessoas culpadas fazem quando confrontadas. Correu. Era um impulso ridículo, mas o único que fazia sentido no momento. Saiu em disparada, pisando duro na trilha de tijolos. Mas pareceu absurdo fugir em plena vista de David, então fez um desvio para continuar pela relativa escuridão do gramado. Correr é uma das reações mais humanas de todas. Lutar ou fugir. Como dissera seu terapeuta: depois que começa o circuito de reação, tem que completá-lo.

Se você sente que precisa fugir, foge até o corpo mandar parar ou até ser parado por uma força exterior.

Stevie, que não corria com muita frequência, parou logo que chegou à cobertura de árvores do outro lado e ofegou um pouco, sentindo a garganta seca. Reduziu a velocidade apenas o suficiente para ouvir se David a estava seguindo. Claro que não estava. David não ficaria mais atrás dela.

Continuou até o círculo de cabeças de estátuas, o coro de pedra fofoqueiro eternamente reunido entre a Minerva e o *yurt*. Apoiou-se numa das colunas para recuperar o fôlego. Precisava se controlar. Pensar. Os amigos estariam no *yurt*, esperando por ela. Era esperada lá. Mas não tinha como encará-los, não podia arriscar outro encontro com David.

Andou um pouco em círculos sob o céu escuro e o odiou por ser tão vasto.

Talvez devesse ligar para os pais e ir embora.

Não. Era o medo falando. Precisava tomar jeito. Precisava...

Puxou a mochila e abriu o bolso frontal, tateando o interior até bater os dedos num copinho para viagem de metal, mais ou menos da metade do tamanho de seu dedão. Abriu a tampa e derramou o conteúdo na palma da mão.

Um pequeno comprimido branco. O Ativan de emergência que carregava para aquelas situações de “vai que”. O comprimido que nunca esperava realmente ter que tomar. Não era grande, então o colocou na língua e jogou a cabeça para trás, forçando-se a engolir algumas vezes até que descesse a seco. Demoraria um pouco para fazer efeito, mas ao menos sabia que estava indo para seu estômago, onde seria desmanchado e mandado para a corrente sanguínea.

Sentia que precisava dormir. Só encostar a cabeça em algum lugar, qualquer lugar, e dormir. Se não em casa e nem no *yurt*, então...

Ela se virou na direção do celeiro da arte e avançou a passos largos e apressados. Ao chegar, passou o crachá, entrou e fechou a porta.

Caminhou depressa até o estúdio de ioga; uma sala vazia com pé-direito alto e piso de bambu. Fechou bem a porta e então, por nenhuma razão compreensível, pegou uma das faixas usadas na aula e passou-a ao redor da maçaneta, amarrando-a numa barra. Não era a melhor segurança possível, mas era melhor do que nada. Em seguida, acendeu a luz, certificou-se de que a sala estava absolutamente vazia, e apagou-a de novo.

Depois que você começa a fazer algo estranho e se entrega por completo, é muito mais fácil continuar. Stevie construiu um pequenino bunker para si mesma no recanto onde os materiais de ioga eram guardados. Fez um colchão grosso de tapetes, então cobriu-o com vários cobertores, para acolchoar e aquecer. Dobrou outro para usar como travesseiro. Em seguida, empilhou o restante dos materiais ao lado de seu ninho, construindo uma pequena parede de proteção ao seu redor, de

modo que, se alguém espiasse para dentro da sala, só veria uma pequena pilha de cobertores de ioga e tapetes. Deitou na cama improvisada e puxou vários cobertores sobre si. Estava silencioso, escuro e bem solitário. O vento assobiava ao longo do prédio, e as árvores arranhavam o teto do celeiro. Os cobertores eram um pouco fedidos e ásperos, mas eram quentes e macios o bastante. Pegou o celular e escreveu uma mensagem para Janelle e Nate.

Estou bem. Indo dormir.

A resposta de Nate veio depressa: Dormir onde?

A de Janelle chegou logo depois: Tá tudo bem? Cadê você?

E respondeu aos dois: Tudo bem, vou dormir, vejo vocês no café da manhã

Talvez ficasse ali para sempre.

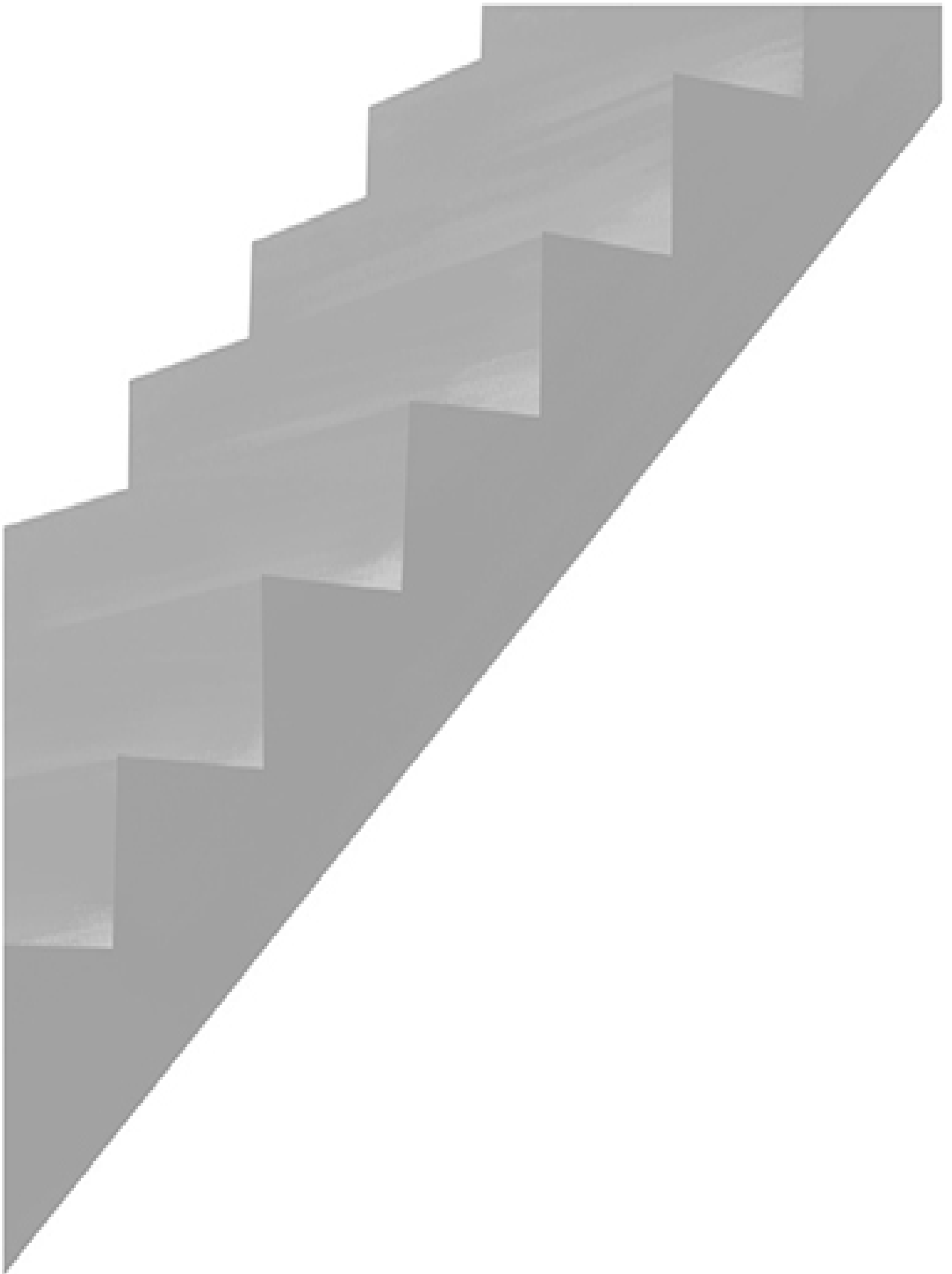
Ellie...

Ellie era uma pessoa desaparecida, então encontrada. Alguém que sumira no vento e fora soprada de volta.

E David...

Stevie destruíra o que quer que existisse ali. Matara. Assassinara os sentimentos dela e dele, mas ao menos deixara tudo exposto. Fechou os olhos. Estava muito cansada.

Larry saberia onde ela estava; todo o seu caminho constrangedor teria sido visível. Não estava perdida, como Ellie. Era como se apenas Larry velasse seu sono, e aquele era o único pensamento que a consolava.



Stevie acordou na manhã seguinte, o que foi um bom começo. Quando as coisas estão ruins, é preciso receber um ponto por tudo.

Ela se levantou. (Mais um ponto.) O corpo estava rígido e dolorido, a boca, seca, o cabelo definitivamente arrepiado de um dos lados. Sentiu as marcas do cobertor de ioga na lateral direita do rosto e o leve aroma de lavanda e patchouli que a permeava. Era como se tivesse sido atropelada por um pedregulho feito de hippies.

Tateou em volta, tentando encontrar o celular em meio aos pertences. Estava preso entre alguns tapetes de ioga nos quais dormira. A tela informava que eram 9h50 da manhã.

— Merda — disse.

Quando Stevie tomava Ativan, costumava dormir pesado e por muito tempo. Poderia haver pessoas tentando acessar o estúdio de ioga, e não faria a menor ideia. Stevie espiou por cima do pequeno muro de cobertores e tapetes para ver se algum viciado em ioga estava esperando, irritado, para alinhar os chacras. Ninguém à vista. Engatinhou para fora do ninho. Todo mundo deve enrolar o tapete e dobrar o cobertor ao final da aula e dizer namastê e coisas assim, mas não estava em aula, então só enfiou tudo de volta numa posição minimamente parecida com a certa e desamarrou a faixa que vinha mantendo a porta fechada. Do lado de fora, viu o céu cinza e a chuva batendo de lado nas janelas.

— Claro, por que não? — murmurou.

Ergueu a mão e esfregou o cabelo curto com força, tentando ajeitá-lo da melhor maneira possível. Limpou qualquer traço de sono dos olhos e da boca. O casaco de vinil, com o qual dormira, formara uma estranha dobra para cima na parte de trás. Não era uma boa aparência ou sensação, mas era algo que detetives precisavam fazer. Poderia ter que passar a noite num carro, ou num prédio abandonado durante uma emboscada. Detetives estavam sempre desarrumados e insones. Claro que nem todos dormiam em estúdios de ioga por opção, pensou, abrindo a porta do estúdio, mas ela ainda ia evoluir.

Do lado de fora, a manhã da montanha a atingiu no rosto em forma de vento molhado e chuva. Não era um temporal, era um chuvisco frio e constante. O céu estava sem cor, e até o brilho das árvores parecia reduzido. Faltava vida no dia. A água ajudou a abaixar seu cabelo arrepiado e desamassar o casaco. Stevie marchou para longe do celeiro da arte. Ao se aproximar do Casarão e do gramado, avistou carros de polícia e vans, mas a área ao redor estava silenciosa.

— Ei — disse alguém.

Stevie se virou e viu Maris se aproximando por trás. Estava com um imenso casaco felpudo, meia-calça preta e botas vermelhas, encolhida sob um grande guarda-chuva preto por fora e com um desenho de céu azul com nuvens por dentro. O batom vermelho era a cor mais vívida em quilômetros.

Stevie parou e esperou por ela, mesmo que a chuva estivesse aumentando. Quando Maris a alcançou, inclinou o guarda-chuva na direção de Stevie, numa tentativa de ajudar, mas acabou só deixando-a com a beirada, o que piorou a situação.

— Como você está? — perguntou Maris.

Stevie deu de ombros.

— Puta merda, isso é horrível — continuou ela, tirando um vaporizador das profundezas do casaco felpudo. — Não consigo acreditar... Bem... Acho que consigo.

A frase resumia bem a experiência. Ninguém conseguia acreditar... até conseguir. Então simplesmente *era*.

Stevie na verdade não queria andar com Maris. As duas nunca tinham criado uma relação próxima. Mas, para ser justa, Maris foi a única que pareceu genuinamente chateada com a morte de Hayes. Os dois não tinham sido um casal por muito tempo (e nem eram tanto assim), mas ela se importava com Hayes. Maris também tinha uma relação amigável com Ellie, visto que ambas eram ligadas às artes. Ela merecia um pouco de compaixão.

— Eu não falei direito com você desde que voltou — comentou Maris. — E agora... Não sei. Talvez esse lugar todo feche? Mas não podem deixar isso acontecer, certo? Você sabe o que houve? Como ela foi parar lá embaixo?

Stevie fez que não com a cabeça.

— Acho que ela e Hayes gostavam muito de explorar túneis — continuou a garota. — Eles pareciam ter muitos segredos juntos. Você acha... Você acha mesmo que Ellie era culpada? Que tinha matado Hayes? Tipo, de verdade? Eu achei que você estava errada. Mas agora...

Era assim que deve ter sido. A suspeita de Stevie deve ter parecido muito distante, até Ellie fugir e se esconder num túnel por tanto tempo que acabou morrendo lá dentro. No entanto, quando Stevie se virou para o Casarão, uma massa grande e disforme naquele dia escuro, sua convicção começou a evaporar. Talvez devido à confiança de David em Ellie. Ou talvez por culpa.

Havia algo torto na paisagem. Não sabia dizer o quê, mas as beiradas não estavam se alinhando direito.

Maris continuava esperando resposta.

— Eu só sei do roteiro — disse Stevie. — Só sei que ela escreveu *O fim de tudo*. E que pegou o computador dele.

Maris deu uma longa tragada, então soltou um rastro de fumaça. Então, falou:

— Se ela matou Hayes e morreu lá embaixo, então *que bom*.

Soou um pouco pesado. Na verdade, bem pesado. Mas havia certa verdade na frase.

O celular de Stevie começou a tocar. Ela o pegou. O número apareceu como desconhecido, o primeiro mau sinal.

— Vejo você mais tarde — disse para Maris.

Stevie deu uma corridinha até o pórtico para atender.

— Me desculpe por ligar num momento como esse — falou uma voz familiar. — Soube que houve um problema na noite passada. — Parecia que o senador King estava num corredor, com pessoas batendo papo ao redor. — Element Walker foi encontrada. Por David, se entendi bem. Foi isso?

— Sim — confirmou Stevie.

Ela ficou surpresa por não tremer ao ouvir a voz dele.

— Bem, suponho que isso resolva a questão do paradeiro da garota. Muito triste, é claro. Terrível. Pobre garota.

Edward King parecia tão triste sobre Ellie quanto alguém que acabara de ver outra pessoa derrubar meio donut no chão. Stevie esperou. Era óbvio que David tinha ligado para o pai. Poderia e lidaria com o que estivesse por vir, fosse o que fosse. Poderia descarregar toda a raiva, toda a confusão, tudo... Estava na hora. A sensação seria boa. Tudo ali acabaria, mas...

— Como você acha que ele encarou a situação? — perguntou Edward King. — De achar o corpo. Como ficou? Ele não me diz como está, então preciso perguntar para outra pessoa.

Aquela não era a pergunta que esperava ouvir.

— Chateado.

— Bem, ao menos isso é normal. Que bom. Ele parece estar indo muito melhor. Acho que você está sendo uma boa influência, seja lá o que esteja fazendo. Vou me certificar de ligar para os seus pais hoje, para apaziguar um pouco a reação. Na verdade, parando para pensar, isso significa que há menos com que se preocupar. Tudo bem. Nós nos falamos em breve.

Com isso, ele desligou.

Bem, Edward King não parecia saber que Stevie tinha deixado tudo escapar. Pelo menos, não ainda. Ela estremeceu de leve e considerou dar meia-volta, então se lembrou de que não havia para onde voltar. Sua casa ainda era uma cena do crime... bem, talvez não fosse exatamente do crime, mas era uma cena. Estava fora

dos limites. Além disso, prometera a Janelle e Nate que os encontraria, e precisava dos dois nesse momento.

Stevie continuou seu caminho para a sala de jantar. No momento em que passou pelas portas, ficou claro que todos sabiam o que acontecera na noite anterior. Para começar, todo mundo estava presente, o que era estranho na manhã seguinte à festa de Halloween. Havia um murmurinho baixo, elétrico. Maris estava com um grupo de pessoas ao lado da lareira e de umas cadeiras bem perto da porta. Mas não estava sentada; estava em cima de uma das cadeiras. Agachada, na verdade. Igual a uma galinha. Era uma pose estranha, algo que Ellie faria.

Ellie se fora. A nova Ellie estava assumindo o controle.

Janelle se levantou e acenou para Stevie de uma das áreas reservadas. Stevie se aproximou. Nate e Vi estavam lá. Stevie deslizou para o banquinho.

— Aonde você foi ontem à noite? — perguntou Janelle.

— Acampar.

— Onde?

— No estúdio de ioga. Estava calmo lá dentro. A chuva batendo no telhado fazia um barulho bom.

— Você devia ter ficado com a gente. Você está bem? Dormiu lá dentro?

Uma bandeja foi colocada sobre a mesa. A mão que a segurava era de David, que se sentou com eles. Não olhou para Stevie. Só pegou um pedaço de bacon e começou a quebrá-lo em partes.

As veias na testa de Stevie começaram a ulular em alarme.

— Estou bem — respondeu.

— *Você* está bem? — perguntou Janelle para David. — Você também não apareceu.

— Ótimo — retrucou ele. — Estou ótimo.

E partiu o bacon de novo. Olhou direto para Stevie, mas sua imagem pareceu quicar para longe. Ela se sentiu desaparecendo, encolhendo até sumir. O constrangimento tóxico da conversa era óbvio. Nate parecia estar tentando se retrair para dentro do suéter. Vi lançou um olhar preocupado para Janelle, que, é claro, continuou encarando a situação de frente.

— O *yurt* é legal — comentou. — Levaram algumas camas para lá e fizeram quatinhos com uns tapetes decorativos.

— Bom saber — respondeu David. — Sempre quis morar numa feira renascentista.

— Vou pegar um pouco de comida — avisou Stevie, afastando-se da mesa.

Mesmo que já estivesse sem comer havia um bom tempo, Stevie descobriu que estava sem apetite. Caminhou ao longo do balcão, encarando as profundezas da tina de xarope de bordo quente com a pequena concha. Gretchen apareceu atrás dela,

deslizando a bandeja suavemente, com cuidado para não tocar a de Stevie, como se ela fosse contagiosa.

— Vocês estão tendo um ano ruim — comentou, baixinho. — Eu gostava da Ellie.

— Eu também — respondeu Stevie.

Ao dizer aquilo em voz alta, ela se deu conta de que realmente gostava de Ellie. Era uma garota brincalhona e alegre. Tinha sido amigável desde o início. Era ridícula em suas roupas desmanteladas, rolando para fora de redes na sala comunal.

— Você acha que foi ela? — perguntou Gretchen. — De verdade?

— Eu não sei — disse Stevie, empurrando a bandeja.

— Desculpe.

Stevie balançou a cabeça para indicar que estava tudo bem, por mais que não estivesse, e se apressou pela fila. Pegou uma porção de melão, uma desculpa para dizer que estava tomando café da manhã, para que ninguém perguntasse por que não estava comendo, e começou a longa caminhada de volta à mesa.

Não fiz nada de errado, disse a si mesma, olhando os rostos julgadores das abóboras esculpidas sobre as cornijas. Ficara com David enquanto ele sofria com o luto. Então lhe contara a verdade. Só isso.

Será que fizera isso de um jeito meio cruel e por nenhuma razão compreensível logo depois que ele abriu o coração?

Pare, disse a si mesma. *Só... pare com isso. Está tudo bem. Vá sentar com seus amigos. Está tudo bem.*

O espaço até a mesa se avultava ameaçadoramente, esticando e encolhendo. As pessoas se viravam e relanceavam quando ela passava, algumas ainda com resquícios da fantasia da noite anterior na pele e no cabelo. Purpurina aqui, olhos borrados ali, cores no cabelo...

Stevie estava mais ou menos na metade do caminho quando as portas se abriram, e um pequeno grupo de docentes entrou, incluindo Me Chame de Charles, Jenny Quinn e Larry. Também vinha a enfermeira da escola, os terapeutas, Pix e alguns outros professores. A entrada liberou um pouco da atenção presa a ela, e Stevie aproveitou a distração para se sentar ao lado de Janelle e começar a enfiar pedaços de melão na boca.

Charles, com calça cinza sóbria e camisa preta, subiu numa das cadeiras. Jenny Quinn ficou ao lado, observando o cômodo em silêncio. Também estava de cinza e preto; calça crepe preta, sapatos pretos baixos e um cardigã enorme e grosso de lã cinza que descia até os joelhos. Era o tipo de peça selvagem e mágica que parecia ter saído de um dos programas de noir nórdico de Stevie. O cabelo estava preso num coque perfeito, feito um donut equilibrado sobre o cocuruto. Ela mantinha a

expressão firme, olhando de um lado a outro da sala feito um radar. Estava procurando alguma coisa, mas Stevie não fazia ideia do quê.

— Pessoal, pessoal — começou Charles, erguendo os braços. — Podem fazer silêncio por um minuto?

O refeitório se aquietou num instante. Stevie se virou para escutar. Podia sentir David encarando sua nuca.

— Como imagino que a maioria já saiba, sofremos uma terrível perda. Ontem à noite, Element Walker foi encontrada. Odeio ter que dizer isso, mas ela não estava viva.

O silêncio avassalador dizia que todo mundo já sabia, mas ouvir a notícia era totalmente diferente.

— Quero contar a vocês o que sabemos e o que vai acontecer daqui para a frente — continuou o diretor. — Parece que Ellie sofreu um acidente e ficou presa num túnel; um túnel que não conhecíamos, um túnel que será imediatamente inspecionado e selado. Um dos prédios, a Casa Minerva, foi afetado, então teremos que conversar sobre acomodações com os residentes de lá...

Ele se remexeu de leve e enfiou as mãos nos bolsos. A atenção de Jenny estava bem direcionada para a mesa da Minerva.

— As últimas semanas têm sido um período de extrema tristeza. O que vocês precisam saber, o que é *essencial* que saibam, é que a segurança, a saúde e o bem-estar emocional de vocês é o que mais importa. Estaremos aqui para ajudar. Vamos oferecer...

— Terapeutas — murmurou Nate baixinho. — *Você* ganha um terapeuta, e *você* ganha um terapeuta, e *você* ganha...

Janelle estendeu o braço e segurou a mão de Nate, que se calou.

— ... todos os recursos possíveis. Alguns de vocês podem precisar de um tempo para visitar a família. Vamos providenciar isso, se for o caso. Podem falar com *qualquer* um de nós a qualquer hora.

Charles continuou tagarelando sobre procedimentos e sentimentos. Stevie enfiou outro quadrado de melão na boca e mastigou devagar. A mente decidiu que ali não era um bom lugar para estar e fez uma pequena viagem de volta à aula de anatomia. *Dis* significa “em partes”. Discernir. Disjunção. Distância.

Tudo isso se aplicava à sua vida.

Charles descera da cadeira. A ordem retornara, e o refeitório voltou a se encher de um burburinho baixo conforme todo mundo deliberava sobre o que acabara de ouvir.

— Então a escola vai fechar ou algo assim? — perguntou Nate por fim.

— Esperamos que não.

Quem respondeu foi Jenny Quinn, que se aproximara da mesa. Por mais que tivesse visto a dra. Quinn muitas vezes e a entendeu em diversas ocasiões, Stevie nunca fizera parte de uma conversa cara a cara com ela. A dra. Quinn era uma das professoras mais formidáveis de Ellingham. Integrava mais comitês e institutos do que seria possível contar nos dedos das mãos e dos pés. Era cortejada por instituições como as *think tanks*. Harvard ainda sentia sua falta e esperava uma ligação. Ela ficava logo abaixo de Charles na cadeia de comando, o que parecia improvável, até lembrarmos que Charles era homem. Até em Ellingham, o patriarcado mostrava sua cara barbada. Ela também era a primeira pessoa que Stevie já vira usando roupas claramente de alta-costura. Não apenas roupas boas. Roupas que tinham saído de *passarelas*.

— Nathaniel — disse ela. — Queria ver como você está.

Nate engoliu em seco.

— Bem?

Os olhos de Jenny continuavam atentos, indo de um rosto a outro. Ela relanceou para Nate, passou os olhos por Janelle e Vi, fez uma pequena pausa ao trocar um olhar com Stevie e pousou-os em David. Ele recebeu uma longa e séria encarada, antes que a professora voltasse a atenção para Nate.

— Se isso causar problemas com seu livro... Venha conversar comigo.

Ela deu mais uma olhada ao redor da mesa. Qualquer que fosse o motivo pelo qual Jenny Quinn fora até lá, não era para ver como Nate estava se saindo no mundo dos dragões e sentimentos. Tinha outro propósito, que decidiu não compartilhar, e tinha a ver com David, que nesse momento encarava o prato e cutucava a comida.

— Tenho uma pergunta — disse Janelle. — Preciso de um trabalho. Preciso fazer alguma coisa. O que nós podemos *fazer*?

Jenny assumiu uma possível expressão de aprovação.

— Acho que um comunicado forte e positivo dos alunos poderia ajudar muito — respondeu a professora. — Se houver imprensa, e vai haver, os alunos deveriam fazer parte do comunicado. Ellingham é uma instituição, estamos aqui há muitos anos e, espero, continuaremos por muitos outros. Na verdade, é provável até que a instituição cresça, talvez até para o dobro do tamanho. Então seria bom organizar os alunos. Fazer com que a sua voz seja ouvida. Vocês podem trabalhar comigo para desenvolver um texto e colaborar com nossa equipe de mídia.

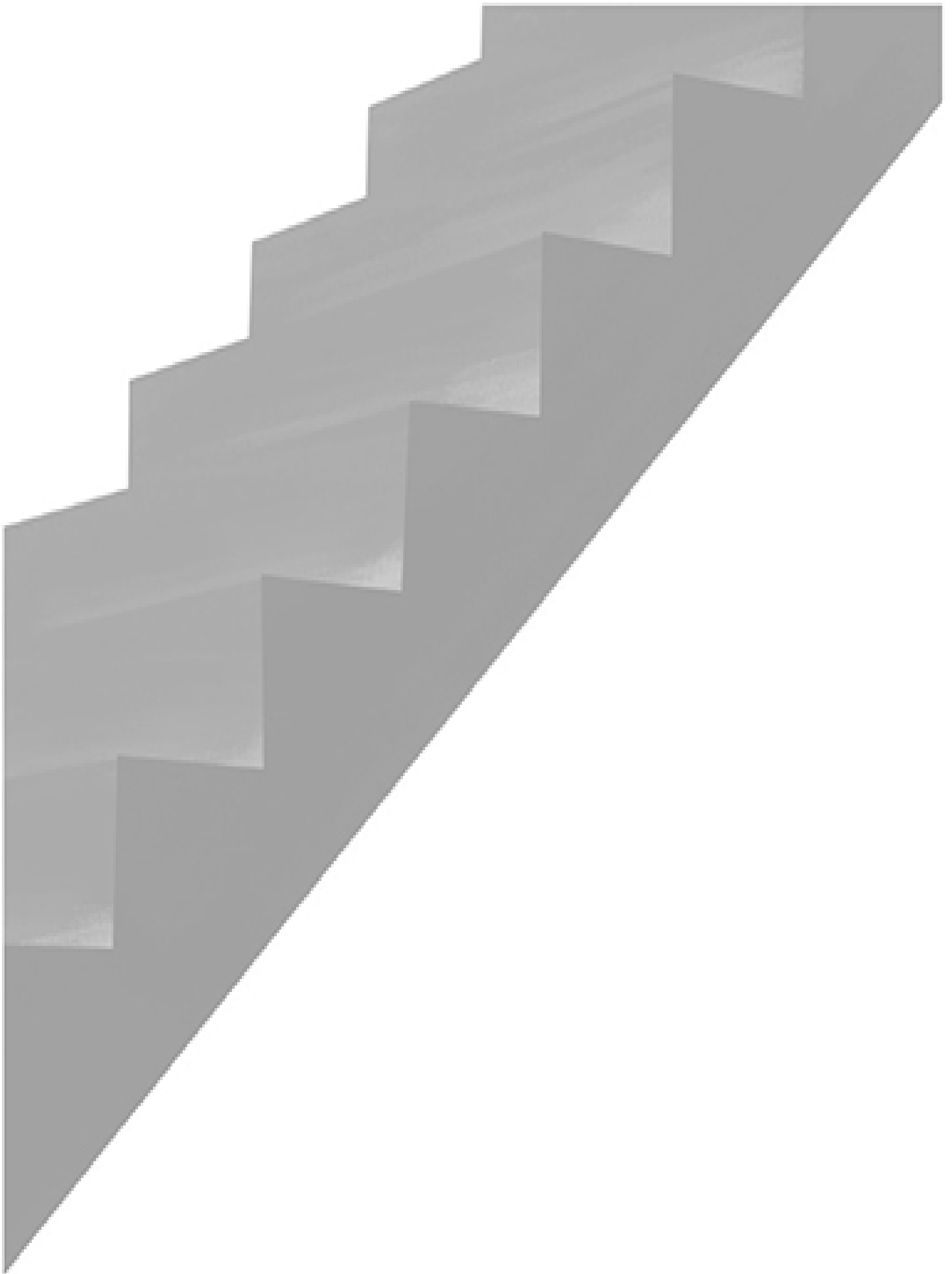
— Eu posso fazer isso — disse Janelle. — Eu posso fazer isso.

— Com certeza — completou Vi. — Já trabalhei em comunicados de todo tipo de campanha.

— Ótimo — respondeu Jenny.

Então foi embora. Janelle e Vi se juntaram para começar a discutir a tarefa. David pegou a bandeja e se afastou, deixando-a no receptáculo apropriado antes de sair pela porta.

— E aí — disse Nate em voz baixa, virando-se para Stevie. — Vai me contar que porra está acontecendo?



— Calma aí — disse Nate, andando de um lado para o outro. — Então David Eastman é filho de Edward King.

— Não conta para ninguém — pediu Stevie.

Estava sentada na pilha de tapetes de ioga, à meia-luz da manhã chuvosa. Nate era uma dessas pessoas que não conseguem parar quietas ou ficar olhando para o interlocutor durante uma conversa muito longa, então estava andando de um lado para o outro, meio que se erguendo na barra, passando o dedo pela junção do espelho com a parede. Estava fazendo de tudo para não ficar parado.

— Você está aqui por causa de Edward King. E o seu trabalho é se certificar de que David está estável?

— Basicamente.

— Isso é normal?

— Como eu deveria saber o que é normal? — retrucou Stevie, puxando um fio solto da manga do moletom de capuz.

— Mas você contou para o David. Que está aqui por causa do pai dele.

Stevie lhe passara uma vaga ideia do ocorrido, sem os detalhes sórdidos sobre chorar e sair correndo.

— Só que Edward King não parecia saber disso quando me ligou, esta manhã.

— Ele ligou esta manhã?

Stevie não chegara tão longe na história. Era uma longa história.

— Meu Deus do céu — disse Nate, batendo a cabeça de leve na parede de espelho. — Será que este lugar é mesmo uma escola, ou estamos em algum tipo de experimento?

Stevie balançou a cabeça.

— E agora? — perguntou Nate.

— Não sei.

— Se David contar para o pai, você pode acabar indo embora, não importa o momento? Como?

— Acho que elealaria com meus pais, ou algo assim. Meu pais escutam os conselhos dele. King tem influência e... aviões. Pode meio que fazer qualquer coisa.

— Meu Deus. *Meu Deus*, Stevie.

— Você disse que queria saber.

— Janelle sabe?

— Não. Eu não podia contar para ninguém.

— Você vai contar para ela?

— Provavelmente. Ela já odeia o David, mesmo. — Stevie massageou as têmporas antes de continuar: — Olha, eu preciso fazer uma coisa. Tem mais um negócio comigo.

Ela abriu o zíper da mochila, pegou a lata e colocou-a no chão.

— O que é isso? — perguntou Nate. — Vão sair cobras aí de dentro?

— É uma prova de que a pessoa que escreveu a carta do Cordialmente Cruel não foi a mesma que sequestrou os Ellingham. Eu encontrei isso no quarto da Ellie.

Nate jogou a cabeça para trás e gargalhou. Stevie nunca tinha ouvido o amigo rir daquele jeito. Era uma risada grave que quicou por todos os espelhos e pelo chão.

— Agora você está de sacanagem com a minha cara. Você está envolvida num acordo secreto com o senador, que é pai de David, duas pessoas estão mortas, e você tem uma prova sobre o caso Ellingham.

— É por isso que minhas notas em anatomia estão ruins — explicou Stevie.

— Você não pode ser uma pessoa real.

— Não importa o que aconteça comigo, esse caso precisa ser solucionado. Se me levarem embora, você precisa me ajudar.

Nate fez uma careta, andando de um lado para o outro da sala.

— Tá bom — afirmou, por fim. — Tá bom. Sim. Tá bom. Claro. Vamos solucionar o crime do século. Por que não, porra?

O celular de Stevie tocou, e ela o tirou do bolso. Era um número desconhecido.

— Ai, meu Deus. Acho que é ele.

— Quem?

— Edward King.

O celular continuou tocando. Stevie pensou em jogá-lo na parede, então decidiu que seria melhor atender do que continuar se perguntando para sempre.

Mas não era Edward King. Era Larry.

— Tem uma pessoa querendo ver você.

— Alguém *aqui*? — perguntou Stevie.

Nate ergueu uma sobrancelha.

A primeira regra do Instituto Ellingham era que ninguém podia entrar, exceto alunos e funcionários. Mesmo pais de alunos só podiam visitar em horários marcados. A estrada não suportaria tráfego intenso, e a escola era grande fã de cultivar um espírito criativo de aprendizado, o que significava nada de gente aleatória. Visitantes eram raros e, nos últimos tempos, tinham sido apenas policiais.

Então deviam ser seus pais. Tinham chegado. Era o fim. Sentiu o corpo arriar sobre os tapetes de ioga.

— Dra. Fenton — explicou Larry. — Ela está esperando no Casarão.

Quando Stevie chegou ao Casarão, Fenton estava lá, apoiada na mesa de vigilância, absorta numa conversa com Me Chame de Charles. E não tinha ido sozinha. Hunter ocupava uma cadeira perto da porta, com uma expressão de quem desejaria poder afundar para dentro do chão. Usava calça jeans velha e camiseta de manga comprida, e parecia que tinha sido arrastado à força para um encontro de outra pessoa.

— ... é um trabalho muito detalhado — dizia ela. — Muito superior ao original.

— Não posso deixar de ler — respondeu Charles.

Pela primeira vez, o Capitão Entusiasmo parecia ter sido superado por alguém mais exaustivo. Ele se remexia, desconfortável, olhando o relógio.

— Stevie — falou, quando se aproximou. — A dra. Fenton veio aqui para...

— Eu só queria checar algumas referências — interrompeu Fenton, erguendo o bloco de anotações. — Parece que talvez eu tenha vindo num dia ruim.

— Sim... — respondeu Charles. — Acho que seria melhor você vir à minha sala para olharmos a programação. Só levaremos alguns minutos.

— Alguma chance de deixar meu sobrinho dar uma olhada por aí? Ele sempre quis ver esse lugar.

Hunter continuou abrindo um buraco no chão com a mente.

— Eu... acho que tudo bem — respondeu Charles, com uma voz que sugeria que não estava nada bem. — Stevie, que tal levar Hunter em um pequeno — ele não deu nenhuma ênfase muito especial à palavra “pequeno”, mas a importância ficou clara — tour pelo campus. Dra. Fenton, se puder me acompanhar...

Quando os dois saíram, Hunter soltou um suspiro alto. A chuva diminuía um pouco, deixando o dia cinza e ensopado, mas bom o bastante para uma caminhada.

— Desculpa — pediu, na mesma hora. — Ela me obrigou a vir. Sei que não deveríamos estar aqui. Ela também sabe. Desculpa mesmo. Você não precisa fazer um tour comigo. Eu posso esperar no carro.

— Não — respondeu Stevie. — Está tudo bem. Hoje é um dia...

— Ruim. Eu sei.

— Você sabe?

— As notícias se espalham. É verdade? Acharam a garota?

Stevie assentiu, sem adicionar que *ela própria* é que a encontrara. No cinza do novo dia, o conhecimento baixou sobre seus ombros. Encontrara um corpo e estava... bem. Não ótima. Não feliz. Mas estava segurando a onda. Algum mecanismo para lidar com a situação fora acionado.

— Como vocês chegaram aqui em cima? — perguntou Stevie.

— Ela disse para a pessoa no portão que tinha um compromisso com o dr. Scott. Que deve ter falado que podíamos subir.

— O que você quer ver?

Hunter olhou para fora, para a grande extensão do gramado além da fonte de Netuno.

— É realmente incrível — comentou. — Desculpe por aparecer desse jeito, mas ainda assim é muito legal ver tudo isso. Nem sei por onde começar.

— Acho que... por aí?

Stevie começou a andar na direção da grama.

— Desculpa — repetiu ele. — Podemos seguir pelo caminho de tijolos?

Ele ergueu a muleta.

— Ai, meu Deus. Desculpa. Sim.

— Sem problemas. É só que ela efunda na terra, principalmente quando está molhada.

Stevie decidiu que, entre as duas direções possíveis, era melhor seguir pela esquerda, para os prédios onde aconteciam as aulas. Parecia que estariam menos movimentados. Se David os visse, toda essa situação esquisita ficaria ainda pior. A biblioteca era um lugar bom o bastante para começar o passeio, então levou Hunter para lá.

Hunter admirava tudo o que via, arregalando os olhos. Stevie notou o desejo no olhar dele.

— Esse lugar é doido — comentou ele, enquanto passavam por entre os prédios. — É melhor do que nas fotos.

— É legal — respondeu Stevie.

— Você sabe que é melhor do que legal.

Ela deu de ombros.

— Então alguém fica com tudo isso — continuou ele.

— O quê?

— Se encontrar Alice. Alguém fica com tudo isso.

— Isso é um boato da internet — retrucou Stevie.

— Não de acordo com minha tia.

— Tá de sacanagem — disse Stevie, balançando a cabeça. — Ela não acredita nisso...

— Ela acredita.

Hunter avançou um pouco e se sentou num banco entre algumas estátuas próximas.

— Minha tia diz — prosseguiu, com um suspiro profundo — que Robert Mackenzie contou a ela que havia um adendo no testamento de Ellingham que afirmava que qualquer um que encontrasse Alice, viva ou morta, receberia uma fortuna imensa.

— Isso é palhaçada — respondeu Stevie, balançando a cabeça. — É um boato antigo, tipo aqueles que dizem que a história toda foi inventada ou que Alice mora no sótão e tem 100 anos. Eu estive no sótão, aliás. Ela não está lá.

— Minha tia acredita.

— Não acredita, não. Ninguém que leva o caso a sério acha que esse boato é real. Se fosse, todo mundo saberia. Essa seria toda a questão. Espalhar a notícia para que todo mundo saísse procurando por Alice. Ninguém estabelece uma recompensa sem mandar as pessoas procurarem.

— De acordo com minha tia, Mackenzie não obedeceu. Ele disse que nunca se sentiu bem por ter se deixado levar na noite do sequestro. Achava que, se tivesse se recusado a seguir as vontades de Ellingham e chamado a polícia logo de cara, talvez as coisas tivessem tomado um rumo diferente. Quando Ellingham escreveu o adendo, pediu para Mackenzie publicá-lo e divulgá-lo. Mackenzie sempre achou que Alice estava morta. E que, mesmo se estivesse viva, ficaria mais segura se as apostas fossem mais baixas, se a publicidade tivesse um fim. Se esse desafio fosse espalhado pelo mundo, todos os trapaceiros e vigaristas cairiam em cima deles. Então, quando Ellingham morreu, Mackenzie sentiu a necessidade de proteger a propriedade. Não queria que o dinheiro fosse roubado; queria que fosse usado para o bem. Por isso, certificou-se de que o adendo ficasse em segredo.

— Quer dizer que existe um pedaço de papel mágico por aí, do qual ninguém sabe, que diz: “Encontre Alice, ganhe um prêmio!”?

— Não estou dizendo que acredito, estou dizendo que *minha tia* acredita, e ela jura que ouviu isso do próprio Mackenzie.

Stevie fez uma pausa, pensando um pouco.

— Alguém *teria* que saber sobre isso — disse ela.

— Ela fala que as pessoas sabem. As pessoas no conselho, que gerenciam Ellingham e a propriedade. E que não podem ser herdeiras. Todas concordam em manter o assunto em segredo para não serem assediadas por caçadores de tesouro o tempo todo. Consegue imaginar? É dinheiro pra cacete.

Stevie conseguia imaginar. As pessoas já tinham alegado ser Alice muitas vezes, mesmo sem esse bônus, mas nenhuma passara no teste. Havia informações secretas sobre Alice que não sabiam. As poucas pessoas que tentaram mais recentemente foram reprovadas no teste de DNA.

— Então está dizendo que sua tia está fazendo isso por dinheiro?

— Acho que a princípio ela queria escrever um livro, mas sim. Agora não passa de um cara com um detector de metais procurando uma cidade de ouro perdida.

A ideia de fazer isso por dinheiro deixou um gosto amargo na boca de Stevie.

— Estou te contando isso por um motivo — explicou Hunter. — Não gosto da maneira como ela está usando você. Não gosto da maneira como chegamos aqui hoje. Foi por isso que quis passar meu número. Tem alguma coisa desagradável nessa história toda. Ela já teve contatos na escola antes. Você nem é a primeira pessoa daqui de cima com quem ela vem falando esse *ano*.

— Quem?

— Não sei. Eu a ouvi conversando com alguém ao telefone, alguém que só podia estar aqui no campus. Estava toda cheia de segredos. E mencionou seu nome.

— O que ela falou de mim?

— Não consegui entender muito. Escutei seu nome, alguma coisa sobre Ellingham, só isso.

— Quando foi isso?

— Já faz alguns meses, porque estava mais quente e tínhamos aberto todas as janelas. Mas o ano escolar com certeza tinha começado. Meados de setembro?

— Acha que sua tia estava falando com Hayes ou Ellie?

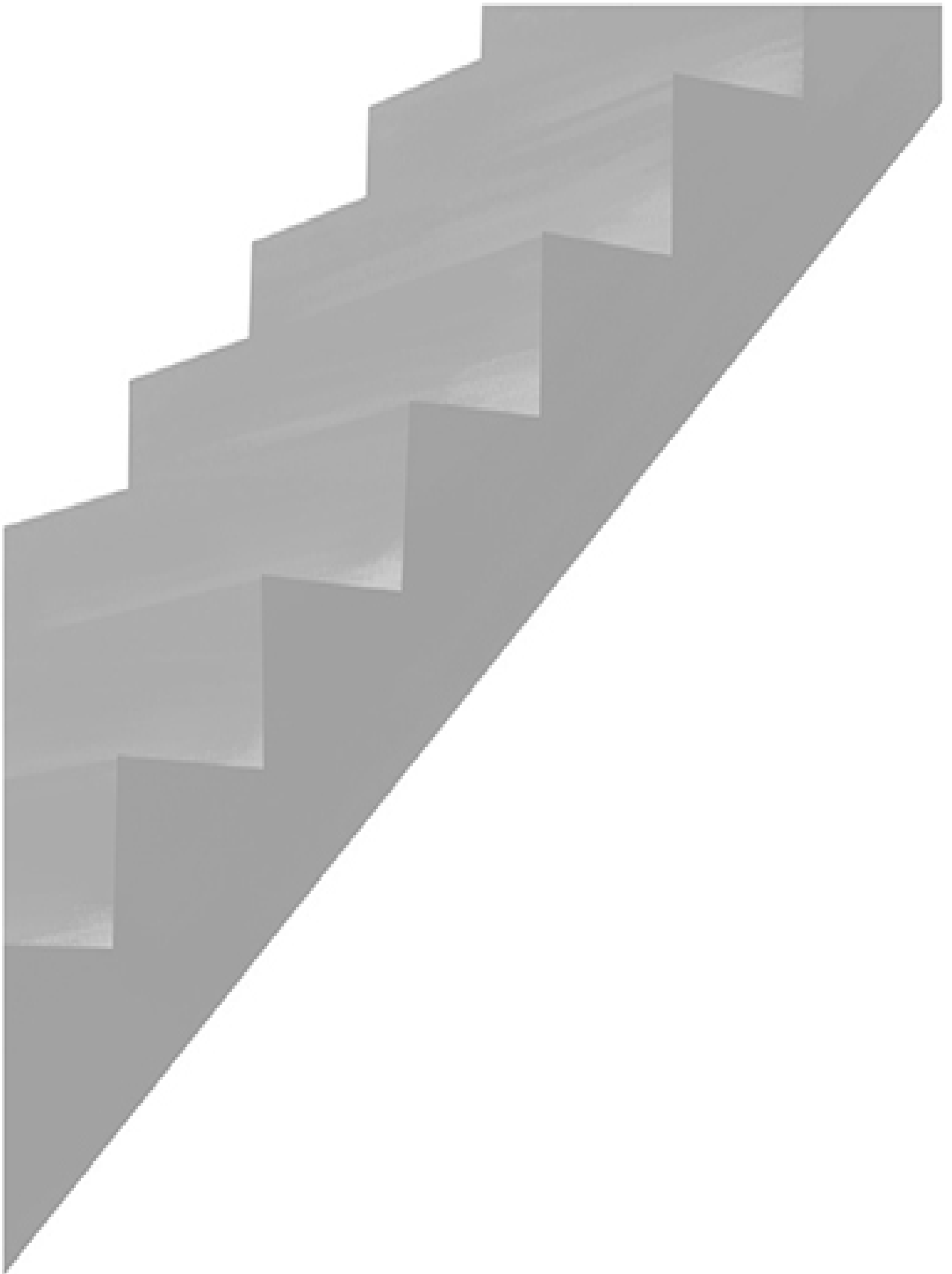
— Não sei. Talvez.

Se Fenton estivesse se comunicando com Hayes ou Ellie...

Fazia mais sentido ela estar em contato com Hayes. Ele quem tivera a ideia de fazer o vídeo. Ele que quisera entrar no túnel. Hayes e suas ideias de meia-tigela. Fenton queria pessoas que investigassem por ela. Tinha ido a Hayes primeiro e, quando ele morreu, recorrera a Stevie? Então estava abaixo de *Hayes* na hierarquia?

Stevie precisou ignorar a conclusão, porque era irritante demais. Talvez Fenton tivesse convencido Hayes de que ele poderia ganhar uma megafortuna se saísse explorando túneis.

Ouviram um barulho atrás deles, então Germaine Batt apareceu, com fones de ouvido. Olhando de fora, parecia que estava só de passagem, mas Stevie achava improvável. Tinha o mau pressentimento de que a garota escutara cada palavra e que Stevie acabara de pagar o favor que devia.



— Qual é a sua atração preferida da Disney? — perguntou Mudge, tirando a camada borrachuda de músculo e gordura que circundava um olho de vaca.

— Nunca fui ao parque — respondeu Stevie.

Estava a alguns passos de distância, usando o avental de laboratório, segurando o café com as luvas nitrílicas. Mudge trabalhava na bandeja de dissecação. O cheiro de formaldeído se intensificava dentro do nariz de Stevie.

Fazia cinco dias desde Ellie. Era assim que Stevie pensava no ocorrido. Estavam no período pós-Ellie. A polícia liberara a Casa Minerva. As coisas de Ellie não estavam mais lá, e a única área de interesse era a entrada para o túnel sob os degraus. Tinham colocado uma haste grosseira por cima do painel com uma tranca de respeito; nada que pudesse ser arrombado com um grampo. Também havia três faixas amarelas da polícia cruzadas sobre a área.

As coisas tinham, daquele modo de sempre, voltado à normalidade. Saíram matérias em jornais, claro. Mas a conclusão geral era que a questão Hayes chegara ao fim natural. A pessoa responsável, que fizera uma coisa errada, acabara morta ao tomar outra decisão ruim. Houve imprensa por um dia, então o ciclo de notícias extinguiu a história quando outra novidade surgiu, algumas horas depois. Os pais foram contatados e tranquilizados. E Edward King fizera sua mágica de novo, garantindo aos pais de Stevie que Ellie recebera exatamente o que merecia e que não havia mais motivo para preocupação.

E David... estava ali. Não fez mais a meditação gritada matinal nem dormiu no telhado. Continuou a frequentar as aulas, mas não falava com Stevie, nem uma vez. Era como se ela não existisse.

Às vezes, no entanto, David apenas *sorria* para ela. Sorria como se soubesse alguma coisa sobre o que existia dentro dela, uma grande piada cósmica que ele nunca contaria.

Stevie passava bastante tempo escondida no quarto, saindo apenas para comer e ir às aulas, e algumas vezes nem se dava ao trabalho de comer. Alegava estar estudando, e Janelle levava comida do refeitório para ela.

— Você deve achar que a minha favorita é a Haunted Mansion — continuou Mudge. — Mas não é. E eu até gosto da Haunted Mansion, mas minha atração preferida é a Country Bear Jamboree.

— Depois de tirar o tecido externo — disse Pix da frente da sala —, vocês podem fazer a incisão na córnea.

— A graça dela... — Mudge pousou a tesoura de dissecação e estendeu a mão para o bisturi. — É que não muda. Nunca. Está lá desde o dia da estreia, e algumas pessoas a acham chata, mas...

Ele fez a incisão com habilidade, cortando ao longo do olho. Um líquido escorreu para a bandeja.

— ... na verdade, é irada. Aquele único urso canta uma música sobre sangue na sela. Você deveria ir. É ótimo. Mas, se o assunto é montanhas-russas...

— O líquido que vocês estão vendo é o humor aquoso — informou Pix. — Ele ajuda a dar forma à córnea. Agora é o momento de investigar a esclera...

— Você tem que escolher com sabedoria — continuou Mudge. — Quer dizer, as pessoas falam muito da Space Mountain, mas não é o melhor da Disney. Aquilo é uma palhaçada da era espacial da metade do século. A melhor montanha-russa é a do Dumbo.

— E o que é a esclera, Stevie? — perguntou Pix, que parara ao lado deles.

— O branco do olho?

— É a membrana de proteção externa. Aproxime-se um pouco mais. Dissecação é difícil no começo, mas você se acostuma. Pense nas coisas que talvez precise ver caso se torne detetive.

Aquelas talvez fossem as únicas palavras capazes de movê-la. Stevie deu um único passo para mais perto da bandeja. Era verdade que precisaria se acostumar a dissecações, na carreira que escolhera, mas aquilo era diferente. Tratava-se de um olho gigante que a encarava das mãos de Mudge, que o partia ao meio como outras pessoas cortariam uma maçã.

— Como está se saindo? — perguntou Mudge.

— Sobre...

— A morte de Ellie. Você precisa garantir que está cuidando bem de si mesma. — Mudge pousou o bisturi e procurou uma sonda no kit de dissecação. — Só para você saber, estou aqui caso queira conversar sobre qualquer coisa.

Stevie ergueu o olhar para o parceiro de laboratório, um garoto alto e vestido de preto, com o avental de plástico azul e as luvas de borracha. Era difícil ler os olhos dele, por causa das pupilas roxas de cobra.

— Valeu — respondeu.

— Só estou oferecendo. É importante deixar claro para as pessoas que você está aberto para conversas.

— Vocês precisam tirar a íris do espaço entre a córnea e o cristalino.

Mudge estendeu a metade do globo ocular com um gesto de *quer?* Stevie fez que não com a cabeça. Ele baixou-a de volta na bandeja e continuou trabalhando. O cheiro de formaldeído fazia as narinas de Stevie arderem e a lembrava do cheiro do túnel.

Não pense nisso.

— Como ela chegou lá embaixo? — perguntou Stevie, em voz alta.

— Ellie? — perguntou Mudge. — Ela sempre foi assim. Gostava de procurar por espaços liminares.

— Mas eu estive lá embaixo, no porão. — Na verdade, não tinha a intenção de conversar sobre esse assunto com Mudge, mas, depois que o comentário fora provocado, ela precisava continuar. — Eu não entendo como ela pode ter encontrado aquela entrada. Já devia ter ido lá embaixo antes.

— Sabe — respondeu ele —, existem quilômetros e quilômetros de túneis embaixo da Disney. São chamados de *utilidors*. Walt Disney ficou chateado quando viu um caubói cruzando a Tomorrowland para chegar até a Frontierland, na Disney da Califórnia. Então, mandou construir esses túneis na Flórida. Aqui é um pouco parecido. O instituto é meio que uma Disney educativa.

Stevie não fazia ideia do que responder.

— A Disney fica num pântano — continuou Mudge. — Tudo ali teve que ser construído acima do nível do chão. Então, os túneis ficam no chão. A Disney, na verdade, foi projetada num terreno elevado, numa inclinação. As pessoas nem notam porque é muito gradual.

Com uma expressão de triunfo, Mudge puxou um negócio translúcido e gosmento de dentro do olho, mais ou menos do tamanho de uma moeda. Parecia um pouco uma água-viva.

— O cristalino — anunciou, pousando-o na bandeja.

— O cristalino.

O celular vibrou no bolso, e ela o puxou para fora discretamente. Tinha chegado um e-mail. O nome do remetente a confundiu por um momento: Ann Abbott. Mas então lembrou. A moça da farinha. A moça da gelatina e da salada. Derrubou a sonda da beirada da bancada para poder se abaixar por um instante e ler:

**Cara Stevie,
Muito obrigada pelo contato! Peço
desculpas pela demora, sou péssima
com e-mails. Fico tão feliz em saber
que você gostou de *Melhor do que
feito em casa*! Eu nem sabia que
ainda havia exemplares circulando
por aí.**

**Respondendo à sua pergunta,
tenho pouquíssima informação
sobre Francis Crane. A maior parte
da fortuna da família foi para o
irmão mais velho dela, que morreu
nos anos 1960. Houve algum tipo de
desentendimento familiar, acredito,**

que resultou na remoção de Francis de boa parte do testamento.

Eu de fato conversei com outra pessoa da família enquanto escrevia o livro, e, pelo que me lembro, fui informada de que Francis pode ter ido para a França logo antes da guerra, onde morou em Paris e teve uma filha. Verei se consigo descobrir mais. Você me deixou curiosa.

Que maravilha você estar no Instituto Ellingham. Parece um lugar mágico!

Atenciosamente,
Ann Abbott

Bem, já era alguma coisa. Ainda havia algum rastro de Francis.

— Perdeu alguma coisa? — perguntou Pix, do outro lado da bancada.

Mudge não entregou nada ao relancear para Stevie. Ela deslizou o celular para debaixo da mochila e reapareceu com a sonda.

— Vou buscar outra para você — disse Pix, pegando o objeto. — Sempre use instrumentos limpos, mesmo em situações como esta. Trabalhe com limpeza.

Mudge continuou com a incisão.

— Isso aqui...

Ele cutucou o interior do olho, mostrando uma substância membranosa.

— É a retina. É aqui que as fibras nervosas se conectam. E qualquer coisa que acerta diretamente o ponto onde as fibras nervosas se conectam é o ponto cego. Bem no lugar onde todas as informações chegam, o olho na verdade não enxerga nada.

Ele ficou um tempo pensando, com as mãos no quadril, então coçou atrás da orelha com a mão enluvada.

— Algumas pessoas — continuou — querem o fim da Country Bear Jamboree. Não é uma montanha-russa, não tem filme... Mas não é esse o ponto. Acho que, se nos livrarmos da Country Bear Jamboree, nos livramos do coração e da alma da Disney. Não é uma questão de dinheiro. É sobre os ursos.

Quando saíram da aula, Stevie teve esperança de talvez avistar David ali, sentado, como naquele dia, com os óculos escuros idiotas. Mas o banco estava vazio, exceto por um pássaro. Seu plano inicial era voltar para o quarto e sentar em meio ao labirinto de potes de comida vazios e de livros até que o sol explodisse, ou ao menos até que ela tivesse uma ideia melhor.

Então, teve uma ideia melhor. Ou ao menos teve *uma* ideia. O que Mudge tinha acabado de dizer? “Não é uma questão de dinheiro”? Dinheiro. Fenton acreditava no dinheiro. Nenhuma pessoa séria acreditava no dinheiro. Dinheiro era ouro de tolo, um boato; o tipo de coisa em que quem acreditava eram os terraplanistas ou as pessoas que tinham certeza de que a chegada na Lua era mentira. Não havia nenhum tesouro de Ellingham a ser encontrado.

No entanto... Fenton estava falando sério. Ela talvez fosse meio ruim da cabeça. Com certeza tinha problemas. Mas conhecia o material. Não cairia nessa história *tão* fácil.

Além disso... Stevie se flagrou andando na direção do Casarão... Alguma coisa que ouvira... O quê? Alguma coisa sobre dinheiro. Alguém tinha acabado de falar alguma coisa sobre dinheiro. Quem foi? Ela revirou a memória, repassando conversas. Dinheiro.

Pronto. Achou. Quando Jenny Quinn se aproximou da mesa deles no refeitório, disse que a escola estava prestes a crescer. Expansões custavam dinheiro. Poderia vir de qualquer lugar, é claro. Um doador. Talvez Edward King. Mas ela parecia estar falando de *muito* dinheiro. Tipo, algo como uma herança gigantesca com correção monetária.

E se fosse verdade? E se estivessem contando com o dinheiro de Alice? E se encontrá-la valesse a fortuna de uma vida inteira? De várias vidas?

Com a possibilidade girando em sua mente, Stevie notou Larry saindo do Casarão, andando mais ou menos na sua direção. Depois de um tempo, se deu conta de que ele estava mesmo indo na sua direção, como se não fosse por acaso. Seu rosto estava sério.

— Eu queria conversar com você — anunciou ele. — Vamos dar uma volta.

Larry usava seu casaco de flanela xadrez vermelho e preto por cima do uniforme. Ele gesticulou para que Stevie seguisse pelo caminho dos fundos, o que levava aos campos vazios e às árvores que bloqueavam o rio. As copas estavam começando a perder as folhas, deixando buracos irregulares na cortina vegetal. Larry ficou quieto até chegarem no meio do campo.

— Hoje é meu último dia aqui — anunciou.

Stevie ficou paralisada.

— O quê?

— Já empacotei tudo no escritório. Depois daqui, vou para casa. Não volto mais no campus. Tem outra pessoa vindo.

Stevie sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

— Por quê? — perguntou.

— Meu trabalho aqui é manter todo mundo em segurança. Temos dois mortos. Isso não é manter as pessoas em segurança. E é por isso que preciso ir.

— Você não pode ir — retrucou Stevie. — Eles não podem fazer isso. Essa decisão não foi sua, não é?

— É a decisão certa. Não importa de quem foi.

— Mas a culpa não é sua! O que aconteceu com Hayes, o que aconteceu com Ellie...

— Aconteceu sob minha responsabilidade. Agora, escuta... Não se preocupe comigo.

— Podemos fazer um protesto! — exclamou Stevie. — Podemos organizar...

— Stevie. *Escuta*. Preciso que você preste atenção.

Stevie engoliu em seco e ficou em silêncio, encolhida na capa de vinil vermelho.

— Quero que você tome cuidado — pediu ele. — Não saia por aí fazendo suas próprias investigações. Acabou. Deixe para lá.

— Investigações?

— Não estou falando das coisas de Ellingham. Estou falando de Hayes, Ellie, isso tudo.

O olhar de Larry era firme e de advertência.

— Como assim? Eles foram...

— Acidentes.

O vento soprava ao redor deles, entrando no casaco de Stevie.

— Mas você está dizendo que não foram — afirmou.

— Não. Estou dizendo que...

Pela primeira vez, Stevie viu Larry sem palavras. Ele tentava explicar um perigo que Stevie não conseguia visualizar, mas sua forma aos poucos afirmava sua presença no ar, na sombra das árvores e nas temperaturas sempre mudando. Já sentira isso várias vezes, e agora Larry também estava sentindo.

— Durante a orientação — lembrou ela —, você disse que pessoas já tinham ficado presas em túneis antes, às vezes por dias...

— Isso nunca aconteceu — retrucou Larry. — É só parte do discurso para manter os alunos longe de qualquer estrutura escondida que possam encontrar, porque não temos certeza se há mais alguma por aí. Quero que você salve meu número no seu celular. Agora. Pegue seu celular.

Ele esperou Stevie pegar o celular e adicioná-lo aos contatos.

— Não tem nenhuma possibilidade de você ir para casa, tem? — perguntou Larry.

— Ir embora? Por quê? Não. Mas por quê? Me conta *alguma coisa*.

Larry hesitou um pouco, antes de responder:

— Não sei. E é isso que me incomoda. Digamos que estou com um mau pressentimento e quero que você fique com esse número. Quero que me ligue

sempre que quiser, não importa o motivo. Não importa quando.

Larry inspirou longamente. Stevie viu traços de dor em seu rosto enquanto ele olhava em volta, provavelmente pela última vez.

— Eles não podem fazer isso com você — ela repetiu.

— A questão não sou eu. Mas, se quiser ajudar, precisa me prometer que vai se cuidar e fazer o que eu peço. Deixe isso para lá.

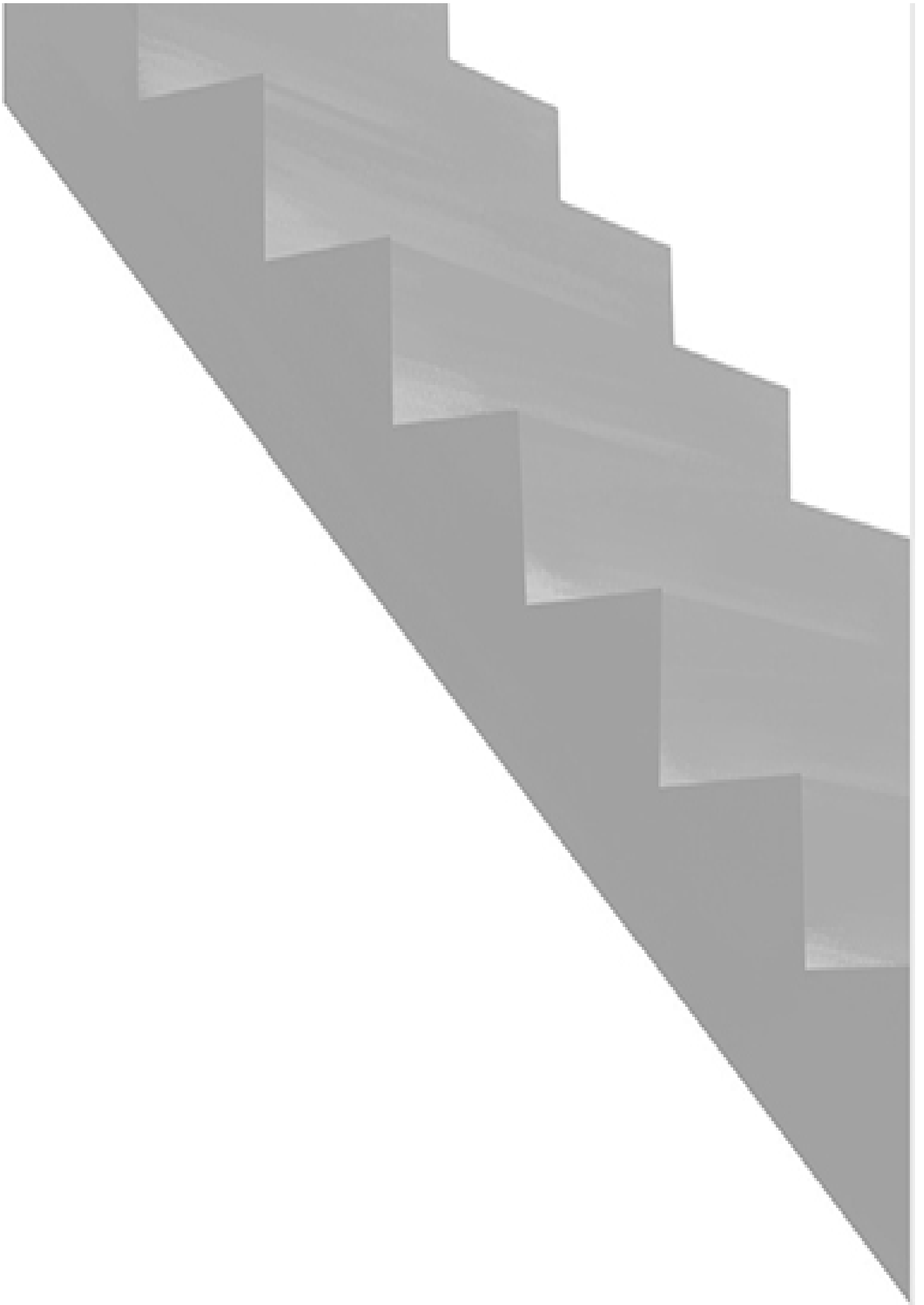
Stevie sentiu os olhos arderem e lacrimejarem. Isso às vezes acontecia por causa do vento. Não era o caso.

— Você promete? — insistiu ele.

— Aham. Eu prometo.

Larry assentiu e deu meia-volta em direção ao Casarão. O cérebro de Stevie continuou tiquetaqueando. A questão do dinheiro e essa notícia se fundiram numa ideia.

— Espera! — chamou. — Posso pedir um favor? Me dá uma carona?



30 de outubro, 1938, 13 horas

Era engraçado, na verdade, que o enigma tivesse sido a resposta.

Albert Ellingham estava sentado em seu escritório, ouvindo o tique-taque do relógio de mármore verde na cornija. O relógio já pertencera a Marie-Thérèse Louise, princesa de Lamballe, que diziam que o ganhara de presente de sua querida amiga, rainha Maria Antonieta. Era um bom relógio, de mármore suíço verde-escuro adornado com ouro. Apesar de ambas as mulheres que o possuíram terem sido degoladas durante a Revolução Francesa, o relógio sobreviveu, marcando a hora com perfeição. Albert o comprara na Suíça, mais ou menos na época em que Alice nasceu. O comerciante de antiguidades contara a história do relógio, explicando como alguns pertences da princesa haviam sido removidos da casa antes que as pessoas a invadissem e como as carruagens cheias de arte atravessaram a fronteira da Suíça quando a aristocracia francesa estava morrendo. Ele contou fábulas de sangue e cabeças em espetos e de peças primorosas.

Albert Ellingham pagara uma pequena fortuna pelo relógio. E gostava de olhar para a peça, tão sólida, tão cheia de história, verde cor de pinheiro.

A parede de portas francesas que levavam ao pátio do lado de fora e ao jardim abaixo era coberta com pesadas cortinas. Albert as mantinha fechadas desde que mandara drenar o lago. Não suportava olhar para o buraco no chão, que parecia uma cova. Naquele dia, no entanto, escancarara todas, e a vista recompensava a coragem. O céu de Vermont tinha um tom particularmente perfeito de azul, e as árvores ao redor estavam pintadas de dourado e vermelho. Os bons dias da estação logo terminariam, e a neve chegaria às montanhas. Não haveria muitos outros dias como aquele.

Precisava ser hoje.

Havia muito a ser feito. Diversos objetos estavam espalhados na mesa, e todos exigiam sua atenção: uma pilha de documentos legais, um pedaço de um telegrama do Western Union, um exemplar da coleção de histórias de Sherlock Holmes e um rolo de fio.

Primeiro, os documentos.

Pegou um, recém-impresso em papel timbrado. Passou os olhos pelas linhas até encontrar a parte que o interessava:

Além de todos os outros legados, a
quantia de dez milhões de dólares
fica no nome de minha filha, Alice
Madeline Ellingham. Caso ela não
esteja mais entre os vivos,
qualquer pessoa, grupo ou
organização que localizar seus

restos terrenos — desde que seja estabelecido que não tenha conexão alguma com seu desaparecimento — deve receber essa soma. Se ela não for encontrada até o dia de seu aniversário de 90 anos, os fundos devem ser liberados para serem usados pelo Instituto Ellingham do modo que o conselho achar conveniente.

Essa parte tinha sido finalizada no dia anterior, e não deixara Robert Mackenzie feliz. Mackenzie entrara com os papéis recém-chegados do advogado, sentara-se em frente a Albert e o encarara.

— O que foi, Mackenzie? — perguntara Ellingham enfim. — Desembucha.

— Não gosto disso. E você sabe por quê.

— Sei.

— Vai brotar gente de todo canto — continuara Mackenzie. — Todo tipo de trapaceiro do mundo vai surgir neste lugar como uma praga de gafanhotos.

— Um desses gafanhotos pode saber onde minha filha está.

— É improvável. E como vamos ter certeza?

— Porque eu sei uma coisa sobre minha filha que ninguém mais sabe. Eu vou saber a verdade.

Mackenzie afundou na cadeira e suspirou.

— Você acha que sou um velho tolo — afirmou Albert Ellingham.

— Você não é nem velho, nem tolo. É um pai de luto e um homem muito rico.

As pessoas vão querer tirar vantagem de você.

— Eu já lidei com muito mais do que isso, Robert.

— Eu sei...

— Você está tentando me proteger, porque sempre quer o melhor para mim. Mas o dinheiro é meu, e vou usá-lo como achar adequado. E isso é o mais adequado. E é seu dever providenciar que essa declaração seja escrita. Vou imprimi-la no meu jornal no começo da semana que vem.

Albert Ellingham voltou a olhar para o trecho. Mackenzie tinha razão, é claro. Ao fazer essa oferta, estaria abrindo as portas para todo tipo de trambiqueiro que o mundo tinha a oferecer. Dez milhões de dólares fariam com que os melhores trapaceiros do planeta aparecessem em massa na sua casa.

Mas também transformaria o mundo inteiro em seu detetive particular.

Era um risco, e Albert Ellingham sentia-se confortável com riscos. Criara a fortuna do nada e ficaria bem feliz em voltar ao nada, se pudesse rever Alice.

Devolveu os documentos à grande pasta, então guardou-a na gaveta da escrivaninha.

Logo em seguida, examinou o papel do Western Union. Escrevera nele mais cedo, naquela manhã. O enigma lhe viera à cabeça vários dias antes, mas ainda não

tinha conseguido oficializá-lo no papel, porque isso significaria confrontar a verdade. Havia quanto tempo que sabia? Provavelmente desde que lera pela primeira vez o exemplar do livro. Pegou *As aventuras de Sherlock Holmes*. Aquele volume em particular pertencia à biblioteca da escola, e Albert o encontrara no domo quando recobrou a consciência, na fatídica noite do sequestro. A princípio, não deu muita importância ao livro; havia muitas outras coisas acontecendo naquela noite. Com certeza algum de seus hóspedes pegara o livro emprestado e o lera; todas as visitas eram convidadas a usar a biblioteca da escola para leitura recreativa. Mas então, conforme o tempo passava e seus pensamentos clareavam, começou a analisar o livro. Não, nenhum hóspede pegara aquele volume. Dolores Epstein tivera posse quase exclusiva do livro.

E foi assim que entendeu que Dolores vinha frequentando seu pequeno esconderijo para ler, e que havia levado um de seus volumes favoritos naquele dia.

O próprio Albert Ellingham crescera num dos bairros mais pobres de Nova York; talvez fosse por isso que sentia tanta afeição pela pequena Dolores Epstein. Trabalhara como vendedor de jornais desde os 8 anos, juntando cada centavo. Mais de uma vez, dormira na porta de alguém durante as noites frias. Às vezes, encontrava refúgio na Biblioteca Pública de Nova York, onde lera todas as histórias de Sherlock Holmes, memorizando muitos trechos.

Abriu o livro e procurou por uma frase que frequentemente figurava seus pensamentos. Pertencia a uma história chamada “O mistério do vale Boscombe”: “Não há nada mais enganoso do que uma obviedade.”

De fato. Era verdade.

Albert tinha mantido aquele livro em seu escritório, e só por acaso notara a marca na página. Estava logo no começo do volume, em *Um estudo em vermelho*. Fora a marca que fizera seu cérebro começar a trabalhar. Dolores Epstein, aquela garota admirável e brilhante, raciocinou até o final. Ter sua esperteza, sua presença de espírito...

Por fim, pegou o fio. Precisaria escutar mais uma vez, só para ter certeza absoluta. Levantou-se e atravessou a sala até uma coleção de arquivos. Abriu um deles, que continha um gravador de fio Webster-Chicago. A máquina havia sido projetada com um par de fones de ouvido. Ele inseriu o fio na bobina, sentou-se, colocou os fones e deu play.

Depois de vários minutos, Albert desligou a máquina e tirou os fones. Tudo estava ali, encaixando-se com perfeição. Ao adicionar o que Margo Fields revelara...

Estava tudo muito completo. Chegara o momento.

Apertou a campainha da mesa para chamar Robert Mackenzie. O secretário apareceu num minuto, já com o caderno em mãos. Albert viu que Mackenzie notou

as cortinas abertas.

— Vou ao iate clube — avisou Ellingham. — O tempo está bom e limpo. Chamei Marsh para me acompanhar. Nós dois precisamos pegar um pouco de ar. Estamos há muito tempo na escuridão.

Albert ficou emocionado pelo olhar de prazer genuíno que viu no rosto do secretário. Mackenzie gostava dele. Talvez fosse o único que restava.

— É uma ótima ideia — respondeu Robert. — Gostaria que eu providenciasse uma cesta de piquenique para o passeio?

Albert Ellingham balançou a cabeça.

— Não precisa, não precisa. Toma. Escrevi um enigma esta manhã. O que acha?

A ação foi uma surpresa até para ele mesmo. Aquele era um enigma particular. Mas Albert compartilhava todos os seus enigmas com Mackenzie. Esse, talvez mais do que todos, merecia a opinião dele. O secretário pegou o papel com vontade, obviamente feliz pelo patrão estar voltando aos velhos hábitos.

— Onde você procura alguém que nunca está ali de verdade? — leu Robert. — Sempre numa escada, mas nunca num degrau.

Albert observou Mackenzie com muita atenção. Será que o homem saberia a resposta? Será que estava óbvia a todos?

— Pode ser o melhor enigma que eu já escrevi — comentou Ellingham. — É meu Enigma da Esfinge. Quem solucioná-lo pode passar. Quem não conseguir...

Ele pegou o papel de volta, posicionando-o com capricho no meio da mesa. Mackenzie estava repassando o enigma na mente, mas Albert percebeu que sua atenção estava em outro lugar. O secretário analisava seu comportamento em busca de pistas. Ele próprio parecia ter bem mais do que seus 30 anos. Precisava sair para o mundo, viver.

— Preciso que você faça algo muito importante hoje, Robert — continuou, posicionando um peso de papel sobre o enigma. — Saia de casa. Se distraia. É uma ordem.

— Pode deixar. Tenho só uns cinco quilos de correspondência para olhar antes.

— Estou falando sério, Robert. — E estava mesmo. De repente, dizer para Robert Mackenzie cuidar de si era a coisa mais importante do mundo. — O inverno vai chegar em breve, e você vai desejar ter aproveitado dias assim.

Mackenzie se remexeu, desconfortável.

— Você é um bom homem, Robert — continuou o chefe. — Queria que tivesse a felicidade que eu tive na vida. Lembre-se de brincar. Lembre-se do jogo. Sempre lembre-se do jogo.

Aquilo soou um pouco exagerado, então Albert Ellingham abriu o maior sorriso que conseguiu.

— Prometo ir lá fora — afirmou Mackenzie, de uma maneira que indicava que pretendia fazer o exato oposto.

— Tem outra coisa — completou Albert. — Toda a papelada para o adendo e a herança está na minha mesa. Certifique-se de deixar tudo pronto para a impressão. Quero começar a publicar os anúncios amanhã.

— Você vai mesmo seguir com essa história? — perguntou Mackenzie. — E não há nada que eu possa dizer para impedir?

— Nada. Fonte grande e em negrito na parte superior da página, acima da dobra. “Ellingham oferece dez milhões pela filha.” Quero que até as pessoas nos aviões possam ler a manchete nas bancas.

— Isso é um erro.

— Um erro que eu decidi cometer. Quando se tem dez milhões de dólares, pode-se fazer o que quiser com o dinheiro.

A frase saiu um pouco rude, mas precisava ser claro. Era hora de ir. Já estava cansado de comentários melosos sobre a natureza do dia. Mas, agora que o momento chegara, Albert se sentiu hesitar. Talvez devesse explicar. Robert Mackenzie era confiável.

— Estava no fio — adicionou, quando o secretário chegou à porta.

— O quê? — perguntou Mackenzie, virando-se.

Não. Robert não podia saber.

— Nada. Nada. Pode ir.

Mackenzie voltou para o próprio escritório.

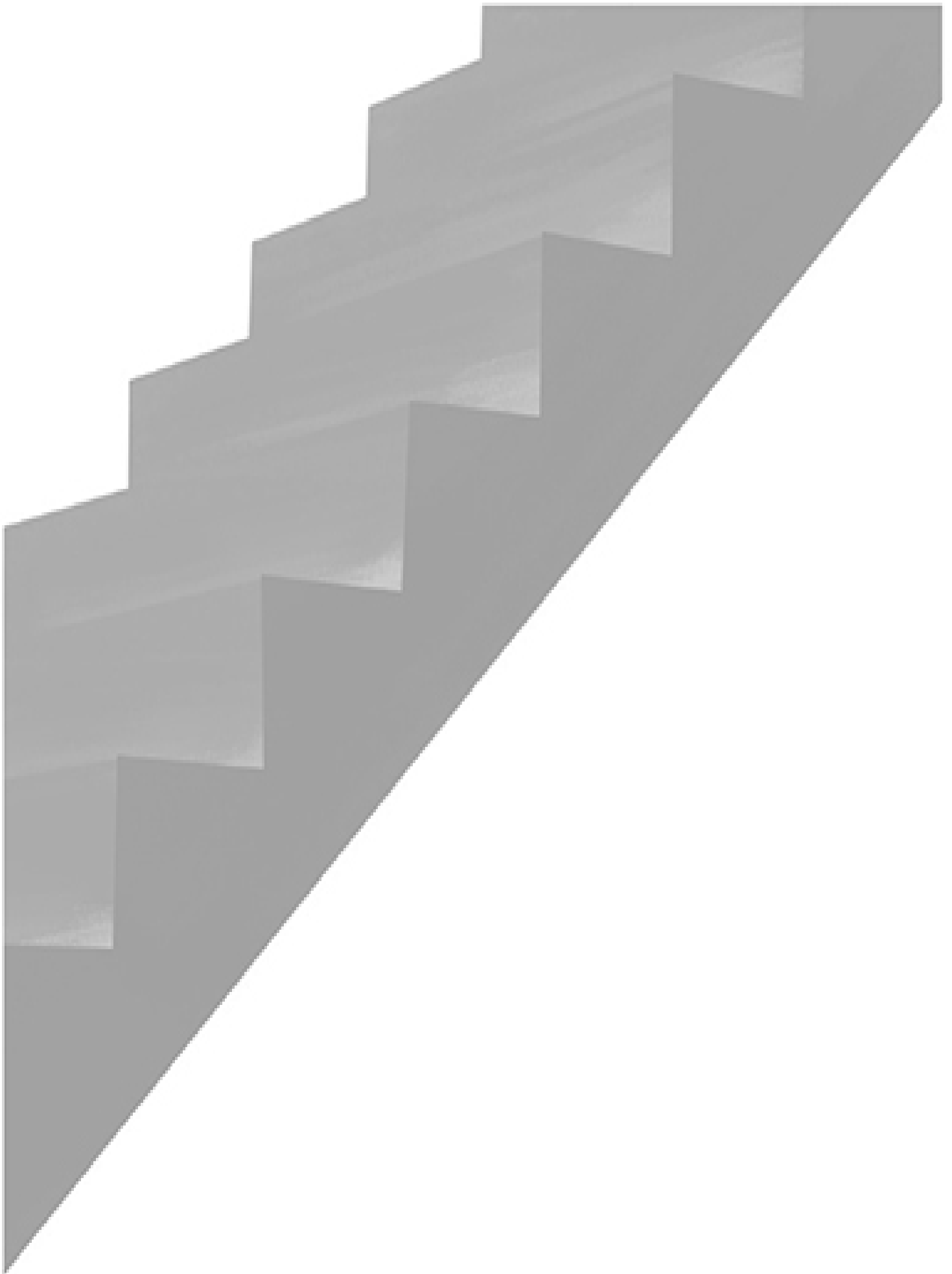
Tudo estava no lugar. Os outros preparativos já tinham sido feitos. Os materiais estavam na mala do carro. O mecanismo era fácil, algo que construía em frente à lareira na noite anterior. Albert Ellingham deu mais uma olhada ao redor do escritório, checando se esquecera alguma coisa. Abaixou e abriu a última gaveta da escrivaninha, que continha apenas alguns pequenos itens pessoais: um frasco de aspirina, um par de óculos extra, um maço de cartas. Esticou a mão mais para o fundo e pescou um revólver. Segurou-o por um momento, sopesando-o, considerando-o como um todo.

O relógio de mármore verde continuava tiquetaqueando. Qual tinha sido a última vez que a princesa assassinada olhara para a peça? Saberria que era a última vez? O olho de vidro frio assistira enquanto a dona era levada embora de casa. Fora poupado de assistir à sua morte, à cabeça posta num espeto e desfilada pelas ruas de Paris. A cabeça tinha sido inclusive exibida na janela da prisão da amiga, a rainha, como um fantoche terrível. Um sinal do que estava por vir.

Era só um relógio. Não sabia nem entendia de nada. Só sabia a hora, e estava dizendo a Albert Ellingham que chegara o momento. Ele precisava escolher.

Não. Era melhor fazer aquilo sem a arma. O plano era bem equilibrado. Devolveu o revólver para a gaveta e se levantou para pegar o casaco antes que pudesse hesitar mais.

Era hora de jogar.



A escola, que acabara de demitir Larry, não achou uma boa ideia deixá-lo levar Stevie de carro até Burlington. No entanto, seguindo a iniciativa “faremos de tudo para que vocês se sintam melhor”, não houve qualquer objeção à ida de Stevie à cidade para trabalhar com a dra. Fenton. Ela ganhou carona de um segurança chamado Jerry, cujo turno terminaria em meia hora. Outra pessoa a buscaria. Jerry levou Stevie até Burlington em seu velho Acura e não se importou que ela usasse fones de ouvido durante todo o percurso. Stevie precisava ouvir um pouco de música. As informações ficavam martelando em sua cabeça, e ela precisava que tudo entrasse no mesmo ritmo.

O carro estacionou na porta de Fenton, e Stevie saltou, disse um “obrigada” apressado e avançou pelo caminho de concreto rachado. Não tinha mandado mensagem para Hunter, porque o que estava prestes a fazer exigia um elemento surpresa e um pouco de investigação. Primeiro, escutou. A casa estava silenciosa. Nenhuma luz acesa no andar de baixo. Stevie tinha conferido a agenda de Fenton, então sabia que a professora daria aula em 45 minutos. Andou de um lado para o outro por algum tempo, mantendo-se fora da vista e do caminho pelo qual Fenton passaria. Esperou por quase quarenta minutos até que a mulher disparasse porta afora, andando a passos furiosos com seus tamancos em direção ao prédio onde lecionava.

Stevie mandou mensagem para Hunter:

Está em casa?

Depois de um momento, chegou a resposta. Tô, por quê?

Desça e venha aqui fora.

Stevie esperou na varanda telada, junto das pilhas de lixo e material reciclável que aguardavam dentro de recipientes. Depois de um momento, a porta interna se abriu, e Hunter colocou a cabeça para fora.

— Posso entrar?

— Hum... claro? — respondeu ele, abrindo mais a porta.

A casa tinha um cheiro ruim. Fenton com certeza não estava brincando sobre a falta de olfato. Até os gatos pareciam ter abandonado o barco.

— Preciso da sua ajuda — disse Stevie.

— Com o quê?

Ela poderia ter mentido. Já contara mentiras antes. Mas a desonestidade sempre acabara saindo pela culatra. Além disso, entrar de fininho na casa de Fenton não era o mesmo que entrar de fininho no quarto de alguém, na escola. No mundo

real, isso se chamava violação de domicílio. O que estava prestes a fazer exigia transparência e um pouco de sorte.

— Preciso entrar no escritório dela. Preciso olhar o manuscrito.

Hunter pareceu desanimado.

— Eu não posso...

— Não vou roubar nada — prometeu. — Só preciso ver as anotações dela sobre o que Mackenzie falou.

— Eu já contei...

— Olha — interrompeu Stevie, andando pelo cômodo para encontrar um canto que não fedesse tanto. — Talvez eu não tenha muito tempo. Preciso mostrar uma coisa.

Ela encontrou um lugar quase livre numa das mesas e pousou a mochila. Abriu o zíper, enfiou a mão e tirou a lata.

— Isso aqui contém provas de que a carta do Cordialmente Cruel foi escrita por dois alunos no campus. Era uma piada, uma pegadinha. Ou algo assim.

— Você tá zoando.

Ela abriu a lata e pegou as fotos.

— Esses dois — explicou, erguendo uma das fotos — eram alunos ricos. O cara era poeta. A garota era fã de revistas de crimes. Os dois estão fantasiados de Bonnie e Clyde. Olha o poema que escreveram.

Ela mostrou o poema.

— E aqui — continuou Stevie, mostrando a Hunter as fotos grudadas com as letras recortadas. — É prova, ou quase prova. Tenho evidências de verdade sobre esse caso. E, se sua tia também tiver, eu preciso ver. Porque sinto que ela está fazendo algum tipo de jogo comigo. E alguma coisa está acontecendo na escola. Duas pessoas morreram.

— Por acidente — afirmou ele.

— É, mas *alguma coisa* está acontecendo. Se essa teoria do dinheiro foi mesmo confirmada, eu preciso ver as anotações.

Hunter inspirou fundo e olhou para a porta do escritório.

— Eu levo esse assunto muito a sério — insistiu Stevie. — Não estou aqui pelo dinheiro. Estou aqui para encontrar *respostas*. Por favor.

O olhar de Hunter vagou pelo chão, então subiu para o rosto dela.

— Minha tia vai voltar em menos de uma hora — avisou. — Ela nunca dá os 45 minutos de aula completos. Venha.

Hunter passou pelas portas francesas, e Stevie foi atrás. Lá dentro, aproximou-se de um arquivo. Mas, em vez de abri-lo, derrubou uma pilha de revistas no chão para longe do caminho com a ponta da muleta.

— Ela é paranoica — explicou, apoiando a muleta no arquivo e se abaixando.

O garoto afastou as revistas e revelou uma caixa de pizza embaixo. Abriu-a. A caixa estava limpa e continha várias pastas de papel manilha. Ele as folheou até encontrar uma específica, então ergueu o tronco, ainda agachado.

— Acho que, quando essa conversa aconteceu, Mackenzie estava doente — contou Hunter. — Era velho. Tomava muitos remédios. Contou a ela coisas que sempre mantivera em segredo porque se sentia vulnerável. Acho que ele não conseguia mais esconder a verdade.

Hunter pensou um pouco, então passou a pasta para Stevie.

Na etiqueta lia-se: MACKENZIE. Era uma pasta fina, com apenas alguns papéis dentro, escritos à mão em pedaços rasgados de papel amarelo. Muitas dessas notas pareciam conter informações sobre lugares e datas de encontros. Então, havia uma página com apenas dois pontos:

* Ellingham saiu de casa na noite do sequestro por mais ou menos 45 minutos por volta das duas da manhã. Ele não usou a porta da frente. Pareceu sair direto do escritório. Mackenzie tem certeza de que havia um túnel levando para fora do Casarão, e possivelmente outro que saía da Minerva, onde morava a amante de Ellingham, e ia até o lado oposto da propriedade.

— Gertie von Coevorden o cacete — resmungou Stevie. — Então foi *assim* que ela descobriu sobre o túnel.

Havia outro ponto, que parecia importante.

*** A última coisa que Albert Ellingham disse foi: “Estava no fio.”***

— No fio? — repetiu Stevie.

— É — disse Hunter. — Ela leu isso pra mim. Acha que significa no rádio sem fio. Na noite em que Albert Ellingham morreu, tinha um grande programa de rádio...

— *A guerra dos mundos* — disse Stevie.

Essa informação aparecia em todos os livros sobre o caso. Na noite em que Albert Ellingham morreu, estava passando um programa de rádio de Orson Welles que se chamava *A guerra dos mundos*. Era uma peça sobre uma invasão alienígena chegando a Nova Jersey, narrada em estilo de reportagem. O problema era que, na década de 1930, a população não estava acostumada com esse tipo de meta-narrativa, e milhares de pessoas surtaram achando que a invasão alienígena estava acontecendo de verdade e o mundo estava acabando.

— Parece uma coisa estranha de mencionar — comentou Hunter.

— No fio — repetiu Stevie. — São essas as grandes revelações? Alguma coisa sobre um túnel e um fio? E quanto ao testamento?

— Ela *nunca* botaria isso no papel. Como já disse, ela é *mesmo* paranoica. Nem gosta que eu tenha um celular que tira fotos. Mas acho que isso é... Bem, você deve ter notado as garrafas. E o cheiro. E tudo.

— Meio difícil de não reparar.

— É melhor eu guardar essas coisas — falou ele, estendendo a mão para a pasta. — E você deveria ir, ou... Sei lá, a gente podia... Quer dar uma volta, ou algo assim? Tomar um café? Ir a algum lugar que não tenha cheiro de bunda? Antes que ela volte e veja você?

Os dois desceram a Pearl Street, da área universitária, até a Church Street, dominada pelas lojas e pela parte mais turística da cidade. A rua estava bloqueada para carros, então caminharam pelo meio do asfalto. Não falaram nada por um tempo; apenas deixaram o silêncio se instalar.

— Ela se tratou uma vez — comentou Hunter, depois de um tempo —, há mais ou menos dez anos, porque minha família fez uma intervenção. E disse que foi só porque eles obrigaram, para deixar todo mundo feliz. Sempre alega que não tem problema nenhum. Acho até que ela acredita nisso.

— Sinto muito.

— Está tudo bem. Não para ela, mas... Minha tia não é difícil de lidar. É tranquilo morar lá. A casa fede porque ela fuma lá dentro e não tem olfato. Mas meu quarto é... melhor. Eu tenho um filtro de ar gigante e um monte de aromatizadores. Mantenho a janela aberta durante boa parte do tempo. Fica meio frio, mas...

— Parece incrível — disse Stevie.

— Às vezes eu fico na casa de outras pessoas — continuou ele. — De amigos no campus. Durmo no chão mesmo. Não é nada demais, visto que moro a algumas quadras de distância.

— Mas por quê? Por que você mora aqui?

— Ganho desconto na mensalidade, tenho um lugar de graça para morar enquanto estudo e fico de olho nela para reportar a todo mundo em casa. Comigo por perto, acho que minha tia fica um pouco mais estável. Come refeições com mais regularidade. Talvez não beba *tanto*. De vez em quando ela fica meio... agitada. Não é perigosa nem nada assim. Grita um pouco. Mas só isso. Nós temos um acordo: ela não dirige. Ou eu dirijo, ou ela vai andando ou pega um táxi.

Stevie se perguntou se Hunter realmente estava tão satisfeito com essa situação quanto parecia. Viver com a tia alcoólatra numa casa cheia de fumaça em troca de um quarto, comida de graça e um desconto na mensalidade não parecia o melhor acordo do mundo, mas, em certo nível, entendia. Temos que fazer o que for preciso.

Fazer acordos.

— Você ainda não me perguntou sobre a muleta — comentou Hunter.

— Não achei que seria muito educado. Você não está de gesso, então imagino que seja permanente.

Ele assentiu.

— Artrite reumatoide juvenil. Tenho desde os 15 anos. O frio não ajuda. Eu realmente deveria morar na Flórida ou algo do tipo, mas aqui estou, em Vermont, essa cidade quente e ensolarada.

— Boa escolha.

— É um *grande* desconto na mensalidade. Meus amigos têm futons.

Eles se aproximavam de um café à direita, e Hunter começou a seguir para lá, mas Stevie diminuiu o passo.

— O túnel — disse.

Hunter se virou.

— O que tem o túnel?

— Ellie morreu lá embaixo. Se soubéssemos mais cedo... Não sei. Talvez pudéssemos ter chegado a tempo. Sua tia sabia do túnel. Sei que não é culpa dela. Fui eu quem fiz Ellie fugir.

— Se eu entendi o que aconteceu — respondeu Hunter —, e eu não estou dizendo que entendo, mas... O que você disse era verdade. Não era? Sobre o que Ellie fez?

— É, mas... Não acho que seja a história toda.

— Como assim?

Stevie balançou a cabeça. Nem sabia o que queria dizer. Era informação demais.

— Sabe de uma coisa? — continuou Hunter. — Tem uns balanços legais perto da água. Bancos de balanço. Bancos de balanço tornam tudo melhor. Quer testar? É melhor do que café!

Um banco de balanço parecia bom. Estar com Hunter era... Stevie não tinha certeza. Não era péssimo. Talvez estranho, porque ele era muito amigável. Mas era errado? Era errado ser legal e bem-ajustado?

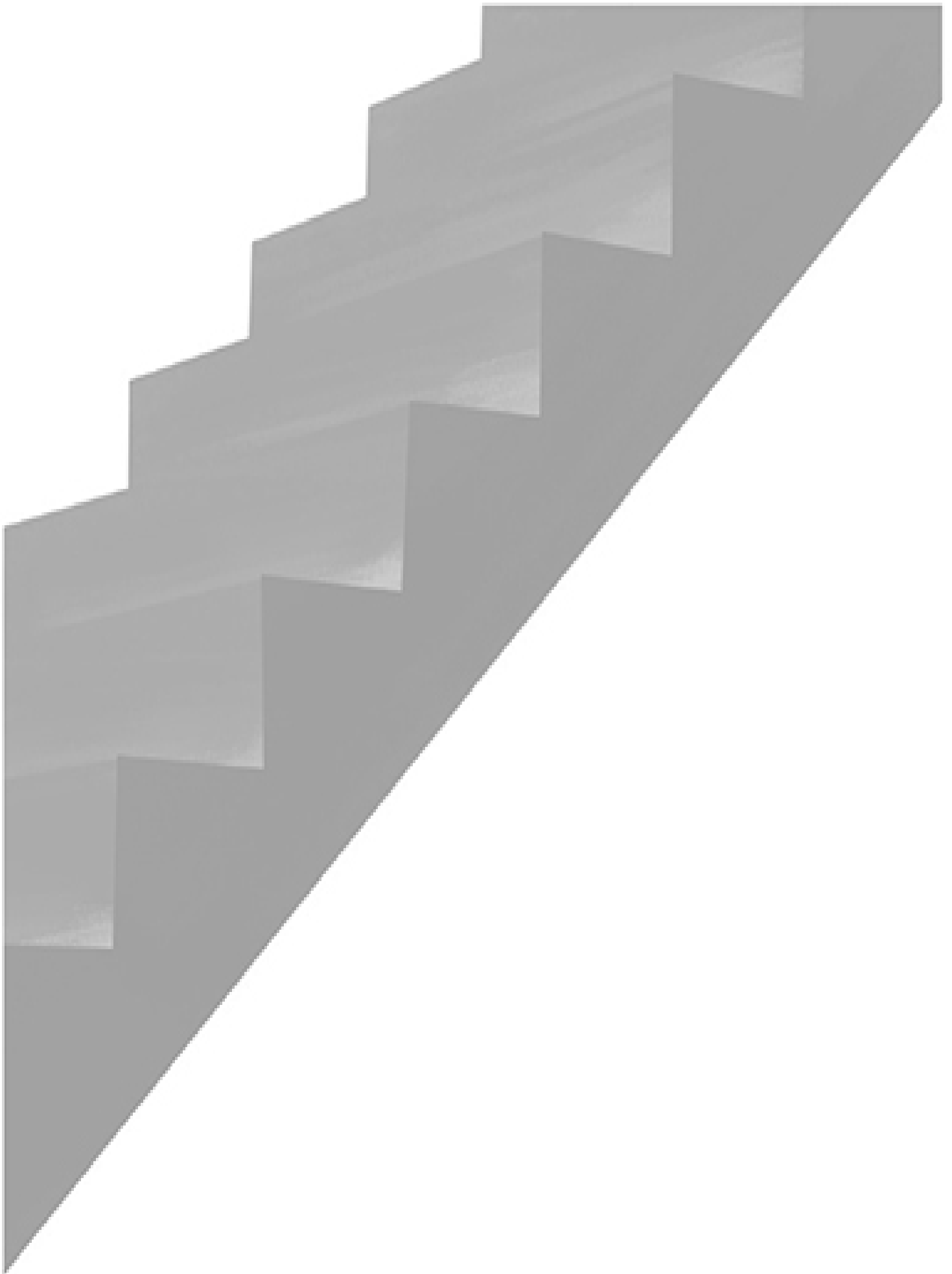
— Claro — respondeu. — Um balanço. Posso imaginar coisas piores.

Saíram de novo da Church Street e seguiram na direção do lago. Stevie pegou o celular para conferir a hora.

— Eita — disse Hunter. — Aquele cara tá levando *muita* porrada.

Stevie ergueu o olhar. Ali, no fim da rua, embaixo do ponto de ônibus ao lado do palácio de justiça, havia um grupo de skatistas.

Um deles socava o rosto de David sem parar.



— Ah, oi — disse David, quando Stevie se aproximou.

Ele sorriu. Os dentes estavam vermelhos de sangue. Respingos da mesma cor manchavam a camisa social branca. Ele tinha se arrumado de novo, do mesmo jeito que fizera na primeira noite em que os dois pegaram o ônibus para Burlington. Naquela ocasião, David estava tentando enganar os pais dela, fazendo-os pensar que os dois estavam namorando para, assim, convencê-los a deixar Stevie ficar em Ellingham depois da morte de Hayes. Dessa vez, não havia explicação. Ele só estava bem-vestido com roupas formais, tendo o rosto destruído na esquina do palácio de justiça. Também usava o sobretudo de duzentos dólares, que estava todo sujo. Ostentava um talho na bochecha direita, e o sangue escorria. Outro corte acima do olho. A camisa tinha sido rasgada perto da bainha, e alguns botões estavam abertos, indicando que algo acontecera na área do tronco.

— Como vai? — perguntou, em tom casual. — Quem é o seu amigo?

Um pouco de saliva com sangue escapava da lateral da boca.

— Você está bem? — perguntou Stevie. Tentou segurá-lo pelo braço, mas David se desvencilhou.

— Estou ótimo. Só curtindo com uns amigos.

Ele cambaleou até outro skatista que estava assistindo à cena e filmando tudo com o celular. David estendeu a mão, e o cara entregou o celular para ele, então os agressores foram embora em seus skates.

— O que acabou de acontecer? — questionou Stevie. — Vamos lá. Vou levar você para... Tem alguma clínica de emergência, ou hospital, ou...

A última frase foi direcionada a Hunter, que continuava encarando David.

— Tem — disse ele. — Meu carro está a algumas ruas daqui. Vou buscar.

— Eu não vou — declarou David, erguendo as mãos.

— David, *para*.

— Vou ligar pra polícia — avisou Hunter.

— Não, não — retrucou David. — Nada de polícia.

Ele se sentou no meio-fio e olhou o celular. Stevie se virou para Hunter, que assistia a tudo com uma expressão de total confusão. Então pediu:

— Hunter... Me dá um minuto?

— Sim, sim — respondeu ele, recuando. — Vou voltar. Vou...

— Tá.

O garoto seguiu na direção contrária, olhando para trás uma ou duas vezes.

— Você trabalha rápido — comentou David, ainda encarando o celular.

— O quê?

— Seu novo amiguinho. Fico muito feliz pelos dois. Quando vão anunciar o grande dia?

— Dá pra calar a boca? — Stevie se sentou ao lado dele. — Deixa eu olhar.

Dessa vez, Davis não se afastou. Até esticou a cabeça para mostrar um ângulo melhor da bochecha.

— Como está? — perguntou.

— Parece fundo. Você precisa ir para o hospital, depois precisamos chamar a polícia.

— Por quê? — indagou ele, limpando o sangue com a manga. — Não é ilegal levar porrada em Vermont, é?

— É ilegal que batam em você.

— Não se foram pagos para isso. Quer dizer, talvez seja. Não sou advogado.

— Como assim se *foram pagos*? Você pagou alguém...

— Calma aí — interrompeu David. Ele fez alguma coisa no celular, então assentiu, satisfeito. — Pronto — concluiu, guardando o aparelho no bolso. — Postado.

— Onde?

— YouTube. No canal antigo do Hayes.

— O quê?

— Viu, eu não sou totalmente inútil. Ainda consigo hackear um canal de YouTube. Bem, isso foi divertido, mas você tem planos, certo?

— Não estou entendendo — falou Stevie, balançando a cabeça. — Você está fazendo isso por causa do que eu fiz?

— Você? — David riu, e um pouco de sangue pingou de sua boca. — *Você?* Nem tudo é sobre você.

Ele cuspiu mais sangue na rua, fazendo com que uma mulher por perto se afastasse com o filho pequeno. David abriu o sorriso sangrento para eles.

— Não vou deixar você sozinho — avisou Stevie. — Não me importo se você quer que eu vá embora. Você precisa ir ao médico.

— Se você não for embora, eu vou.

— Eu vou atrás.

— Sei o que você está pensando, Stevie. Está preocupada porque acha que seu acordo com meu pai não vale mais e que ele vai descer aqui naquele helicóptero e levar você embora.

— Estou preocupada porque você acabou de levar porrada na cara e parece ter *gostado*.

— Estou emocionado. Por que não volta para aquele seu amigo novo?

— Por que você precisa ser tão babaca!? — gritou Stevie.

— Acho que sabe essa resposta. Acho que contei tudo. Foi uma boa jogada da minha parte. Acho que finalmente aprendi o benefício de confiar nos outros. Eu *cresci*.

— Você quer que eu peça desculpas?

Quando as palavras saíram, Stevie se deu conta de que não fazia ideia da resposta. David inclinou a cabeça, pensativo. Uma expressão curiosa passou por seu rosto; uma expressão que Stevie não conseguiu decifrar.

— Acho que sim — respondeu ele. — Mas o momento já passou. — E cuspiu mais sangue na rua. — Não se preocupe comigo. Acho que você tem mais problemas do que eu. Pelo menos eu sei que sou ferrado.

Ele se levantando e foi andando na direção do lago, limpando o rosto com o cachecol. Stevie andou de um lado para o outro, sem saber o que fazer, então correu atrás dele.

— Por que você postou esse vídeo? — perguntou. — Por que pagou para apanhar?

— Tenho meus próprios planos. E não envolvem você.

— David...

Stevie deu um pulo e parou na frente dele, bloqueando o caminho. David desviou. Ela bloqueou o caminho outra vez, e ele desviou de novo. A esse ponto, a coisa toda estava parecendo uma dança ridícula, então Stevie simplesmente continuou ao seu lado, acompanhando o passo rápido.

— Você quer a história toda? Seu pai apareceu na minha casa, do nada. Levou folhetos cheios de informação sobre sistemas de segurança. Convenceu meus pais a me deixarem voltar. Me levou direto para o aeroporto. No avião, eu perguntei o que ele queria, porque não achei que ele estava fazendo aquilo simplesmente porque era um cara legal.

— Bem observado — comentou David, enfiando as mãos nos bolsos.

As pessoas olhavam para ele enquanto passavam; era impossível não olhar.

— Foi nessa hora que seu pai falou que estava me levando de volta porque achava que você sossegaria a porra do facho se eu estivesse lá. Não contei porque...

— Porque...

— Como eu contaria isso?

— Usando as palavras.

— E o que você teria feito?

David parou.

— Se você tivesse me contado? Eu teria entendido. Conheço meu pai. Mas você não contou. Você esperou até eu encontrar minha amiga morta apodrecendo no chão de um túnel e então descarregou tudo em cima de mim.

— Porque eu me senti mal. Eu não sei fazer essas coisas. Não sou... Não sou boa. Com pessoas.

— Não. Não é.

— Nem você. Você me disse que seus pais estavam *mortos*.

— Então acho que estamos quites — retrucou David, simplesmente. — Você vai ficar bem. Até meu pai ver o vídeo, acho. Ah, e tem o fato de que não vou voltar para Ellingham. Isso pode ser um problema. Mas você vai dar um jeito.

— Calma aí, o quê?

— Eu não vou voltar para Ellingham.

— Então você pagou pra levar porrada e agora vai sair da escola?

— Você entendeu! Muito bem.

— Por quê?

— Mais uma vez, isso é assunto meu. Você pode arranjar um novo acordo com o Eddie. Por que não fala pra ele que vai me encontrar e me levar de volta? Talvez funcione. Você é boa em encontrar pessoas.

— David...

Stevie estendeu a mão para o braço dele, que se desvencilhou com grosseria.

— É aqui que nos separamos — afirmou ele.

— Eu não vou deixar você.

— Tudo bem. Eu vou pular no lago. Quer nadar? Está um pouco frio e turbulento, mas natação é o melhor exercício para o corpo.

Era impossível dizer se David estava brincando, e o lago ficava bem ao final da rua.

— Dê meia-volta — disse ele. — Estou falando sério sobre o lago.

Lágrimas escorriam do rosto de Stevie. Era estranho. Não chorava com frequência, e nunca em público. David observou com interesse clínico, então se virou e continuou seguindo na direção da água.

Stevie não seguiu. Coisas ruins demais haviam acontecido naquele lago. Não faria parte de outra.

Precisava deixá-lo ir.

Quando Stevie voltou ao campus, o vídeo de David apanhando já tinha dez mil visualizações. Ela reiniciou a página e observou o número aumentar. Compreensivelmente, a maioria dos comentários era confuso. As pessoas entravam naquele canal para assistir a uma série sobre zumbis. Agora o cara zumbi estava morto e, no lugar, um garoto aleatório aparecia levando socos.

Conferia o celular obsessivamente à espera de mensagens e se perguntava se deveria mandar alguma coisa, mas pai e filho estavam em silêncio. Hunter, no entanto, entrara em contato diversas vezes. Stevie respondia com cautela. Era uma situação difícil de explicar.

Quando chegou na Minerva, a casa estava silenciosa. Não tinha fogo na lareira, mas as coisas estavam quentes.

Então restavam três. Hayes, morto. Ellie, morta. David...

Como tinha vivido antes dessa loucura? Como lidava com tudo? Lidar era algo que só... acontecia. A realidade continuava a se desenrolar em caminhos sinuosos, e Stevie acompanhava.

Mandou uma mensagem para Nate pedindo para ele descer, então foi até a porta de Janelle. Estava entreaberta. A amiga estava sentada numa almofada felpuda no chão, com um vídeo sobre a SpaceX passando no computador e pedaços de Arduino espalhados ao redor. Havia uma pequena pilha de paletas de sombras para os olhos ao lado, e Janelle se inclinava para a frente, olhando o espelho de parede e aplicando delicadamente a maquiagem com um pincel.

— O que acha? — perguntou, virando-se para mostrar um dos olhos incrivelmente produzido com uma variedade de laranja, vermelhos e amarelos. — É um olho pôr do sol. Parece um pôr do sol? Acho que talvez tenha ficado muito laranja.

— Preciso falar com você — disse Stevie.

Janelle se virou na direção dela e parou o vídeo. Stevie fechou a porta e sentou no chão.

— Tem umas coisas que preciso contar — anunciou.

— Sobre David?

— É. Você percebeu?

— Você quer ser detetive, mas é a pessoa menos sutil que já conheci — respondeu Janelle. — Precisa trabalhar nisso. O que está havendo?

— É um segredo. Um segredo sério.

Janelle franziu o cenho, preocupada. O olho pôr do sol lançou um brilho aflito para Stevie. Ouviram uma batida à porta, e Nate enfiou a cabeça para dentro quando Janelle respondeu.

— O que é isso? — indagou o rapaz. — Uma reunião ou coisa do tipo?

— Preciso de vocês dois — explicou Stevie. — Vocês precisam ouvir isso.

Nate estava com leves olheiras azuladas que combinavam com a camiseta desbotada.

— É — respondeu ele, sentando-se no chão e puxando os joelhos para si. — Talvez esteja na hora de compararmos algumas impressões.

— O que vocês andam escondendo de mim? — perguntou Janelle, olhando de um para o outro.

— Você fala — pediu Nate. — Eu não tenho como começar isso.

Stevie respirou fundo e esfregou os cabelos. Estava demorando demais. Estava tudo uma bagunça.

— David é filho do Edward King — declarou.

Janelle precisou de um momento para processar a informação, piscando e arregalando o olho pôr do sol.

— David? — repetiu ela. — É filho do... político? O cara concorrendo à presidência? Para quem seus pais trabalham? *Aquele cara?*

— Aham — confirmou Stevie. — E não se dá bem com o pai. Descobri isso na manhã depois que Ellie sumiu. King veio ao campus...

— Você não parece surpreso — comentou Janelle, para Nate.

— Fiquei sabendo outra noite.

— Não é uma coisa que eu podia sair contando — explicou Stevie. — Eu queria. Mas ninguém deve saber. Acho que pode gerar um problema de segurança.

— Então Edward King realmente pagou por esse sistema de segurança? — perguntou Janelle. — Não é boato? Achei que Vi estivesse só falando de teorias da conspiração.

— Tem mais — continuou Stevie. — Ele me trouxe de volta para cá. Foi assim que eu voltei para a escola. Ele convenceu meus pais. Fez isso porque achava que, se eu voltasse, David sossegaria. Agora, tem isso.

Ela puxou o computador de Janelle e abriu o canal de Hayes para mostrar o vídeo de David apanhando. Tinha assistido sem som. Era pior com o áudio, com David atijando os caras. Era doloroso ver os socos o atingindo, a maneira como ele sorriu olhando para cima e disse mais alguma coisa, implorando por mais.

Tinha chegado a sessenta mil visualizações.

— Que droga ele está fazendo? — perguntou Janelle. — Esse garoto *não está bem*.

Nate se virou devagar para Stevie e acrescentou:

— Concordo.

— Ele pagou a alguém para fazer isso — explicou Stevie. — Então me disse que não ia voltar para a escola.

— Tudo bem.

O tom de Janelle sugeria que não precisava ver mais. Levantou-se do chão e dirigiu-se aos dois amigos de cima.

— Vocês sabem que eu não morro de amores por esse garoto, mas precisamos contar para alguém o que está acontecendo. Agora.

— A não ser que ele esteja blefando? — sugeriu Nate. — Acha que ele está blefando? Talvez esteja tirando onda com a sua cara?

— Não foi o que eu senti — respondeu Stevie. — David *pagou* a alguém para bater nele. Postou o vídeo na página de Hayes, que ele hackeou. Foi tudo deliberado e estranho. David está aprontando alguma coisa, mas não consigo imaginar o quê.

— Destruindo nossas vidas — disse Nate.

— *Não importa* — insistiu Janelle. — Ele pagou a alguém para bater nele. Isso não é bom. Hayes está morto. Ellie está morta. Ninguém mais nessa casa vai se machucar. Você vai contar para alguém. Conte para Pix. Agora.

Janelle estava certa, claro. Contar para alguém era a atitude certa. O que David tinha acabado de fazer era profundamente perturbador. Mas havia certa seriedade em seus olhos. Ele estava fazendo aquilo com um objetivo. Tinha se machucado, mas nem *tanto*. E postar no canal de Hayes servia para mandar algum tipo de mensagem. Se ao menos Stevie conseguisse decifrar qual era...

Janelle continuava certa.

— Vou contar para Pix — afirmou Stevie. — Sobre os socos e sobre o fato de que ele não vai voltar. Não sobre o pai. Mas a próxima coisa que vai acontecer é eu ser tirada da escola.

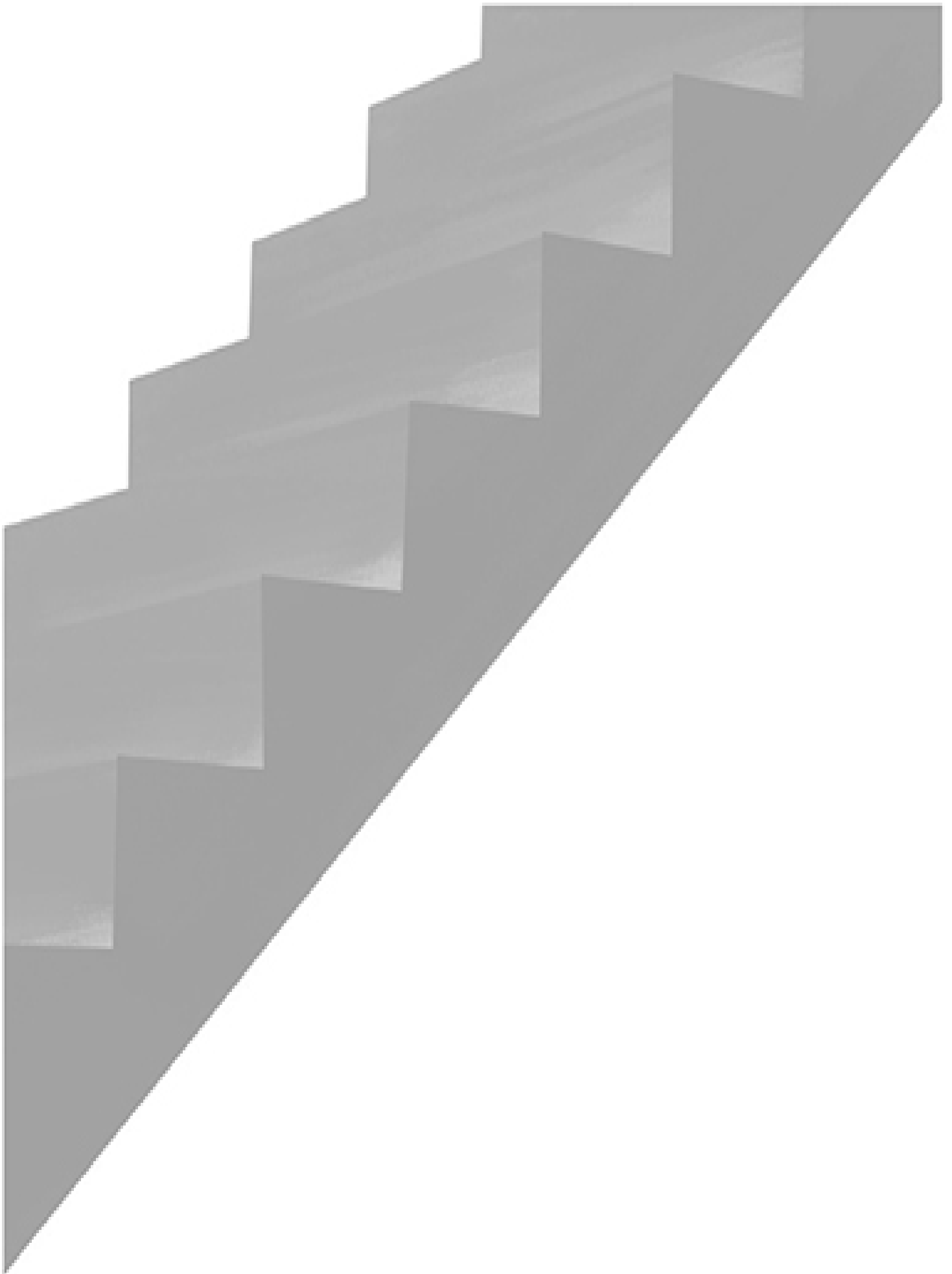
— Você não tem como saber — retrucou Janelle.

— Tenho, sim. David não está bem, então o acordo foi quebrado.

— Vamos resolver isso — disse Janelle. — Essa decisão não é de Edward King. Nós vamos ajudar. Mas, agora, vamos contar para Pix. E chega de segredos entre nós três, está bem?

— Chega de segredos — repetiu Stevie.

— Pelo menos tem um lado positivo — comentou Nate. — Isso tudo com certeza é pior do que escrever meu livro.



Stevie estava sonhando. O sonho era confuso. Ela andava pelas ruas de Burlington, pelo mesmo caminho que fizera com David, e alguém gritava: “Estão tirando pessoas do lago!” Então, a Stevie do Sonho corria até a margem, no lugar onde tinha encontrado Fenton pela primeira vez, e via dezenas de corpos sendo tirados do lago. Mas não estavam mortos. Apenas se debatiam como peixes fora d’água. Muitos corpos humanos se debatendo. Alguém se aproximou pelas costas de Stevie, que não se virou. Escutou uma voz sussurrando para ela, uma voz feminina, mas não conseguiu entender as palavras. Algo dentro dela dizia que era Dottie Epstein, e que, caso se virasse, Dottie desapareceria. Então, manteve os olhos nas pessoas se debatendo feito peixes no deque, tentando distinguir as palavras de Dottie.

Até que o telefone tocou.

— Acordei você? — perguntou Edward King.

Stevie se sentou na cama e esfregou os olhos com vontade. O computador estava aberto em seu colo, ainda na página do fórum Websleuths, que estava lendo quando adormeceu. Era algo que fazia para relaxar, quando as coisas ficavam muito intensas. Franziu os olhos sonolentos para a tela. Eram 7h07.

— Não — mentiu.

— Acordei, sim. Peço desculpas por ligar tão cedo. Temos uma votação na assembleia legislativa em duas horas, e tenho muitas reuniões antes disso.

A ligação já estava destinada, óbvio. Stevie esperara por ela assim que contara a Pix, que recebeu a notícia do espancamento e da fuga de David com uma determinação sombria. Pix perdera dois alunos; saber que outro sumira era mais um peso nesse fardo já avassalador. Stevie contou a novidade, foi para a cama com o computador e ficou por lá.

O estranho era que tivera uma ótima noite de sono. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, não passou a noite preocupada, esperando pela ansiedade.

— Você está aí? — perguntou King.

— Sim — respondeu ela, tentando disfarçar a rouquidão da manhã na voz.

— Que bom. Então, um vídeo foi postado ontem à noite. Imagino que você tenha visto?

— Sim.

— Não é meu vídeo favorito, Stevie. Nós tínhamos um acordo. Não posso deixar de concluir que você não está cumprindo sua parte.

— O que você quer que eu *faça*, exatamente?

— Isso é com você. Você era uma possível solução para o problema. Se não está funcionando, encontrarei outra. Sugiro que fale com ele.

Discutir não levaria a nada, por mais que quisesse.

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Não. Vou entrar em contato amanhã no mesmo horário. Tchau.

— Ele está bem, aliás — informou.

Edward King desligou.

Stevie sentiu uma estranha clareza. O relógio logo iria tocar. Todos os dias contavam, e todas as horas de todos os dias. Aquela hora, naquele momento, naquela manhã fria em Ellingham, era a coisa mais preciosa que tinha.

Ela se lançou para fora da cama (pontos pelo esforço) e arrancou a calça do pijama felpudo, que trocou por uma quase idêntica de moletom cinza. Nada de banho. A camiseta velha que estava usando (uma de suas preferidas, desenterrada de uma caixa de tralhas no sótão) serviria. Sim, ainda cheirava um pouco a inhaca de sono, mas tudo bem.

Às vezes, detetives cheiravam a inhaca de sono.

Pegou a mochila e guardou lá dentro tudo o que imaginava que poderia precisar: celular, carregador, computador, tablet, lanterna... Havia uma autora, uma de suas preferidas entre os escritores de crimes reais, que, enquanto tentava solucionar um caso de assassinato dos anos 1970, fez tudo o que pôde para se imergir na hora e no lugar. Stevie lera que ela fazia playlists de todas as músicas que estariam tocando no rádio no momento dos assassinatos, então dirigia pelos bairros escutando-as, para sintonizar a mente à atmosfera. Porque, segundo ela, *tudo* importava. Era preciso sentir o caso, entendê-lo de todas as formas possíveis, entrar nele; e o caso poderia dominar você, poderia tentar guiar sua vida, mas era *seu caso* a ser resolvido.

Encontrou uma rádio virtual dos anos 1930 e colocou os fones de ouvido.

A manhã estava revigorante. O ar limpava o corpo de dentro para fora, raspando os pulmões, bombeando vida fria para as artérias. (Não as veias. As veias devolviam sangue desoxigenado para o coração. Eram as artérias que carregavam a vida, subindo pelo arco da aorta, disparando pela carótida, entregando ao cérebro todo o delicioso oxigênio requerido.) Ela ligou a música, e um som baixo em ritmo de swing pulsou em seus ouvidos. Stevie andou no mesmo compasso, tocando o pé nas pedras do caminho no ritmo de cada batida. Torne-se o caso. Sintonize-se com o caso. Volte no tempo pelo ar, pelo ritmo.

Daria uma volta no campus. Começaria por entre as casas, vagando por ruas e caminhos serpenteantes. Notou que andava com uma postura elegante, ereta. Se visse qualquer pessoa à distância, mudava de rumo, dando uma volta discreta numa árvore, virando uma esquina. O boato era que Albert Ellingham tinha projetado

essas trilhas seguindo um gato que passeava pela propriedade porque “gatos sabem mais”. Provavelmente não era verdade, mas nada era previsível quando se tratava de Albert Ellingham. Enquanto seguia por seu novo caminho musical, Stevie de repente se deu conta de como aquela afirmação poderia estar correta. Gatos sabem mais, de muitas formas. São caçadores, bons em seguir pistas, em se manter ocultos. Sabem ir das sombras furtivas às alturas, para depois descer de novo. Gatos veem todos os níveis, enquanto as pessoas em geral só olham bem à frente.

Quem estava ali? Edward e Frankie, com sua fantasia de gângster. Tinham se transformado no Cordialmente Cruel. Mas por quê? Só para revidar o rei dos jogos?

Pareciam ricos. Dois adolescentes ricos e entediados, querendo ser maus. Meio como um garoto rico que ela conhecia, que pagara para socarem seu rosto até virar purê por nenhuma razão imaginável exceto ser notado pelo pai. Aquele dia não era sobre David, mas a conexão fazia sentido, então a usaria. Edward e Frankie estavam aprontando alguma coisa que só os dois sabiam. Então, mandaram uma carta. Mas não arrumaram um carro e levaram Iris e Alice, certo? Seriam notados, com certeza. E onde colocariam Alice? Eles não eram o homem grande no domo, naquela noite. Não espancaram George Marsh, nem pegaram um barco para coletar dinheiro de resgate no lago Champlain. Não existia internet naquela época, e mal havia telefones. Ninguém coordena uma coisa desse tipo sem praticamente nenhum instrumento de trabalho.

Então talvez fosse coincidência. Ou alguém usara aquela carta, alguém a envolvera na trama.

E quanto a Dottie? Stevie caminhava na base do gramado, além das estátuas de Esfinges. Dottie entendia sobre mitos. Saberia tudo sobre o enigma da Esfinge. Ela lia o tempo todo.

Stevie parou e olhou para o Casarão de onde estava, o ponto mais distante em que alguém podia observá-lo no campus. A música tinha mudado para um jazz acelerado. Era esse tipo de música que teria tocado naquele fim de semana antes do sequestro, quando acontecia a festa na casa. A casa, o coração daquele lugar, pulsando com vida e canções...

O que descobrira de Fenton, sobre a última coisa que Albert Ellingham dissera a Mackenzie? “Estava no fio.” Fio? Sem fio? Será que ele escutara alguma coisa no rádio? Será que fora uma frase insignificante? Albert só estava saindo para um passeio de barco. Não fazia ideia de que ia morrer. Poderia estar falando sobre qualquer coisa.

Mas...

O homem tinha acabado de atualizar o testamento. E se aquele adendo, de que falavam havia muito tempo, fosse real? E se Albert Ellingham tivesse mesmo reservado uma fortuna para qualquer um que encontrasse sua filha, morta ou viva?

E se soubesse que algo estava prestes a acontecer com ele? Albert tinha escrito um enigma. Finalizara seus negócios. E dissera a Mackenzie que algo estava no fio.

Stevie uma vez foi num desses restaurantes de sushi onde a comida chega por uma esteirinha. Era assim que visualizava sua mente, às vezes: os fatos vinham fluando em uma pequena pista. Às vezes sentia a necessidade de estender a mão para um deles, pegá-lo, devorá-lo. O fio.

— O fio — disse, em voz alta.

Caminhou em direção à casa. Parecia inchar conforme se aproximava. A fonte de Netuno estava desligada para a estação, e a rainha do mar a observava de seu poleiro seco.

Uma pessoa nova estava no lugar de Larry, ao lado da porta: um cara mais novo, com uniforme de uma empresa de segurança, a mesma contratada por Edward King para instalar as câmeras. O homem a deteve quando ela tentou entrar, mas Me Chame de Charles a chamou da sacada acima.

— Stevie! Pode subir aqui rapidinho?

A garota seguiu pelos degraus, passando pelo retrato da família Ellingham. Charles estava no corredor com Jenny Quinn.

— Você por acaso viu David Eastman?

— Vi ontem. Em Burlington.

— E depois?

Stevie fez que não com a cabeça. Jenny olhou para Charles como quem diz: *Viu?*

— Ele ligou, ou...

— Não. Sinto muito.

Não havia motivo para contar que David dissera que não voltaria. Aquele circo não era dela, e David não era seu palhaço em fuga. Toda aquela história desmoronaria por conta própria. Não precisava apressar as coisas.

— Tudo bem. Obrigado. Você está indo para o sótão?

Stevie assentiu.

— Se ele por acaso ligar, poderia nos avisar?

— Você viu o vídeo — disse Jenny. Não era uma pergunta.

— Eu aviso se tiver notícias — garantiu Stevie.

E continuou subindo, depois virou em direção à escada dos fundos que levava ao sótão.

Em geral, vagava um pouco ao subir ali, dando uma olhada ao redor, espiando dentro de caixas, tirando itens de estantes. Mas naquele dia, não. Tinha ido ali por causa de um objeto específico, precisava encontrá-lo. Estava dentro das caixas com os pertences do escritório de Albert Ellingham. A poeira e o cheiro de papel velho fizeram seu nariz coçar. Tantas coisas de escritório: tachinhas, rolos de fita

petrificados, a transparência virara âmbar com o tempo, blocos de anotações com o nome dele gravado em relevo, amarelados e vazios, tesouras, pesos de papel, abridores de cartas, frascos de tinta secos...

E um monte de bobinas marrons e brancas com as palavras WEBSTER-CHICAGO. Ao lado, num pedaço de papel colado com fita amarelada, lia-se: DE. Stevie investigou mais, puxando do fundo da caixa algo que até então parecera insignificante. Era uma caixa de papelão, a embalagem das bobinas. Stevie sabia disso porque havia uma imagem de um dos produtos desenhado no rótulo. Nela lia-se: FIO DE GRAVAÇÃO WEBSTER-CHICAGO.

— Fio de gravação — disse, em voz alta. — *Fio de gravação.*

Se aquilo era uma gravação, a pergunta era: que droga se usava para tocar? Se existiam fitas, era óbvio que algum aparelho as *criara*. Stevie girou no corredor apertado. A música mudou de novo, assim como seu pensamento. Convenientemente, Albert Ellingham deixara um guia das coisas em sua casa e de onde ficavam, e o fez em formato de uma casa de bonecas gigante. Stevie se apressou até o outro lado do sótão, puxou o lençol e, com cuidado, abriu a miniatura. Ela se agachou na frente do minúsculo escritório de Albert Ellingham, sentindo-se como uma gigante olhando de cima para a vida de um grande homem. Reconhecia muitas coisas ali: algumas tinham se movido um pouco, mas surpreendentemente pouco mudara, em termos de localização e decoração. Ali estavam as cadeiras de couro, os tapetes de caça, as duas mesas cobertas de minúsculos papéis e telefones apenas um pouco maiores do que a unha do dedão de Stevie. As estantes estavam cheias de livros impossíveis, de tão pequenos. Ali estava o globo, o relógio de mármore verde na cornija e...

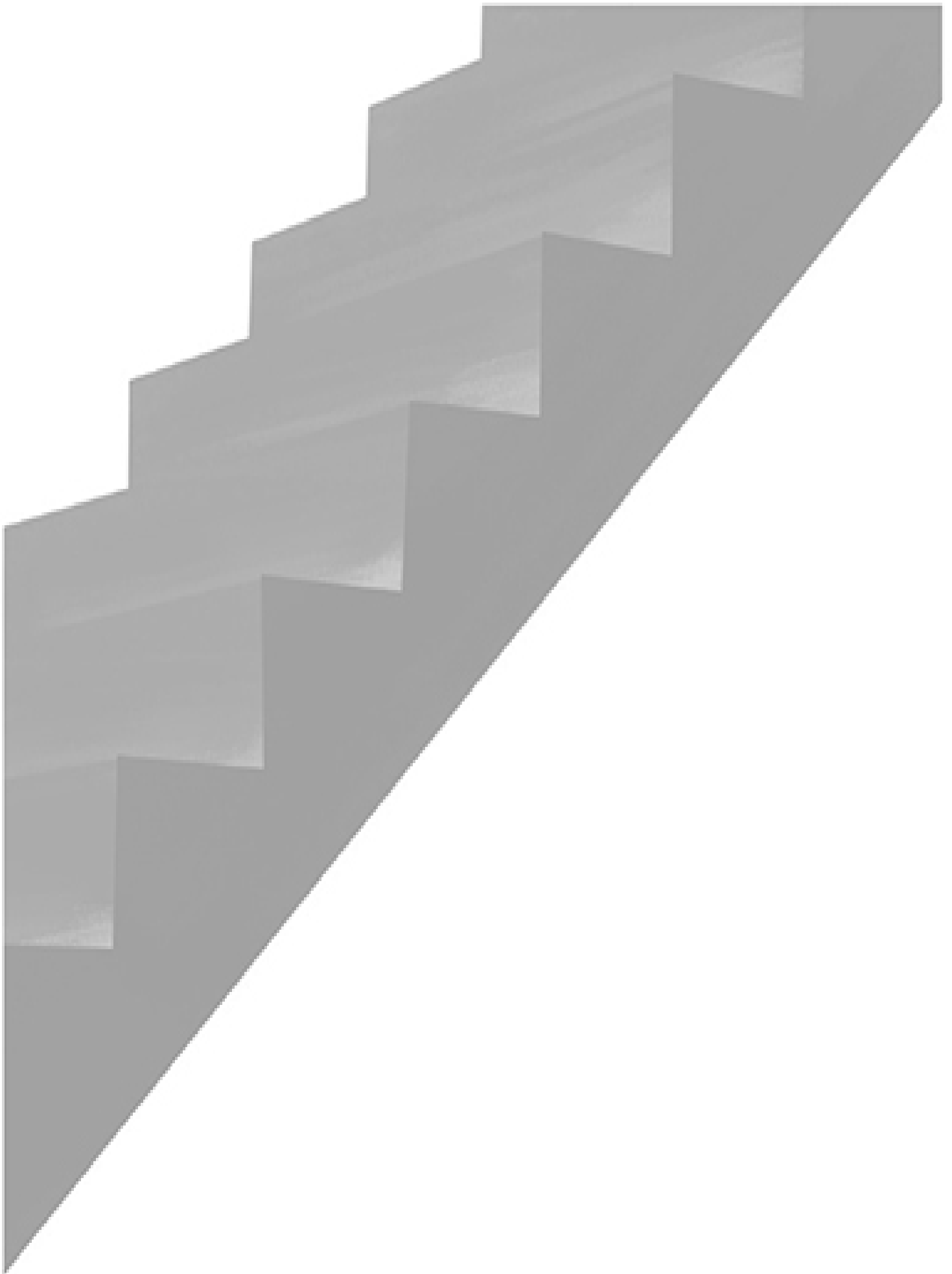
Um armário com um pequeno e estranho objeto em cima, mais ou menos do tamanho de uma impressora. (Bem, esse era do tamanho de uma caixa de fósforos, mas representava algo do tamanho de uma impressora.) Stevie estendeu a mão para dentro da casinha e pegou a miniatura. Poderia ter sido um rádio, mas as palavras que pareciam ter sido pintadas com um pincel fino diziam: WEBSTER-CHICAGO.

O aparelho.

Com a versão pequena como referência, só faltava achar o original. Os Ellingham tinham tanta coisa: centenas e milhares de objetos, mas nada mais importava nesse momento, exceto *esse*. Trabalhou metodicamente, começando pela primeira estante de materiais de escritório. Tirou um objeto depois do outro, vasculhando documentos, puxando antigas listas telefônicas, manchando a ponta dos dedos de poeira e sujeira. Escalou as estantes de metal quando precisava alcançar mais alto, sem testar de verdade se aguentava o peso. O aparelho precisava ser encontrado.

Levou quase duas horas. A máquina estava numa grande caixa de papelão embaixo de uma caixa pesada cheia de gravações. Devia pesar quinze quilos. Era prata e marrom, muito elegante e com estilo *art déco*, as palavras WEBSTER-CHICAGO ainda um pouco lustrosas. Olhou para as cordas grossas e velhas, as bobinas, os botões. Sequer tinha certeza de que seria seguro ligar aquilo na tomada, ou como faria o objeto funcionar.

Por sorte, Stevie conhecia um gênio.



— Muito bem — disse Janelle, afivelando o cinto de ferramentas. — Vamos dar uma olhada nisso.

O gravador antigo fora colocado em cima de um carrinho no meio da cabana de manutenção. Janelle tinha uma expressão de pura alegria e um par de óculos de proteção no topo da cabeça.

A única coisa boa da nova gestão de segurança era que Larry não estava ali para questionar por que Stevie precisava tirar aquele trambolho poeirento do sótão. A menina apenas alegou que tinham pedido para ela levar a máquina até a cabana de manutenção para ser limpa, e a pessoa na mesa assentiu. Carregou o trambolho com dificuldade até o local, onde Janelle, Nate e Vi já aguardavam. Nada chamava mais a atenção de Janelle do que uma mensagem de PRECISO DE VOCÊ PARA CONSERTAR UMA MÁQUINA.

Janelle começou limpando delicadamente o exterior da máquina com um pano, então abriu a tampa, expondo as quatro bobinas do velho mecanismo. Ela se abaixou para examinar o aparelho, andando ao redor e espiando o interior. Então, fechou a caixa e a virou.

— Preciso tirar a carcaça — declarou, aproximando-se de uma parede de ferramentas e desconectando uma parafusadeira sem fio do carregador.

Nate estava sentado no chão, de pernas cruzadas, olhando para o celular. Vi tinha se acomodado numa pilha de madeira e observava a namorada com uma expressão descarada de *Você fica gata mexendo nessas ferramentas*. Stevie se remexia, inquieta, às vezes se recostando numa parede, se acomodando ao lado de Nate ou andando até a porta. Mais de uma vez, atravessou o cômodo até o lugar onde costumava ficar a caixa de gelo seco, a substância que causara a morte de Hayes. Tinha sido levada, possivelmente para sempre, ou talvez enfurnada em outro canto. No lugar, tinham colocado pás e ancinhos recostados contra a parede.

Houve um rápido *bzzzzzzzzt* quando Janelle acionou a ferramenta para soltar os parafusos que mantinham a carcaça da máquina no lugar.

— Vai nevar em alguns dias — comentou Nate, erguendo o olhar do celular. — Muito. Tem algum tipo de nevasca mostra a caminho.

— Ah, que bom! — disse Janelle, repousando a parafusadeira no chão. — Eu amo neve! Aposto que fica incrível aqui em cima.

— Você gosta de muita neve? — perguntou ele.

— Sim, mas defina “muita”. Eu sou de Chicago. Lá neva.

— Quase um metro. Talvez mais, considerando os montes formados pelo vento.

— Isso... é realmente muita neve — respondeu Janelle em tom de aprovação.
— Você provavelmente não gosta, certo?

— Ah, eu gosto. Quando neva, é socialmente aceitável não sair de casa.

A gargalhada de Janelle ecoou de um extremo ao outro da oficina enquanto ela virava a máquina com cuidado e tirava a estrutura externa, expondo o mecanismo nu por baixo. Tratava-se de uma bagunça cinza e marrom de bobinas e fios e peças sujas de metal.

— Que menina linda — comentou Janelle. — E suja. Antes de qualquer coisa, precisa de uma limpeza.

— Acha que pode fazer isso funcionar?

— Você precisa ter um pouco de paciência — retrucou Janelle, baixando os óculos de proteção para a frente dos olhos. — Preciso fazer minhas coisas. Vou usar um pouco de ar para ajudar na limpeza.

Ela pegou algo que parecia uma arma de brinquedo bruta com um cano fino e comprido como um bico de beija-flor. Enfiou-o na máquina e começou a jogar ar lá dentro, soltando pequenas nuvens de poeira e detritos.

— Ok — continuou Janelle, erguendo os óculos de proteção e guardando a pistola de ar no cinto. — Isso parece ter sido muito bem preservado. Acho que o que eu preciso fazer é trocar esses capacitores e talvez instalar um novo cabo de alimentação. Tem capacitores na minha caixa de suprimentos. E vou encontrar, desencapar e conectar um cabo novo.

Todo esse papo estava afetando Vi, que já parecia ter olhos em formato de coração.

— O amor está no ar — comentou Nate, baixinho. — E o amor talvez esteja em cima da sua máquina daqui a pouquinho.

Depois de mais ou menos uma hora de trabalho, Janelle enfim fechou a máquina, falando:

— Muito bem. Vamos ver.

Ela girou um dos botões, e as bobinas começaram a girar. Stevie e Nate se levantaram de um pulo.

— Você conseguiu? — perguntou Stevie. — Jura?

— Claro que consegui — respondeu Janelle, enfiando a mão dentro do sutiã e tirando um gloss labial, que passou sem nem olhar. — Sou a rainha das máquinas.

Vi a abraçou.

— Muito bem — disse Stevie, entregando o fio —, e como isso funciona?

— É, eu estava pesquisando isso — informou Vi, soltando Janelle. — As pessoas colecionam essas coisas. Tem muitos tutoriais. Esse foi o melhor que

encontrei.

Ela passou o celular para Janelle, que assistiu a um vídeo. Então pegou o fio e o enrolou na bobina, consultando o tutorial algumas vezes.

— Acho que é isso — anunciou. — Não quero gravar por cima. Acho que é assim. Quer testar?

Stevie assentiu, e Janelle acionou o botão. O fio girou na bobina. Por um momento, houve apenas estalos e chiados, então alguns barulhos ocos, como de alguém batendo num microfone. Então... uma voz. Grave, masculina. Albert Ellingham, sem dúvida.

— Dolores, sente-se aqui.

— Sentar?

Era uma voz de garota. Dolores Epstein estava falando. Stevie cambaleou, em choque. Dolores era uma personagem, uma pessoa do passado, perdida. Mas ali estava, no meio deles, a voz alta e clara, com sotaque nova-iorquino pesado.

— Bem ali. E se incline um pouco para perto do microfone — disse Albert Ellingham.

Janelle se virou para Stevie, os olhos arregalados e cheios de empolgação.

— Ótimo — continuou o diretor. — Agora tudo o que você precisa fazer é falar normalmente. Quero perguntar um pouco sobre suas experiências em Ellingham. Estou fazendo algumas gravações sobre a escola para que as pessoas saibam que tipo de trabalho realizamos aqui em cima. Então, Dolores. Antes de nos conhecermos, você se metia em todo tipo de confusão, não é mesmo?

— Isso é para o rádio? — perguntou Dottie.

— Não, não. Pode falar livremente.

— Eu gosto de olhar por aí, só isso.

— E isso é bom! Eu era igualzinho.

— Meu tio é policial em Nova York. Ele diz que pareço um homem do segundo andar.

— Homem do segundo andar?

— Homem do segundo andar é como ele chama um ladrão que, como o nome sugere, entra pela janela do segundo andar. Ligeiramente mais sofisticado que um batedor de carteiras. Mas, para ser sincera, foi meu tio quem me ensinou a entrar nos lugares. Policiais sabem todos os truques. Eu sempre tive interesse em cadeados e coisas do tipo.

— O que você pensou quando chegou aqui? Deve ser muito diferente de Nova York.

— Bem, honestamente, eu fiquei com medo.

— De quê?

— Estou acostumada à cidade. Não a florestas. Florestas são assustadoras.

— Florestas são adoráveis!

— E escuras e profundas, como diz o poeta Robert Frost. Quando contei ao meu tio que vinha para cá, ele disse que ficaria tudo bem, porque vocês têm um homem do sótão.

— Um homem do sótão?

— Outro coloquialismo. O que fica acima do segundo andar? O sótão. Meu tio sempre disse que os policiais que ficam de tocaia para pegar homens do segundo andar no flagra precisam estar acima dos gatunos. Tem um policial de Nova York na escola. O sr. Marsh. Eu me senti melhor depois disso. E agora gosto daqui.

Albert Ellingham deu uma risadinha.

— Fico feliz em ouvir isso. E o que você diria ao mundo sobre o Instituto Ellingham?

— Bem, eu diria que é o melhor lugar no qual já estive. A escola usa elementos do sistema desenvolvido por Maria Montessori, apesar de eu também ver características do trabalho de John Dewey. Ele é daqui de Burlington, sabia?

— Não sabia. Todo dia aprendo uma coisa nova aqui na escola. Sempre aprendemos um com o outro. Assim como acabei de aprender sobre homens do segundo andar. Agora, vamos conversar sobre o que você faz aqui todos os dias. Conte sobre seus estudos...

A voz de Mudge surgiu na cabeça de Stevie de repente. Quando estavam dissecando o olho de vaca. *Bem no lugar onde todas as informações chegam, o olho na verdade não enxerga nada.*

Uma espécie de flash piscou por trás dos olhos de Stevie. Todas as peças que coletara e vira ao longo de anos lendo sobre o assunto se alinharam no lugar. Queria se mover um pouco por ali, então precisava segurá-las, garantindo que não saíssem do lugar. Andou depressa até a porta. Não conseguia ouvir mais nada, não podia falar com ninguém, ou perderia o fio da meada.

— Ei — disse Janelle, parando a máquina. — Aonde você...

Stevie balançou a mão. O céu assumira um tom rosa chiclete, e o ar estava úmido e congelante. Um ar bom e limpo para pensar. Era por isso que Albert Ellingham tinha comprado aquele terreno, em primeiro lugar: achava que o ar fresco era favorável ao aprendizado e ao pensamento. Talvez estivesse certo. Depois que você se acostumava a ter um pouco menos de oxigênio, tudo parecia passar um bocado mais rápido.

Pense, Stevie. O que estava deixando passar? O que tinha visto?

As torres escuras da biblioteca faziam um forte contraste contra o céu cor-de-rosa. A biblioteca! Dottie deixara sua marca na biblioteca.

Stevie desatou a correr. Entrou feito um raio pela porta no momento em que Kyoko parecia estar finalizando seu turno. Ela foi quase deslizando até a mesa da

bibliotecária.

— Kyoko... Eu preciso de uma coisa.

— Não pode esperar até amanhã?

Stevie fez que não.

— O livro. O livro de Dottie. Sherlock Holmes.

— *Isso* não pode esperar?

— Por favor. Vai ser bem rápido. Cinco minutinhos. Dois.

Kyoko revirou um pouco os olhos, mas estendeu a mão para baixo, pegou a chave e abriu o escritório dos fundos. Stevie foi atrás, passando pelas estantes de metal e pelas caixas até chegar à fileira onde ficavam os tesouros de 1936. A mulher tirou o livro branco amarelado da caixa.

— Vá depressa, mas tome cuidado — disse, entregando o volume.

Stevie o pegou como se fosse um objeto sagrado e o carregou até uma das mesas de trabalho.

— Para que você precisa disso com tanta urgência? — perguntou a bibliotecária.

Mas Stevie não ouviu. Estava ocupada procurando uma coisa que já tinha visto, algo tão pequeno, um detalhe...

Ali estava, em *Um estudo em vermelho*. Uma marca no livro, uma linha feita toscamente a lápis: *Sherlock disse: “Considero que, originalmente, o cérebro do homem é como um sótão vazio, e é preciso escolher as mobílias que o encherão.”*

Em *Um estudo em vermelho*, é encontrado um corpo com a palavra RACHE escrita com sangue. Rache é *vingança* em alemão. Um sinal da vítima indicando o que havia acontecido.

— Achou o que estava procurando? — perguntou Kyoko, debruçando-se sobre a mesa.

— Achei.

Stevie quase tropeçou ao se levantar, prendendo o pé na perna da mesa, na afobação.

— Você está bem?

— Aham... Ótima. Definitivamente ótima.

Ela fechou o livro, afoita, e o passou de volta a Kyoko, que o devolveu com cuidado à bandeja.

— Obrigada — disse. — Eu preciso... Obrigada.

Stevie se apressou pela biblioteca, passando pelos alunos que trabalhavam às mesas, imersos em seus fones de ouvido. Lá fora, inspirou fundo, sentindo o ar cheio de delicados flocos de neve, que flutuaram para dentro do nariz e derreteram no fundo da garganta. Ela tirou o celular do bolso e ligou para Fenton.

Tocou cinco vezes.

— Vamos lá — disse Stevie, quicando nos calcanhares. — Vamos lá...

Ela andou de um lado ao outro da biblioteca.

— Alô?

A voz de Fenton estava alta e arrastada.

— Oi — disse Stevie. — Preciso falar com você. Eu...

— Não posso agora, Stevie — falou ela, interrompendo.

— Não, você não está entendendo — insistiu Stevie, tentando não gritar. — Eu...

— Agora não... — retrucou a mulher, a voz baixando para um sibilo. — Ligo para você já, já. A criança está aqui. *A criança está aqui!*

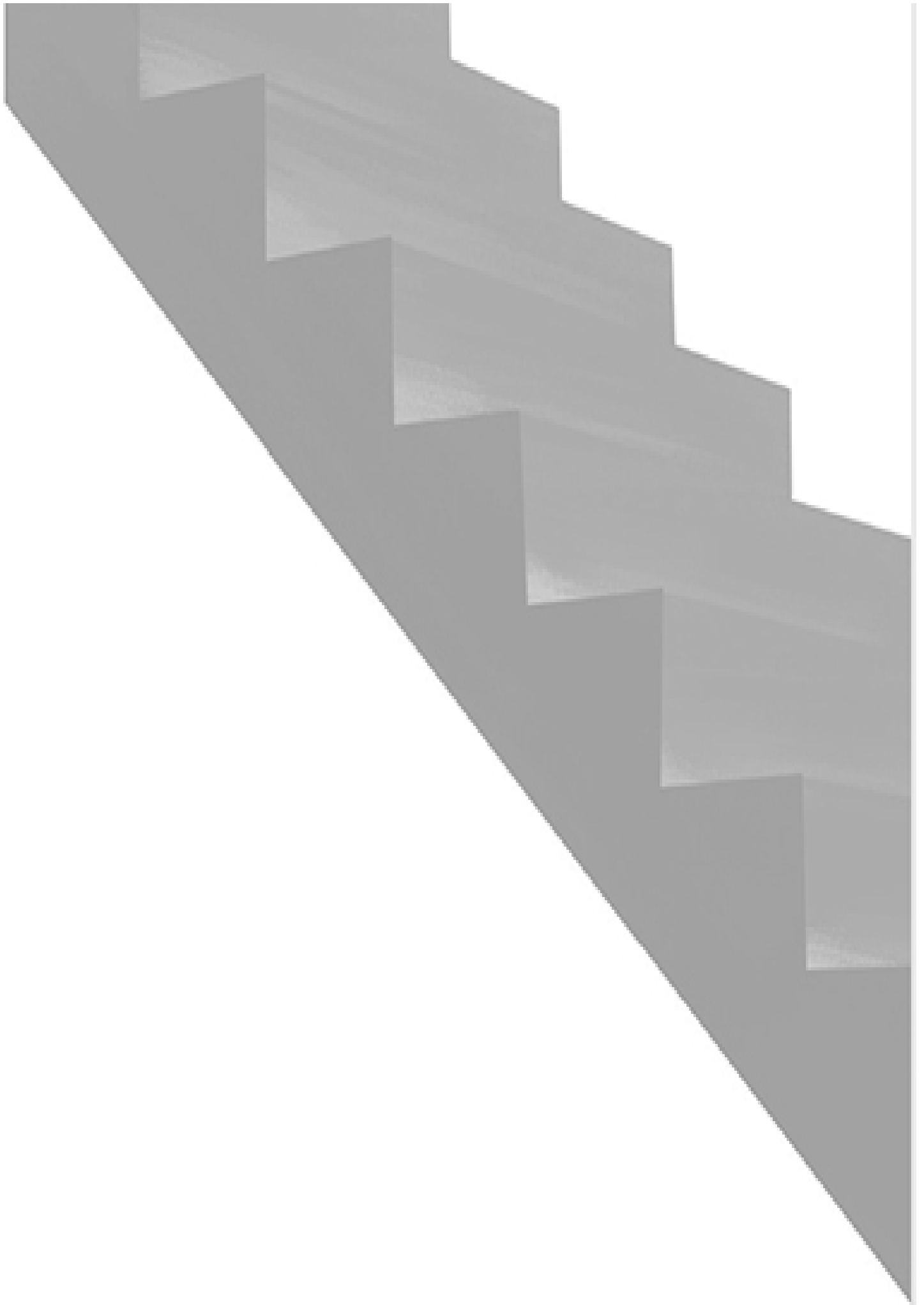
— O quê?

E, com isso, ela desligou.

Stevie ficou parada com o celular ainda pressionado à orelha, a superfície de vidro esfriando e embaçando com a respiração. Avançou pelo caminho de pedras. Os sons ecoavam mais alto no frio. Cada passada era nítida e distinta.

Como Fenton podia simplesmente desligar na sua cara? Como podia estar sozinha no escuro daquela montanha, sem ninguém para compartilhar aqueles fiapos de pensamento trançados pelos ratinhos em seu cérebro?

Como podia explicar que sabia quem tinha sequestrado Alice e Iris Ellingham?



30 de outubro, 1938, 17 horas

Era uma cena idílica: *País das Maravilhas*, o pequeno veleiro esportivo day-sailer de Albert Ellingham, da marca Sparkman & Stephens, flutuando sem rumo nas águas do lago Champlain. Tinha uma vela vermelha e outra branca, ambas retesadas e a postos, por mais que o barco boiasse tão suavemente. A bela tarde de outubro em Vermont estava supersaturada, como se tivessem derramado uma caixa de tinta sobre a paisagem. Albert Ellingham mantinha uma das mãos frouxas sobre o leme. George Marsh estava acomodado nos assentos acolchoados da borda do barco, confortavelmente recostado para trás, os braços bem abertos, aproveitando a tarde.

— Você lê muito, George? — perguntou Albert.

— Não.

— Pois deveria, deveria. Ler é um dos maiores prazeres da vida; talvez o maior.

— Você nunca deve ter fumado um charuto cubano.

Albert Ellingham riu.

— É verdade. Todo o dinheiro, todo o poder... Nada se compara a um bom livro. Um bom livro dá tudo. Dá uma janela para outras almas, outros mundos. O mundo é uma porta. Livros são a chave.

— Olha, já me perdi nessa conversa...

— E quanto a Sherlock Holmes? Já leu *Um estudo em vermelho*? Com certeza já leu esse, certo?

— Temo que não.

— Pois deveria, deveria mesmo. O conto apresenta Sherlock Holmes. É uma história maravilhosa, muito instrutiva. Nela, você aprende como aquele detetive vê o mundo e conduz seu trabalho. Como um agente da lei, deve lhe interessar. Na verdade, essa história me transformou em quem eu sou. Quando garoto, morando no orfanato, tínhamos poucos livros. Mas havia essa coletânea de Sherlock Holmes. Aquele livro... Ah, devo ter lido aquilo cem vezes ou mais. A história me ensinou a olhar... a enxergar o mundo ao meu redor. É um dos textos mais instrutivos já escritos.

— Muito bem. — George Marsh riu e pegou um cigarro. — Você me convenceu. Vou fazer um cartão na biblioteca.

— Então já fiz minha boa ação do dia. Ah, e peço desculpas, George. Nada de fumar no barco, se não for incômodo. Fogo e barcos não combinam muito bem.

George Marsh assentiu e prendeu o cigarro atrás da orelha.

— Vou baixar a âncora. Vamos ficar aqui um pouco. Gosto da Maquam Bay.

Albert Ellingham desenrolou a corda de uma polia com toda a calma e a enroscou na mão, baixando a âncora dentro da água.

— Sabe — continuou, enquanto trabalhava —, quando encontraram Dottie Epstein, ela estava lendo Sherlock Holmes. É comum esquecerem dela, nisso tudo. A culpa é minha. Eu só penso em Iris, em Alice... A pequena Dottie Epstein, do Lower East Side, fica deixada de lado nessa confusão. Não é certo. Ela merece mais.

— Pobre garota — comentou George Marsh, balançando a cabeça.

— Dolores Epstein — disse Albert Ellingham. — Dottie, como ela gostava de ser chamada. Garota excepcional, verdadeiramente excepcional. E foi a primeira aluna que escolhi para a escola. Já contei isso?

George Marsh balançou a cabeça.

— Não? — continuou Albert. — Não... Suponho que o assunto nunca tenha surgido. Ouvi falar dela por uma das melhores bibliotecárias da biblioteca pública, uma garota da Avenue A que lia obras em grego e entrou de fininho numa das salas de livros raros três vezes. Diziam que causava encrenca, mas encrenca boa. Encrenca boa. Você me entende, George?

— Entendo. Tem um pouco de encrenca boa em você, se me permite a observação.

— Imagina, imagina. Fico agradecido. Eu fui à escola dela, conversei com o diretor. Deu para perceber que ele estava tão feliz por se livrar dela quanto de coração partido. Não é todo dia que se encontra alunos assim. Eu me lembro da alegria no rosto dela quando chegou ao instituto, quando foi à biblioteca e descobriu que podia pegar qualquer livro que quisesse... George, eu sou um homem rico. Tenho muitos bens. Mas vou falar uma coisa: o meu dinheiro mais bem-gasto foi nos livros de Dottie Epstein. Eu estava alimentando uma mente. Aquela era uma menina formidável.

— Foi terrível o que aconteceu — comentou George Marsh, assentindo solenemente.

— Mais do que terrível. Mais do que terrível. Tanto foi perdido naquele dia... A mente dela. E, sabe, no domo, quando a encontraram, havia um exemplar de *As aventuras de Sherlock Holmes*. Ela estava lendo quando aconteceu. Tão estranho...

Albert Ellingham fez uma pausa, apertando a corda ao redor dos dedos antes de desenrolá-la. O barco virou suavemente e oscilou na mesma posição.

— Sabe — continuou, depois de um instante —, naquele volume, vi que ela sublinhou um trecho famoso: “Considero que, originalmente, o cérebro do homem é como um pequeno sótão vazio.” Eu andei pensando sobre essa frase que ela marcou. Não foi feito com capricho; era um rabisco a lápis. Tosco. Torto. Não havia mais marcas no exemplar. Mas quem pensa sobre uma marca que algum aluno

deixa num livro? E eu estava tão absorto pensando em Iris e Alice. Estava olhando, como Watson, mas falhei em observar. Porém, alguma coisa deve ter se infiltrado na minha mente. Sabe como a mente trabalha num problema? Ela tiquetaqueia em segundo plano. Aquele sublinhado... Aquilo me *incomodava*.

Albert Ellingham estreitou um pouco os olhos quando o barco virou na direção do sol poente.

— Fui até a biblioteca e dei uma olhada nos livros que Dottie Epstein pegara emprestado. Nenhuma marca neles, George. Confirmei isso com a bibliotecária. Ela verificava detalhes assim. Nada passa despercebido por bibliotecárias. Poderia ter sido outro aluno, é claro, mas, ao que parece, Dottie gostava tanto daquele livro que era a única a pegá-lo emprestado. Andava com o livro para cima e para baixo. Acho que muitos dos outros estudantes estavam acostumados a ter os próprios livros e não usavam tanto a biblioteca quanto ela. Fui um pouco além. Olhei o relatório da polícia sobre o que foi encontrado no domo e no porão. Um lápis achado no chão da sala de bebidas, que tinha rolado para um dos lados do cômodo. Era um detalhe bobo. Um dos lápis dos alunos. São azuis e têm “Instituto Ellingham” escrito na lateral. Portanto, é razoável concluir que Dottie fez aquela marca no livro, e que a fez naquele dia, no domo. Mas por quê?

— Pode ter sido um acidente — sugeriu George Marsh. — Ela se assusta, ou alguém a segura, e ela risca a página sem querer...

— Não, eu entendo por que você pode imaginar isso, mas não. Um risco accidental não seria tão preciso. Aquela frase foi sublinhada deliberadamente. Acho que Dottie Epstein estava se esforçando para mandar uma mensagem que esperava que eu entendesse. Ela estava contando comigo, e eu a decepcionei.

— Albert — disse George —, você não pode fazer isso consigo me...

Albert Ellingham sacudiu a mão, rejeitando a repreensão.

— Agradeço pelo que está tentando fazer, George, mas é verdade. Eu entendia Dottie. Ela jogava. O tio era da polícia de Nova York, na verdade, igual a você. Ela alega que aprendeu muitas das técnicas de invadir lugares com *ele*.

Albert Ellingham deu uma risadinha, e George Marsh sorriu.

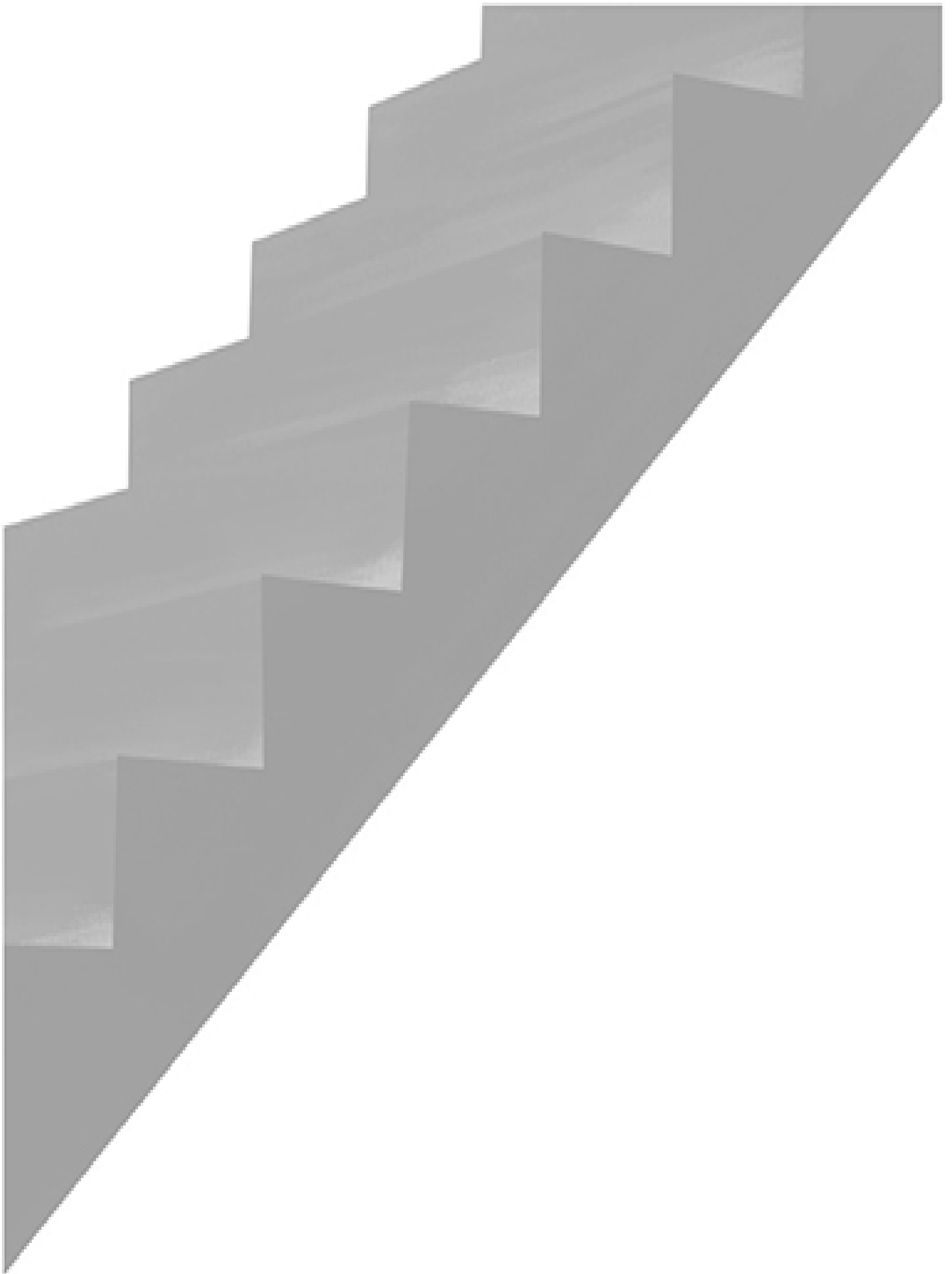
— Sim, ela era uma garota muito esperta, a Dottie, e não era derrotada sem lutar. Ah, me faça um favor. Tem um painel embaixo do seu assento. Estique a mão entre as pernas e deslize o tampo para a esquerda. Dê uma olhada dentro.

George Marsh se abaixou como o instruído e abriu o painel. Embaixo de seu assento havia aglomerados de bastões escuros de explosivos, firmemente presos à estrutura do barco.

Albert Ellingham olhou direto para o sol.

— O barco está cheio — informou, tranquilo. — Tem mais quatro conjuntos iguais a esse. O cabo do detonador está instalado e conectado à corda na minha

mão. Se eu soltar isso, nós dois vamos pelos ares. Eu poderia ter usado uma arma, mas é fácil demais tirar a arma da mão de alguém, e não gosto de revólveres. Francamente, não confiaria em mim mesmo. Meu desejo de atirar em você é forte demais. A situação exige certo controle próprio, se eu quiser descobrir tudo o que preciso saber. Sua única opção agora é ficar bem paradinho e me contar como tudo aconteceu.



Stevie se sentou no chão de concreto da cúpula, sentindo o frio penetrar pela calça jeans. Estava rodeada por pétalas de flores secas e mortas. Muitos dos tributos não estavam mais ali, mas um cartão solitário escapara da equipe de manutenção, com suas vassouras e seus sacos. Era um pequeno pedaço de papel azul cujas bordas tinham sido coladas à mão com purpurina preta. A mensagem estava escrita numa dessas fontes chiques usadas por pessoas que levam seus diários muito a sério. Lia-se: NUNCA DIGA MORTO, NUNCA PERMANEÇA MORTO. TE AMO PARA SEMPRE, MELODY.

Stevie baixou o papel no chão.

Não tinha nenhuma prova, claro. Não poderia ir ao tribunal. Não podia escrever um livro imediatamente. Não que soubesse como escrever um livro. Tinha visto Nate tentando escrever, e o processo parecia terrível. Nunca de fato decidira o que faria quando solucionasse o caso. Para quem contaria? Gritaria para a Lua? Postaria no Twitter? Atualizaria seu perfil do Facebook e se descreveria como “solucionadora de casos”?

E era por isso que precisava falar com Fenton. Stevie encarou o celular.

— Por que você não toca? — perguntou para o aparelho.

O telefone ficou ali, apagado e alheio. Ela o desbloqueou e mandou uma mensagem para Hunter.

O que sua tia está fazendo? Preciso falar com ela agora. Pode pedir para ela me ligar?

Stevie encarou a tela, esperando para ver se o status da mensagem mudaria de enviada para lida. Nada.

Respire.

Ela se levantou e andou em círculos, passando as mãos pelo cabelo curto, sentindo a lateral dos dedos deslizar para cima e soltar os nós. O que podia fazer com esse pensamento? Como poderia verificar a veracidade de seu trabalho?

Só havia uma opção, claro. Fazer como nas histórias. Juntar os suspeitos, repassar a teoria do crime. Não fisicamente, óbvio. Em sua mente. Invocaria os mortos. Colocaria todos em fila. Analisaria um ponto por vez.

Ao redor da cúpula, organizou um círculo de cadeiras imaginárias. Em duas delas, posicionou Edward Pierce Davenport e Francis Josephine Crane. Edward tinha a beleza exuberante e poética. Francis, o cabelo anguloso e preto como um corvo. Francis estava vestida num conjunto de saia e suéter com estampa chevron. Justo. De lã. Marrom e creme. Também usava uma boina bem inclinada para a direita. Edward vestia camisa branca, a gravata frouxa ao redor do pescoço e colete preto aberto. Estava debruçado sobre os joelhos e encarava Stevie com olhos

brilhantes, enquanto Francis se mantinha recostada para trás, com uma expressão tranquila e ponderada.

— Vocês — disse Stevie para os dois, em voz baixa. Não havia ninguém à vista, e falar em voz alta ajudava. — Vocês queriam ser fora da lei.

— Nós *éramos* fora da lei — retrucou Francis.

— Nós escrevemos o poema — completou Edward.

— É um poema estúpido — respondeu Stevie. — Eu já *li* seus poemas. Vocês são poetas ruins.

Edward se inclinou para trás, ofendido.

— Seu poema idiota atrapalhou o caso por anos — continuou Stevie, dando voltas no espaço. — Todo mundo pensou que o caso fosse sobre o Cordialmente Cruel. Mas não *existe* Cordialmente Cruel nenhum.

— Nós só estávamos brincando — explicou Francis. — Como no poema. *O rei era um coringa que vivia no topo na montanha e queria fazer as regras. Então Frankie e Edward deram uma cartada e as coisas mudaram deveras.*

— Mas vocês escreveram isso antes de saírem da escola — argumentou Stevie —, antes de tudo dar errado. Vocês não faziam ideia do que estava por vir. Tinham outra coisa em mente.

Francis sorriu em silêncio.

— Então vocês estão envolvidos nisso — concluiu Stevie —, mas não são os responsáveis. Não. Vocês não eram a pessoa que nunca estava lá, aquela numa escada, mas nunca num degrau. É preciso *tirar os degraus*; era isso que ele estava dizendo. Se tirar os degraus, sobra...

A figura de George Marsh se materializou na cadeira ao lado de Francis. Vestia um terno de risca de giz e um chapéu fedora. Era um homem grande, de estrutura forte, com mandíbula quadrada. Ele cruzou os braços e encarou Stevie, desafiando-a.

— Você não tem nada contra mim — afirmou. — Eu sou do FBI. Sei quando uma pessoa não tem evidências o suficiente para usar no tribunal.

— Você está errado — retrucou ela. — Você cometeu um erro. Foi visto por alguém *que ama mistérios*.

Mais uma figura fantasmagórica apareceu no círculo: uma garota de cabelo cacheado e dentes espaçados. Usava um vestido de lã marrom simples e óculos ligeiramente tortos. Segurava um livro apertado contra o peito. A garota olhou para George Marsh por um bom tempo, então se virou para Stevie e assentiu. Stevie assentiu de volta.

A silhueta escura das árvores, os pilares da cúpula e as estátuas; todos eram testemunhas.

— Peguei você — disse para Marsh.

Seu celular tocou. O círculo fantasma evaporou na noite, deixando Stevie sozinha com as pétalas.

— Você vai voltar? — perguntou Nate. — O que está fazendo?

— Você não vai acreditar.

— Veremos.

— Eu solucionei o caso.

Uma pausa.

— Onde você está?

— Na cúpula.

— Estou indo — disse ele.

Stevie baixou o celular e olhou as mensagens de novo. Hunter ainda não lera a sua. Que droga Fenton estava fazendo? *Agora não... A criança está aqui. A criança está aqui!* Claro que as pessoas diziam coisas estranhas quando estavam bêbadas, mas aquilo era tão específico, tão insistente...

De repente, seu cérebro começou a coçar.

Claro que às vezes as pessoas não atendiam ao telefone. Às vezes as pessoas diziam coisas estranhas. Mas eram duas coisas separadas. Olhou para o cimento sobre o qual estava de pé. Os resquícios do tributo a Hayes se amassavam sob seus sapatos. Ellie estivera embaixo deles desde o começo, o tempo todo. Tinham andando sobre ela. Será que Ellie escutara as pessoas lá no alto, seus amigos passando acima de sua cabeça enquanto o ar se tornava rançoso, enquanto ela tremia, enquanto passava fome e desidratava? O medo deve ter sido extremo, pior do que qualquer coisa que Stevie já sentira. Será que ela reparou que estava morrendo lá embaixo, no escuro? Será que ficou amiga da escuridão, da coisa que foi buscá-la lá dentro? Daquele amigo traiçoeiro nas sombras que chegou para levar sua dor e seu medo...

Por que o telefone estava tão silencioso?

Larry disse que ela podia. Disse que ela podia ligar a qualquer momento. Stevie abriu e fechou as mãos várias vezes, então fez a ligação. Larry atendeu no segundo toque. Stevie ouviu a televisão aos fundos e um cachorro latindo.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— Não sei.

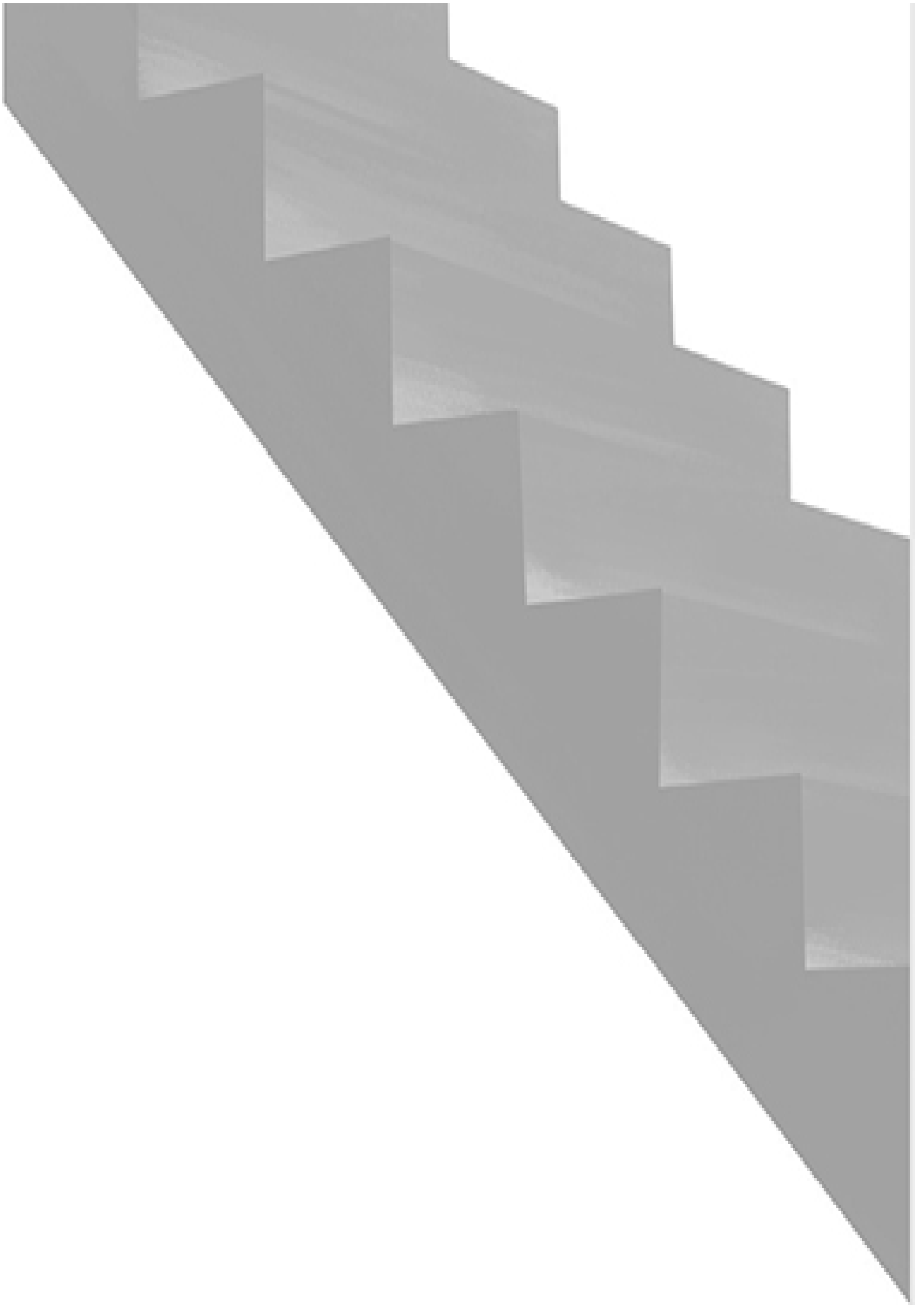
— Tudo bem. Conta do começo.

— Eu sei quem sequestrou Alice e Iris. E quem matou Dottie.

— O quê!?

— Mas não é isso — continuou, respirando depressa. — Não é esse o problema. Eu acho que... estou preocupada? Com a professora com quem trabalho em Burlington. E não sei por quê. Tem alguma coisa errada. Eu sinto.

— Me passa o endereço dela — pediu Larry.



30 de outubro, 1938, 18 horas

Fazia silêncio no veleiro havia muito tempo. George Marsh e Albert Ellingham olhavam um para o outro enquanto o céu assumia um tom vulcânico de vermelho e laranja. Estava começando mais um pôr do sol sensacional de Vermont.

— Vai escurecer logo — disse Albert, quebrando o silêncio. — Fica muito tranquilo aqui, à noite.

A água bateu de leve contra o casco do barco.

— Albert...

— Não, não. É tarde demais para isso, George. Guardar segredos é exaustivo. Sei por experiência. O fardo a princípio parece suportável, mas, conforme o tempo passa, fica mais pesado. Puxa a pessoa para baixo. Agora está na hora de se livrar desse fardo.

— Albert...

— Veja bem — continuou Albert Ellingham, ignorando a interrupção. — Eu escolhi a garota certa ao selecionar Dottie Epstein. Ela era uma em um milhão. Não sei ao certo se outra pessoa conseguiria me fornecer a resposta. — Então supirou, se voltando para o sol poente. — Apenas lamento ter demorado tanto, Dottie. Fui lento. Decepcionei você. Mas finalmente cheguei lá.

Depois de uma pequena pausa, prosseguiu:

— Acho que talvez eu tenha feito essa descoberta num nível subconsciente, George. Como policial, você deve conhecer a sensação. Você sabe num nível inalcançável. Era claro que alguém dentro da casa tinha que estar envolvido no sequestro. Mandeí investigar cada centímetro da vida de todo mundo. Descobri sobre a cocaína do Leo, que Iris estava usando. Descobri tanta coisa que eu não queria saber sobre tanta gente, mas não descobri nada que explicasse o que aconteceu com Iris ou Alice. O detalhe mais óbvio foi o que eu deixei passar. É verdade que a gente nunca vê o que está bem diante de nossos olhos. Eu escrevi um pequeno enigma para mim mesmo outro dia. Era assim: “Onde você procura alguém que não está ali de verdade? Sempre numa escada, mas nunca num degrau?” Às vezes os enigmas vêm de maneira automática. Minha mente os elabora, e tenho que resolvê-los. E podemos tentar muitas coisas quando estamos em busca da solução de um enigma. Sempre numa escada, mas nunca num degrau. O que sobra numa escada, quando se tira os degraus? Me diga.

— É... o corrimão? — sugeriu George Marsh, relutante.

— *Exatamente*. É ele que dá segurança. E quem mais tem essa função? Um policial. Quem nunca está realmente ali? O hóspede que não é um hóspede? Quem está ali para proteger, que nunca faz parte do crime? Era você quem sobrava nessa

escada sem degraus. Dottie me contou. Ela me contou com suas próprias palavras. Veja bem, logo que os alunos chegaram, eu os gravei falando sobre suas experiências na escola. Estava pensando em editar um pequeno rolo para passar antes dos filmes. Dottie disse uma coisa muito incrível. Disse que estava com medo de vir para a floresta, porque era da cidade. Imagine só! Para Dottie, a cidade era um espaço seguro, e a natureza, uma coisa selvagem e assustadora. Mas o tio policial falou para ela não se preocupar. Disse que havia um “homem do sótão” na escola. Eu não fazia ideia do que isso significava, então ela me explicou que o tio muitas vezes chama ladrões de “homens do segundo andar”, e os policiais, de “homens do sótão”, que ficam de tocaia um andar acima e pulam para o andar de baixo para pegar o ladrão. O tio dela sabia quem era você: George Marsh, o famoso policial que salvou Albert Ellingham. E Dottie também sabia.

Outro barco se aproximou à distância, avançando noite adentro. Albert Ellingham ergueu a mão num cumprimento, como se não houvesse nada de errado acontecendo.

— Eu não sei a história toda — continuou, enquanto acenava. — É por isso que estamos aqui. Vou contar o que eu descobri, e você completa com o que faltar. Eu sei que na tarde do sequestro você estava em Burlington. Foi visto no correio, na delegacia... Você estava para lá e para cá quando Iris pegou o carro. Então provavelmente não estava envolvido no ato físico do sequestro, mas posso estar enganado. Você deve ter subido para a casa no fim da tarde. Imagino que a neblina deve ter ajudado; não havia muitos carros circulando, a visibilidade estava difícil. Não foram encontrados padrões incomuns de pneus, então suspeito que você tenha estacionado no lugar de sempre. Você não inventou nenhuma idiotice, como usar sapatos grandes demais e tentar deixar pegadas falsas. Se houvesse qualquer vestígio seu por aí... Bem, e daí? Você vivia na minha casa. Você é a pessoa que sempre e nunca está ali. Você entrou no túnel, subiu para o domo, e ali estava, cara a cara com uma das garotas mais inteligentes da cidade de Nova York. Você tinha algum tipo de arma, com certeza, mas Dottie tinha algo melhor. Tinha o livro. Ela olhou para você e reconheceu o homem do sótão. Talvez soubesse que tinha pouco tempo. E não deixaria você se safar. Assim como a pessoa morrendo em *Um estudo em vermelho*, ela deixou uma mensagem... Uma mensagem para mim. É a partir daqui que preciso da sua versão, George. Me explique.

— Não há nada para explicar.

— Então não temos nada para conversar, e, se não temos nada para conversar, imagino que eu deva...

Ele estendeu a mão para a corda, e George Marsh se impulsionou para a frente com a mão aberta.

— Isso não pode ser real — argumentou George. — A bomba.

— Ah, é real. Assim como minha promessa de detoná-la, se você não me contar o que quero saber.

— Por que você faria...

— Porque não tenho mais nada — completou Albert, em voz baixa. — A única coisa de que preciso é a resposta. Sei que você pode me fornecer isso. E, se não puder, vou acabar com nós dois. Pense muito bem sobre o que vai fazer, George. Perceba que eu não cheguei aonde estou fazendo promessas vãs.

O silêncio pode ser ensurdecedor. O bater da água no casco, o canto de um pássaro ao longe. Cada bater de asas e cada marola ecoava. George Marsh continuou onde estava, meio esticado para a frente, o suor brotando na testa. Ele lambeu os lábios e piscou diversas vezes. Então, o ar pareceu deixar seu corpo, e ele se recostou de volta lentamente.

— Isso mesmo — disse Albert, a voz suave. — Você entende. Coloque para fora, George. Fale e sinta o alívio. Vá em frente, meu filho. Temos todo o tempo do mundo.

Foi a brandura em sua voz que fez os olhos de George Marsh ficarem vermelhos.

— Nunca deveria ter acontecido do jeito que aconteceu — afirmou, finalmente. — É isso que você precisa entender. Nunca deveria ter tido nenhuma violência. Nunca. Só que deu errado.

— Por que você fez isso, George?

O policial entrelaçou as mãos.

— Quando comecei a andar com você e seus amigos... Eu me empolguei um pouco. Joguei cartas. Sou bom nas cartas. Estava ganhando. Então, um dia, acabei me enfiando num buraco e fiquei devendo uns vinte mil para uns caras de Nova York, uma gente barra-pesada. Eles sabiam que eu estava ligado a você, então me deixaram continuar apostando. Achei que fosse ganhar...

— Dinheiro? — perguntou Albert Ellingham. — George, se você precisava de dinheiro, por que não falou comigo?

— Para pagar *dívidas de jogo*?

— Se você precisasse de ajuda, eu teria ajudado.

— Mas nunca mais trabalharia comigo. Eu precisava sair dessa confusão e nunca mais voltar.

— Então você sequestrou minha esposa e minha filha? — A voz de Albert se elevou um pouco. Ele pigarreou e se recompôs. — Continue.

— Um dia — contou George Marsh, com a cabeça baixa —, eu vi uma aluna da escola lendo uma dessas revistas de histórias de crimes. Fui falar com ela, e a menina disse que aquela era sobre sequestro. E queria saber se eu já tinha trabalhado num caso assim. Eu disse que sim. Ela me perguntou se esses casos

tinham bilhetes, trilhas de pistas. Quanto mais ela perguntava, mais eu percebia que os sequestros em que já trabalhei tinham sido bem simples. Você pega uma pessoa, recebe o dinheiro e a devolve logo em seguida. Desde que ninguém veja seu rosto, o assunto está resolvido. Então, pensei sobre o dinheiro no cofre em seu escritório. Tudo me veio à cabeça. Eu pediria aquele dinheiro. Honestamente, achei que Iris ia...

— Ia o quê?

George Marsh ergueu o olhar das mãos inquietas.

— Gostar — disse ele.

— Gostar?

— Ela estava em busca de emoção, Albert. Estava usando cocaína. Você sabe disso. Você sabe o tipo de companhia que aquela mulher mantinha por perto. Queria diversão e aventura. Estava entediada aqui em cima. Tudo o que deveria acontecer era ela ser levada e trancada num celeiro por algumas horas. Dava para imaginá-la contando essa história durante um jantar.

Se Albert Ellingham conseguia imaginar, não falou.

— Chamei dois caras que eu conhecia; dois ladrõezinhos baratos, nem um pouco gênios. Eles roubavam qualquer coisa, mas nunca machucavam ninguém. Ofereci dois mil para cada para me ajudar por algumas horas. O trabalho deles era bloquear a estrada com o carro, e, quando Iris passasse, deveriam pegá-la, vendá-la, amarrá-la e trancá-la num celeiro a alguns quilômetros de distância. Eu pegaria o dinheiro, e depois ela seria solta. Talvez acabasse com um ou dois arranhões, mas estaria em casa, rindo. Em casa e rindo.

— Mas ela não está em casa — declarou Albert. — E não está rindo.

— Não. Não está. — George Marsh pegou o cigarro de trás da orelha. — Alice estava no carro. Acho que isso... complicou as coisas.

Ele hesitou, mas Ellingham gesticulou para que continuasse.

— Eu estava em Burlington naquele dia, como você disse. Tínhamos combinado um sinal. Eu almoçaria no Henry's, e, quando o negócio estivesse feito... Sabe, quando Iris estivesse com eles... os dois ligariam para a lanchonete e pediriam para falar com Paul Grady. A garçonete gritou por Paul Grady às 13h05. Paguei a conta e saí, mas fiquei na cidade por um tempo, de olho no escritório onde você e Mackenzie estavam trabalhando. Então, peguei a Rota Dois em direção à casa e estacionei perto de uma cabine telefônica. Um dos caras, que estava de olho para avisar quando você saísse de Burlington, me ligou. Era minha hora de entrar em posição. Tinha neblina, então não havia ninguém por perto. Eu estacionei nos fundos e entrei no túnel. Estava de cachecol, casaco e chapéu. Eu só precisava esperar no domo, pegar o dinheiro, amarrar você e dirigir de volta até a cabine telefônica. Conheço uma telefonista...

— Margo — disse Albert Ellingham. — Margo Fields. Essa era a única questão que sempre me incomodou: nós ligamos para a sua casa naquela noite, e você não teria tempo de chegar lá, se fosse a pessoa que Dottie viu. Mas logo percebi como seria simples direcionar a ligação para outro lugar. Só que Margo tinha falado com a polícia. E disse que conectou a ligação com a sua casa. Precisei perguntar de novo, e ela finalmente admitiu que tinha conectado a ligação com a cabine telefônica. Alegou que você pediu para ela não contar: era parte do trabalho do FBI, e algumas coisas precisavam ser ocultas tanto do público quanto de mim. Bem, então você entrou no domo e, em vez de encontrá-lo vazio, lá estava Dottie Epstein. O que aconteceu com Dottie?

— Você precisa entender — argumentou o policial —, as coisas tinham *começado*. Nós precisávamos continuar. Eu não queria machucar a menina. Não sabia *o que* fazer. Ela só ficou ali, parada, segurando o livro como um escudo, ou algo assim, dizendo que não ia contar nada para ninguém. E eu fiquei ali, parado, pensando: “O que eu faço com essa garota?” Acho que disse “Não posso deixar você ir embora” ou algo assim, e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela pulou direto no buraco aberto no chão. Juro para você, ela *pulou*. Pulou direto naquele buraco tentando fugir.

Sua voz falhou, e ele precisou de vários minutos para se recuperar.

— Meu Deus, ela deve ter batido a cabeça com tanta força... Aquela queda é de quantos metros, três, quatro? Eu descí atrás. Havia tanto sangue. Ela estava grunhindo e tentando engatinhar, mas não conseguia. Estava... deslizando. O crânio devia estar aberto. Se eu a deixasse para trás, seria pior. Juro, seria pior. Eu a observei deslizando pelo chão, e era tão horrível que... Eu estava com minha arma, mas se atirasse nela, daria para identificar que a bala tinha vindo do meu revólver. Então peguei um cano que estava recostado numa parede, uma viga ou algo que devia ser usado para abrir o alçapão, e só bati uma vez. Então ela parou de se mexer...

O céu começou a ficar escuro de verdade.

— Eu nem sabia o que minha mente estava fazendo, àquela altura. Tudo se passou em segundos. Eu nunca quis que nada acontecesse com aquela garota. Você chegaria em breve. Meu único pensamento era: libere a área. Eu a coloquei num dos engradados de bebida que estavam lá embaixo. Estava cheio de lascas de madeira para as garrafas, então absorveu um pouco do sangue. Limpei o chão com bebida. Esfreguei meu sapato com bebida. Coloquei o engradado num dos carrinhos de transporte e a empurrei até o carro.

— Por que não a deixou lá? — perguntou Albert Ellingham.

— Se não houvesse corpo, não haveria nada para ver. Nenhuma cena do crime. Eu voltaria para limpar tudo mais tarde. Precisava limpar tudo. Então, retornei lá

para cima e ocupei minha posição para encontrar você. Não queria bater em você daquele jeito; eu estava muito agitado por causa da garota. Peguei o dinheiro, fiz o caminho para fora do túnel, entrei no meu carro e fui embora. Fui para uma lanchonete de beira de estrada. Tinha começado a jantar ali havia algumas semanas, para que já contassem com minha presença. Era mais perto da sua casa do que da minha. Eu sempre falava para todo mundo que comia antes de ir para a sua casa por causa de todos aqueles troços franceses que você servia; imagina ter que comer crême de uh-lá-lá, quando tudo o que um cara quer é um hambúrguer. Todo mundo achava a maior graça. Então, comi um Salisbury steak, tomei um café e esperei pela ligação. Sabia que viria. Tudo dependia disso. Se chegassem ligações para minha casa à noite e ninguém atendesse, Margo, a telefonista, as direcionaria para lá, assim eu pareceria estar em casa. De lá, esperaria pela sua ligação, que chegou. O plano era ir para a sua casa. Do restaurante, sairia para buscar Iris. Quando chegasse, pagaria a parcela dos dois e levaria Iris para casa. Era esse o plano. Mas não foi o que aconteceu.

— Não — concordou Albert Ellingham. — Não foi.

— Quando cheguei lá, entreguei o dinheiro para eles. Eu estava segurando a onda, mas os dois também estavam abalados. Iris tinha lutado por causa de Alice. Tinha resistido. E os ladrões não eram tão idiotas quanto eu imaginei, nem tão inofensivos. Disseram que alguém da família Ellingham valia muito mais do que dois mil para cada. Ofereci cinco. Os dois me atacaram. Teria sido uma luta fácil, em circunstâncias melhores, mas um deles me acertou com uma chave inglesa. Disseram que estavam no comando. Tinham transferido Iris e Alice para outro lugar e contaram que havia outro cara com eles, e que aquele cara estava pronto para atirar e matar as duas, se as coisas não saíssem como o esperado. Eles me deram as instruções para entregar o dinheiro do resgate. A situação estava fora do controle.

— Então você foi entregar o dinheiro na noite seguinte — disse Ellingham.

— Àquela altura, tive a oportunidade de pensar — respondeu George Marsh. — Eu não fazia ideia do que tinha acontecido com Iris e Alice, mas precisava tirar as duas daquela situação. Eu teria feito qualquer coisa.

— Mas, mesmo assim, você pegou algumas das notas marcadas da pilha — disse Albert Ellingham. — Para se acobertar. Para incriminar outra pessoa.

— Eu precisava mostrar aos caras que tinha algo para livrá-los da culpa, algo que acabaria com todos os problemas. Sempre tive um alvo em mente: Vorachek. Ele era problemático... Todos ficariam felizes em vê-lo atrás das grades. E já tinha ameaçado você. Bastaria plantar um pouco do dinheiro nele. Eu diria isso aos caras, e os dois sairiam dessa sem nenhum problema. Esperei que me contatassem. Isso nunca aconteceu. Então, eu me joguei no caso. Vasculhei tudo o que sabia sobre os

dois. Acionei todos os meus contatos, mas esse tipo de dinheiro pode fazer uma pessoa sumir. Então, Iris apareceu no lago...

Ele olhou para a lateral do barco, para a mesma água na qual Iris aparecera flutuando.

— Quem matou Vorachek? — perguntou Albert Ellingham.

— Não sei. Honestamente. Não ficaria surpreso se tivesse sido um deles. Ou pode ter sido alguém da multidão, com raiva.

— Iris — disse Albert Ellingham. — Dottie. Anton Vorachek. Três pessoas mortas. E, então, minha Alice. É por *isso* que estamos aqui. É isso o que preciso saber. Onde está Alice?

George Marsh finalmente se recompôs o suficiente para erguer o queixo e encarar Albert Ellingham nos olhos.

— Que bem vai trazer se nós morrermos aqui?

— É um preço que estou disposto a pagar.

— Eu sei onde Alice está.

A frieza que Albert Ellingham vinha mantendo evaporou. Ele meio que se levantou, a mão firmemente fechada ao redor da corda, o rosto arroxendo, os capilares despontando nos olhos. Quando falou, a voz saiu como um trovão baixo.

— Você acabou de alegar — argumentou Albert — que não sabia o que tinha acontecido com Alice. Que não estava envolvido diretamente no sequestro dela. Que tinha procurado por ela.

— Mas acabei encontrando a menina.

— *Minha filha está viva?*

Pela primeira vez naquela conversa, George Marsh se recostou para trás. Ele afrouxou a gravata e esticou as pernas, como se aquele evento tivesse voltado a ser a tarde relaxante que lhe fora prometida.

— Eu fico pensando... Será que isso é mais um dos seus jogos? Você ama jogos, Albert.

— Isso não é nenhum jogo. Ou você me fala onde minha filha está, ou...

— Ou você solta essa corda, e nós dois explodimos em pedacinhos? É isso? E, se eu contar, você vai simplesmente me deixar ir? É isso que vai acontecer? Eu conto tudo, você bota essa corda para cima, e nós velejamos de volta para a terra firme, onde tudo vai ficar bem, chuchu beleza?

— Nós vamos velejar de volta. Você vai ficar vivo.

— Onde? — George Marsh abriu os braços e deu de ombros. — Na cadeia? Sabe o que vão fazer comigo na cadeia, Albert? Um policial que sequestrou uma criança? A *sua* criança? Eu seria espancado todo dia até virar patê, e provavelmente por outros policiais. Isso se eu chegasse tão longe. Não há futuro para mim em terra firme.

— Se você me disser onde a Alice está, podemos chegar a um entendimento. Não me importo com o que vai acontecer com você se eu recuperar minha filha.

— Nós precisaríamos chegar a um belo de um entendimento. Como funcionaria? Você me deixaria ir, me prometeria algum dinheiro, talvez, e então eu daria a localização dela? Não... — Marsh balançou a cabeça. — Você não poderia arriscar. Você não pode me deixar ir. Enquanto eu souber o que aconteceu com Alice, você precisa me manter sob controle. E, se você me matar, nunca vai saber.

Ele se inclinou para a frente e tirou o paletó. Albert Ellingham ficou olhando, mudo, o rosto marcado de ódio.

— Para ser sincero — continuou Marsh, levantando-se e arregaçando as mangas —, fico impressionado que você tenha demorado tanto. Acho que vinha esperando pelo dia em que tudo iria por água abaixo, e esse dia chegou. Você está certo. Realmente me sinto melhor por ter contado. Estou cansado disso tudo. E você também deve estar. Todos os seus segredinhos sujos... Aposto que Mackenzie nem sabe de todos. Você, com seus jornais... Todos os pagamentos que já fez, as histórias que enterrou, os políticos que manteve na coleira. O grande Albert Ellingham...

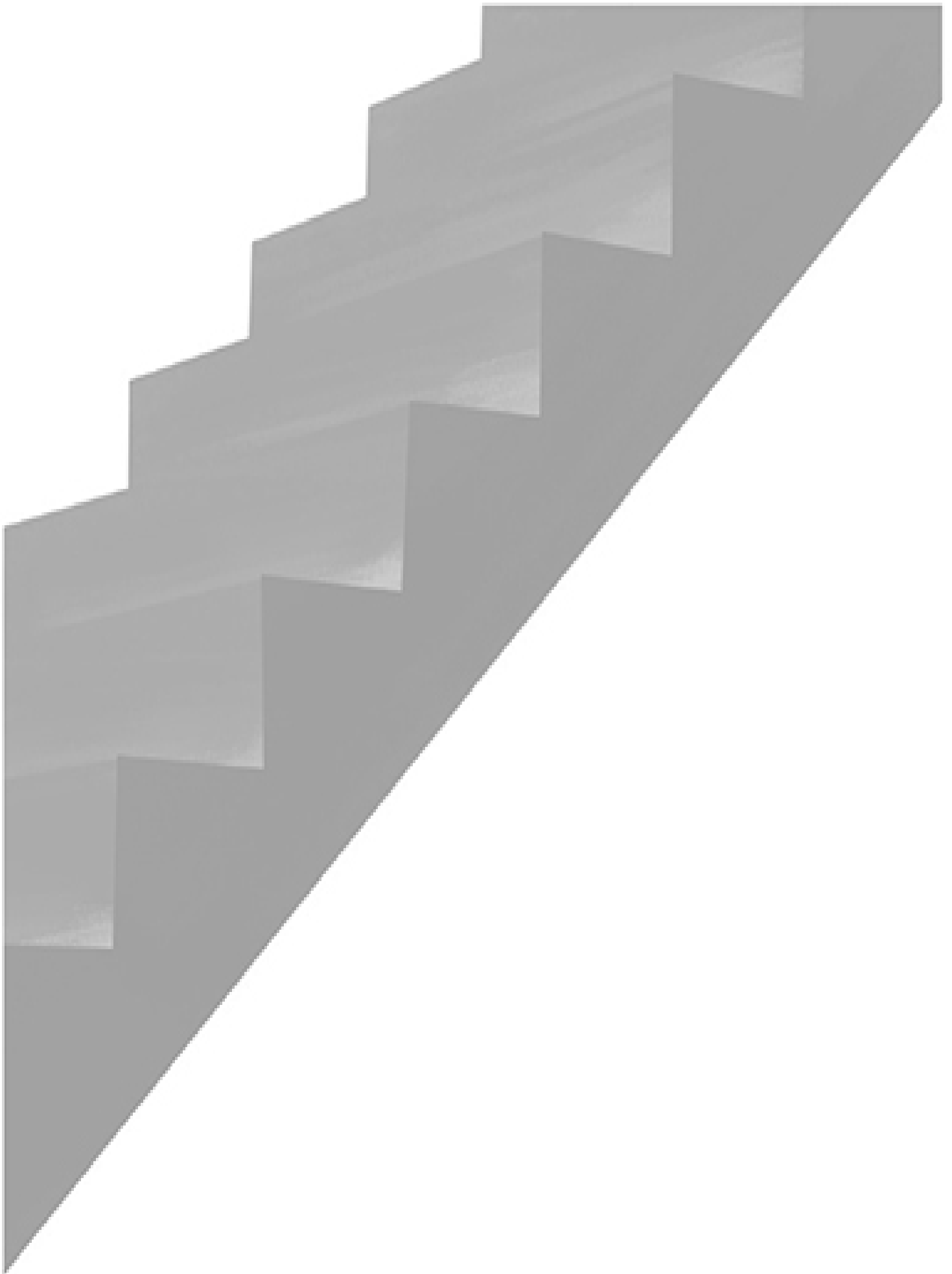
— Eu não fiz essas...

— E Alice. Eu sei sobre Alice também. Ela não é o maior segredo de todos?

Marsh se levantou e terminou de tirar o paletó, que colocou no assento atrás de si. Então, enfiou a mão no bolso da calça e pegou um isqueiro.

— Não existe caminho de volta para nenhum de nós dois — declarou, posicionando o cigarro entre os lábios.

Menos de um minuto depois, as pessoas por perto viram um grande clarão e ouviram um estrondo que espantou os pássaros noite adentro. A explosão desfez o *País das Maravilhas* e seus ocupantes em pedacinhos, que arremessou pelo ar. Fragmentos humanos e partes de barco seriam encontrados por semanas, carregados para toda a margem do lago Champlain.



— Por que você escreve livros?

Nate estava sentado no chão em frente a Stevie, na escuridão da cúpula. Ambos tinham dobrado os joelhos junto ao peito e estavam encolhidos dentro do casaco. Lugares silenciosos, notou Stevie, tornavam-se muito barulhentos depois que você se acostumava. Os ouvidos se adaptavam, e todos os sons vinham à tona. Cada folha que caía produzia um impacto delicado. Cada superfície na qual o vento roçava tinha sua própria percussão. Tudo o que mora no escuro — e muitas coisas vivem no escuro — fazia um minúsculo som a cada passo. Corujas piavam. Madeira rangia. Uma cacofonia.

— Não sei — respondeu Nate. — Talvez por não saber fazer nada além disso?

— Isso não é uma razão.

— Não sei. Eu só escrevo. Preciso de uma razão?

— Existe uma razão para tudo, mesmo que a gente não saiba. Sempre tem um motivo.

— Tudo bem. Meu motivo é que prefiro dragões.

— A quê?

— À ausência de dragões.

Stevie olhou para o Casarão, do lado oposto do gramado. As janelas brilhavam na escuridão, formando retângulos distorcidos como olhos esticados. A lua destacava o contorno da casa; a sombra do pórtico encobria a porta por completo, transformando-a numa criatura massiva que via a todos, mas não permitia o acesso. Do lado de fora, o holofote da estátua de Netuno apontava para as pontas do tridente. Nesse momento, disfarçada e quase invisível, Stevie *enxergou* o Casarão pela primeira vez. Viu o edifício como realmente era: um lugar insano, malquisto pela montanha. Monte Machadinha, era como chamavam, por ter formato de machado. Monte Machadinha não queria sua encosta explodida e suas árvores cortadas. Não queria saber dessa escola, então tinha devorado a família que a criou. Devorado todos em mordidas lentas e cautelosas, até que não sobrasse mais nada.

Seu cérebro estava dando uma de esquisito para cima dela.

— O que o Norb Pulsante faz? — perguntou, tentando abafar os pensamentos.

— Nada. É como uma parede de gelatina. Bem... Você pode colocar coisas lá dentro e ninguém vai ver.

— É uma parede que esconde coisas? Você não me contou isso antes.

— Ela basicamente pulsa — explicou Nate. — Parece estar respirando. Não vou colocar o Norb Pulsante na história.

Stevie não gostava da ideia de uma parede que pulsava e respirava, não com essa casa doentia e ameaçadora do outro lado do gramado. Por que tinha ido até ali? Por que passara pelas Esfinges? Por que voltara, depois da morte de Hayes? De quantos avisos precisava?

Ah, lá vinha. A fera que se erguia em seu peito, a coisa com dedos que esmagavam seu coração em ritmos descompassados, a coisa que sussurrava problemas em seu ouvido até que tudo desmoronasse. Estava chegando o momento, quando tudo atingia o ápice.

— Eu gosto dele — mentiu.

— Você não entende o Norb Pulsante. Ninguém entende o Norb Pulsante.

— Eu shippo.

— Ninguém shippa o Norb Pulsante — retrucou Nate. — Você não quer esperar lá dentro?

— Não.

— Por quê?

— Porque eu não consigo me mexer.

Pelo menos isso era verdade. Se virasse pedra, segurasse o celular com força, se agarrasse à realidade de Nate, Larry, Fenton e Hunter, poderia dominar a fera. Precisava conseguir. *Tinha a resposta.*

— Por que você chamou a parede de Norb? — perguntou Stevie, tentando se manter falante.

— Eu escrevi órbita errado, “nórbita”, e abreviei para Norb. E ficou. Sério, Stevie, está frio. Janelle e Vi...

— E se eu tiver resolvido? — perguntou ela. — E se eu realmente tiver conseguido?

Nate hesitou um pouco antes de afirmar:

— Seria uma grande coisa.

— Estou com medo.

Para o crédito de Nate, ele não perguntou por que Stevie estava com medo, nem disse para que não ficasse com medo. Talvez entendesse como era aterrorizante fazer aquilo que se pretendia fazer. Talvez visse os monstros na noite.

— Então por que *você* faz isso? — perguntou. — Por que desvenda mistérios? Nisso Stevie tinha pensado.

— Quando se trata de mistérios — explicou —, quando se trata de crimes, você tem todas as informações; tudo importa. O local. A hora. O clima. O prédio. O solo. Cada coisinha que passa flutuando. Todos os objetos no cômodo. Tudo o que todos dizem. E você tem que olhar para tudo e encontrar o padrão, encontrar o detalhe que se destaca, descobrir o que tem significado. Um fiapo de tecido preso na grade? Alguém ouviu um barulho? Uma impressão digital embaixo da mesa? E

pode haver milhares de digitais, então qual delas tem relevância? Você absorve tudo e seleciona o que importa. É isso. Depois, você conserta as coisas.

— Então você quer descobrir as respostas, e eu quero inventar as respostas — concluiu ele. — Acho que acabamos de economizar uma tonelada de dinheiro em terapia.

— Além disso, eu quero usar luvas de procedimento.

— Todo mundo quer — respondeu Nate, com um sorrisinho.

— É engraçado quando você sorri. É como um arco-íris num dia nublado.

— Nunca repita isso para mim.

O celular de Stevie vibrou no cimento. O som foi tão chocante que ela se encolheu por um segundo. O nome de Larry apareceu na tela, e ela pegou o aparelho depressa.

— Oi.

— Stevie — falou ele, a voz estranhamente ponderada. — O que fez você me ligar?

— Um pressentimento ruim. Desculpa. Eu não queria...

Larry ficou quieto.

— Alô? — insistiu ela. — O que está havendo?

— Stevie... A casa estava pegando fogo. Foi feio, Stevie. Acham que ela deixou o gás aberto e acendeu um cigarro. Encontraram um corpo no primeiro andar. Era da sua professora, dra. Fenton.

Stevie sentiu que estava prestes a gargalhar. Não era engraçado, mas a risada queria escapar.

— Outra pessoa foi encontrada na escada. Ela tem um sobrinho...

Talvez a risada fosse vontade de vomitar.

— Ele está...

— Eu não sei a condição dele. Stevie, você sabia que havia algo errado...

Nate se inclinou para a frente. Tinha percebido que algo não estava certo.

— Ela estava estranha ao telefone.

— Tinha mais alguém lá? Qual era o estado dela?

Agora não... A criança está aqui. A criança está aqui!

— Stevie?

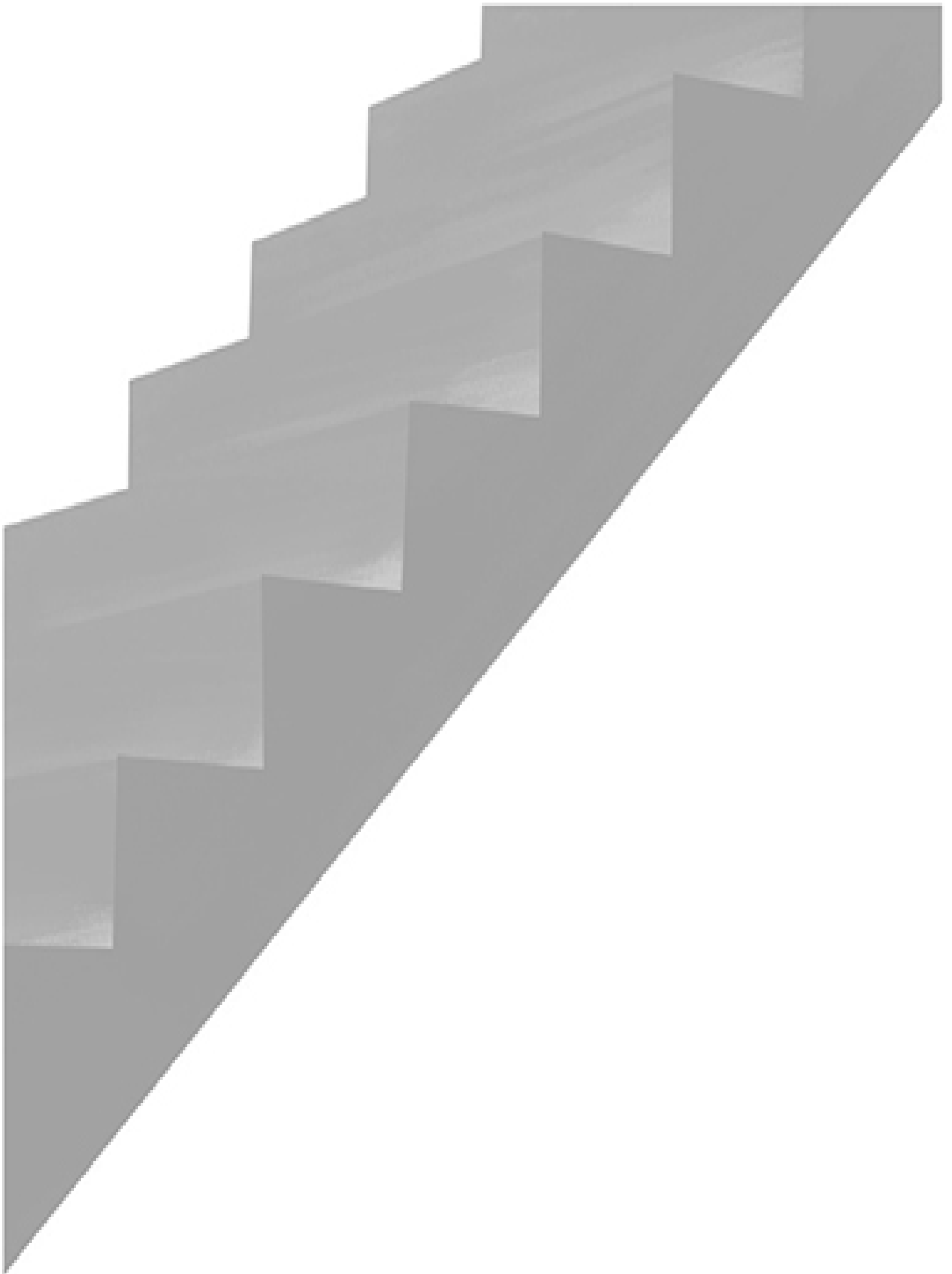
Tudo escurecia. Era noite, óbvio, mas a escuridão estava se intensificando, e Stevie sentiu que era hora de se reclinar para trás e deitar no chão. Nate deslizou para o seu lado, perguntando se estava tudo bem, mas ela não o ouvia direito.

Ali de barriga para cima, vendo as outras luzes do mundo esmaecerem, Stevie notou apenas um ponto de luz acima da cabeça. Um pontinho azul iluminado apontando para baixo. Estava protegido por um olho preto reluzente que lembrava o

olho de vaca que dissecara com Mudge. Qual era o ponto onde tudo se conectava e não era possível ver...?

Podia jurar que o pequeno olho azul da câmera de segurança de Edward King no teto da cúpula piscara para ela.

O olho via tudo.



AGRADECIMENTOS

Quando escrevo um livro, costumo me sentir uma esquisita solitária, inventando coisas e falando sozinha. E eu me sinto assim porque essa é uma representação bastante fiel do que acontece. SÓ QUE nós nunca estamos sozinhos! Livros acontecem por causa de amigos e família, por causa das editoras e seus editores, dos agentes, dos publicitários, do pessoal do marketing, dos livreiros, dos bibliotecários... Tantas pessoas ajudam a fazer e dar forma a um livro, e depois o ajudam a chegar aos leitores.

Obrigada a Katherine Tegen pelo apoio e orientação. Obrigada a Mabel Hsu, que guiou este livro durante o processo editorial. Obrigada à minha incrível editora Beth Dunfey pelas observações incrivelmente inspiradoras e pela positividade infinita. E obrigada a todo mundo na HarperCollins que cuidou do livro durante todas as etapas do processo (e são muitas).

Obrigada à minha agente e parceira no crime, Kate Schafer Testerman. Ela é a melhor. Não vou deixar para ninguém. Caiam fora. Ela é minha. Obrigada à minha assistente, Kate Welsh, e suas gloriosas planilhas. Obrigada à Moça do Crime, Sarah Weinman, pelo apoio e por todas as histórias de crime.

Obrigada aos meus amigos, meus maravilhosos amigos. Sou muito sortuda por ter amigos tão brilhantes que compartilham comigo seu profundo conhecimento de história e narrativa. Obrigada a Cassie Clare, Holly Black, Sarah Rees Brennan, Kelly Link e Robin Wasserman. Não tenho palavras para descrever o quanto sua sabedoria enriquece minha vida e meu trabalho. Obrigada ao meu camarada Dan Sinker, que insistiu para que eu fizesse algo que amo e me convenceu a criar um podcast com ele. Não tenho certeza de onde estaria sem essa válvula de escape. E a Jason Keeley, Paula Gross, Alexander Newman, John Green, Kirsten Rambo, Peggy Banaszek, Shannon Skalski, Alexis Fisher, Crista Kazmiroski e Julie Polk por tudo, o tempo todo. E a tantos outros. Vocês são todos ótimos. (Menos você, Keeley. Você é *ok*.)

Obrigada aos meus pais, por todo amor e apoio ilimitado.

Obrigada à minha linda menina, Zelda. Ela é minha anjinha fedida e perfeita, mesmo quando fica latindo por três horas seguidas enquanto escrevo. Alguém precisa proteger a casa dos bandidos.

Eu me casei no meio deste livro! Então obrigada à minha incrível família inglesa, que me acolheu como mais nova integrante. É maravilhoso ter sogros, um novo irmão e irmã e dois sobrinhos incríveis. Não sei dizer o que ofereço a eles, mas agradeço por terem me acolhido.

Obrigada ao meu marido, que permanecerá sem nome. Vamos chamá-lo de Cordialmente Carinhoso. (Que brega! Muito brega! Kkkkk muito brega.) (Mas ele é. É um amorzinho.) (Kkkk que brega.)

E obrigada a você. Estou falando de VOCÊ. Obrigada por ler este livro. VOCÊ é a razão de este livro existir!



MAUREEN JOHNSON é autora de diversos romances, incluindo *Cordialmente Cruel*, *13 pequenos envelopes azuis* e a trilogia *Sombras de Londres*. Também é coautora de *Deixe a neve cair*, com John Green e Lauren Myracle, e *As crônicas de Bane*, com Cassandra Clare e Sarah Rees Brennan. Maureen mora em Nova York e está sempre on-line, seja no Twitter como [@maureenjohnson](https://twitter.com/maureenjohnson) ou no site www.maureenjohnsonbooks.com.

UMA DOBRA NO TEMPO - livro 3

UM
PLANETA
EM SEU GIRO
VELOZ

MADELEINE
L'ENGLE

 Harper
Collins

Um planeta em seu giro veloz

L'Engle, Madeleine

9788595083509

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um unicórnio, um menino e o vento, juntos em uma só velocidade!

Quando Charles Wallace Murry, agora com quinze anos, grita em desespero a invocação de uma antiga runa para afastar a escuridão, uma criatura radiante aparece. É Gaudior, unicórnio e viajante do tempo. Charles Wallace e Gaudior devem viajar até o passado através dos ventos do tempo e tentar encontrar um Pode-Ter-Sido, um momento do passado em que todos os eventos que se seguiram até o presente podem ser mudados, e o futuro da Terra – esse pequeno planeta em seu giro veloz – pode ser salvo.

[Compre agora e leia](#)



Cordialmente Cruel

Johnson, Maureen

9788595085978

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

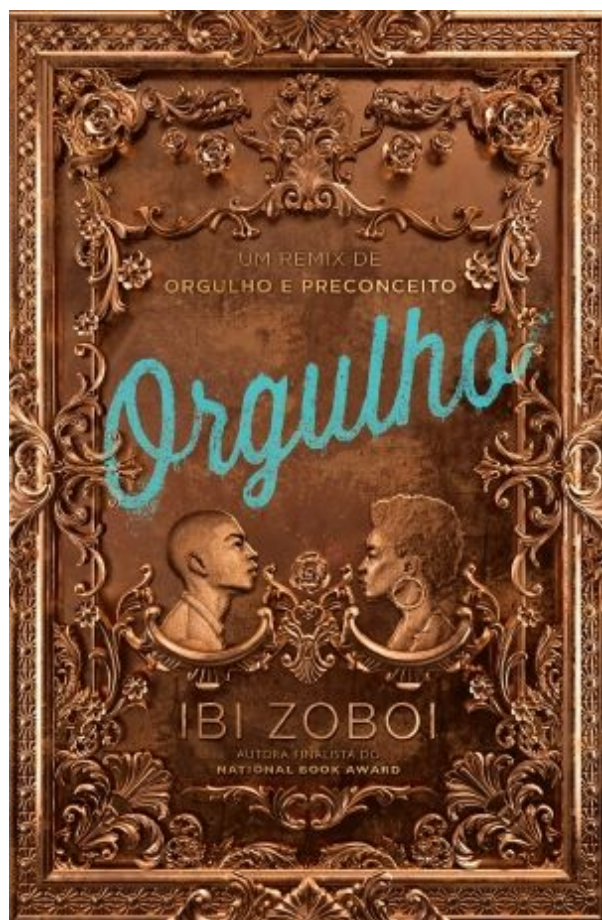
O Instituto Ellingham é um famoso colégio privado em Vermont. Fundado por Albert Ellingham, um magnata do início do século XX, é um local maravilhoso, repleto de charadas, caminhos mirabolantes e jardins. "Um lugar", nas palavras de seu criador, "onde aprender é um jogo."

Porém, em 1936, logo após a abertura da escola, a esposa e a filha de Ellingham são sequestradas. A única pista digna de ser seguida é uma debochada carta listando métodos para cometer um assassinato, assinada com o pseudônimo "Cordialmente, Cruel". A polícia não consegue resolver o crime, que se torna um dos grandes enigmas da história dos Estados Unidos. Algo como aquilo jamais poderia acontecer novamente, é claro.

Anos depois, Stevie Bell, aluna e detetive amadora, está pronta para começar seu primeiro ano no Instituto Ellingham, e tem um plano ambicioso: solucionar esse antigo caso. Isto é, depois de lidar com sua exigente vida escolar, seus deveres de casa e seus excêntricos colegas de classe. Mas algo estranho acontece. Cordialmente Cruel faz um retorno surpresa e a morte revisita a escola. O passado ressurge das cinzas. Alguém que se safou de um assassinato ainda está vivo. Será que Stevie e seus amigos vão conseguir desvendar a identidade do dono da assinatura?

Primeiro livro de uma trilogia, Cordialmente Cruel mostra todo o talento e o amor que a escritora Maureen Johnson tem pela literatura policial, mas sem esquecer do seu público fiel, o que torna este livro uma obra rara, que mistura dois gêneros de maneira inesquecível.

[Compre agora e leia](#)



Orgulho

Zoboi, Ibi

9788595080584

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Zuri Benitez tem orgulho. Orgulho do Brooklyn, de sua família e de suas raízes afro-latinas. Mas orgulho não é o suficiente para salvar seu bairro da gentrificação e de se tornar irreconhecível. Quando a rica família Darcy se muda para o outro lado da rua, Zuri não quer contato com seus dois filhos adolescentes, mesmo quando sua irmã Janae começa a se apaixonar pelo encantador Ainsley. Acima de tudo, ela não suporta o crítico e arrogante Darius, mas eles são forçados a se entender, e o que antes era um confronto se torna uma inesperada amizade. Agora, com quatro irmãs a empurrando em direções diferentes, com o adorável Warren em busca de sua atenção e com as candidaturas para a faculdade chegando, Zuri luta entre encontrar seu lugar na paisagem em transição de Bushwick ou perder tudo. Nesta adaptação contemporânea do clássico Orgulho e preconceito, a autora aclamada pela crítica, Ibi Zoboi, habilidosamente equilibra identidade cultural, classe e gentrificação com a mágica do primeiro amor em sua vibrante versão do amado romance.

[Compre agora e leia](#)

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME
DA TWENTIETH CENTURY FOX



ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

MARGOT LEE SHETTERLY

Harper
Collins

Estrelas além do tempo

Lee Shetterly, Margot

9788595080515

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história fenomenal das matemáticas negras que levaram o homem para a lua

Durante a Segunda Guerra Mundial, a incipiente indústria aeronáutica americana contratou matemáticas negras para suprir sua falta de mão de obra. Essas mulheres, conhecidas como "computadores humanos", continuaram trabalhando para o governo e passaram a fazer parte da NASA em uma época em que vingava a segregação racial. Elas garantiram que os Estados Unidos ganhassem a corrida espacial contra a União Soviética e lutaram para realizar o sonho americano. Esta é a história delas, que chega também aos cinemas na adaptação cinematográfica estrelada por Taraji P. Henson, Janelle Monáe, Octavia Spencer, Kevin Costner, Kirsten Dunst e Jim Parsons.

[Compre agora e leia](#)

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor

Tradução
original
de 1952

Harper
Collins



O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522014743

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de criança? Com certeza.

Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.

Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes?

Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas?

O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)